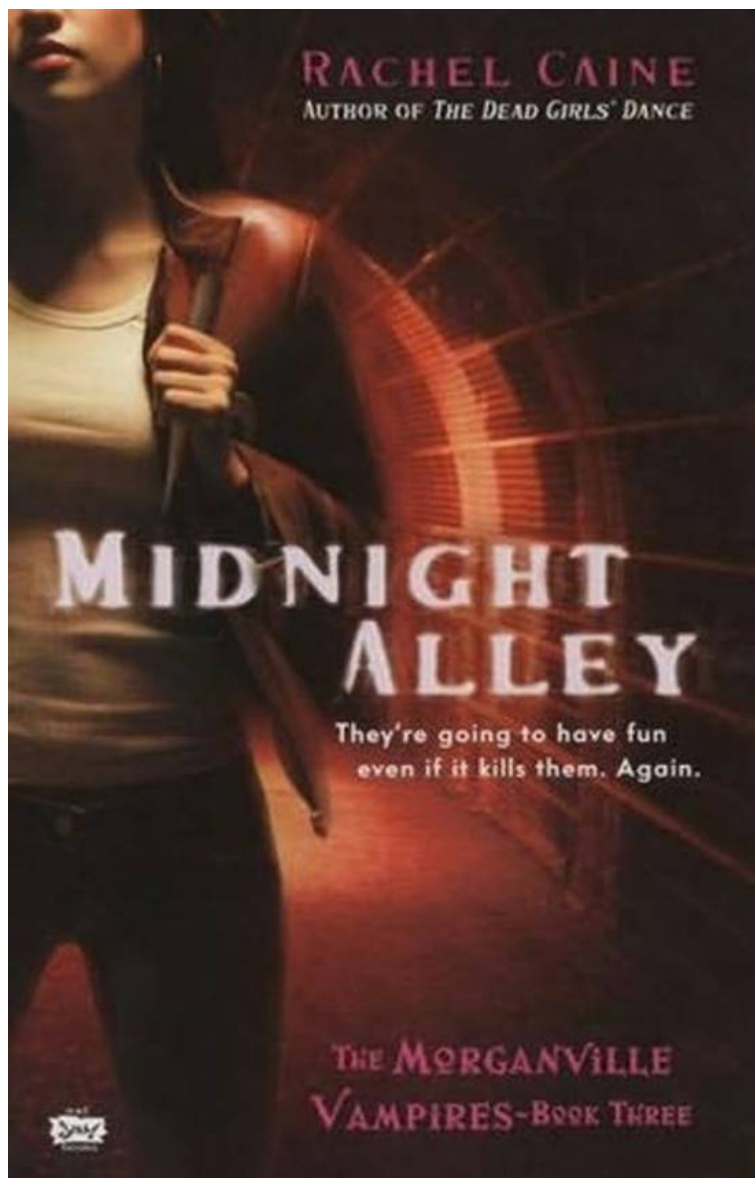




UM

Os pais tinham algum tipo de radar, Claire pensou. Eles sempre ligavam quando você estava no meio de algo que você sabia que eles iam considerar errado. Ou pelo menos arriscado.

Claire Danvers deslizou para fora do corpo de seu namorado Shane com um suspiro arrependido, deixando um úmido, um formigamento nos lábios, e foi atender o telefone tocando na cozinha. Michael estava quase agarrando-o, mas Claire acenou para ele. Ela apenas sabia que seria a mãe dela.

Ela estava certa.



"Claire! Oh meu Deus, tenho estado preocupada, querida. Estamos tentando ligar para você no seu celular há dias, e -"

Merda. Claire friccionou sua fronte em frustração. "Mãe, eu escrevi um e-mail para vocês, lembra? Perdi meu celular, eu ainda estou trabalhando para ter outro." Melhor nem mencionar como ela tinha perdido. Melhor não mencionar alguma coisa sobre como era perigosa a sua vida desde que ela tinha chegado em Morganville, Texas.

"Ah", disse a mãe, e então, mais devagar, "oh. Bem, seu pai esqueceu de me dizer sobre isso. Sabe, ele é quem verifica os e-mails. Eu não gosto computadores."

"Sim, mãe, eu sei." Mamãe realmente não era tão ruim, mas ela tinha um notório nervoso com computadores, e por uma boa razão, eles tinham uma tendência a entrar em curto perto dela.

A mãe ainda estava falando. "Está tudo indo bem? Como estão as aulas? Interessante?"

Claire abriu a porta da geladeira e pegou uma lata de Coca, que ela abriu e lhe dava tempo de pensar sobre isso, sobre algo a dizer aos seus pais. Mãe, houve um pequeno problema. Veja, o pai do meu namorado veio para a cidade com alguns bikers e matou pessoas, e quase nos matou também. Oh, e os vampiros estão zangados com isso. E assim tive de salvar os meus amigos, eu tive que assinar um contrato, então agora eu sou basicamente a escrava da mais importante vampira da cidade.

Sim, isso não iria mais além.

Além disso, mesmo que ela dissesse isso, mamãe não ia conseguir compreender. A mãe tinha estado em Morganville, mas ela não tinha realmente visto. As pessoas não viam. E se vissem, eles nunca mais iriam sair da cidade, ou teriam suas memórias alteradas na saída.

E, se por algum acaso eles comessem a se lembrar, coisas ruins poderiam acontecer a eles. Coisas realmente ruins.

Então, em vez disso, Claire disse, "As aulas estão ótimas, mãe. Eu fiz todos os meus exames na semana passada."

"Claro que sim. Não é sempre?"

Sim, mas na semana passada, eu tinha que fazer meus exames ao mesmo tempo que me preocupava se alguém estava vindo colocar uma faca nas minhas costas. Isso provavelmente poderia ter efeito no meu GPA*. Estúpido para estar orgulhoso disso... "Tudo está bem aqui. Vou deixar você saber quando eu tiver meu novo telefone celular, ok?" Claire hesitou, então perguntou, "Como você está? Como está o Pai?"

GPA = seria nosso CR – Coeficiente de Rendimento

"Oh, nós estamos bem, querida. Temos saudades de você é tudo. Mas seu pai ainda não está satisfeito de você vive naquele lugar, fora do campus, com pessoas mais velhas -"

De todas as coisas para a mãe se lembrar, ela teve de se lembrar disso. E, obviamente, Claire não

podia dizer a ela porque estava morando fora do campus com pessoas de dezoito anos de idade, especialmente quando dois deles eram meninos. Mamãe não tinha chegado a mencionar os meninos, mas era só uma questão de tempo.

"Mãe, eu disse como as meninas eram comigo no dormitório. É melhor aqui, na verdade. Eles são meus amigos. E realmente, eles são fantásticos."

Mãe não soou muito convencida. "Você está tendo cuidado, no entanto. Sobre esses garotos."

Bem, isso não iria longe. "Sim, estou tendo cuidado com os rapazes." Ela estava mesmo sendo cautelosa por causa de Shane por que ele nunca se esquecia que Claire ainda não era uma quase-dezessete, e ele ainda não era um quase-dezenove. Não era uma enorme diferença, mas legalmente? Era maior que enorme, se os pais dela ficaram chateados sobre isso. O que definitivamente eles ficariam. "Todo mundo aqui diz 'Olá', a propósito. Ah, Michael está acenando."

Michael Glass, o segundo garoto da casa, estava na mesa da cozinha e lia o jornal, olhou para cima e ela arregalou os olhos enquanto ele balançava a cabeça e lhe dava um olhar do tipo você-não-pode-fazer-isso. Ele teve um tempo suficiente ruim da última vez que os pais dela estiveram lá, e agora... bem, as coisas eram ainda piores, se isso era possível. Pelo menos quando eles viram Michael, Michael era semi-normal: plenamente humano à noite, uma incorpóreo fantasma de dia, e preso na casa 24 horas por dia / 7 dias na semana.

Para Morganville, isso era meio-normal.

A fim de ajudar Shane a sair de problemas, Michael tinha feito uma péssima escolha - ele ganhou sua liberdade da casa, e ganhou uma forma física o tempo todo, mas agora ele era um vampiro. Claire não poderia dizer se isso incomodava ele. Não estava, certo? Mas ele parecia tão... normal.

Talvez um pouco normal.

Claire ouviu a voz de sua mãe e, em seguida segurou o telefone passando para Michael. "Ela quer falar com você", disse ela.

"Não! Eu não estou aqui!" Ele sussurrou e fez gestos dizendo não-não. Claire entregou o telefone insistindo.

"Você é uma pessoa responsável", ela lembrou. "Apenas não fale sobre -" Ela apontou dentes no pescoço.

Michael deu a ela um olhar sujo, tomou o telefone e voltou ao telefone com charme. Ele tinha muito, Claire sabia; não era como se os pais dela não gostassem dele, era... bem, toda a gente. Michael era inteligente, bonito, quente, talentoso, respeitoso... nada a não amar, exceto o novo aspecto. Ele assegurou a sua mãe de que tudo estava bem, que Claire estava se comportando – seus olhos rolaram enquanto Claire ria tanto que a Coca saia por seu nariz - e que ele estava cuidando da menina deles. Esta última parte era verdade, pelo menos. Michael tinha se nomeado seu irmão mais velho. Ele dificilmente deixa Claire fora de sua visão, exceto quando a privacidade era exigida ou Claire estava em aulas sem escolta - que era tão freqüentemente quanto possível.

"Sim senhora", disse Michael. Ele estava começando a parecer um pouco tenso. "Não senhora. Eu não vou deixá-la fazer isso. Sim. Sim."

Claire teve piedade dele, e pegou o telefone. "Mãe, nós temos que ir. Eu amo vocês."

A mãe ainda soava ansiosa. "Claire, tem a certeza que não querem voltar para casa? Talvez eu estivesse errada sobre você ir para o MIT cedo. Você poderia descansar um ano, estudar, e adorá-los tê-la de volta em casa novamente..."

Estranho. Normalmente ela acalmou se acalmaria, principalmente Michael falando com ela. Claire teve um flash de Shane dizendo a ela sobre a própria mãe, como as memórias de Morganville voltando a superfície. Como os vampiros tinham vindo atrás dela para matá-la porque os encantos não foram fortes o suficiente.

Seus pais estavam no mesmo barco agora. Eles foram para a cidade, mas ela ainda não era certa o quanto eles realmente sabiam ou entendiam sobre essa visita - que poderia ser o suficiente para colocá-los em perigo mortal. Ela tinha que fazer tudo o que podia para mantê-los seguros. Isso significava não seguir seu sonho de ir para o MIT, porque se ela deixasse Morganville - admitindo que ela poderia até sair da cidade - os vampiros seguiriam ela, e eles iam trazê-la de volta ou matá-la. E o resto de sua família, também.

Além disso, Claire tinha que ficar agora, porque ela tinha assinado um contrato se penhorando diretamente à Amelie, o Fundador da cidade. O maior, assustador vampiro de todos eles, mesmo que raramente ela tenha mostrado esse lado. Contudo, ela tinha feito Claire pensar que ela era responsável pela segurança dela e de seus amigos.

Depois da assinatura do contrato não tinha acontecido nada - não havia anúncios em jornal, Amelie não havia aparecido para recolher sua alma, nem nada. Então, talvez isso passe apenas... calmamente.

A mãe ainda estava falando do MIT, e Claire não quis pensar nisso. Ela sonhava em ir para uma faculdade como o MIT ou CalTech toda a sua vida, e que tinha sido inteligente o suficiente para fazê-lo. Ela tinha sido aceita cedo. Era drasticamente injusto que ela estivesse presa em Morganville agora, como uma mosca em uma teia de aranha, e por alguns segundos ela se deixou sentir amarga e irritada com isso.

Legal, brutalmente honesto da parte dela esperar. Você vai sacrificar a vida do Shane por aquilo que você quer, porque você sabe que o que iria acontecer. Eventualmente, os vampiros iriam encontrar uma desculpa para matá-lo. Não há nada melhor do que vampiros se você não fizer tudo o que puder para evitar isso.

A amargura passou, mas infelizmente não foi tão rápido. Ela esperava que Shane nunca soubesse como ela se sentia sobre isso, no fundo.

"Mãe, desculpa, eu tenho que ir, tenho aula. Eu te amo - diz ao pai que eu o amo muito, você vai?"

Claire desligou com sua mãe em protestos, deu um suspiro, e olhou para Michael. Que estava olhando um pouco simpático.

"Não é fácil, falar com as pessoas", ele oferecidos. "Desculpe".

"Não é sempre difícil conversar com seus pais?" Claire perguntou, e deslizado para a cadeira na mesa do café junto dele. Michael tinha um copo de alguma coisa, ela estava com medo de que fosse sangue por um segundo, mas depois que ela cheirou café. Avelã. Vampiros podiam, e faziam, desfrutavam dos alimentos, que simplesmente não os sustentavam.

Michael parecia bem esta manhã - um pouco de cor em seu rosto, uma energia em seus movimentos que não tinha estado lá na noite passada.

Ele tinha mais do que café esta manhã.

"Sim, eu ligo meus pais as vezes," disse Michael. Ele dobrou o jornal - o local, dirigido por vampiros - e pegou um menor, um rolo de folhas com letras pequenas seguradas por um elástico. "Estes são os exilados de Morganville, por isso eles acabam esquecendo deles. É melhor eu não manter muito contato, poderia dar problemas. Eu costumava escrever. O correio e e-mail são lidos antes disso sair, você sabe disso, certo?"
E a maioria dos telefonemas são monitorados, especialmente de longa distância."

Ele retirou o elástico e desdobrou as páginas do segundo jornal. Claire leu a capa de cabeça para baixo: O Relatório Fang. O logotipo eram duas estacas perpendicularmente tornando-se uma cruz. Selvagem.

"O que é isso?"

"Este?" Michael virando o papel e lendo. "Capitão Óbvio."

"O quê?"

"Capitão Óbvio. Esse é a sua coluna. Ele tem vindo fazer estes trabalhos todas as semanas durante cerca de dois anos. É uma coisa subterrânea."

Subterrâneo em Morganville tinha um monte de significados. Claire tinha suas sobrancelhas levantadas. "Então... Capitão Óbvio é um vampiro?"

"Só se ele tem um grave problema de auto-imagem", disse Michael.

"Capitão Óbvio odeia vampiros. Se alguém der um passo para fora da linha, ele documenta -" Michael congelou, ao ler o título, e sua boca abriu, em seguida fechou. Seu rosto se transformou em pedra, seus olhos azuis ficaram tingidos.

Claire virou e pegou o jornal nas suas mãos, e leu.

NOVO SANGUESSUGA NA CIDADE

Michael Glass, uma vez uma estrela musical ascendente com muito talento para essa triste cidade, descambou para o Lado Negro. Os detalhes são escassos, mas Glass, que se manteve escondido durante o ano passado, definitivamente aderiu à Gangue Vampírica. Ninguém sabe como ou onde aconteceu, e duvido que Glass irá falar, mas todos devemos ficar preocupados: isto significa mais vampiros, menos humanos? Afinal, ele é o primeiro recém criado em gerações.

Cuidado, meninos e meninas: Glass pode olhar como um anjo, mas ele tem um demônio dentro de si agora. Decore a cara, pessoal. Ele é a mais recente adição ao Clube da Morte!

"O Clube da Morte?" Claire repetiu em voz alta, horrorizada. "Ele está brincando, certo?" Tinha uma foto de Michael, provavelmente tirada do Anuário da escola de Morganville, inserido como um gráfico em uma lápide.

Com caninos desenhados.

"Capitão Óbvio nunca sai e diz a quem matar", disse Michael. "Ele é muito cuidadoso sobre como ele fala as coisas." Seu amigo estava zangado, Claire viu. E com medo. "Ele listou o nosso endereço. E todos nossos nomes, também, pelo menos, ele aponta que nenhum de vocês são realmente vampiros. Jesus. Isso não é nada bom." Michael estava ficando passado o choque de se ver no papel, e estava ficando preocupado. Claire já estava.

"Bem... por que os vampiros não fazem algo sobre ele? Parar ele?"

"Eles tentaram. Eles prenderam três pessoas nos últimos dois anos e disseram que eles eram Capitão Óbvio. Acabou, não sei de nada. O capitão da CIA pode ensinar uma coisa ou duas sobre a execução de uma operação secreta."

"Então ele não é tão óbvio," disse Claire.

"Eu acho que ele quis dizer é no sentido irônico." Michael engoliu um rápido gole de café. "Claire, eu não gosto disso. Não é como se nós não tivemos o suficiente, sem este tipo de problemas -"

Eve bateu na porta da cozinha, que fez a parede soar um trovejante 'boom', assustando deles. Ela andou pela cozinha, e se inclinou sobre a mesa do café. Ela não estava muito gótica hoje, o cabelo dela ainda era fosco, mas estava usando um simples rabo de cavalo, bem como a simples malha da camisa e calças pretas não tinha nenhum crânio em qualquer parte. Sem maquiagem, também. Ela quase parecia... normal. O que era tão errado.

"Tudo bem", disse ela, e deu uma olhada no Relatório Fang na frente de Michael. "Por favor me diga que você vai dar um jeito rápido nisso."

"Eu vou ter a certeza que vocês três estão seguros."

"Oh, não é isso que eu estou procurando! Olha, eu não estou preocupada conosco! Não somos nós que estamos photoshopeados em lápides!" Eve olhou a foto novamente. "Se sim, melhor morto do que com esse penteado... Deus, isso é a foto do baile?"

Michael agarrou o papel de volta e colocá-lo de bruços sobre a mesa. "Eve, nada vai acontecer. Capitão Óbvio adora falar. Ninguém vai vir atrás de mim."

"Certo", uma nova voz disse. Era Shane. Ele chegou por trás de Eve, de forma clara de quem quer ver o circo pegar fogo, e agora ele estava inclinado contra a parede ao lado do fogão e braços cruzados. "Por todos os meios, vamos pegar o touro com as mãos", disse ele. "Isso é problema, e você sabe disso." Claire esperou para ele vir para a mesa e juntar à eles, como as coisas costumavam ser.

Ele não fez. Cruzou os braços. Shane não ficava muito vontade no mesmo lugar com Michael desde... a mudança. E ele não iria olhar para ele, exceto por ângulos e de um jeito estranho. Ele também estava usando a cruz de prata de Eve, embora agora tivesse escondido por baixo da camisa cinza que ele estava usando. Claire encontrou os olhos dele fixos.

Eve ignorou Shane; seus grandes, escuros olhos estavam fixados em Michael. "Você sabe que eles vão estar todos atrás de você agora, certo? Todos os candidatos à Buffys?" Claire tinha visto Buffy – A Caça Vampiros, mas ela não tinha idéia de como Eve estava se referindo; era contrabando em Morganville, juntamente com qualquer outro filme ou livro falando de vampiros. Ou matar-vampiro, o ponto certo. Downloads de Internet eram estritamente controlados, também, embora sem dúvida, havia um mercado negro quente para esse tipo de coisa onde Eve pudesse se aproveitar.

"Tal como você?" Michael disse. Ele ainda não tinha esquecido o arsenal de jogo e as cruces que Eve mantinha escondidos no quarto dela. Nos velhos tempos, parecia que era bom senso, morando em Morganville. Agora, ele parecia coisas para a violência doméstica. Eve olhou magoada. "Eu nunca -"

"Eu sei". Ele levou a mão suavemente na dele. "Eu sei".

Ela amoleceu, mas depois que ela largou da mão dele e o olhou congelante. "Olha, isso é perigoso. Eles sabem que você é um alvo mais fácil do que os outros, e eles estão indo para odiá-lo ainda mais, porque você é um de nós. A nossa idade."

"Talvez", disse Michael. "Eve, vamos lá, senta. Senta."

Ela fez, mas foi mais como um colapso, e ela não parou de mexer seu calcanhar para cima e para baixo em agitação, ou tamborilar suas unhas pintadas de preto em cima da mesa. "Isso é ruim", disse ela. "Você sabe disso, certo? Nove ponto cinco na escala de dez pontos de me tornar um yak*."

* uma espécie de búfalo, ou no sentido da frase, de se tornar uma presa ou outra pessoa.

"Comparado com o quê?" Shane pediu. "Nós já estamos vivendo com o inimigo. O que importa o score? Sem mencionar que se ganha pontos extras batendo nele -"

Michael levantou-se tão rápido que sua cadeira virou e bateu no chão com um barulho. Shane se preparou para a luta, pronto para problemas, punhos fechados.

"Cale-se, Shane", disse Michael, mortalmente quieto. "Eu quero dizer isso."

Shane passou de Michael para Eve. "Ele vai morder você. Ele não pode controlar, e quando ele começar, ele não vai parar, ele vai te matar. Mas você sabe disso, certo? O que é isso, alguma idéia gótica louca de um suicídio romântico? Você se transformando em uma vampira gótica?"

"Cai fora, Shane. O que você sabe sobre a cultura gótica, você tem a partir de antigos episódios de The Munsters e Irmandade Ariana do seu pai." Ótimo, agora Eve estava zangada também. Isso significava que Claire era a única sã na cozinha.

Michael fez um esforço para trazê-lo de volta. "Vamos lá, Shane. Deixe-a em paz. Você está machucando ela, não a mim."

Shane bateu o olhar em Michael e focalizado-o. Duro. "Eu não machucar as meninas. Você diz que eu faço, e você é melhor nisso, idiota."

Shane se afastou da parede, porque Michael estava dando passos em sua direção. Claire vigiava, de olhos arregalados e congelados.

Eva entrou entre eles, as mãos estendidas para segurar os dois para trás. "Vamos, rapazes, vocês não querem fazer isso."

"Estou fora" Shane disse friamente.

"Tudo bem. Acharemos outro para o quarto ou fique com ele", ela rebateu, e saindo do meio deles. "Só não fingia que isto é sobre proteção das meninas, porque não é. É sobre vocês dois. Fiquem juntos, ou saia, não me importo."

Shane olhou para ela durante um segundo, seu olhar era grande e estavam machucados, então olhou para Claire. Ela não se mexeu.

"Estou fora", disse ele. Ele virou-se e caminhou para fora através da porta da cozinha. E fechou atrás dele.

Eve deixou sair um suspiro. "Eu não acho que ele vá", disse ela, de modo que no pensamento de Claire parecia que ela ia chorar. "Que situação idiota."

Claire andou e tomou a mão dela. Eve espremida, difícil e, em seguida, saiu do abraço de Michael. Vampiro ou não, os dois pareciam felizes, e mesmo assim, este era Michael. Ela apenas não podia compreender a raiva de Shane. Parecia como uma bolha quando ela menos esperasse ela estourava.

"Eu estou melhor -" ela se aventurou. Michael concordou.

Claire escorregou para fora de sua cadeira e correu para encontrar Shane. Isso não foi difícil e ele estava no sofá, olhando para a tela do Playstation e mexendo nos controles em mais uma aventura de matar zumbis. "Você escolheu o lado dele?" Shane perguntou, e cortou a cabeça de monstro.

"Não", disse Claire, e sentando cuidadosamente ao lado dele, com bastante espaço entre para ele não se sentir pressionado. "Por que existem lados, afinal?"

"O quê?"

"Michael é o seu amigo, ele é nosso 'senhorio'. Porque é que tem de ter lados?"

Ele bateu seus dedos. "Ei, espere, eu tenho um ponto... porque ele é um sugador de sangue, rastreador da noite que costumava ser meu amigo?"

"Shane -"

"Você pensa que sabe, mas não. Ele vai mudar. Todos mudam. Talvez vai levar tempo, não sei. Agora, ele acha que ele é apenas mais humano, mas não é o que ele é. Ele é menos humano. E é melhor você não esquecer isso."

Ela se juntou a ele, um pouco atordoada e bastante atribulada. "Eve está certa. Isso soa como o seu pai falando."

Shane vacilou, pausou o jogo, e jogou o controle para baixo. "Menos, Claire." Ele não era exatamente o maior fã de seu pai em todos os tempos - não podia ser, o número de coisas cruéis que seu pai tinha feito à ele.

"Não, é só verdade. Olha, é Michael. Que você não pode dar-lhe o benefício da dúvida? Ele não machucou ninguém, machucou? E você tem de admitir, com um vampiro do nosso lado, de verdade do nosso lado, não poderiam machucar. Não em Morganville."

Ele apenas voltou para tela, a mandíbula como pedra. Claire estava tentando pensar em outra forma de obter seus pensamentos, mas ela desistiu com o toque da campainha. Shane não se mexeu. "Eu vou atender", ela suspirou, e foi para o fundo do corredor para abrir a porta da frente. Era suficientemente seguro - meio da manhã, ensolarado, e relativamente quente. Verão finalmente estava no auge, agora que ele tinha queimado todo o verde da paisagem do Texas.

Claire quase fechou os olhos devido a claridade. Por um segundo ela pensou que havia algo profundamente errado com seus olhos.

Porque o seu arqui-inimigo e a Rainha das Vadias Monica Morrell, ladeada pelas sempre presentes harpias Gina e Jennifer, estavam de pé ao seu lado. Foi como ver Barbie e seus amigos, ganhando de vida e vestida com roupas de marinheiro como manequins. Bronzeadas, delicadas e perfeitas, com gloss em seus lábios. Monica tinha forçado uma expressão de determinação agradável. Gina e Jennifer também estavam tentando, mas parecia como se algo tivesse cheiro podre.

"Oi!" Monica disse brilhantemente. "Tem planos para hoje, Claire? Estava pensando que podíamos enforcar".

É isso, Claire pensou. Estou sonhando. É um pesadelo, certo? Monica fingir ser minha amiga? Definitivamente um pesadelo.

"Eu - o que é que quer?" Porque relacionamento de Claire com Monica, Gina e Jennifer tinha começado com ela sendo empurrada para baixo nas escadas no dormitório, e que não melhorou desde então. Ela estava esperando algo ruim, algo no estilo Garotas Legais. Na melhor das hipóteses. Ou... uma ferramenta. Isso era sobre Michael? Porque ele tinha mudado o seu status de "eremita músico" para "vampiro sexy" em uma noite, e Monica era definitivamente uma vampira gótica, certo?" Quer falar com o Michael?"

Monica deu um olhar estranho. "Por que eu iria querer fazer isso? Ele pode ir às compras em pleno dia?"

"Ah". Ela não tinha idéia do que dizer sobre isso.

"Achei que seria um pouco de terapia, e então todos nós podemos ir estudar", disse Monica. "Estamos indo conhecer um novo local, não Common Grounds. Common Grounds é tão como século passado. Como se eu quisesse ficar na mira de Oliver o tempo todo. Agora que ele assumiu

como Protetor de nossa família, ele tem sido todos cheio de dedos, querendo ver minhas notas. Uma droga, né?"

"Eu -"

"Vamos, salve minha vida. Eu realmente preciso de ajuda com Economia, e estes duas são cabeça dura". Monica falou sobre suas duas amigas mais íntimas com uma onda sem constrangimento. "Sério. Venha conosco. Por favor, eu poderia realmente utilizar a sua inteligência. E acho que deveríamos nos conhecer um pouco melhor, não é? Vendo como é que as coisas estão mudando?"

Claire abriu a boca, em seguida fechou sem dizer nada. As últimas duas vezes que tinha ido em qualquer lugar com Monica, ela tinha parado deitada de costas numa van, apanhando e ficando aterrorizada.

Ela conseguiu balbuciar: "Eu sei que isto vai parecer mal educado, mas - o que diabos você está fazendo?"

Monica suspirou e olhou - como estranho aquilo era? - Contrito. "Eu sei o que você está pensando. Sim, eu estava sendo uma vadia com você, e eu te machuquei. E me desculpe." Gina e Jennifer, seu constante coro grego, concordaram e repetiram desculpas aos sussurros. "Águas passadas, tudo bem? Está tudo perdoado?"

Claire estava, de alguma forma, ainda mais mistificada. "Por que vocês estão fazendo isso?"

Monica molhou seus brilhantes lábios, inclinando para frente, e diminuiu a sua voz, tom confidencial. "Bem ... tudo bem, sim, não é como se eu tivesse um ferimento na cabeça ou algo assim e acordei pensando que você era legal. Mas você é diferente agora. Eu posso ajudar. Eu posso te apresentar as pessoas que você realmente precisa saber."

"Você está brincando. Eu sou diferente como?"

Monica inclinou ainda mais perto. "Você assinou."

Então... isto não era sobre Michael. Claire tinha acabado de se tornar... popular. Porque ela iria se tornar uma propriedade de Amelie.

E isso era assustador.

"Oh", ela conseguiu, e depois, mais devagar, "Oh".

"Confie em mim", disse Monica. "Você precisa de alguém que conheça. Alguém para te mostrar as coisas."

Se a única outra pessoa no planeta fosse Jack, o Estripador, Claire iria confiar nele primeiro. "Desculpe", disse ela. "Eu tenho planos. Mas - Obrigado. Talvez outra hora."

Ela fechou a porta na cara de uma Monica surpresa, então trancou-a. Ela saltou quando ela virou-se para encontrar Shane de pé atrás dela, olhando para ela como se ele nunca tivesse visto ela antes.

"Obrigado"? murmurou ele. "Você está agradecendo essa cadela? Por quê, Claire? Por bater você?"

Para tentar para te matar? Para matar a minha irmã? Cristo. Primeiro Michael, então você. Eu não conheço mais vocês."

Como sempre o estilo de Shane, ele estava descalço. Ela ouviu os seus passos pesados atravessar a sala e subir as escadas. Ouviu o familiar bater de sua porta.

"Hey!" ela gritou com ele. "Eu só estava sendo educada!"

DOIS

"Então," Eve perguntou enquanto levava Claire para escola, "qual é a da Monica? Quero dizer, talvez você devesse se cuidar dela. Mais do que você já se cuida."

"Ela soa como se ela meio que estivesse falando serio. Precisou muito para ela ir puxar saco daquele jeito."

Eve deu a ela um olhar. Um daqueles olhares, com efeito duplo vindos de uma garota com pó de arroz no rosto e olhos cheio de delineador e lábios pintados de preto. "No mundo de Monica, ser amiga significa fazer o que Monica quiser, quando Monica quiser. De alguma forma, eu posso te ver como uma back vocal* (*quem faz o acompanhamento da musica, enquanto a principal canta) sem cérebro dela."

"Não! Não foi isso – eu não disse que ia ser amiga dela, só – você perguntou." Claire cruzou os braços e se ajeitou no banco do antigo Caddy de Eve, dando a ela um olhar teimoso. "Ela não é minha amiga, ok? Você é minha amiga."

"Então quando Monica começar a trazer o pessoal para ficar na sua mesa de estudos, você vai levantar e ir embora? De jeito nenhum. Você é gentil demais. Antes de perceber, você vai estar andando com eles, e então vai começar a sentir pena deles. Você vai me dizer o quanto Monica não é ruim, que ela só não é compreendida, e antes de perceber vocês estarão trançando o cabelo uma da outra e rindo sobre garotos de banda."

Claire fez um som de vomito. "Eu não vou fazer isso."

"Por favor. Você gosta de todo mundo. Você até gosta de mim. Você gosta do Shane, e vamos encarar, Shane é meio que um idiota, pelo menos agora." Os olhos de Eve se estreitaram enquanto ela pensava nisso. "E sobre Shane, eu juro, se ele não sair dessa eu vou socar a cara dele. Bem, socar a cara dele e então sair correndo."

Claire passou isso na cabeça, e quase riu. O melhor soco de Eve não faria mais do que surpreender Shane, ela achou, mas ela podia imaginar o olhar ferido de confusão no rosto dele. O que diabos eu fiz?

"Não sou popular," ela declarou. "Monica não é minha amiga, e não vou passar tempo com ela, nunca, fim da história."

“Jura?”

Claire ergueu a mão. “Juro.”

“Huh.” Eve não soava convencida. “Tanto faz.”

“Olha, se somos amigas, que tal me pagar um moca?”

“Vagabunda.”

“É você que tem um emprego.”

Meio da tarde, e estava chovendo, o que é meio que uma raridade – uma chuva fria que descia em um brilhante lençol. Claire, como 19% dos outros estudantes, não trouxe um guarda-chuva, então ela andou na chuva por toda a extensão do pátio, passando pelos bancos vazios e quadros de mensagens ensopados, em direção ao laboratório de química. Ela amava o laboratório de química. Ela odiava chuva. Ela odiava ficar encharcada até os ossos e francamente, nessa parte do Texas, essa não era uma probabilidade muito pequena. Não havia espaço na mochila dela para algo supérfluo como uma capa de chuva. Ela se estava preocupada por seus livros ficarem molhados, mas a mochila supostamente era a prova de água...

“Você parece estar com frio,” disse uma voz atrás dela, e então a chuva fria foi cortada, e ela ouviu o barulho das gotas de chuva bater num guarda chuva. Claire olhou para cima, piscou para tirar a água dos olhos, e viu que estava andando debaixo de um guarda chuva grande o bastante para quatro ou cinco pessoas...ou ela, e mais o cara que segurava o guarda chuva. Porque ele era enorme. E também, fofo, naquele boné de jogador de futebol. Ele teria feito o Shane parecer pequeno. Mas com boas proporções, então a altura (tinha que ser pelo menos 1,95, Claire pensou) e o um bom peso. Ele tinha pele cor de chocolate e lindos olhos marrons, e ele parecia... meio gentil.

“Sou Jerome,” ele disse. “Hey.”

“Hey,” ela respondeu, ainda surpresa por alguém que era claramente alguém parasse para colocar um guarda chuva por cima da cabeça dela. “Obrigada. Um, eu sou Claire. Oi.”

Ela passou a mochila pingando para a outra mão e ofereceu a mão direita para ele. Ele pegou e apertou.

A mão dele era três vezes mais larga, grande o bastante (ela apostou) para segurar toda a circunferência de uma bola de futebol americano.

Ele estava usando uma camisa do departamento atlético da TPU. Não havia mistério sobre o que ele fazia.

“Onde está indo, Claire?”

“Laboratório de química,” ela disse, e apontou para o prédio, que era a um campo de futebol de distancia, do outro lado do pátio. Ele acenou e foi na direção dele. “Olha, é gentil da sua parte, mas você não precisa –”

“Não tem problema.” Ele sorriu para ela. Ele tinha covinhas. “Eu ouvi falar que o prédio de ciências é bom nessa época do ano. E qualquer coisa por uma amiga.”

“Mas eu não sou-“

Jerome acenou para um grupo de garotas paradas juntas debaixo da cobertura do prédio da Liga de Artes. Garotas bonitas. No centro delas estava Monica Morrell, e ela jogou para Jerome um beijo no ar.

“Oh,” Claire disse. “Essa amiga.” A estima dela por Jerome caiu dramaticamente, atingiu o fundo do poço, e começou a cavar para China. “Olha, eu agradeço, mas não sou feita de açúcar. Não vou derreter.”

Ela mudou de direção e andou mais rápida. Jerome precisou de dois longos passos e colocou o guarda chuva em cima dela de novo sem comentar nada. Ela olhou para ele.

Ele ergueu uma sobrancelha. “Eu posso brincar disso o dia todo.”

“Ok,” ela disse. “Mas eu não preciso de favores de Monica.”

“Garota, é um guarda chuva, não uma Lamborghini,” ele apontou. Muito razoavelmente. “Eu nem estou emprestando para você. Não é um favor tão grande.”

Ela manteve a boca fechada, cabeça baixa, e andou rapidamente. Jerome deu um passo nas escadas do Prédio de Ciências, e ela subiu para baixo da varanda de concreto, que já estava cheia de alunos se escondendo da chuva. Ela olhou para baixa. Jerome sorriu e acenou, e então um bracelete de cobre chamou a atenção dela.

Ele estava Protegido. Provavelmente um nativo de Morganville.

“Eu não sou amiga dela. Isso não é minha culpa,” ela reclamou, se defendendo de Eve que nem estava ali.

E então ela espirrou, fungou, e se arrastou para a aula.

A chuva continuou o dia e noite toda, mas o dia seguinte amanheceu brilhante e claro, com um sol pálido não tão poderoso quanto Claire esperava. Era meio legal, na verdade. Ela já tinha tomado banho quando Eve tropeçou para o banheiro, parecendo mais uma morta viva do que a maior parte dos vampiros, murmurando algo, e ignorando Claire quando ligou o chuveiro de novo. Claire terminou na pia e correu para baixo. Ela encontrou Michael já fazendo café, esvaziando o filtro com os grãos frios. O mais estranho era que ele era mais uma pessoa da manhã do que a maior parte dos vampiros. Talvez ele só estivesse aproveitando a manhã de novo, ao invés de se transformar numa nevoa fantasma ao amanhecer.

“Eve levantou. É melhor fazer de forma que a colher derreta.”

Michael meio que deu um semi-sorriso, ainda quase letal o bastante para parar o coração de uma garota. Por sorte ele sabia o quanto de charme ele podia usar. “Assim tão ruim, huh?”

Ela pensou por um segundo enquanto pegava uma tigela, uma caixa de Rice Krispies* (cereal), e encontrou o leite atrás da garrafa de cerveja – contrabandeada por Shane – na geladeira. “Você viu aquele filme em que zumbis comem o cérebro das pessoas?”

“Noite dos mortos vivos?”

“Os zumbis fugiriam se olhassem para ela.”

Michael colocou mais café no filtro. Ele parecia bem, ela pensou. Forte, alto, confiante. Ele estava usando uma camisa azul bonita e uma jeans azul, e estava usando tênis. Tênis de corrida, mas tênis. Claire olhou para os pés. “Você vai sair,” ela disse.

“Tenho trabalho,” Michael disse serenamente. “trabalhando na JT Musica na Terceira Rua, das dez até fechar. Na maior parte estarei demonstrando e vendendo guitarras, mas JT disse que me deixaria ter umas aulas privadas se eu quisesse.”

Isso era tão... normal. Realmente normal. Claire mordeu o lábio e tentou organizar a explosão de perguntas no cérebro dela. “Ah – e quanto ao sol?” ela perguntou. Porque essa parecia ser a primeira coisa a se lidar.

“Eles me deram um carro,” Michael disse. “Está na garagem. Totalmente aprova de sol. E tem estacionamento subterrâneo no JT. Tem na maior parte dos lugares.”

“Deram – quem te deu um carro?” Ele deu a ela um olhar de você não é idiota. “A cidade? Amelie?”

Ele não respondeu diretamente enquanto deslizava o filtro e fechava o compartimento e ligava a cafeteira. A máquina começou a assoviar e a derramar na jarra. “Eles me falaram que o procedimento padrão,” ele disse. “Para novos vampiros.”

“Não que tenha tido algum pelos ultimas 50 anos, certo?”

Ele deu nos ombros. Era obvio que ela estava deixando ele desconfortável com as perguntas, mas Claire não conseguia parar. “Michael – eles te conseguiram o emprego, também?”

“Não. Eu conheço JT. Eu consegui o emprego lá sozinho. Eles ofereceram -” ele parou, claramente pensando que já tinha dito muito.

Claire terminou, chutando. “Eles te ofereceram algum tipo de emprego na comunidade vampira. Certo? Ou –” Oh, Deus. “Eles ofereceram fazer de você um Protetor?”

“Não assim imediatamente,” ele disse, ainda olhando a cafeteira. “Você tem que trabalhar para isso. É o que eles dizem.”

Michael. Sendo dono de alguém. Tirando o salário dele como alguém da Máfia. Ela tentou não deixar ele ver o quão enojada essa idéia a fazia sentir, que ele considerou fazer.

Os olhos dele cortaram em direção a ela, como se ele tivesse lido a mente dela. “Eu não fiz. Eu aceitei o trabalho no JT, Claire,” Michael disse, e de repente se moveu até ela. Ela recuou, e ele deu um profundo suspiro e levantou a mão claramente se desculpando. “Desculpe. Esqueço as vezes –

é difícil, ok, aprender como me mover ao redor de pessoas quando posso ir muito mais rápido. Mas eu não machucaria você, Claire. De jeito nenhum.”

“Shane acha –“

Luz reluziu nos olhos de Michael, estranha e assustadora, então ele piscou e sumiu. Ele obviamente fez um verdadeiro esforço para manter a voz baixa. “Shane está errado,” ele disse. “Não estou mudando, Claire. Ainda sou seu amigo. Eu cuido de você. Todos vocês. Até Shane.”

Ela não respondeu. Na verdade, por mais que ela gostasse dele – e quase amasse – ela sentia algo diferente sobre ele hoje. Algo complicado e agitado e estranho.

Ele estava... com fome? Ele estava encarando ela. Não, ele estava olhando para a pele no pescoço dela, não estava? Claire pôs a mão no pescoço, involuntariamente mas irresistivelmente, e Michael ficou levemente colorado e desviou o olhar.

“Eu não iria,” ele disse, em um tom bem diferente de antes. Quase soava assustado por ela. “Eu não iria, Claire. Você tem que acreditar em mim. Mas – isso é difícil. É tão difícil.”

Ela acreditava nele, na maior parte porque ela podia ouvir o coração partido e o pesar na voz dele. Ela respirou, deu um passo para frente, e o abraçou. Ele era alto, o topo da cabeça dela só tocava o queixo dele. Os braços dele eram fortes e reconfortantes, e ela disse a si mesma que ele não era quente porque estava frio na cozinha. Não era verdade, mas ajudou.

“Eu não machucaria você,” ele murmurou. “Mas tenho que admitir, eu quero. Eu passei toda minha vida odiando vampiros, e agora – agora olhe para mim.”

“Você precisou,” Claire disse. “Você não teve escolha.”

Ela sentiu o suspiro dele passar pelos dois. “Yeah,” ele disse, “Shane tem razão, eu tive escolha. Mas essa foi a escolha que eu fiz, e agora vou ter que viver com ela.”

Ele soltou quando ela se afastou. Nenhum deles sabia o que dizer, então Claire se ocupou abrindo armários da cozinha para pegar quatro xícaras que eles usavam de manhã. A de Michael era grande e espessa de cerâmica, como um copo tomando esteróides. A de Eve era preta com um vampiro desenhado nela. A de Shane tinha um sorriso com um buraco de bala ensangüentado no centro da testa. Claire tinha uma de Nerd com o Mickey nela.

“Como está escola?” Michael perguntou. Assuntos neutros. Ele não queria se afastar, ele queria ficar dentro. Ela não estava muito surpresa. Michael sempre foi muito contido para o próprio bem, até onde ela sabia.

“Muito fácil,” ela suspirou, e serviu café.

Eles estavam sentados com as canecas na mão quando a porta da cozinha abriu, e Shane – usando calças de pijama e uma camiseta velha – entrou na cozinha. Ele evitou Michael, pegou a caneca no balcão, e encheu. Ele saiu sem dizer nada.

Michael observou ele sair, o rosto contido e duro.

Claire sentiu necessidade de se desculpar. “Ele só –“

“Eu sei,” Michael disse. “Acredite em mim. Eu sei exatamente como Shane é. Não significa que eu tenha que gostar agora.”

Eu realmente preciso parar de ser a Glass Cheia de boa Vontade Embaixadora, Claire pensou, mas ela sabia que ia continuar fazendo isso. Alguém precisava, afinal de contas. Então ela terminou o café, e foi falar com Shane.

A porta de Shane estava destrancada e levemente aberta. Claire a empurrou e entrou, então parou. Todo o cuidadoso discurso preparado dela voou da mente dela, porque Shane estava se vestindo.

O sinal do curto-circuito dele fez o processo de pensamento dela parar e completamente mudar o julgamento dela. Ele já tinha colocado uma jeans azul, e estava de costas para ela. Nenhuma camisa ainda. Ela ficou completamente fascinada pelos músculos nas costas dele, a linda e suave pele, o jeito que o cabelo dele caia nos ombros e implorava para ser alisado...

O som do zíper dele sendo puxado fez ela voltar para a sanidade. Ela pisou firme de volta ao corredor, e então deixou a porta quase fechada, e então bateu.

“O que?” Não era uma resposta amigável.

“Sou eu,” ela disse. “Posso entrar?”

Ela ouviu algo entre um grunhido e um suspiro, e abriu a porta para encontrar ele colocando uma camiseta cinza escura pela cabeça. Ficava muito bem nele. Não tão bom quanto sem camiseta, mas ela estava tentando ao máximo não pensar nisso. Isso fazia ela ficar quente e agitada por dentro.

“É uma camisa nova?” ela perguntou, desesperada para tirar a cabeça da imagem vivida que estava na mente dela. Isso recebeu outro grunhido indefinido. “Ela é bonita.”

Shane deu a ela um olhar irônico. “Estamos falando de roupas agora? Espera, me deixe pegar meu Livro de Moda para Burros.”

“Eu – esquece. Sobre Michael –“

“Pare.” Shane deu um passo para frente e beijou ela na testa. “Eu sei, você não quer que cortando ele, mas não posso impedir. Me dê um tempo, ok? Eu preciso me acostumar com algumas coisas.”

Claire botou a cabeça para trás, e dessa vez ele encontrou os lábios dela. Era para ser, ela pensou, um beijo rápido e doce, mas de alguma forma ele diminuiu de velocidade, ficou mais quente e profundo. Os lábios dele eram úmidos e suaves como seda, e isso era um contraste grande com as duras linhas do corpo dele pressionado contra ela. A força das mãos dele deslizando pela cintura dela e puxando ela mais para perto. Ela ouviu ele gemer baixo, um selvagem mais faminto som que vez ela ficar fraca e frouxa.

Ele parou o beijo e se inclinou contra ela, respirando com força. “Bom dia para você também. Cara, eu não agüento quando você faz isso.”

“Faço o que?” ela perguntou inocentemente. Ela não se sentia inocente. Ela também não se sentia com 16-quase-17. Shane sempre a fazia sentir mais velha. Muito mais velha. Pronta para tudo. Era uma boa coisa Shane não ser tão burro quanto os hormônios dela pareciam ser.

“A não ser que você queira ficar em casa e matar aula, não temos tempo para conversar sobre isso,” ele disse, e mexeu as sobrancelhas. “Então. Quer matar aula para a gente se agarrar?”

Ela socou ele no braço. “Não.”

“Você é uma garota tão estranha.Ow,” ele disse, de um jeito que significou que ele nem sentiu. “Você vai com Eve?”

“Quando ela passar da fase canibal, yeah. Mais duas xícaras de café, provavelmente.”

“Tem certeza que não quer um guarda costas?” Ele falou sério. Shane não tinha emprego – ela não tinha certeza se ele podia conseguir um, afinal o pai dele esteve em Morganville recentemente. Provavelmente se manter discreto era melhor por um tempo. Quanto menos vampiros – e pessoas leais a vampiros – que ele entrasse em contato agora, melhor.Ele ainda era associado como um co-conspirador da vingança do pai dele, e embora o prefeito tivesse oficialmente assinado o perdão, ninguém gostou muito.

Acidentes acontecem.

“Não preciso de guarda costas,” Claire disse.”Ninguém quer me pegar. Até Monica está toda amiguinha comigo.”

Isso fez ele ficar com um olhar afiado, o que não ficou tão bem com os corados e beijáveis lábios dele. “Yeah. Porque disso?”

Ela deu nos ombros e evitou o olhar dele. “Eu não sei.”

Ele ergueu o rosto dela com um dedo. “Então, já estamos na parte de mentir na relação? Normalmente ela vem depois de uma excitante,quente e sexy lua de mel.”

Ela mostrou a língua para ele, e ele se inclinou para frente e – para o horror dela – a lambeu. “Ewwwww!”

“Então não coloque ela para fora.” Shane sorriu. “Se você vai ficar no meu quarto e me tentar, tem uma penalidade. Um item de roupa sai por minuto.”

“Perverso.”

Ele apontou para si mesmo. “Homem com 18 anos. Qual seu ponto?”

“Você é tão –“

“Diga, você tem alguma minisaia e meias que vão até o joelho? Eu realmente me excito com – “

Ela gritou e se esquivou das mãos dele, e então olhou o relógio. “Oh, droga – eu realmente preciso ir. Desculpe.Olha, você vai ficar – você vai ficar bem, certo?”

O sorriso desapareceu, deixando só um traço de olhos escuros e com segredos. “Yeah,” Shane disse. “Vou ficar bem. Cuide-se, Claire.”

“Você também.” Claire foi para a porta, mas ouviu os passos dele atrás dela e virou e ele a levou para a parede, ergueu o queixo dela e a beijou tão perfeitamente que ela sentiu a cabeça dela se encher de luz e os joelhos dela virarem borracha.

Quando ela conseguiu respirar de novo, e ele se afastou para dar a ela um centímetro mais ou menos de espaço entre os lábios dele, ela arfou, “isso foi um adeus?”

“Isso foi um venha-para-casa-logo,” ele disse, e saiu da frente da parede. “Serio, Claire. Se cuide. Eu me preocupo.”

“Eu sei,” ela disse, e sorriu. Os joelhos dela ainda estavam fracos, e a luz na cabeça dela não parecia estar sumindo. “Melhor beijo até agora, por sinal.”

As sobrancelhas dele se ergueram. “Você está mantendo um escore?”

“Hey, você aumentou a aposta. Eu não dou nota em uma curva.”

Ela deixou ele, relutantemente, para pegar a mochila e ver se Eve estava no humor para comer cérebros, ou dar uma carona para escola. (Muito quente e engraçado – toda a ultima cena aqui).

TRÊS

As aulas da manhã foram muito bem, e Claire passou as folgas dela na cafeteria do Centro Universitário, onde Eve passou o dia trabalhando. Eve era boa nisso – calma, eficiente, impenetrável as exigências irritantes e vadias de muitos estudantes. Claire percebeu que os rudes eram na maioria Protegidos, então era uma coisa da classe; Eve tinha escolhido não procurar proteção vampira, e os que tinham, a menosprezavam.

Ou eram eles eram só uns vadios. Essa era uma mesma possibilidade. As pessoas não tem que ter uma conexão com um vampiro para serem arrogantes idiotas.

Eve estava trabalhando hoje com outra garota, alguém que Claire não conhecia; ela tinha um cabelo liso longo marrom que balançava como uma cortina quando ela se mexia. Ela o usava solto ao redor dos ombros, o que Claire supôs estar bem porque ela não trabalhava diretamente com as bebidas nem nada, só anotava pedidos e pagamentos. O nome na etiqueta dizia AMY, e ela parecia alegre e doce. Ela e Eve conversavam como amigas, o que era bom; Eve precisava disso. Claire matou tempo entre as aulas matando a aula de literatura – chato – e lendo um livro que ela achou na biblioteca sobre teoria avançada do barbante – que não é chata. Ela gostava da idéia de coisas vibrantes serem a base de tudo, que havia todo tipo de superfície que vibrava. Fazia o mundo parecer... excitante. Sempre se movendo.

O relógio dela bipou para avisar que ela iria se atrasar para uma aula se ela não corresse, então ela juntou as coisas, acenou para Amy e Eve, e saiu do UC para a quente tarde com o sol brilhando.

Enquanto ela piscava devido a claridade, ela atropelou Monica literalmente, enquanto Monica estava subindo os degraus dos quais ela descia. Claire automaticamente fez menção para pegar a outra garota para firmar ela quando ela hesitou, e até pensou, o que estou fazendo? Porque Monica tinha uma vez rido de Claire quando ela tropeçou e rolou um lance de escadas e abriu a cabeça ao meio.

“Hey, cuidado, vadia!” Monica surtou, e então olhou de novo. “Claire? Oh, oi. Bonita camiseta!”

Claire olhou para si mesma, mistificada. Não era. Ela não tinha nenhuma roupa que ela classificasse como bonita, e nem a melhor delas iria se qualificar nos padrões de Monica, que eram muito mais altos.

“Está indo para aula?” Monica continuou alegremente.” Que pena, eu te compraria um moca ou algo assim.”

“Eu – uh – yeah, eu tenho aula.” Claire desviou e tentou descer os degraus, mas Monica ficou na frente dela. O sorriso de Monica era amigável, mas não esquentou os grandes olhos bonitos dela. “Vou me atrasar.”

“Uma coisa,” Monica disse, e baixou a voz. Ocorreu a Claire que era a primeira vez praticamente, que ela via Monica sozinha, sem estar junto com Gina e Jennifer, nenhum traço da bando dos Populares. “Vou fazer uma festa sexta a noite. Você pode ir? É na casa dos meus pais. Aqui está o endereço.” Antes de Claire poder reagir, Monica pressionou papel na mão dela. “Mantenha sigilo, certo? Só estou convidando as melhores pessoas. Oh, e use algo bonito, é formal.”

E então Monica foi embora, subindo os degraus, onde ela encontrou um grupo de garotas e entrou no átrio de vidro da UC conversando e rindo.

As melhores pessoas? Claire olhou o papel, pensou sobre jogar fora, e então enfiou no bolso.

Talvez fosse uma oportunidade ouro para convencer Monica que ela nunca seria nada como a amiga dela.

Ela foi para aula, se movendo rapidamente, mas mantendo os olhos descansados. Quando ela viu os caras que ela estava procurando, ela saiu da calçada e passou pela grama.

Jogadores. Nerds. Eles ficam sentados na maior parte da tarde do lado de fora se movendo pelos estandes com complicados tabuleiros e dados. Ela os via todo dia a semanas, e todo esse tempo ela

nunca viu nenhum tipo de garota com eles, ou sequer se aproximar deles. Na verdade, eles a encararam quando ela limpou a garganta como se ela fosse um alien de outro planeta do jogo de tabuleiro deles.

“Oi,” ela disse, e então pegou o pedaço de papel. “Meu nome é Monica. Foi fazer uma festa na sexta. Se vocês quiserem ir. Contem a seus amigos.”

Um deles foi para frente e rindo pegou o papel. Outro arrancou da mão dele, leu, e disse, “Wow. Verdade?”

“Verdade.”

“Se importa se passarmos para algumas pessoas?”

“Divirtam-se.”

Claire foi para aula.

**

“Claire Danvers?”

Última aula do dia, e Claire olhou para cima, assustada, depois de ter escrito a data no caderno. O professor normalmente não faz chamada. Na verdade, ele parecia indiferente sobre quem aparecia, o que às vezes era quase ninguém. Como hoje – ela era uma de cerca de 12 pessoas. Aparecer era meio inútil nesse caso em particular, já que o professor Qual-nome-dele faz aulas pelo Power Point, quadro por quadro, e então os deixa disponíveis no site logo depois da aula. Não era de se admirar que a maior parte das pessoas não aparecesse.

Ela ergueu a mão, se perguntando sobre o que estava acontecendo. Ela teve um culpado flash sobre entregar o convite da festa para o Esquadrão Nerd, mas não, como eles poderiam ter descoberto tão cedo? E além do mais, quem se importa, além de Monica?

O professor – cansado, enrugando e mal humorado e sem entusiasmo – olhou para ela sem reconhecimento, e então disse, “Você é requerida na administração. Próximo prédio, terceiro andar, sala 317. Vá agora.”

“Mas –” Claire começou a perguntar o que estava acontecendo, mas ele já a tinha liberando e virou para o Power Point, falando monotonamente. Ela enfiou os livros na mochila, se perguntou de novo sobre o que estava acontecendo, e saiu com ar muito arrependimento.

Ela esteve no prédio de administração exatamente 3 vezes – uma para se registrar, uma vez para preencher a papelada oficial para mudar para fora do campus, e uma para acrescentar / largar algo. Parecia como qualquer prédio da administração de qualquer escola – negligente e proveitoso, com cansados e mal humorados empregados e mesas cheias de folders. Ela passou pelo primeiro andar e subiu. O segundo andar era mais quieto, mas ainda estava cheio de pessoas falando, barulhos de teclado do computadores, impressoras funcionando.

O terceiro andar era quieto como um sussurro. Claire caminhou pelo corredor, e o silêncio ficou mais profundo. Ela não podia ouvir nem os sons de fora das janelas, embora ela claramente pudesse ver pessoas lá fora andando e caminhando, e carros passando pela rua mais abaixo. Sala

317 era no fim do corredor. Todas as portas de madeira estavam firmemente fechadas.

Ela bateu no 317, e achou ter ouvido alguém dizer “Entre,” então ela virou a maçaneta e entrou...

... na escuridão. Completa, e aveludada escuridão que a desorientou imediatamente. A maçaneta saiu da mão dela e a porta fechou, e ela não a conseguiu encontrar de novo. As mãos dela passaram pelo que parecia uma suave e monótona parede.

Uma luz se acendeu atrás dela, e ela virou para ver o fogo de um fósforo, e uma vela pegando fogo. No brilho, o rosto de Amelie brilhava como um marfim perfeito.

A antiga vampira parecia exatamente o mesmo que antes: fria, porte de rainha, pálida, com cabelo branco-loiro preso para trás em um elegante coque que deve ter sido necessário ajuda para se conseguir. Ela estava usando um terno branco, e a pele dela era perfeita. Se ela estava usando maquiagem, Claire não conseguiu perceber. Os olhos dela eram misteriosos na quase-escuridão... luminosos e não muito humanos, e muito lindos.

“Minhas desculpas pelo drama,” Amelie disse, e então sorriu para ela. Era um sorriso muito gentil, frio e educado. A mãe de Claire sempre adorou com o filme de Hitchcock, Janela Indiscreta, e Claire foi atingida pela idéia de que se Grace Kelly tivesse terminado como uma vampira, era assim que ela iria parecer. Gelada e perfeita. “Não se incomode em procurar pela porta. Ela se foi.”

O batimento cardíaco de Claire acelerou, e ela sabia que Amelie sabia, embora a vampira não tenha comentado; ela só apagou o fósforo e o colocou num prato prateado na mesa perto da vela. Os olhos de Claire se ajustaram gradualmente a escuridão. Ela estava parada numa pequena sala, algum tipo de biblioteca cheia de livros. Cheia é um jeito generoso de se colocar – eles estavam duplamente colocados em cada prateleira, empilhados em torres no topo das estantes, enchendo os cantos em formas estranhas. Eram tantos livros que a sala toda cheira a papel antigo. Não havia espaço, a não ser pelo lado que Claire tinha entrado, que não estava bloqueado por enormes prateleiras.

“Oi,” Claire disse sem jeito. Ela não tinha visto Amelie desde que assinou os papeis de Proteção e as colocou, como instruído, na caixa de correio do lado de fora. Ela esperava algum tipo de visita, mas... nada.” Um – como eu deveria chamar você?”

As sobrancelhas delicadas de Amelie se juntaram, pálido no pálido. “Eu sei que o conceito de boas maneiras declinou, mas eu achei que você sabia pelo menos algum tipo educado para me chamar que seja apropriado.”

“Senhora,” Claire gaguejou. Amelie acenou.

“Isso serve.” Ela acendeu outra vela. A luz aumentou, vacilando mas dando um quente e bem vindo brilho. Claire viu outra porta nas sombras, pequena e com uma antiga maçaneta. Havia uma enorme chave magra* (*aquele tipo de chave antiga com uma cabeça grande, mas fina) na enorme fechadura.

Mais ninguém na sala, só ela e Amelie.

“Te chamei para discutir seus estudos,” Amelie disse, e sentou numa cadeira do outro lado da mesa. Não havia nenhuma cadeira para Claire, então ela ficou ali, sem jeito. Ela pôs a mochila no chão e dobrou as mãos.

“Sim senhora,” ela disse. “Elas não estão boas? Porque um 4.0 no GPA era bom para quase todos os padrões.

Amelie a dispensou com um aceno. “Eu não disse aulas, eu disse estudos. Não há dúvidas de que você acha a faculdade local abaixo das suas habilidades. Dizem que você é excepcional.”

Claire não sabia o que dizer sobre isso, então ela não disse nada. Ela queria ter uma cadeira. Ela queria poder dizer algo legal e voltar para aula e nunca, nunca mais ver Amelie, porque por mais educada e gentil superficialmente a velha vampira fosse, tinha algo gelado sobre ela. Algo inquietante e não humano.

“Eu gostaria que você estudasse privativamente com um amigo meu,” Amelie disse. “Por crédito, é claro.” Ela olhou ao redor, sorrindo levemente. “Essa é a biblioteca dele. A minha é mais ordenada.”

A garganta de Claire parecia apertada e desconfortável” A... uh... amigo vampiro?”

“Isso é um problema?” Amelie dobrou as mãos brancas juntas na mesa. A luz da vela brilhou nos olhos dela.

“N-não, senhora.” Sim. Deus, ela não conseguia imaginar o que Shane ia dizer.

“Eu acredito que você ira achar ele muito interessante, Claire. Ele é de fato uma das mentes mais brilhantes que eu já encontrei na minha longa vida, e ele aprendeu tanto na vida que ele nunca poderia ensinar tudo. Ainda sim, ele tem muito para passar adiante. Eu estive procurando a pupila certa, uma que pode rapidamente compreender as descobertas que ele fez.”

“Oh,” Claire sussurrou fracamente. Então... um vampiro velho. A experiência dela não era boa com antigos. Como Amelie, eles eram frios e estranhos, e a maior parte deles era cruel também. Como Oliver. Oh Deus, ela não estava falando de Oliver, estava....? “Quem -?”

Amelie olhou para baixo. Só por um instante, e então encontrou os olhos de Claire e sorriu. “Você não conheceu,” ela disse. “Não formalmente, de nenhuma maneira. O nome dele é Myrnin. Ele é um dos meus amigos e aliados mais antigo. Entenda, Claire, que suas ações desde que você chegou a Morganville, incluindo seu acordo comigo, ganhou minha confiança. Eu não iria conceder essa honra a ninguém a não ser a quem eu acho digno.”

Lisonjeiro. Claire reconheceu, e sabia que o ligeiro calor na voz de Amelie era provavelmente calculado, mas ainda sim funcionou. “Myrnin,” ela repetiu.

“É um antigo nome,” Amelie concordou, em resposta ao tom de pergunta de Claire. “Velho e esquecido, agora. Mas antigamente ele foi um ótimo professor, sábio e reverenciado. O trabalho dele não deve ser esquecido também.”

Tinha algo estranho nisso, mas Claire estava nervosa demais para descobrir o que Amelie estava tentando dizer. Ou não dizer. Ela estava tentando engolir um calombo na garganta, mas ele era do tamanho de uma maçã envenenada e parecia crescer ainda mais. Ela só podia acenar.

Amelie sorriu. Pareceu meio artificial, como uma expressão que ela praticou no espelho ao invés de aprender quando criança. Sorrir era algo que o rosto dela não fazia naturalmente, Claire

decidiu. E certa o bastante, o sorriso sumiu em segundos, sem nenhum traço.

“Se estiver pronta...?”

Claire lançou um involuntário e indefeso olhar a parede atrás dela. Não havia uma porta, e isso significa que não havia como sair. Então ela não tinha escolha.

Amelie não esperou ela responder mesmo. A rainha de gelo levantou e andou – oh como uma morta viva Grace Kelly – a outra pequena e baixa porta com uma chave na fechadura. Ela virou a chave, a tirou, e olhou para baixo por um momento antes de dar ela a Claire. “Fique com ela,” ela disse. “Deixe sua mochila aqui, por favor. Não quero que você esqueça. Você ira sair pela mesma porta que te trouxe.”

Os dedos de Claire se fecharam ao redor da chave, registrando o frio, duro e pesado metal. Ela a empurrou no bolso da jeans azul enquanto Amelie abriu a porta, e colocou a mochila dela contra uma conveniente estante.

“Myrnin?” A voz de Amelie era baixa e gentil.” Myrnin, eu te trouxe a garota de quem te falei. O nome dela é Claire.”

Claire conhecia aquele tom de voz. Ele é usado com velhas pessoas doentes, pessoas que não entendiam mais o que estava acontecendo. Pessoas que você achava que não viveriam muito mais tempo. Vindo de Amelie, era muito estranho, porque ela podia ouvir amor daquela voz baixa. Vampiros podem amar? Bem, claro, ela achou; Michael pode, certo? Então porque Amelie também não?

Claire saiu de trás de Amelie ao gesto imperativo da vampira, e ansiosamente olhou o lugar. Era grande, cheio de estranhos equipamentos e porcarias que ela nunca viu. Um laptop novinho com uma bailarina como descanso de tela. Um ábaco. Um conjunto de química que parecia estranhamente tirado dos filmes antigos de Sherlock Holmes. Mais livros, cuidadosamente empilhados ao redor da perigosa beirada da mesa, colocados em coluna. Lâmpadas – algumas elétricas, algumas a óleo. Velas. Garrafas e jarros e sombras e anglos e...

....e um homem.

Claire piscou, porque ela estava esperando uma velha e doente pessoa; esperando tanto que ela olhou ao redor de novo, tentando encontrar ela. Mas o único homem na sala estava sentando numa cadeira, pacificamente lendo um livro. Ele marcou o ponto com um dedo, o fechou, e olhou para Amelie.

Ele era jovem, ou pelo menos ele parecia. Cabelos marrom até os ombros, grandes olhos escuros de cachorrinho, perfeita e levemente dourada pele. Congelado com a idade de talvez 25 anos, só o bastante para rugas estarem se formando no canto dos olhos. E também, ele era realmente realmente... bonito.

E ele não parecia estar doente. De forma alguma.

“Estive esperando por você,” ele disse. Ele falou em inglês, mas com algum tipo de sotaque, nada que Claire pudesse identificar. Parecia um pouco irlandês, um pouco escocês, mas mais... líquido, de alguma forma. Galês? “Claire, não é? Bem, venha pra frente, garota, eu não morto.” Ele sorriu, e diferente da tentativa fria de Amelie foi uma quente e genuína expressão, cheia de alegria. Claire

deu alguns passos em direção a ele. Ela sentiu Amelie ficando tensa atrás dela, e se perguntou porque. Myrnin parecia ok. Parecia bem melhor do que qualquer vampiro que ela tinha visto até agora, a não ser talvez Sam, o avô de Michael – seguido de Michael, o vampiro mais jovem de Morganville.

“Olá,” ela disse, e então deu um enorme sorriso.

“Ela fala! Excelente. Não tenho uso para alguém sem determinação. Me diga, jovem Claire, você gosta das ciências?”

Esse era um antigo jeito de dizer... das ciências. As pessoas normalmente dizem ciências ou mencionam uma coisa específica, como biologia ou estudos nucleares ou química. Ainda sim, ela sabia a resposta certa. “Sim senhor. Eu amo as ciências.”

Os olhos escuros dele brilharam, cheios de luz e humor. “Tão educada, você é. E filosofia?”

“Eu – eu não sei. Não estudamos na escola. Acabei de chegar na faculdade.”

“Ciência sem filosofia é besteira,” ele disse, seriamente. “E alquimia? Você sabe alguma coisa sobre isso?”

Ela só balançou a cabeça para essa. Ela sabia o que significava, mas não era tudo sobre transformar chumbo em ouro ou algo assim? Um tipo de ciência trapaceira?

Myrnin parecia tragicamente desapontado. Ela quase quis mentir para ele e dizer a ele que ela tinha conseguido um A em Alquimia 101.

“Não seja difícil, Myrnin,” Amelie disse. “Eu te disse, essa não trata de assuntos com muito respeito. Você não ira encontrar ninguém com um conhecimento sobre as artes Herméticas, então vai ter que usar o que está disponível. De todas as contas, essa garota é bem dotada. Ela deve ser capaz de entender o que você tem a ensinar, se você for paciente.”

Myrnin acenou tristemente e deixou o livro de lado. Ele levantou – para cima – e para cima. Ele era alto, rústico, com longos braços e pernas – como um graveto humano. Ele estava usando uma estranha mistura de roupas também – não de um sem teto estranho, mas definitivamente estranha. Uma camisa tricotada de baixo do que parecia como algum tipo de roupão, e jeans azul, das antigas, com buracos nos joelhos. E chinelos. Claire olhou para os dedos expostos dele. De alguma forma, com aquela roupa, os chinelos pareciam quase indecentes.

Mas ele tinha pés bonitos.

Ele estendeu a mão para Claire, se curvando para fazer. Ela cuidadosamente a pegou e apertou. Myrnin pareceu surpreso, e então contente. Ele apertou entusiasmadamente o bastante para fazer o ombro dela doer. “Um aperto de mão, esse é o jeito correto dos dias de hoje?” ele perguntou. “Mesmo para um adorável jovem? Eu sei que é comum entre os homens, mas entre as mulheres parece um gesto um tanto violento –”

“Sim,” Claire disse rapidamente. “Está tudo bem. Todo mundo faz.” Deus, ele não ia tentar beijar a mão dela ou algo assim ia? Não, ele a estava soltando ela e cruzando os braços. Estudando ela.

“Rapidamente,” ele disse. “Qual é a designação elementar do rubidium?”

“Um... Rb.”

“Número atômico?”

Claire freneticamente pensou na tabela periódica. Ela usava o mesmo jeito que os outros faziam quebra-cabeças, quando ela era jovem; ela sabia tudo. “37.”

“Número do grupo?”

Ela podia ver o quadrado na mesa agora, tão real como se houvesse uma carta na mão dela.

“Grupo um,” ela disse confiante. “Metal alcalino. O período é o numero cinco.”

“E qual é o período de trabalhar com o rubidium, jovem Claire?”

“Ele queima espontaneamente quando exposto ao ar. Também reage violentamente na água.”

“Solida, liquido,gás, plasma?”

“Solido a 40 graus centigrados. Esse é o ponto de derretimento.” Ela esperou pela próxima pergunta, mas Myrnin só levantou a cabeça e a observou. “Como eu fui?”

“Adequada,” ele disse. “Você memorizou bem. Mas memorizar não é a ciência, e ciência não é conhecimento.” Myrnin começou a andar até a pilha de livros, jogou alguns cuidadosamente no chão, e encontrou um surrado volume que ele abriu com muito cuidado as paginas frágeis. “Ah! Aqui. O que é isso, então?”

Ele mostrou o livro para ela. Claire olhou com cuidado a fraca ilustração. Parecia um pequeno quadrado, cheio de vento. Ela franziu e balançou a cabeça. Myrnin fechou o livro com uma batida afiada, fazendo ela pular.

“Muito para ensinar a ela,” ele disse a Amelie. Ele começou a bater o pé, então se distraiu e ocupou-se com um destilador de vidro cheio de um liquido verde. “Eu não tenho tempo para mimar crianças, Amelie. Me traga alguém que pelo menos entende o básico do que eu estou tentando fazer –“

“Eu te disse antes, não existe ninguém disponível que iria reconhecer esse símbolo, e de qualquer forma, o campo nunca atraiu o mais confiável dos personagens. Dê a Claire uma chance. Ela estuda bastante.” A voz dela esfriou para um tom gelado. “Não me force a fazer isso uma ordem, Myrnin.”

Ele parou de se mexer, mas ele não ergueu a cabeça. “Eu não quero outro estudante.” Ele soava ressentido.

“Ainda sim, você precisa de um.”

“Você explicou os riscos?”

“Eu deixo isso com você. Ela é sua, Myrnin. Mas não se engane, eu não vou me responsabilizar pela performance dela, ou pela segurança.”

Claire ouviu um barulho de metal, e então olhou atrás dela, Amelie tinha...sumido.

Ela deixou ela sozinha. Com ele.

Quando Claire virou de volta para ele, Myrnin tinha erguido a cabeça e estava encarando ela. Com quentes e divertidos olhos marrons. Muito serio.

“Parece que nenhum de nós tem muita escolha,” ele disse. “Vamos ter que aproveitar ao máximo, então.” Ele virou para a pilha de livros e pegou um que era tão frágil e surrado quanto o primeiro que ele tinha lidado, mas esse era muito mais fino. Ele o entregou para ela, e Claire o pegou. A inscrição na cama estava em inglês. Metais em Inscrições Egípcias.

“O símbolo que eu te mostrei é para o cobre,” Myrnin disse. “Saiba o resto quando você voltar amanhã. Eu também espero que você leia o Último Testamento de Valentine Basil. Eu tenho uma copia aqui –” ele empurrou os livros, quase frenético, e localizou algo com um choro de satisfação. Ele entregou para ela também. “Preste atenção especial nos símbolos de alquimia. É esperado que você os copie até saber décor.”

“Mas –”

“Pegue! Pegue e saia! Fora! Estou ocupado!”

Myrnin passou por ela, se curvando numa pilha de livros que dava na cintura dele, e abriu a porta pela qual Amelie tinha desaparecido. Ele era pelo menos 30 centímetros mais alto que a porta, como um humano em uma casa de hobbit* (*Frodo, do senhor dos anéis). Ele ficou parado ali, batendo o pé impientemente, o chinelo fazendo batidas plásticas entre a carne e o chão.

“Você me ouviu?” ele surtou. “Vá. Não tenho tempo agora. Sai daqui. Venha amanhã.”

“Mas – eu não sei como ir pra casa. Ou voltar aqui.”

Ele encarou por um segundo, e então riu. “Alguém vai te trazer. Eu não posso configurar o sistema para você!”

Configurar o sistema? Claire parou, encarando de volta. “Que sistema? Essas – portas?” A implicação era atordoante. Se Myrnin entendia as portas, controlava as portas, as que apareciam e desapareciam em lugar nenhum em Morganville... eu preciso saber. Eu preciso saber como fazer isso funcionar.

“Sim eu sou responsável por elas, além de muitas outras coisas,” ele disse, “Mais tarde, Claire. Vá agora. Conversamos amanhã.”

Ele a pegou e a empurrou através da porta, e a bateu atrás dela. Ela ouviu a mão dele atingiu a madeira com força.

“Tranque!” ele gritou. Claire pegou a chave do bolso. Ela mal conseguiu trancar; a luz estava ruim aqui, e as mãos dela tremiam. Mas ela conseguiu, e ouviu o solido click da fechadura. “Leve a chave!” Myrnin gritou.

“Mas –”

“Você é responsável por mim agora, Claire. Você deve me manter seguro.” A voz de Myrnin tinha ficado mais baixa agora, como se ele tivesse cansado. “Me mantenha seguro de todos.”

E então ele começou a... chorar.

“Myrnin?” Claire disse, se aproximando da porta. “Você está bem? Eu deveria entrar e –”

A porta toda vibrou com a força do soco dele. Claire tropeçou para trás, chocada.

E o choro continuou. O choro de um garotinho perdido.

Claire hesitou por alguns segundos, então virou para ver que Amelie não tinha ido embora afinal de contas. Ela estava parada quieta perto da porta, no brilho de uma única vela, e a expressão dela era composta, mas triste.

“A mente de Myrnin não é o que costumava ser. Mas ele tem períodos de lucidez. E a todo custo, você deve tomar total vantagem deles e aprender o que ele tem a ensinar. Não pode ser perdido, Claire. Não deve ser perdido. Tem coisas que ele faz que –” Amelie balançou a cabeça. “Existem projetos sendo feitos que devem continuar.”

O coração de Claire estava voando, o corpo todo dela tremendo. “Ele está louco, ele é um vampiro, e você quer que eu seja aluna dele.”

“Não,” Amelie disse. “Eu exijo que você seja aluna dele. Você irá obedecer, Claire, pelas regras do contrato que você assinou por vontade própria. Esse é um trabalho de valor. Não iria te arriscar desnecessariamente.”

Você explicou a ela os riscos? Myrnin tinha perguntado isso. “Que riscos?” Claire exigiu.

Amelie apontou para a estante, onde a mochila dela estava. Claire a pegou e colocou no ombro – e pausou, porque a uma porta tinha se formado na área vazia da parede. Um solida parede de madeira, com uma chata maçaneta. Idênticas aquelas da universidade. “Abra,” Amelie disse.

“Mas –”

“Abra a porta, Claire.”

Claire abriu, e o brilho das luzes fluorescentes e o cheio morto do ar condicionado do prédio administrativo passou por ela em uma onda.

Amelie apagou a vela. Na escuridão, Claire não podia mais vê-la.

“Esteja pronta às 16 horas amanhã no Centro Universitário,” Amelie disse. “Sam vai te dar uma carona. Eu sugiro que você leia o que Myrnin requerer de você. E Claire – não conte a ninguém o que está fazendo aqui. Absolutamente ninguém.”

Não foi até que Claire estar no corredor, com a porta fechada, que ela percebeu que Amelie não tinha respondido a pergunta dela. Ela abriu a porta de novo, mas – só era uma sala cheia de moveis quebrados e descartados. Algo se moveu furtivamente no canto. Havia uma janela com cortinas, mas nada de Amelie. Nenhuma caverna de livros. E nem Myrnin.

“Ele é doente,” Claire disse em voz alta, para quem quer que fosse que estivesse passando pelo canto atrás da mesa. “É por isso que ela fala com ele daquele jeito. Ele é velho, e doente. Talvez esteja morrendo.”

Ela abriu a porta gentilmente, ajustou o peso da mochila, e olhou para os dois antigos livros que ela tinha na mão.

Última Vontade e Testamento.

Ela esperava que esse não fosse um sinal do futuro dela.

Eve estava conversando sobre o dia dela enquanto voltavam para CSA, falando sobre algum garoto que totalmente tinha tentado apalpar ela, e o namorado de Amy, Chad que apareceu para ajudar e foi um querido, e como o chefe dela foi um idiota mas pelo menos deu a ela um aumento de 20% por hora. “Eu acho que isso foi só por não me demitir nas primeiras semanas,” Eve disse, mas ela soava muito feliz sobre isso, e Claire estava alegre por ela. “Yeah, são só mais alguns dólares por semana, mas –”

“Mas é alguma coisa,” Claire acenou. “Parabéns, Eve. Você merece. Você é muito boa nisso. Eu aposto que você poderia gerenciar a coisa toda se quisesse.”

“Eu? Gerenciar?” Eve riu tanto que ela roncou. “Yeah, como se eu fosse capaz de mandar nas pessoas e fazer alguém me ouvir. Fala sério.”

“Não, eu falei sério. Você é gentil, as pessoas gostam de você, você sabe o que está fazendo. Você poderia.”

Eve deu um olhar lateral a ela que era quase um franzido. “Você está falando sério.”

“Yep.”

“Eu não sei se estou pronta para gerenciar. Você não tem que usar uma gravata para isso?”

“Você já tem uma,” Claire disse solenemente.

“Uma com a morte desenhada nela. Hey, espera. Esse poderia ser meu estilo de gerenciamento! Faça besteira e eu te mato!” Eve riu. “Eles devem ensinar isso na escola de negócios.”

“Eles provavelmente fazem aqui,” Claire suspirou.

“O que aconteceu com você, CU?” CU era pra Claire Ursa, o que era um apelido engraçado de Eve para ela. Claire não achava que ela lembrava muito um urso, nem os do tipo de pelúcia. “Você parece muito, eu não sei, pensativa.”

“Yeah, bem –” Ela não podia falar sobre Myrnin para Eve. “Dever de casa e tudo mais.” Yeah, era só que ela nunca teve esse tipo de pressão passe / falhe antes. Ele folheou o livro de Inscrições Egípcias. Isso era bem direto, mas ela não tinha certeza do quão Egípcio de verdade era. Mas era interessante. O outro, Última Vontade e Testamento, era bem mais duro. Vários símbolos e

algumas anotações estranhas que ela não entendia. Ela teria que passar a noite toda tentando lembrar até o básico. “Eve... alguém já quebrou seu contrato em Morganville? Quero dizer, e vivo?”

“Contrato?” Eve deu a ela outro olhar, esse definitivamente vindo com um franzido. “Você está falando de um contrato com vampiro? Claro. As pessoas tentaram tudo, uma hora ou outra. Mas não tiveram muito sucesso.”

“O que aconteceu?”

“Antigamente, eles eram enforcados. Hoje em dia, eu acho que eles só jogam ele na cadeia até apodrecerem, se os vampiros não comerem eles. Mas hey, não é como se você e eu tivéssemos que nos preocupar com isso, certo? Viva livre ou morra!” Eve ergueu a mão. “Bate aqui!”

Claire bateu, sem muito entusiasmo. Ela estava pensando sobre o jeito que a caneta parecia na mão dela, se movendo pelo papel. Assinando a vida dela. E ela se sentiu envergonhada.

“Por quê?” Eve perguntou.

“Hun?”

“Porque você pergunta?” Eve virou na Rua Lot, e o brilho das janelas da Glass House – lar – iluminava a rua. “Anda, Claire. Alguém que você conhece está pensando nisso?”

“Um... tem essa cara na escola. Eu só ouvi ele dizer – eu estava me perguntando, só isso.”

“Bem, pare de se perguntar. Problema dele, não seu. Pronta para o treinamento de incêndio? Rápida como um coelho. Vá!” Eve breiou o Caddy com força, Claire abriu a porta do passageiro e a fechou, abriu o portão branco, e correu pelos degraus com a chave da casa na mão. Ela ouviu o motor morrer, e o barulho dos sapatos de Eve atrás dela.

Os passos de Eve pararam. Pararam mortos. Claire virou, assustada e esperando ver um vampiro na andando, mas Eve estava só olhando a caixa do correio, pegando uma pequena quantidade de coisas e então subindo com pressa os degraus enquanto mexia na correspondência. Claire passou pela porta, e Eve a seguiu, fechando a porta atrás dela e então trancando com o cotovelo, algo que Claire nunca tentou – ou seria capaz de fazer com aquela graça.

“Conta de luz, conta de água – conta de internet. Oh, e algo para você.” Eve pegou um pequeno envelope da pilha e entregou para ela. “Sem endereço para devolução.”

“Quem estava mandando coisas para ela? Bem, mamãe e papai, claro, e um cartão ocasional de outro parente. A antiga melhor amiga Elizabeth a mandou um cartão postal do Texas A&M, mas só um. Claire não reconheceu a escrita do outro lado do envelope. Eve a deixou e andou pelo corredor, gritando com Shane e Michael para eles saberem que tínhamos voltado, e que Michael gritou em resposta para ela entrar e fazer o jantar, agora, mulher.

“Notícias, garoto, você deveria ser mal, não um operário!”

Claire abriu o envelope e dentro, havia uma pequena caixa de jóias que deslizou para a mão dela. Uma bonita – veludo vermelho, com algum tipo de brasão dourado incrustado nele. Ela sentiu a nuca arrepiar. Oh não.

A suspeita se confirmou quando ela abriu a tampa e viu um bracelete de ouro aninhado do veludo vermelho. Era bonito, e não era muito grande; delicado o bastante para passar pelo pequeno pulso dela.

O Símbolo do Fundador estava nele discretamente em relevo dourado.

Oh, não.

Claire mordeu o lábio e encarou o bracelete por um longo tempo, e então fechou a tampa, o colocou de volta no envelope, e foi se juntar a Eve e Michael na cozinha.

“Então?” Eve estava pegando as panelas, e Michael estava na geladeira. “Spaghetti está bom pra você?”

“Tudo bem,” Claire disse. Ela se perguntou se ela parecia assustada. Ela esperava que não, mas mesmo que parecesse Eve estava olhando para Michael, e ele estava olhando de volta, e ela estava segura de qualquer contato visual enquanto os dois se olhavam.

Até ela virar, e dar um encontrão em Shane, que apareceu na porta da cozinha. O envelope parecia quente e pesado na mão dela, e ela deu um involuntário passo para trás.

Que o magoou. Ela viu o flash nos olhos dele. “Hey,” ele disse. “Você está bem?”

Ela acenou, incapaz de falar, porque se ela falasse algo seria uma mentira, e ela não queria mentir para ele. Shane deu um passo mais para perto, e pôs uma mão quente no rosto dela, e foi bom, tão bom que ela se inclinou mais para frente, e então mais para frente, nos braços dele. Ele fez ela se sentir pequena e amada, e por um segundo, o que estava no envelope na mão dela não importava.

“Você está trabalhando demais,” ele disse. “Você está pálida. A aula foi tranqüila?”

“Escola foi bem,” ela disse. Isso não era uma mentira, a escola definitivamente não a assustava mais. “Eu acho que eu preciso dormir um pouco mais.”

“Só mais alguns dias até o final de semana.” Ele beijou o topo da cabeça dela, se inclinou mais para perto, e sussurrou. “Meu quarto. Preciso falar com você.”

Ela piscou, mas ele já estava se afastando e saindo pela porta. Ela olhou por cima dos ombros para Eve e Michael, mas eles estavam conversando alegremente enquanto Eve ajustava a chama debaixo da panela, e eles não tinham notado nada.

Claire empurrou o envelope na mochila, fechou, e seguiu Shane para o andar superior.

O quarto de Shene era muito utilitário – a cama dele nunca estava feita, embora ele tenha feito uma tentativa quando ela entrou de esticar os lençóis e jogar uma colcha por cima. Alguns pôsteres na parede, nada especial. Nenhum fora, nenhum momento. Ele não passava muito tempo aqui, a não ser para dormir.

Claire colocou a mochila inclinada contra a parede e sentou perto dele na cama. “O que?” ela perguntou. Se ela esperava uma selvagem pré-jantar sessão de beijos, ela estava desapontada. Ele nem colocou os braços ao redor dela.

“Estou pensando em sair,” ele disse.

“Sair?” Mas Eve está fazendo o jantar –“

Ele virou e olhou nos olhos. “Sair de Morganville.”

Ela sentiu uma onda de pânico. “Não. Você não pode!”

“Já fiz antes. Olha, esse lugar, é – eu não voltei aqui porque eu sentia falta. Eu voltei porque meu pai me mandou, e agora ele veio e foi embora e não estou fazendo mais o trabalho sujo dele –“ Os olhos de Shane imploraram para ela entender. “Eu quero uma vida, Claire. E você não pertence aqui. Você não pode ficar. Eles vão te matar. Não, pior. Eles vão te transformar num deles, um dos mortos vivos. Eu não estou falando sobre os vampiros. Ninguém que vive aqui tem pulso, não de verdade.”

“Shane –“

Ele a beijou, e os lábios dele eram quentes e úmidos e suaves e urgentes. “Por favor,” ele sussurrou. “Precisamos sair dessa cidade. Tudo vai piorar, ficar ruim. Eu posso sentir.”

Deus, porque ele estava fazendo isso? Porque agora? “Eu não posso,” ela disse. “Eu – escola, e – eu só não posso, Shane. Eu não posso ir embora.” A assinatura dela num pedaço de papel. A alma dela num prato. Tinha sido o preço para manter eles seguros, mas ela tinha que continuar pagando, certo? Como aprendiz de Myrnin. E ela achava que esse não seria um estudo a longa distancia.

“Por favor.” Foi mal um sussurro dele, e os lábios dele acariciaram os dela, e honestamente, ela teria feito praticamente qualquer coisa por ele quando ele usava esse tom, mas dessa vez...

“O que aconteceu?” ela perguntou.

“O que?”

“Algo com Michael? Ele – você -?” Ela nem sabia o que estava perguntando, mas algo tinha perturbado Shane profundamente, e ela não tinha idéia do que era.

Ele olhou para ela por longos segundos, então se afastou, levantou, e foi até a janela para olhar para o jardim que eles quase nunca usavam. “Meu pai ligou,” ele disse. “Ele me disse que ia voltar, e que ele queria que eu me preparasse para matar alguns vampiros. Se eu ficar, vou ter que matar Michael. Eu não quero ficar aqui, Claire. Eu não posso.”

Ele não queria fazer essa escolha, não de novo. Claire mordeu o lábio, com força; ela podia ouvir a dor na voz dele, embora ele não fosse deixar ela ver a expressão dele. “Você realmente acha que seu pai vai voltar?”

“Yeah. Eventualmente. Talvez não esse mês, talvez não esse ano, mas... algum dia. E da próxima vez, ele vai ter o que precisa para começar uma guerra de verdade por aqui.” Shane tremeu; ela viu os músculos das costas dele ficarem tensos de baixo da camisa cinza que ele usava. “Eu preciso te tirar daqui antes que você se machuque.”

Claire levantou, andou até ele, e colocou os braços dela por trás dele. Ela se inclinou contra ela, a cabeça dela nas costas dele, e suspirou. “Estou mais preocupada com você,” ela disse. “Você e problemas...”

“Yeah.” Ela ouviu um sorriso na voz dele. “Somos assim.”

QUATRO

O spaghetti estava bom, e um pouco de apelo fez Shane sentar para comer. Ele sentou na frente de Michael, mas eles não conversaram, e não fizeram nenhum contato visual. No máximo, foram educados, e Claire estava começando a relaxar quando Shane perguntou, suavemente, “Você colocou extra alho nisso, Eve? Você sabe como eu gosto de alho.”

Ela deu a ele um olhar sujo. “Oh, a vizinhança sabe.” E então usou virou apologético para Michael. “Está tudo bem, certo? Não tem muito?” Porque alho não era uma coisa que os vampiros gostassem muito. Era por isso que Shane tendia a usar como tempero em tudo que eles comem.

“Está tudo bem,” Michael disse, mas ele estava pegando no pé dela, e ele parecia um pouco pálido. “Monica passou aqui hoje. Procurando por você, Claire.”

Shane e Eve gemeram. Pela primeira vez, os três estavam em total acordo. E todos estavam olhando para ela.

“O que?” ela perguntou. “Eu juro, não é – não estou puxando o saco dela nem nada! Ela só é –

louca, ok? Eu não sou amiga dela. Eu não sei porque ela apareceu.”

“Ela provavelmente está armando algo pra você de novo,” Eve disse, e serviu mais massa. “Como ela fez na festa da fraternidade. Hey, ela está fazendo uma festa na sexta, você ouviu? Super exclusiva, tem faixas e tudo mais. Eu acho que é o namorado dela, ou o dia-do-papai-dar-a-ela-dinheiro, ou algo assim. Nós deveríamos invadir.”

“Eu gosto do som disso,” Shane disse. “Invadir a festa de Monica.” Ele olhou para Michael, e então se afastou. “E quanto a você? Isso quebra alguma regra de vampiro de conduta ou algo assim?”

“Me chupe, Shane.”

“Garotos,” Eve disse. “Olha a linguagem. Menor na mesa.”

“Bem,” Shane disse, “Eu não estava planejando fazer.”

Claire virou os olhos. “Não é a primeira vez que eu ouço. Ou digo.”

“Você não deveria dizer,” Michael disse, todo serio. “Não, eu quero dizer. Garotas deveriam dizer “me coma,” não “me chupe.” Não recomendaria “me morta,” no entanto. Não por aqui.”

Eve se afogou com a massa. Shane bateu nas costas dela, mas ele estava rindo também, assim como Michael, e Claire olhou para eles um pouco antes de admitir que isso foi engraçado afinal de contas.

Tudo estava bem.

“Então. Sexta a noite?” Eve perguntou, limpando as lágrimas e arfando através da risada. “Fes-ta? Porque eu podia usar um bom passeio.”

“Estou dentro,” Michael disse, e então comeu a massa. Claire se perguntava se queimava ele. “Eu acho que se estiver com você, não tem como ela nos expulsar. Status de Vampiro VIP. Pode ser bom para algo.”

Shane olhou para ele, e por um segundo havia um calor ali que Claire sentia muita falta, mas então sumiu de novo, e a parede voltou firme entre os dois.

“Deve ser bom,” ele disse. “Todos deveríamos ir, se vai arruinar a noite de Monica.” Eles terminaram o resto da refeição com um silêncio desconfortável. Claire percebeu que ela ficava pensando na caixa de veludo vermelho que estava no quarto dela, e lutou para não parecer culpada. Provavelmente não conseguiu. Ela pegou Michael olhando para ela com uma estranha intensidade; ou ele estava captando o desconforto dela ou ainda se perguntando do porque ela não pulou a chance de invadir a festa de Monica.

Ela comeu rápido, limpou os pratos dela, e foi para cima com uma desculpa murmurada sobre dever de casa. Bem, não era como se eles não estivessem acostumados a ela ter que estudar. Era a vez de Shane de lavar os pratos, então isso ia manter ele ocupado por um tempo...

A caixa estava onde ela a tinha deixado, na cômoda. Ela a pegou, pôs as costas contra a parede, e deslizou até ficar sentada enquanto olhava a caixa na mão.

“Você está se perguntando se deve ou não usar,” Amelie disse, e Claire pulou surpresa. A elegante antiga vampira, completamente calma, estava sentada numa antiga cadeira de veludo no canto, as mãos dobradas no colo. Ela parecia um pouco como uma pintura, não uma pessoa; tinha algo sobre ela – agora mais do que nunca – que parecia antiquado e frio como mármore.

Claire levantou, se sentindo idiota, mas você não sentava assim na presença de Amelie. Amelie reconheceu a cortesia com um gracioso aceno, mas fora isso não se mexeu.

“Eu me desculpo por surpreender você, Claire, mas precisava falar com você sozinha,” ela disse.

“Como você consegue entrar aqui? Quero dizer, essa é nossa casa, vampiros não deveriam...?”

“Ter a entrada prevenida? Não na casa de outro vampiro, e mesmo quando todos vocês eram humanos, essa casa pertencia a mim. Eu a construí, como construí todas as casas da Fundador. A casa me conhece, então não preciso de permissão para entrar.” Os olhos de Amelie brilharam no escuro. “Isso perturba você?”

Claire engoliu e não respondeu. “O que você quer?”

Amelie ergueu o longo dedo e apontou para a caixa de veludo na mão de Claire. “Eu quero que você coloque isso.”

“Mas –“

“Não estou pedindo. Estou mandando.”

Claire tremeu, porque embora a voz de Amelie tivesse ficado no mesmo nível, ela soava... dura. Ela abriu a caixa e tirou o bracelete. Ele era pesado e quente na mão dela, e ela o olhou com cuidado.

Não havia nada para prender, mas ela claramente muito pequeno para passar pela mão dela. “Eu não sei como –“

Ela viu um fleche pela visão periférica, e quando ela olhou para cima, Amelie estava tirando o bracelete da mão dela, e dedos frios e fortes estavam segurando o braço dela.

“Eu fiz para você,” Amelie disse. “Fique parada. Diferente do bracelete que a maior parte das outras crianças usam, o seu não pode ser removido. O contrato que você assinou me dá esse direito, você entendeu?”

“Mas – não, eu não quero –“

Tarde demais. Amelie se moveu, e o bracelete pareceu passar pela pele e osso de Claire, e parar pesado no pulso dela. Claire tentou se soltar, mas não havia como, ela não era tão forte quanto Amelie era. Amelie sorriu e a segurou por só mais um segundo, para fazer um ponto, antes de soltar. Claire virou o bracelete freneticamente, pressionando, procurando o truque.

Ele parecia não ter qualquer ligação, e não estava saindo.

“Deve ser feito desse jeito, do jeito antigo,” Amelie disse. “Esse bracelete vai salvar sua vida,

Claire. Me marcar. É um favor que eu dou raramente na minha vida. Você deveria estar agradecida.”

Agradecida? Claire se sentia como um cão na coleira, e ela odiava. Ela olhou para Amelie, e o sorriso da vampira se intensificou. Ela não podia ver ele ficando mais brilhante – havia algo dele que minava qualquer conceito de conforto.

“Talvez você fique agradecida mais tarde,” Amelie disse, e ergueu a sobrancelhas. “Muito bem. Vou te deixar agora. Sem duvidas você tem estudos.”

“Como eu devo esconder isso dos meus amigos?” Claire disse, enquanto a vampira andava até a porta.

“Você não vai,” Amelie disse, e abriu a porta sem a destrancar. “Não esqueça. Você deve estar bem preparada para Myrnin amanhã.” Ela saiu no corredor e fechou a porta atrás dela. Claire foi para frente e virou a maçaneta, mas ela se recusou a abrir. Quando ela conseguiu finalmente abrir a porta, Amelie tinha sumido. O corredor estava vazio. Claire ficou parada ali, ouvindo o barulho dos pratos no andar de baixo, a risada distante, e quis chorar.

Ela esfregou os olhos, respirou fundo, e foi para a escrivaninha tentar estudar.

Foi um dia de aula ocupado, testes, e discussões em grupo, e Claire estava agradecida pela pausa a tarde quando ela finalmente chegou. Ela se sentia idiota, vestida com uma manga comprida, mas era a única coisa que ela conseguiu pensar para esconder o bracelete, e ela desesperadamente queria esconder ele. Até agora, tudo bem. Eve não tinha notado, Shane não estava acordado quando elas saíram para aula. Nenhum sinal de Michael também. Ela ficou desesperada a noite passada e tentou alguns jeitos para quebrar ele – tesoura, então um alicate velho que ela pegou do porão – mas ela quebrou a lamina da tesoura, e o alicate deslizou para fora do mater. Ela não conseguia fazer sozinha, e ela não podia pedir ajuda.

Não dá pra esconder para sempre.

Bem, ela podia tentar.

Claire foi para o UC, e a cafeteria, e encontrou Eve corada, debaixo da maquiagem, sozinha atrás do balcão. “Onde está Amy?” Claire perguntou, e entregou três dólares para um moca. “Eu achei que ela estava trabalhando essa semana?”

“Yeah, não brinca, comigo. Eu liguei para meu chefe, mas ele esta doente e Kim também, então sou apenas eu hoje. Não tem café o bastante no mundo para facilitar as coisas.” Eve soprou o cabelo para longe da testa suada e foi para a maquina de espesso, onde ela serviu doses. “Você já teve um daqueles sonhos onde você está correndo e todo mundo está parado, mas você não consegue alcançar eles?”

“Não,” Claire disse. “Normalmente os meus são sobre estar nua na aula”

Eve riu. “Por isso, você ganha uma dose de graça de caramelo. Vá sentar. Eu não preciso de você pairando como o resto desses abutres.”

Claire sentou na mesa de estudo e espalhou os livros dela, pegou o moca dela quando Eve chamou o nome dela, e bocejou quando abriu o Última Vontade e Testamento de novo. Ela passou a maior parte da noite memorizando os símbolos, mas eles eram complicados. Ela entendeu todos os egípcios, mas havia vários bem menos compreensivos, e ela estava sentindo que Myrnin não perdoaria erros.

Uma sombra caiu por cima do livro dela. Ela olhou para cima e viu o detetive Travis Lowe, e o parceiro, Joe Hess, parado perto dele. Ela conhecia os dois muito bem; eles a ajudaram durante a época louca quando o pai de Shane estava em Morganville, tentando matar vampiros (e conseguindo). Eles não usavam braceletes, e eles não eram Protegidos; como ela entendia, eles tinham algum tipo de status especial. Ela não sabia como eles conseguiram fazer isso, mas tinha que ser algo bravo.

“Bom dia, Claire,” Hess disse, e puxou uma cadeira. Lowe fez o mesmo. Eles não eram muito similares em tipo corporal – Hess era alto e meio forte com um rosto longo; Lowe era gordinho e careca. Mas a expressão nos olhos deles era idêntica – cuidadosa, escondida, cautelosa. “Como você tem passado?”

“Bem,” ela disse, e resistindo a praticamente sobrepujada vontade de tocar o bracelete, se remexeu. Ela olhou de uma para o outro, sentindo menos segura a cada minuto. “O que está acontecendo? Tem algo errado?”

“Yeah,” Lowe disse. “Dá pra dizer isso. Olha, Claire, tem – eu sinto te dizer isso, mas havia uma garota morta atrás da sua casa. Ela foi encontrada essa manhã no coletor de lixo.”

Uma garota morta? Claire engoliu com força. “Quem era?”

“Amy Callum,” Hess disse. “Uma garota local. A família vive a algumas quadras de você. O pessoal dela está bem chateado.” Ele passou o olhar pelo café. “Ela trabalhava aqui.”

Amy? A Amy do Café Bar? Oh não... “eu conhecia ela,” Claire disse fracamente. “Ela trabalhava com Eve. Ela deveria estar aqui hoje. Eve estava dizendo –” Eve. Claire olhou para cima e viu que Eve ainda estava trabalhando, pegando pedidos, e o dinheiro. Eles não falaram para ela ainda. “Tem certeza que era nossa casa?”

“Claire-” Os dois detetives trocaram um olhos, um que não era bom. “O corpo dela estava na sua lixeira. Tenho certeza.”

Claire sentiu que ia desmaiar. Tão perto – ela tirou o lixo dois dias atrás, certo? Jogou lixo dentro da lata. Amy estava viva naquela época. Agora...

“Você viu algo ontem a noite?” Hess continuou.

“Não, eu estava – era noite quando cheguei em casa. E então estudei a noite toda.”

“Ouviu algo, talvez alguma perturbação na lata de lixo?”

“Não senhor. Eu estava usando fones de ouvido. Desculpe.”

Shane tinha olhado pela janela, ela lembrou. Pode ter visto alguém. Mas ele teria dito, certo? Ele

não esconderia algo assim.

Um horrível pensamento a atingiu, e ela olhou para os olhos calmos e imparciais de Joe Hess. “Havia – “ Muitas pessoas ao redor. Ela imitou presas no pescoço. Ele balançou a cabeça.

“O mesmo que a última encontrada,” Lowe disse. “Não dá pra descartar nossos amigos com dentes, mas não é do estilo deles. Você sabe que estilo se encaixa no entanto?”

“O de Jason,” Claire disse atordoada. “O irmão de Eve. Ele ainda está fora?”

“Não o peguei fazendo nada ilegal ainda. Mas ele vai. Ele é muito louco para viver são.” Lowe a estudou. “Você não o viu, viu?”

“Não.”

“Bom.” Como se houvesse algum sinal entre eles, Hesse e Lowe levantaram. “É melhor irmos falar com Eve. Olha, se você pensar em algo, você ligar, certo? E não saia sozinha. Proteção não cobre isso.” Lowe lançou um olhar significativo ao pulso dela, e ela se sentiu corar, como se ele tivesse adivinhado a cor da calcinha dela. “Se precisar sair, saia com os seus amigos, certo? O mesmo vale para Eve. Vamos tentar manter um olho em você, mas ter cuidado é nossa melhor defesa.”

Claire observou os policiais se afastarem. Eles trocaram um aceno como um jovem que estava vindo na direção dela. Por um segundo ela achou que fosse Michael – tinha o mesmo andar, a mesma forma básica – mas então ela o viu. Cabelo vermelho, não loiro como o de Michael.

Sam. Sam Glass, o avô de Michael. Amelie tinha dito a ela que Sam iria escoltar ela pra ver Myrnn; ela tinha esquecido. Bem, estava tudo bem. Claire gostava de Sam. Ele era quieto e gentil e não parecia muito com um vampiro, a não ser pela pele pálida e o estranho brilho nos olhos. Exatamente como Michael, agora que ela estava pensando nisso. Mas então, eles eram os dois mais novos, e – estranhamente – parentes. Talvez quanto mais um vampiro ficasse, mais ele deixasse de ser normal.

“Hey, Claire,” Sam disse, como se eles tivesse conversado cinco minutos atrás, embora fizesse a uma semana, pelo menos, que ela não o via. Ela supôs que o tempo era diferente para os vampiros. “O que eles queriam?” Ele estava usando uma camiseta com gola e uma jeans, o que o fazia parecer meio gostoso. Gostoso para um vampiro de cabelo vermelho de qualquer forma. E ele tinha um gentil e ausente sorriso. Ela não era o tipo dele. Até onde Claire sabia, Sam ainda estava totalmente apaixonado por Amelie, um conceito que ela achava difícil de colocar no cérebro ao redor das curvas da teoria.

Ele ainda estava esperando uma resposta. Ela lutou para conseguir uma. “Tem uma garota morta, ela foi encontrada na nossa lata de lixo. Amy. Amy Callum?”

O rosto sério de Sam, fez uma careta. “Droga. Eu conheço a família, são gente boa. Eu vou dar uma passada para vê-los.” Ele sentou e se inclinou mais para perto, falando mais baixo. “Ela não foi morta por vampiros, eu sei isso. Eu teria ouvido se alguém tivesse saído da linha.”

“Não,” Claire concordou. “Parece que ela foi morta por um de nós.” Ela percebeu, com uma onda de terror, que ele não era um “nós,” exatamente, e correu. “Eu quis dizer – um dos – humanos.”

Sam sorriu para ela, mas os olhos dele estavam um pouco tristes. “Está tudo bem, Claire já estou

acostumado. É uma cidade nós-e-eles.” Ele olhou para as mãos, soltas e relaxadas na mesa. “Eu devo te levar ao seu compromisso.”

‘Yeah.” Ela fechou o livro e começou a carregar a mochila. ”Desculpe, não percebi que horas eram —“

“Nenhum pressa,” ele disse. Ainda sem olhar para ela. Muito suavemente, ele continuou, “Claire. Tem certeza que sabe o que está fazendo?”

“O que?”

As mãos dele se ergueram e agarram o pulso dela – o que tinha o bracelete escondido embaixo da manga. Ele se afundou dolorosamente na pele dela. “Você sabe o que.”

“Ow,” ela sussurrou, e ele a soltou. ”Eu precisava. Eu não tive escolha. Eu tive que assinar se eu queria manter meus amigos seguros.”

Sam não disse nada sobre isso; ele estava olhando para ela agora, mas ela não se atreveu a olhar ele nos olhos. Ela não gostava que ele soubesse do acordo dela com Amelie. E se ele contasse a Michael? E se Michael contasse ao Shane? Ele vai descobrir mais cedo ou mais tarde. Bem, ela preferia que fosse mais tarde.

Sam disse, “Eu sei disso. Eu queria que você não fizesse essa outra coisa. Com Myrnin. Não – não é seguro.”

“Eu sei. Ele está doente ou algo assim. Mas ele não vai me machucar. Amelie —“

“Não é problema de Amelie se preocupar com os indivíduos.” Isso, para Sam, era particularmente amargo, especialmente quando se tratava de Amelie. “Ela está te usando como ela usa todos os humanos. Não é pessoal, mas não é do seu melhor interesse também.”

“Porque? O que ela não está me dizendo?”

Sam olhou para ela por muito tempo, claramente tentando decidir, e finalmente disse. “Myrnin teve cinco aprendizes nos últimos anos. Dois deles eram vampiros.”

Claire piscou, surpresa, quando Sam levantou. “Cinco? O que aconteceu com eles?”

“Você está perguntando a coisa certa. Agora vá perguntar a pessoa certa.”

Ele se afastou. Claire arfou, agarrou a mochila, e o seguiu.

No balcão, os dois detetives estavam contando as notícias a Eve. Quando Claire olhou para trás, ela viu o precioso segundo em que Eve soube que a amiga dela estava morta. Mesmo do outro lado, doeu ver a dor no rosto dela, rapidamente mascarada e escondida. Em Morganville, perder alguém é algo que você se acostuma, Claire supôs.

Deus, essa cidade é uma droga as vezes.

Sam tinha um carro, um sedan escuro com janelas escuras. Estava estacionado na garagem subterrânea embaixo da UC, em um ponto reservado marcado para PATROCINADORES APENAS, com um adesivo gráfico que tinha que aparecer no pára-brisa para ser legal.

Um adesivo que Sam, é claro, tinha. “Então isso significa o que, você doou dinheiro ou algo assim?”

Sam abriu a porta do passageiro para ela, um cavalheirismo que ela não estava acostumada, e Claire entrou. “Não exatamente,” ele disse. “Amelie dá aos vampiros que tem assuntos no campus.”

Quando ele entrou no carro, e ligou, Claire disse, “Você tem assuntos no campus?”

“Eu dou aula de noite,” Sam disse, com uma risada. Ele parecia ter doze anos, quando fazia isso. Ela tinha o pressentimento de que isso era algo que os vampiros não estavam acostumados, parecer assim tão bobo. Talvez se todos eles fossem assim, eles fossem mais populares com a população local. “Um tipo de programa novo.”

“Legal.” O vidro era tão escuro que era como se fosse noite do lado de dentro. “Você consegue ver através disso?”

“Como o dia,” Sam disse, e ela desistiu, colocando o cinto, e deixando ele dirigir. Não foi uma viagem longa – nada em Morganville era – mas ela teve tempo para notar algo sobre o carro de Sam. Era limpo, muito limpo. Nenhum lixo. (Bem, ele não ficaria comendo hambúrguens no carro, agora, iria? Espera. Ele podia...) Ele também não cheirava como a maior parte dos carros. Cheira a novo e esterilizado. “Como estão indo as aulas?”

Ela deu nos ombros. “Eu sempre fui adiantada. É melhor que o ensino médio, mas eu esperava algo mais difícil.”

“Como trabalhar para Myrnin?” A voz de Sam ficou seca. “Esse é um desafio, muito bem. Claire –”

“Amelie não me deu exatamente uma escolha.”

“Mas você ainda quer fazer, não quer?”

Ela queria. Ela tinha que admitir isso. Myrnin era assustador, mas havia algo brilhante nele, também. Ela conhecia aquela faísca. Ela também sentia, e ela já estava procurando por alguém, algo para alimentar. “Talvez ele só precise de alguém para conversar,” ela disse.

Sam fez um barulho incógnito que de alguma forma soou divertido também, e parou o carro. “Eu tenho que me mover rapidamente,” ele disse. “É a porta no fim do beco, eu te encontro na sombra.”

Ele abriu a porta e só...sumiu. A porta fechou, mas fechou sozinha. Claire ficou boquiaberta, abriu o cinto, e saiu, mas não havia sinal de Sam na rua, na brilhante luz do sol. O carro estava estacionado em uma rotula, e ela levou um segundo, mas reconheceu a casa na frente dela. Uma antiga casa gótica, um quase espelho da imagem da Glass House onde ela vivia, mas essa pertencia a uma senhora chamada Katherine Day e a neta dela.

Vovó Day estava na varanda, se balançando pacificamente e abanando o ar quente com um abanador. Claire ergueu a mão e acenou, e Vovó acenou em resposta. “Veio me ver, garota?” Vovó chamou. “Venha, eu tenho limonada!”

“Talvez mais tarde!” Claire gritou em resposta. “Eu tenho que ir para –”

Ela percebeu, um uma onda de terror, onde Sam estava levando ela.

No beco. No beco em que todos, Vovó Day incluída, tinham dito a ela para não ir. O beco com a porta escondida e o vampiro que a tentou atrair para dentro.

Vovó se levantou. Ela era pequena, uma mulher enrugada que parecia tão seca como couro velho. Tinha que ser duro, ser velho em Morganville, Claire pensou. “Você está bem, garota?” ela perguntou.

“Yeah,” Claire disse. “Obrigado. Eu – eu volto.”

Ela foi para o beco. Atrás dela, Vovó Day chamou, “Garota, o que você está planejando? Você não tem bom senso?”

Provavelmente não.

O beco era estreito, com cercas dos dois lados, e pareceu ficar ainda mais estreito quanto mais ela entrava nele, como um funil, ela não sentia nenhuma atração estranha, ou ouvia vozes. Ela também não viu Sam.

‘Aqui,’ a voz disse, e ela virou ligeiramente no canto. E ali estava, inclinado numa sombra perto de uma porta enorme, que estava presa ao que parecia uma cabana. Não muito bem feita também. Claire se perguntou onde ela supostamente levaria.

“É Myrnin,” ela disse. “É ele que fica na porta escondida.”

Sam olhou pensativo para ela, e então acenou. “A maior parte das pessoas sabem que não é para vir aqui,” ele disse. “Ele só toma Desprotegidos. Ele sabe a diferença, então ele não tentaria com você. Agora não.”

Que alegre. Sam abriu a porta, que não parecia firme o bastante para manter longe uma brisa fria, e entrou. Um cheiro passou no ar, algo velho e amargo. Materiais químicos. Papel antigo. Roupas não lavadas.

Bem?

Claire sugou o ar e sentiu o cheiro de todas aquelas coisas, e entrou na toca de Myrnin.

CINCO

Myrnin estava com um humor. Um bom humor.

“Claire!” Enquanto ela descia os degraus – a única coisa na moradia eram os degraus que levavam para baixo – até a câmara principal, ele passou pela câmara principal, passando como um borrão e parou a um centímetro de distância dela, perto o bastante para ela se recuar até o tabuleiro de xadrez de Sam e ele a estudou. Os olhos de Myrnin estavam selvagens, brilhando de entusiasmo.”Estive esperando! Tarde, tarde, tarde, você está muito atrasada, sabe. Anda, anda, não temos tempo para brincadeiras. Você trouxe os livros? Bom. E quanto ao Última Vontade e Testamento? Você está familiarizada com os símbolos? Aqui, pegue isso.” Giz foi pressionado na mão dela. Myrnin se moveu de novo, rápido como um gafanhoto, e mexeu um antigo quadro mais para perto. Ele teve que empurrar por cima de alguns livros, o que ele fez com indiferença a bagunça que ele estava fazendo.

Sam, quase inaudível, sussurrou, “Tenha cuidado. Ele é perigoso quando está assim.”

Yeah, não brinca. Claire acenou, engoliu, e sorriu enquanto Myrnin virava em direção a ela com aqueles olhos loucos e prazerosos. Ela queria perguntar o que vinha depois da fase maníaca, mas ela não se atreveu.

“Estarei na outra sala,” Sam disse. Myrnin acenou para ele impaciente, mal olhando para ele.

“Sim, sim, bem, vá. Aqui. Primeiro vamos começar com a inscrição Egípcia para o asem. Asem. Você sabe que elemento isso representa?”

“Electrum,” Claire disse, e cuidadosamente desenhou o símbolo. Era meio que uma bola, com uma enorme barra no meio. “Que tal isso?”

“Excelente! Sim, é isso. Agora algo mais difícil. Chesbet.”

Safira. Esse era difícil. Claire mordeu o lábio por um segundo, ordenando a mente, e então o desenhou. Um círculo abaixo de uma linha dupla, perto de uma perna, perto de uma coisa que parecia um carro sem rodas em cima de dois círculos separados.

“Não, não, não,” Myrnin disse, pegou o apagador, e apagou o carro.

“Muito moderno. Olhe.”

Ele desenhou de novo, dessa vez mais cruamente, e ainda parecia um carro para ela. Ela copiou, duas vezes, até ele ficar satisfeito.

Havia vários símbolos, e ele a perguntou sobre todos eles, ficando mais e mais excitado. O braço dela doía por ficar segurando o giz no quadro, especialmente quando, depois dela não desenhar o

símbolo direito, ele a fazia copiar cem vezes.

“Deveríamos fazer isso no computador,” ela disse, desenhando com cuidado pela 18ª vez. “Com um mouse para desenho*.”

(*<http://cn1.kaboodle.com/hi/img/2/0/0/7d/2/AAAAAuGJP9sAAAAAH0oCA.jpg>)

“Bobagem. Você tem sorte de não fazer você escrever com uma agulha numa mesa de cera, como antigamente,” Myrnin fez careta. “Crianças. Crianças mimadas, sempre brincando com o brinquedo mais brilhante.”

“Computadores são mais eficientes!”

“Eu posso fazer cálculos naquela ábaco mais rápido do que você pode resolver eles no seu computador,” Myrnin zombou.

Ok, isso a irritou. “Prove!”

“O que?”

“Prove.” Ela diminuiu o tom, mas Myrnin não estava parecendo com raiva, ele estava parecendo estranhamente interessado. Ele a olhou por um segundo em silêncio, e então ele deu o maior e estranho sorriso que ela já tinha visto no rosto de um vampiro.

“Muito bem,” ele disse. “Uma competição. Computador Versus ábaco.”

Ela não tinha muita certeza agora se era uma boa ideia, mesmo que tivesse sido ideia dela, essencialmente “Um – o que eu ganho?” Mais importante, o que eu perco? Fazendo barganhas era uma forma de viver em Morganville, e era muito como fazer tratos com fadas comedoras de gente. Melhor ter cuidado com o que você pede.

“Sua liberdade,” ele disse solenemente. Os olhos dele eram selvagens e sinceros, o rosto muito jovem dele brilhando de honestidade. “Eu direi a Amelie que você não é apropriada para o trabalho. Ela vai te deixar continuar a vida, como está.”

Bom preço. Bom demais. Claire engoliu com força. “E se eu perder?”

“Então eu te como,” Myrnin disse.

Com absolutamente nenhuma mudança de expressão no rosto.

“Você – você não pode fazer isso.” Ela tirou ergueu a manga da camiseta e ergueu o pulso para que o bracelete de ouro fosse pego pela luz.

“Não seja ridícula,” ele disse. “É claro que eu posso. Eu posso fazer o que eu quero, criança. Sem mim, não existe futuro. Ninguém, especialmente Amelie, ficara chateado com uma ocasional mordida. Você mal é grande o bastante para ser qualificada como uma refeição de qualquer forma, e além do mais, estou fazendo valer a pena.”

Ela deu um passo para trás. Um grande. Aquele sorriso maluco... Ela olhou para a porta do outro aposento, onde Sam estava esperando por ela. Não era de se admirar que Amelie tivesse dito a ele para esperar ela.

Myrnin deu um sorriso triste e teatral. “Mortais simplesmente não são o que costumavam ser,” ele disse. “Mil anos atrás, você teria apostado sua alma imortal por um pedaço de pão. Agora eu nem posso fazer você apostar tudo, nem por liberdade. Verdade, as pessoas se tornaram tão... chatas. “Então, nenhuma aposta? Verdade?”

Ela balançou a cabeça. A expressão dele caiu em desapontamento. “Está certo,” ele disse. “Então você irá me escrever uma redação para amanhã sobre a historia da alquimia. Eu não posso esperar que seja completa, mas espero que você entenda a base do que eu estou tentando te ensinar.”

“Você está me ensinando alquimia?”

Ele pareceu surpreso, e olhou ao redor para o laboratório. “Você não consegue ver o que estou fazendo aqui?”

“Mas alquimia – é bobagem. Eu quero dizer, é como mágica, e não uma ciência.”

“As conquistas da alquimia foram tristemente esquecidas, e sim, mágica é uma excelente descrição para coisas que você não tem base para entender. Quando a ciência –” Myrnin fez um rude barulho. Os olhos dele tinham ganhando aquele brilho de novo. “Ciência é um método, não uma religião, no entanto pode ter uma mente fechada quanto. Abra a mente aqui, Claire. Sempre mente aberta. Questione tudo, aceite nada como um fato até que você provou por si só. Sim?”

Ela acenou hesitante, mais com medo de discordar do que convencida. Myrnin sorriu pra ela e deu um tapa nas costas dela com força o bastante para doer.

“Essa é minha garota,” ele disse. “Agora. Você conhece a teoria de Schrödinger's? Aquela sobre o gato?”

Myrnin não ficou estranho até o final do tempo com ele, quando ele estava – ela pensou – ficando cansado. Ela tinha que admitir, tinha algo divertido em trabalhar no laboratório dele; ele tinha tanta paixão, tanto entusiasmo por tudo. Mesmo por assustar ela. Ele era como um garotinho, cheio de energia e mãos que não perdiam tempo, rápido para rir, rápido para cortar se ela fizesse um erro. Ele gostava de zombar, não corrigir. Ele achava que se ela descobrisse por si mesma, ela iria aprender apropriadamente.

Ela olhou o relógio e viu que eram quase 20 horas – tarde. Ela deveria estar em casa agora. Myrnin estava ignorando ela, temporariamente, enquanto ela copiava quadros de símbolos incompreensíveis do livro que ele disse que era tão raro que a dele era a única copia sobrando. Ela bocejou, se alongou, e disse, “Eu preciso ir.”

Os olhos dele estavam fixos no que parecia ser um antigo microscópio. “Já?”

“Está tarde. Eu deveria ir para casa.”

Myrnin se ajeitou, olhou para ela, e ela viu a tempestade se formando na expressão dele. “Você está mandando em mim agora?” ele surtou. “Quem é o mestre? Quem é o estudante?”

“Eu – desculpe, mas não posso ficar aqui a noite toda!”

Myrnin andou até ela, e ela nem conseguiu o reconhecer. Não havia mais uma energia maníaca, nem humor, nem mais uma afiada e brilhante raiva. Ele parecia perturbado e confuso.

“Casa,” ele repetiu. “Casa é onde está o seu coração. Porque você não deixa o seu aqui? Eu vou cuidar muito bem dele?”

“M- meu – coração?” Ela derrubou a caneta e se afastou, colocando uma enorme mesa de equipamentos de química entre eles. Myrnin cerrou os dentes e mostrou as presas. Discovery Channel. Cobra Rei. Oh, Deus, ele pode derramar veneno ou algo assim? Os olhos dele brilharam, cheios de algo que para ela parecia como... medo.

“Não corra,” ele disse, soando irritado. “Eu odeio quando eles correm. Agora, me diga o que está fazendo aqui!” ele exigiu. “Porque você fica me seguindo? Quem é você?”

“Sou a Claire, Myrnin. Sua aprendiz. Eu deveria estar aqui, lembra?”

Essa foi a coisa errada para se dizer, e ela não tinha idéia do porquê. Myrnin parou, e a luz nos olhos dele se intensificaram insanamente. Feio, e muito assustador. Quando ele se moveu, foi um deslize suave e sinuoso. “Meu aprendiz,” ele disse. “Então eu sou seu dono. Eu posso fazer o que quiser.”

Cobra rei.

“Sam!” Claire gritou, e correu para as escadas.

Ela não subiu mais do que dois degraus. Myrnin passou pela mesa, empurrando os instrumentos que se espatifaram em pedaços no chão, e ela sentiu as frias e impossivelmente fortes mãos no tornozelo dela puxando-a. Ela tentou se agarrar em algo, mas só havia uma pilha de livros, e a pilha caiu quando ela caiu.

Ela atingiu o chão com força o bastante para fazer o mundo girar, instável por alguns segundos, e quando ela piscou as estrelas foram substituídas por Myrnin que estava por cima dos ombros dela e estava a encarando a centímetros de distancia.

“Não,” ela disse. “Myrnin, não. Eu sou sua amiga! Eu não vou machucar você!”

Ela não sabia porquê disse isso, mas deve ter sido a coisa certa a dizer. Os olhos dele se alargaram, o branco dos olhos se mostrando ainda mais, e então o brilho da loucura foi substituído por lágrimas. Ele bateu na bochecha dela, suave e confuso, e as presas desapareceram na boca dele. “Querida criança,” ele disse. “O que você está fazendo aqui? Amelie está fazendo você vir aqui? Ela não deveria. Você é jovem e gentil demais. Você deveria dizer a ela que não vai voltar. Eu não quero machucar você, mas eu vou.” Ele bateu na testa dele. “Isso está me traindo. Essa estúpida, estúpida carne.” A batida se tornou um violento tapa na testa, e as lágrimas rolaram pelas bochechas dele. “Eu preciso ensinar alguém, mas não você. Não você, Claire. Jovem demais. Pequena demais. Você trás o melhor.”

Ele levantou e se afastou, passando por cima do vidro quebrado, ajeitando os livros caídos. Como se ela tivesse deixado de existir. Claire sentou e se levantou, tremendo e assustada.

Sam estava parado a alguns passos de distancia. Ela não o viu ou ouviu ele se aproximar, e ele não tinha se mexido para salvar ela. O rosto dele estava tenso, e os olhos agitados.

“Ele está doente,” Claire disse.

“Doente, doente, doente, sim eu estou,” Myrnin disse. Ele pôs a cabeça nas mãos agora, como se ele estivesse machucado. “Estamos todos doentes.”

“Do que ele está falando?” Claire virou para Sam. “Nada.” Ele balançou a cabeça. “Não escute ele.”

Myrnin olhou para cima e cerros os dentes. Os olhos dele estavam furiosos, mas são. Na maior parte são, de qualquer forma. “Eles não vão te contar a verdade, pequeno pedaço, mas eu vou. Estamos morrendo. Setenta anos atrás –”

Sam moveu Claire para fora do caminho, e pela primeira vez desde que ele tinha encontrado ele, Sam pareceu ameaçador. “Myrnin, cala a boca!”

“Não,” Myrnin suspirou. “Está na hora de falar. Eu me calei o bastante.” Ele olhou para cima, e os olhos dele estavam vermelhos e cheios de lágrimas. “Oh, garotinha, você entendeu? Minha raça está morrendo. Minha raça está morrendo e eu não sei como impedir.”

A boca de Claire se abriu e fechou, mas ela não encontrou um jeito de dizer. Sam virou para ela, fúria ainda irradiando dele como calor. “Ignore ele,” ele disse. “Ele não sabe o que está dizendo. Deveríamos ir, antes dele se lembrar o que estava prestes a fazer. Ou esquecer que não deveria.”

Claire olhou por cima dos ombros pra Myrnin, que estava segurando um cano quebrado de vidro nas mãos, tentando encaixar as duas partes. Quando elas não se juntaram, ele as derrubou e cobriu o rosto com as duas mãos. Ela podia ver os ombros dele tremendo. “Não posso – alguém não deveria ajudar ele?”

“Não há ajuda,” A voz de Sam estava cheia de raiva. “Não há cura. E você não vai voltar aqui de novo se eu puder impedir.”

SEIS

Claire se manteve em silêncio por cerca da metade da viagem para casa, e Sam não falou nada também. A pressão das perguntas finalmente foi demais para ela. “Ele estava dizendo a verdade, não estava?” ela perguntou. “Tem algum tipo de doença. Amelie tentou me fazer pensar que não havia mais vampiros por escolha dela, mas isso não é verdade, é? Você não pode. Ela é a única que ainda não está doente.”

O rosto de Sam ficou apertado e duro no brilho das luzes do painel. Sentar no carro era como viajar pelo espaço; as janelas escuras se recusavam a deixar a luz entrar, então era só os dois sozinhos no universo. Ele estava com o rádio ligado, e estava tocando música clássica, algo leve e

doce.

“Não,” ele disse. “Ela está doente também. Todos estamos. Myrnin esteve procurando a causa – e a cura – por 70 anos, mas é tarde demais agora. Ele está perdido, e a chance de que outra pessoa possa ajudar ele é muito pequena. Eu não posso deixar ela te sacrificar assim, Claire. Eu te disse que ele teve cinco assistentes. Eu não quero que você se torne outra estatística.”

“E se ele não encontrar a cura?” Claire perguntou. “Quanto tempo -?”

“Claire, você precisa esquecer que você sequer ouviu sobre isso. Falo sério. Tem muitos segredos em Morganville, mas esse é um que pode te matar. Não diga nada, entendeu? Nem aos seus amigos, e nem a Amelie. Entendeu?”

A intensidade dele era ainda mais aterrorizante do que Myrnin, porque ele era tão controlado. Ela acenou.

Isso não impediu as perguntas se passarem pela mente dela.

Sam abriu a porta do carro e a observou até que ela estivesse dentro da casa – estava completamente escuro, e havia muitos vampiros caçando numa clara e fria noite dessas. Ninguém iria machucar ela – provavelmente – mas Sam não estava no humor para se arriscar.

Claire fechou a porta e a trancou, se inclinando contra a madeira por longos segundos, e tentou se controlar. Ela sabia que os amigos dela a bombardeariam com perguntas – onde ela esteve, se ela estava louca por ficar sozinha no escuro – mas ela não podia responder a eles, não sem violar alguma ordem de Amelie ou Sam.

Eles estavam morrendo. Parecia impossível; os vampiros pareciam tão fortes, tão assustadores. Mas ela viu. Ela viu o jeito como Myrnin estava decaindo, e o quão assustado Sam estava. Até Amelie, a perfeitamente gelada, Amelie, estava condenada.

Isso não era uma boca coisa? E se fosse, porque ela se sentia tão enjoada?

Claire respirou fundo mais algumas vezes, enquanto a mente dela se aquietava por um tempo, e foi para o corredor.

Ela não chegou muito longe. Havia coisas empilhadas por toda parte. Levou um segundo, mas ela reconheceu com um choque de horror o que eram. “Oh não,” ela sussurrou. “As coisas de Shane.” Estava bloqueando o corredor. Claire empurrou as caixas para passar e as malas empilhadas ali. Oh, droga. Havia o Playstation, desligando e parecendo desolado, junto com os controles.

“Hey? Hey gente? O que está acontecendo?” Claire chamou, passando pelos obstáculos. “Alguém aqui?”

“Claire?” A sombra de Michael apareceu no fim do corredor. “Onde diabos você estava?”

“Eu – fiquei até tarde no laboratório,” ela disse. O que não era mentira. “O que está acontecendo?”

“Shane está dizendo que vai se mudar,” Michael disse. Ele parecia profundamente enraivecido, mas estava cobrindo a magoa também. “Fico feliz que esteja aqui. Talvez você possa meter senso

na cabeça dele. Eve não está tendo sorte.”

Claire percebeu o barulho indistinto de vozes no andar de cima. A voz de Eve, alta e estridente. Shane murmurando baixo. Houve um atraso de 16 segundos, e então Shane apareceu nas escadas carregando uma caixa. O rosto dele estava pálido mas determinado, e embora ele tivesse hesitado por um segundo quando viu que Claire estava no fundo, ele continuou descendo.

“Sério, seu idiota, o que diabos você está fazendo?” Eve exigiu do topo da escada. Ela desceu e foi para a frente dele, forçando ele a parar e tentar passar por ela. “Yo, idiota dos idiotas! Estou falando com você!”

“Se você quer viver aqui com ele, tudo bem,” Shane disse apertadamente. “Estou indo embora. Eu cansei.”

“Vai se mudar a noite? Você está com problema na cabeça?”

Ele fingiu ir pra direita e Eve o imitou e então ele passou por ela pela esquerda.

E se encontrou com Claire, que não se moveu. Ela não disse nada, e depois de alguns segundos de silêncio, ele disse, “Desculpe. Preciso fazer isso. Eu te disse.”

“Isso é por causa do seu pai?” Ela perguntou. “Sobre o preconceito que você tem contra Michael agora?”

“Preconceito? Jesus, Claire, você age como se ele ainda fosse o Michael. Bem, ele não é. Ele é um deles. Eu parei com essa merda. Se precisar eu vou quebrar algumas leis e ser jogado na cadeia. É melhor do que viver aqui, olhando para ele –” Shane parou e fechou os olhos por um segundo. “Você não entende. Você só não entende, Claire. Você não cresceu aqui.”

“Mas eu cresci,” Eve disse, se aproximando. “E eu não entendo a sua porcaria de paranóia também. Michael não machucou ninguém! Especialmente você, seu idiota. Então pare com isso.”

“Eu vou,” Shane disse. “Estou indo embora.”

Claire não saiu da frente dele. “E quanto a nós?”

“Você quer vir comigo?”

Ela mexeu a cabeça devagar, e ela viu a dor no rosto dele por um segundo antes dele ficar duro de novo.

“Então não temos nada para conversar. E eu sinto muito por ter que te falar mas não existe “nós.” Entenda, Claire, foi divertido, mas você não é meu tipo –”

Michael se moveu. Ele tirou a caixa das mãos de Shane, e ela voou pela sala, caindo no chão de madeira, e batendo no rodapé, onde ela virou e derrubou tudo que havia dentro.

“Não,” ele disse, e agarrou Shane pelos ombros e o empurrou para a parede mais perto. “Não desrespeite ela. Ser um idiota comigo, tudo bem. Seja um idiota com Eve se você quiser, ela pode se defender. Mas não faça isso com a Claire. Eu cansei da sua merda, Shane.” Ele parou e respirou, mas a raiva não estava diminuindo, ainda não. “Você quer ir, vá, saía daqui, mas é melhor dar

uma olhada em si mesmo, cara. Yeah, sua irmã morreu. Sua mãe morreu. Seu pai é um violento e preconceituoso idiota. Sua vida foi uma merda. Mas você não é mais a vítima. Continuamos a te dar uma folga, e você continua a fazer merda, e eu cansei. Eu não vou deixar mais você reclamar sobre o quanto sua vida foi pior que a dos outros.”

O rosto de Shane ficou branco como a morte, e então vermelho.

E ele socou o rosto de Michael. Foi um solido, e doloroso soco, e Claire se afastou e cobriu a boca em simpatia.

Michael não se moveu. Nem reagiu. Ele só encarou os olhos de Shane.

“Você é como o seu pai,” ele disse. “Você quer me empalar agora? Cortar minha cabeça? Me queimar? Isso vai funcionar para você, amigo?”

“Sim!” Shane gritou, bem no rosto dele, e então havia algo tão assustador nos olhos dele que Claire não podia se mexer. Não podia respirar.

Michael soltou ele, andou, e pegou uma coisa que estava na pilha que ele tinha derrubado da caixa que Shane estava carregando.

Uma pontuda estaca.

E uma afiada faca de caça.

“Você veio preparado,” ele disse, e as jogou para Shane, que as pegou no ar. “Vá em frente.”

Eve gritou e se jogou na frente de Michael, que gentil mas firmemente a tirou do caminho.

“Vá em frente,” ele disse. “Vamos fazer isso agora, ou mais tarde. Você quer se mudar para poder me matar com uma consciência limpa. Porque esperar? Anda, cara, faça. Eu não vou lutar.”

Shane virou a faca na mão, a ponta reluzindo a luz agitadamente. Claire se sentiu congelada, por um frio invernal, incapaz de pensar em nada para dizer. O que tinha acontecido? Como as coisas ficaram tão ruins? O que –

Shane deu um passo em direção a Michael, um repentinamente longo empurrão, e Michael não se moveu. Os olhos dele – eles não eram frios, e elas não eram assustadores como de um vampiro. Eles eram humanos, e estavam assustados.

Por uma longa respiração, ninguém se moveu, e então Michael disse, “Eu sei que você sente que eu te trai, mas eu não trai. Isso não foi sobre você. Foi por mim, eu fiz para não ter que ficar mais preso aqui. Eu estava morrendo aqui. Eu estava enterrado vivo.”

O rosto de Shane se contorceu, como se a faca de caça tivesse sido torcida no estomago dele. “Talvez você devesse ter ficado morto.” Ele ergueu a estaca na mão direita.

“Shane, não!” Eve estava gritando, tentando chegar até eles, mas Michael a estava segurando para afastá-la. Ela virou para ele furiosa. “Merda, pare! Você não quer morrer de verdade!”

“Não,” Michael disse. “Eu não quero. Ele sabe que eu não quero.”

Shane parou, tremendo. Claire observava o rosto dele, os olhos dele, mas ela não sabia dizer o que ele estava pensando. O que ele estava sentindo. Era só uma expressão, e ela não a conhecia.

“Você é meu amigo,” Shane disse. Ele soava perdido. “Você é meu melhor amigo. O quão problemático isso é?”

Michael não disse nada. Ele deu um passo para frente, pegou a faca e a estaca das mãos de Shane, e as tirou dele dando um abraço.

E dessa vez, Shane não resistiu.

“Idiota,” Michael suspirou, e deu um soco nele.

“Yeah,” Shane murmurou, dando um passo para trás, e esfregou os olhos com a mão. “Tanto faz. Você começou.” Ele olhou ao redor e se focou em Claire. “Você. Você já deveria estar em casa.”

Droga. Ela esperava que eles esquecessem sobre ela ter chegado tarde, com a explosão de Shane. Mas é claro, ele tentou encontrar um jeito para tirar a atenção de si, e ela era, um pato esperando.

“Certo,” Eve disse. “Acho que você esqueceu o número para ligar e nos dizer que você não estava morta e numa vala.”

“Estou bem,” Claire disse.

“Amy não estava. Ela foi assassinada e jogada numa lata de lixo, me desculpe se eu fiquei um pouco preocupada por você poder estar morta.” Eve cruzou os braços, o olhar escuro dela ficando ainda mais furioso. “Eu já ia checar se você estava lá, antes de Shane decidir começar com essa merda.”

Oh, cara. De alguma forma, com todo o estresse da tarde com Myrnnin, Claire esqueceu da morte de Amy. É claro que Eve estava com raiva; não tanto com raiva, na verdade, ela estava aterrorizada.

Claire não ousou olhar para Shane. Ela olhou para Michael, indefesa. “Desculpe,” ela disse. “Eu fiquei – eu estava no laboratório, e – eu deveria ter ligado, eu acho.”

“E você andou para casa? No escuro?” Outra pergunta que ela queria evitar. Ela só deu nos ombros. “Você sabe como pedestres são chamados em Morganville? Banco de sangue moveis.” Michael soava frio também. Frio e com raiva. “Você nós assustou para caramba. Isso não é típico de você, Claire. O que aconteceu?”

Shane se moveu até ela, e ela sentiu um alívio momentâneo que pelo menos ele não estava com raiva dela. Mas então ele abaixou a camisa dela pelo pescoço na esquerda, e na direita, uma eficiente busca que surpreendeu ela demais para lutar contra ele. Ele ergueu a manga direita dela até o cotovelo e virou o braço dela para inspecionar.

Quando ele pegou a direita, ela sentiu um choque de alarme. O bracelete. Oh Deus.

Ela se soltou e empurrou ele. “Hey!” ela disse. “Estou bem, ok? Estou bem! Sem presas!”

“Então me mostre,” Shane disse. Os olhos dele eram firmes e assustadores, e isso quebrou o coração dela. “Anda, Claire. Prova.”

“Porque eu tenho que provar qualquer coisa para você?” Ela sabia que era errado, e isso fez isso idiotamente ela ficar com mais raiva do que ela deveria. “Você não é meu dono, como algum vampiro! Eu acabei de dizer que estou bem! Porque você não pode confiar em mim?”

Ela deveria ter feito qualquer coisa pra retirar o que disse, mas era tarde demais, e o atingiu como um soco no rosto. Ele tinha sido tão magoado. Porque eu fiz isso? Porque...

Michael estava ali, e de repente ele se meteu entre eles. Ele olhou por cima do ombro para Shane. “Eu faço.” Ele estava bloqueando a vista de Shane e Eve. Antes de Claire poder fazer qualquer coisa para parar ele – como se ela pudesse fazer algo – ele pegou a mão esquerda dela e puxou a manga até o cotovelo.

Ele encarou o bracelete dourado por um segundo paralisado antes de virar o braço dela, e então pegar o outro. Então puxando a manga dela de volta para baixo escondeu a evidencia.

“Ela está bem,” ele disse, e encontrou os olhos dela. “Ela está dizendo a verdade. Eu saberia se um vampiro tivesse mordido ela. Eu iria sentir.”

A boca de Shane abriu, e se fechou. Ele deu outro passo para trás, olhou para ela por um segundo, e então se afastou. Eve chamou, “Hey, que tal levar algumas das tuas porcarias de volta para cima, se você vai ficar?”

“Mais tarde,” Shane surtou, e então subiu sem olhar para trás.

“É melhor eu ir falar com ele,” Claire disse. Michael continuou segurando o braço dela.

“Não,” ele disse. “Primeiro, é melhor falar comigo.”

Ele a arrastou até a cozinha. Atrás dele, Eve disse, “Só outro incrível jantar de família. Tanto faz! Eu fico com o último cachorro quente!”

Mesmo com a porta da cozinha fechada, Michael não iria se arriscar. Ele puxou Claire para ir com ele até a dispensa, abriu a porta, e acendeu a luz. “Pra dentro,” ele mandou. Ela entrou, e ele fechou a porta atrás dela. Ficou lotado com duas pessoas, e tinha um cheiro de tempero velho e vinagre, onde Shane tinha derrubado uma garrafa algumas semanas atrás. A voz de Michael caiu poderosamente em um assovio. “O que diabos você acha que está fazendo?”

“O que eu precisei,” ela disse. Ela estava tremendo, mas ela não podia deixar Michael intimidar ela. Ela estava cansada, e além do mais, todo mundo parecia estar tentando intimidar ela esses dias. Ela era pequena, ela não era fraca. “Foi o único jeito. Amelie –”

“Você deveria ter falado comigo. Falado com a gente.”

“Como você falou com a gente, quando era um fantasma? E você teve uma reunião antes de decidir virar um vampiro?” Claire respondeu. “Certo. Bem, você não é o único que pode fazer escolhas, Michael. Essa foi minha, eu a fiz, eu vou viver com ela. E eu vou manter todos vocês a salvo.”

“Quem disse?” Michael perguntou asperamente. “Amelie? Você confia em vampiros agora?”

Ela não desviou os olhos dos olhos azuis dele. “Eu confio em você.”

Ele suprimiu um sorriso. “Boba.”

“Nerd.” Ela empurrou ele, só um pouco, e ele deixou ela fazer. Ele até fingiu tropeçar, embora ela não imaginasse vampiros perdendo o equilíbrio muito frequentemente, a não ser se fossem empurrados por outro vampiro. “Michael, ela não me deu escolha. O pai de Shane – embora ele tenha ido embora, ele fez certos danos. Shane não iria ser confiável aqui, e você sabe o que acontecesse se –”

“Se eles não confiam nele,” Michael disse tristemente. “Yeah. Eu sei. Olha, não se preocupe com Shane. Eu vou proteger ele. Eu te disse –”

“Você pode não ser capaz. Olha, sem ofensa, mas você é um vampiro a apenas algumas semanas. Eu tenho livros da biblioteca que tem mais tempo. Você não pode prometer –”

Michael pôs um dedo frio nos lábios dela, a silenciando instantaneamente. Os olhos azuis dele estavam intensos agora, estreitos, e ele estava muito focado.

“Shhhhh,” ele sussurrou, e desligou a luz.

Claire ouviu a porta da cozinha abrir, e ouviu o barulho dos sapatos de Eve cruzarem o chão de madeira. “Olá? Oláááááááá? Que ótimo. Porque todos os meus colegas estão mal humorados como garotinhas ou somem quando a louça está suja? Se você pode me ouvir, Michael Glass, estou falando com você!”

Claire bufou, quase riu. A mão de Michael se fechou por cima da boca dela, asfixiando ela. Ele segurou o braço dela, e ela o seguiu, se movendo cuidadosamente para não derrubar nada da prateleira. Ela ouviu a porta da dispensa abrindo, o pequeno buraco aberto, e se abaixou para passar por ele. O outro lado estava escuro, nem um pouco de luz que a havia na dispensa, e Claire entrou em pânico. A mão de Michael a puxou, e ela entrou hesitantemente, na escuridão. Atrás dela, ela ouviu ele fechar a porta com um suave click, e a luz elétrica desapareceu.

“Aqui,” Michael disse, e entregou a ela uma lanterna. “Ela pode vir nos procurar aqui, mas não por um tempo.”

Era um buraco secreto, um que Claire foi empurrada na primeira manhã na Glass House; sem saída, só uma entrada. Ela pensou no início que parecia um lugar onde um vampiro podia esconder um caixão, mas estava vazio. Até onde ela sabia, Michael dormia na cama.

“Eu queria te perguntar. O que é isso?”

“Lugar para guardar comida refrigerada,” ele disse. “Essa casa foi construída antes de existirem geladeiras, e as entregas com gelo eram mais ou menos. Era aqui que se mantinham os vegetais.”

“Então... não é um esconderijo para vampiros?”

Michael esticou as longas pernas com suspiro e se inclinou contra a parede. Deus, ele era bonito. Não era de se admirar que Eve estivesse tão disposta a dispensar a falta de pulso. “Não até onde

eu sei, mas os vampiros em Morganville nunca tiveram que se esconder. Só humanos tiveram.”

O que não era sobre isso que eles estavam ali para falar, ela supôs. Ela cruzou os braços e sentiu o bracelete morder pela pele no pulso debaixo da camiseta. “Seja qual for o sermão que você vai me dar, é tarde demais. Eu assinei, está feito, eu até tenho o bracelete.” O que fez ela de repente, estranhamente querer chorar. “Michael –“

“O que ela pediu para você fazer?” O que era tão direto que ela sentiu a pressão das lágrimas nos olhos dela e nariz ficar ainda mais forte.

“Um...” Ela não podia contar a ele, Amelie e Sam deixaram claro. “Só trabalho extra da escola. Ela quer que eu estude algumas coisas.”

“Que coisas?” A voz de Michael ficou afiada e preocupada. “Claire –“

“Não é nada. Coisas de ciência. Eu provavelmente as faria de qualquer forma, mas é só – é muito mais para estudar, e eu não sei como vou –“ Esconder de Shane. Porque ela precisava, certo? Já era ruim o bastante Michael ser um vampiro, o que ele ia pensar sobre ela, se vendendo a Amelie? “Eu só não sei como vou fazer tudo isso.”

E de repente, ela estava chorando. Ela não queria, mas ali estava, saindo dela. Ela esperava que Michael fizesse o que Shane fazia, viesse a confortar, mas ele não fez. Ele ficou onde estava e a observou. Quando ela parou, e ela passou a mão pela bochecha, ele disse, “terminou?”

Ela engoliu e acenou.

“Você fez a escolha, agora vai ter que lidar com os dois – os benefícios, mas não as consequências. Você não pode, Claire. Está vindo para casa para assar, e é melhor lidar agora do que mais tarde.” Michael suavizou seu tom, só um pouco. “Olha, eu não sou um idiota, eu sei o quão assustada você está. Mas você é uma jogadora nessa cidade agora. Você não é a coisinha frágil que achávamos que precisava de proteção. Você está tentando nos proteger. Isso significa que você pode não ser mais tão gostada, e você vai ter que agüentar isso.”

“O que?” Ela se sentiu confusa. De alguma forma, isso não estava indo como ela esperava. Especialmente o olhar frio e desafiador de Michael, e a falta de um abraço.

“Assinar o contrato não é a última escolha que você vai ter que fazer,” ele disse. “Se as escolhas que você faz de agora em diante irão mostrar se você fez a coisa certa ou não.” Ele levantou, pálido e forte e lindo como um anjo brilhando devido a lanterna de Claire. “E pare de mentir para mim. É deve ter um começo melhor que isso.”

“Eu – o que?”

“Você disse que o que Amelie está mandando você fazer é um pouco mais de estudo,” ele disse com uma careta. “E eu sei que você está mentindo. Não, eu não vou perguntar, porque eu sei que assusta você, mas só lembre-se, vampiros sabem essas coisas, está certo?”

Ele abriu a porta e saiu. Claire saiu atrás dele, a boca aberta, mas quando ela passou e desligou a lanterna, Michael já tinha sumido, fora da dispensa. Droga. Vai parecer que estávamos...

O que? Quem iria acreditar que Michael estaria lanchando uma menor de idade escondido?

Ainda sim, Claire abriu a porta da dispensa e checkou para se certificar que tudo estava limpo antes de sair da cozinha e subir. Michael estava sentado no sofá, Eve estava perto dele com a cabeça no peito dele. Eles estavam vendo algo na TV, e o olhar de Eve seguiu Claire enquanto ela passava rapidamente por eles, murmurando uma desculpa.

Ela parou na escada e olhou para eles. Duas pessoas que ela gostava, num momento de calor e felicidade.

Michael era um vampiro, e isso significa que Michael estava morrendo. Como Myrnnin. Ele ia sofrer e perder a cabeça e machucar as pessoas.

Ele podia até machucar Eve.

Lágrimas se juntaram nos olhos dela, e repentinamente ela se sentiu sem ar. Quando era apenas um problema abstrato, só Morganville menos os vampiros igual a segurança, era uma coisa, mas não era mais abstrato. Eram pessoas que ela conhecia, gostava, e até amava. Ela não derramaria lágrimas por Oliver, mas como ela não se importaria com Michael? Ou Sam? Ou até Amelie?

Claire pegou a mochila e subiu.

A porta de Shane estava fechada. Ela bateu. Ele não respondeu por um longo momento, e então disse, "se eu te ignorar, você vai embora?"

"Não," ela disse.

"Então é melhor entrar."

Ele estava na cama, olhando o teto, as mãos na cabeça, e ele não olhou para ela quando ela entrou e fechou a porta.

"Então é assim que vai ser?" ela perguntou. "Eu faço algo idiota como ficar fora até tarde, você fica bravo e foge, eu venho e me desculpo e tudo fica melhor"?

Shane, surpreendentemente, olhou para ela, então disse, "Bem, isso funciona para mim, yeah."

Claire pensou em Michael, sobre a ameaça dele. Ela sentou na cama perto de Shane, olhando o chão por alguns segundos para juntar coragem, e então puxou a manga para expor o bracelete.

Shane não fez som nenhum. Ele sentou devagar, encarando o brilhante bracelete com o símbolo da Fundadora.

"Precisamos conversar," ela disse. Ela se sentia enjoada e assustada, mas ela sabia que era a escolha certa. A única outra opção era mentir, e ela não podia continuar a fazer isso. Michael estava certo sobre isso.

Shane podia ter feito qualquer coisa – ele podia ter saído, ele podia ter expulsado ela do quarto. Ele poderia ter batido nela.

Ao invés disso, ele pegou a mão dela, curvou a cabeça, e disse, "Me conte."

Eve não foi tão compreensiva. “Você perdeu a cabeça?” Ela pegou a coisa mais pesada para jogar – que acabou sendo o controle do Playstation – e Shane rapidamente, cuidadosamente desarmou ela. Claire achou que ele provavelmente não seria tão rápido se Eve tivesse pego um, oh, vamos dizer, um livro.

“Vamos ser adultos sobre isso,” Michael disse. Eles estavam lá embaixo de novo, juntos, embora Shane e Michael estivessem claramente de pé em lados opostos. “Você é uma garota, Claire. Como em inexperiente-imatura idiota que só está na cidade há alguns meses. Você não faz idéia do que está fazendo!”

“Talvez eu não tenha,” Claire concordou. A voz dela era quase firme, o que a agradou e surpreendeu. Ela não gostava de ver Eve com raiva dela. Ela não gostava que ninguém ficasse com raiva dela. “O negócio é, está feito. Eu fiz a escolha, a discussão acabou antes de começar. Eu só queria que você soubesse. Eu não queria –” Os olhos dela encontraram os de Michael brevemente. “– mentir para você.”

“Porque não? Todo mundo aqui mente. Michael mentiu sobre ser um fantasma. Shane mente sobre as coisas todo tempo. Porque não você?”

Shane rugiu. “Yo, Princesa do Drama, quer diminuir o tom um pouco? Em algum lugar, Sandra Bernhardt quer a explosão de raiva de volta.”

“Oh, como se você não explodisse toda a vez que alguém liga o seu botão de raiva!”

Claire olhou para Michael, que estava tendo dificuldade em não parar de sorrir. Ele deu de ombros e deu um passo a frente. Isso significa, é claro, que Shane se afastou. “Eve,” Michael disse, ignorando Shane pelo momento. “Dê a garota algum credito. Pelo menos ela te contou, ao invés de te deixar descobrir sozinha.”

“Yeah, ela me contou por ultimo!” Eve olhou para os dois garotos, as mãos no quadril.

“Namorado,” Shane disse, erguendo a mão.

“Dono da casa,” Michael disse.

“Droga,” Eve suspirou. “Eu acho que isso me deixa em último lugar. Certo, da próxima vez que você vender sua alma para o mal, eu sou a primeira ser informada! Solidariedade Feminina, certo?”

“Um – ok?”

“Boba,” Eve suspirou, derrotada. “Eu não acredito que você fez isso. Eu trabalhei tanto para me afastar dessa droga de Proteção, e aí está você, toda ... Protegida. Eu só queria que você ficasse – segura. E não tenho certeza que esteja.”

“Yeah,” Claire disse. “Eu também não. Mas eu juro, foi a melhor coisa que pude pensar. E pelo menos é Amelie. Ela é legal, certo?”

Todos se olharam. Shane disse, “Mas você não vai nos dizer o que ela mandou você fazer que te fez chegar tarde.”

“Não. Eu – eu não posso fazer isso.”

“Então ela não é legal,” Shane disse. “E você não está bem.”

Mas nenhum deles tinha nenhuma sugestão para consertar isso, e Claire adormeceu no sofá com a cabeça no colo de Shane enquanto ele e Michael e Eve continuavam conversando, e conversando, e conversando. Eram três da manhã quando ela acordou; Shane não tinha se mexido, mas ela estava coberta, e ele parecia estar dormindo, sentado.

Claire bocejou, gemeu devido aos músculos doloridos, e levantou. “Shane. Levanta. Você precisa ir para cama.”

Ele acordou fofo e suave decido ao sono. “Vem comigo?” Ele só estava meio que brincando. Ela lembrou de ficar com ele na cama, na noite que ela estava assustada; ele foi cuidadoso, mas ela não tinha certeza se ela podia contar com aquele tipo de restrição às 3 da manhã, quando ele estava meio adormecido.

“Não posso,” ela disse relutante. “Não que eu não queira...”

Ele sorriu, se esticou no sofá, deixando um pequeno espaço entre o quente e sólido corpo dele e as almofadas. “Fique,” ele disse. “Eu prometo, nenhuma roupa vai sair. Bem, talvez os sapatos. Sapatos contam como roupa?”

Ela tirou os dela e subiu por cima dele para passar para o pequeno espaço, e suspirou de alívio quando o corpo dele se pressionou contra o dela. Ela nem precisava de cobertor, mas ele o colocou por cima dos dois mesmo assim, e então tirou o cabelo do pescoço dela e a beijou a suave e vulnerável pele.

“Você estava indo embora,” ela sussurrou. Ele parou de se mexer. Até onde ela podia dizer, ele parou de respirar. “Você estava indo embora, e você nem sabia se eu estava bem.”

“Não. Eu ia procurar você.”

“Depois que você fez as malas.”

“Claire, eu nem sabia que você não tinha vindo para casa até Eve subir procurando. Eu ia procurar você.”

Ela olhou para ele, por cima do ombro, e viu o desespero escondido nos olhos dele.

“Por favor,” ele disse. “Por favor acredite em mim.”

Contra a vontade dela, mesmo contra o julgamento dela, ela acreditou nele. Ela se sentia segura, ancorada contra os problemas do mundo pelo calor do corpo dele contra o dela.

Os braços dele passaram pela cintura dela, e ela se sentiu absolutamente protegida.

“Eu não vou deixar nada acontecer com você,” ele disse. Era uma promessa que ele

provavelmente não podia manter, mas na noite, no escuro, significou tudo para ela. “Hey.”

“O que?”

“Quer ficar?”

Ela ficou.

Ela deve ter sido tirada do sono, porque ela acordou com o coração batendo forte, sentindo que havia algo realmente, realmente errado. Por um segundo, enquanto ela acordava, ela achou ter sentido o cheiro de fumaça, e isso fez ela sentir uma onda de pânico. A casa já tinha quase sido queimada uma vez ...

... não, não era um incêndio, mas algo estava definitivamente errado. Havia algo em toda a atmosfera da casa. A fumaça era algum tipo de sinal, para ela ouvir. Um sinal de saia daí.

Shane ainda estava dormindo com ela no sofá, mas ele já tinha acordado também, levantando enquanto ele também sentia.

“O que está acontecendo?” Claire sentiu um golpe passar por ela como eletricidade. “Shane?”

“Algo está errado.”

Os dois congelaram quando ouviram uma sirene. Soava como se estivesse na frente da casa.

Claire ouviu pés na escada e viu Eve descer correndo em uma camisola preta e um robe preto. O rosto de Eve não tinha nenhuma maquiagem gótica, e ela parecia corada e ansiosa e assustada.

“O que foi?” Eve chamou. “O que está acontecendo?”

“Eu não sei,” Shane disse. “Algo ruim. Você consegue sentir?”

Isso era um evento, eles estavam todo de pé e mal eram 6 horas da manhã—

Eve desceu e puxou a corda para subir a persiana na janela que ficava de frente ao jardim. Todos eles olharam. Um carro de polícia estava no meio da rua, sirene ainda ligada, e os faróis lançavam um círculo de luz em um sedan abandonado que estava no meio da rua, a porta do motorista aberta. As luzes ainda estavam ligadas, e havia um corpo perto dele.

As janelas eram escuras.

Era o carro de um vampiro.

Eve gritou, virou, e olhou para eles com bem abertos e aterrorizados olhos. “Onde está o Michael?” ela perguntou, e Claire estupidamente olhou atrás dela, como se fosse encontrar ele parado ali.

Todos eles olharam para a rua, o carro, o corpo.

“Mas ele não tem um carro,” Claire sussurrou. Shane já estava indo para a porta, mas Eve só ficou parada ali encarando, congelada. Claire por um braço ao redor dela e a sentiu tremer.

Ela viu Shane passar pelo portão e correr até o corpo; o policial que emergiu do carro patrulha agarrou ele, virou ele e esmagou o rosto dele contra o capo. Shane estava gritando algo.

“Eu preciso ir até lá,” Claire disse. “Fique aqui.”

Eve acenou atordoada. Claire odiava deixar ela ali, mas Shane ia acabar sendo preso se continuasse, e quem sabia o que podia acontecer com ele na cadeia?

Ela estava só na varanda quando outro carro policial apareceu, as luzes ligadas, a sirene adicionando barulho ao caos. Ele parou do lado do primeiro, e então outro policial saiu e se moveu para onde Shane estava sendo contido.

Claire não reconheceu o policial que segurava Shane com o rosto no capo, mas ela conhecia o que tinha chego. Era Richard Morrell, o irmão de Monica. Ele não era uma cara ruim, embora ele tivesse alguns genes horríveis. Ele assumiu pelo outro policial, que se afastou.

‘Shane! Droga, Shane, se acalme. Isso é uma cena de crime, eu não posso deixar você correr até lá, você entendeu? Acalme-se!’

Richard estava ocupado mantendo Shane sob controle, então o outro policial estava acocado perto do corpo na rua. O corpo. Claire olhou mais de perto, e o policial ligou a lanterna e a focou no rosto do homem deitado na rua.

Não era Michael.

Sam.

A estaca ainda estava no peito dele, e ele estava duro e branco e não se mexia.

“Richard!” o policial gritou. “É Sam Glass! Parece morto para mim!”

“Sam,” Claire sussurrou. “Não.”

Sam tinha sido gentil com ela, e alguém o tinha arrastado para fora do carro e colocado uma estaca no coração dele.

“Merda!” Richard gritou. “Shane, sente no chão. No chão, agora. Não me faça te algemar.” Ele empurrou Shane pelo colarinho da camiseta e o sentou na calçada, olhou para ele por um segundo, e então foi olho o corpo. “Putaquepa – pegue os pés dele.”

“O que?” O outro policial – o nome da etiqueta dizia FENTON – olhou para ele com uma franzido. “É uma cena de crime, não podemos –”

“Ele ainda está vivo, seu idiota. Pegue eles pelos pés, Fenton! Se ele queimar, ele morre.”

O primeiro raio de sol passou pelo horizonte e caiu na forma dura de Sam.

E Claire viu ele começar a esfumaçar.

“O que você está esperando?” Richard gritou. “Pegue ele!” O outro policial, depois de uma breve hesitação, agarrou Sam pelos pés. Richard pegou pelos braços, e juntos eles o jogaram no sedan abandonado, o que tinha janelas escuras, e fecharam a porta. Fenton começou a ir para o banco do motorista, mas Richard chegou lá antes. “Eu dirijo,” Richard disse. “A ferida ainda está fresca. Ele tem chance se for levado para Amelie.”

Fenton se afastou e acenou. Richard ligou o motor, e fechou a porta enquanto dirigia até o final da rua.

O oficial Fenton olhou pra Shane. “Você vai me dar problemas, garoto?” ele exigiu. Claire esperava que não. Esse homem era duas vezes do tamanho de Richard Morrell, duas vezes mais velho, e ele parecia um pit Bull humano.

Shane ergueu as mãos. “Nenhum problema vindo de mim, oficial. Senhor.”

“Vocês dois viram o que aconteceu aqui?”

“Não,” Claire disse. “Eu estava dormindo. Todos estávamos.”

“No mesmo quarto?” O policial rosnou, e olhou para ela, para a cara amassada e as roupas amassadas. “Não achei que você fosse o tipo.”

Ela não entendeu o que ele quis dizer por alguns segundos, e então sentiu uma onda de embaraço passar por ela. “Não, eu quis dizer – Eve estava no quarto dela. Nós estávamos dormindo no sofá.”

Shane disse, “Yeah, estávamos todos dormindo. Acordamos quando ouvimos a sirene.” O que não era bem verdade, era? Eles acordaram, e então ouviram a sirene. Mas Claire não tinha muita certeza do porque isso pudesse ser importante.

O policial pegou o radio, ainda franzindo. “Deveriam ser quatro na casa. Onde estão os outros dois?”

“Eve está lá dentro. E Michael –” Onde diabos estava Michael? “Eu não sei onde ele está.”

“Eu vou ver se ele está no quarto,” Shane se voluntariou, mas o policial o congelou no lugar com outra carranca.

“Você vai ficar sentado aí na calçada e ficar quieto. Você, qual seu nome?”

“Claire Danvers.”

“Claire, entre lá, e encontre Michael Glass. Se ele não estiver, veja se o carro dele está.”

Claire olhou para ele, os olhos bem abertos. “Você não acha...?”

“Eu não acho nada até ter os fatos. Eu preciso saber quem está aqui, quem não está, e trabalhar a partir disso.” O policial transferiu o olhar para Shane, que estava levantando. “Eu já te disse, sente-se, Collins.”

“Eu não tive nada a ver com isso!”

“Se eu tivesse que fazer uma lista de principais suspeitos para empalar algum vampiro, você estaria no topo, então yeah, você tem. Sente-se.”

Shane sentou, parecendo furioso. Claire silenciosamente implorou para ele não fazer nada idiota, e correu para a casa. Eve estava lá em cima de vestindo – baby-doll preta com um desenho do Hortelino na frente, e jeans preta com uma bota.

“Não era –”

“Eu sei, eu vi,” Eve disse. A voz dela suave dura, como se ela estivesse chorando. “Era Sam, certo? Ele está vivo? Ou – tanto faz?”

“Eu não sei. Richard disse algo sobre ele poder ficar bem.” Claire apertou a maçaneta, e olhou para o corredor. A porta de Michael estava fechada. Estava sempre fechada. “Você olhou - ?”

“Não.” Eve respirou fundo e levantou. “Eu vou com você.”

A porta de Michael não estava trancada, e estava muito escuro lá dentro. Claire ligou a luz. A cama de Michael estava vazia, quase feita, e o quarto parecia absolutamente normal. Eve olhou o armário, e debaixo da cama, até o banheiro.

“Sem sinal dele,” ela disse sem ar. “Vamos checar a garagem.”

A garagem ficava atrás, não era ligada a casa; as duas passaram pela porta da cozinha e foram até a entrada. A porta estava fechada.

Eve abriu de um lado, Claire do outro.

O carro de Michael tinha sumido.

“E quanto ao trabalho? Ele poderia estar no trabalho?”

“TJ não abre até as 10,” Eve disse. “Porque ele estaria lá as 6?”

“Inventário?”

“Você acha que eles vão ligar para um vampiro as 6 da manhã para fazer inventário?” Eve fechou a porta e a chutou. “Onde diabos ele está? E porque diabos eu não tenho um celular? Porque você não tem?”

O dela foi perdido, o de Eve foi esmagado, e as duas se olharam miseravelmente por alguns segundos, e então sem outra palavra, foram até o quintal da frente onde Shane estava sentado na calçada. Se alguém podia ficar sentado rebelmente, ele estava fazendo isso.

“Me dá o seu celular,” Eve exigiu e ergueu a mão. Shane olhou para ela com um franzido. “Agora, idiota. Michael não está lá dentro, e o carro dele sumiu.”

“Michael tem um carro? Desde quando?”

“Desde que os vampiros deram um pra ele. Ele não te contou?”

Shane balançou a cabeça. Um músculo pulou na mandíbula dele. “Ele não me conta merda nenhuma, Eve. Não desde –“

“Não desde que você começou a tratar ele como o Morto do Mal? Yeah. Imaginei isso.”

Ele silenciosamente entregou o celular e desviou o olhar, olhando para a rua onde o corpo de Sam tinha sido jogado. Claire se perguntou se ele estava pensando sobre a cruzada do pai dele, sobre o único bom vampiro ser o vampiro morto.

Claire se perguntou se ele realmente, no fundo, ainda concordava.

Eve discou e pos o telefone no ouvido. Por um tenso segundo nada aconteceu, e então Claire viu aliviar derreter a tensão do rosto e corpo de Eve. “Michael! Onde diabos você está?” Pausa. “Onde?” Pausa. “Oh. Ok. Eu preciso te contar –“ Pausa. “Você sabe.” Pausa. “Yeah, bem – conversamos mais tarde.”

Eve desligou o celular e o devolveu. Shane o colocou no bolso de novo, sobrancelhas levantadas em questionamento.

“Ele está bem,” ela disse. Os olhos dela tinham ficado pretos e estreitos.

“E?”

“E nada. Ele está bem. Fim de papo.”

“Mentira,” Shane disse, e a fez sentar perto dele na calçada. “Desembucha, Eve. Agora.”

Claire também sentou, do outro lado de Eve. A calçada era fria e dura, mas a boca coisa era que o carro de patrulha bloqueou a vista de Fenton deles. Ele estava falando com os ocupantes de outro carro, com janelas escuras para vampiros, que tinha parado atrás do carro policial.

“Ele está na cidade,” ela disse. “No Conselho dos Anciões. Eles o chamaram de manhã cedo.”

“Quem?”

“O Grande Três.” Oliver, Amelie e o prefeito, pai de Richard e Monica. “Amelie soube sobre Sam. Mas Michael não está ferido nem nada.” E o não mencionado agora era o fim disso. Eve estava preocupada. Ela inclinou a cabeça mais para perto de Shane, baixando a voz e disse, “Você não teve nada a ver com o que aconteceu com Sam, certo?”

“Jesus, Eve!”

“Só estou perguntando porque –“

“Eu sei porque você está perguntando,” ele sussurrou ferozmente. “Diabos não. Se eu fosse atrás de algum vampiro, não seria Sam. Eu estaria empalando alguém como Oliver, fazer valer o meu tempo. Falando em Oliver, ele é meu suspeito numero um.”

“Vampiros não se matam entre si.”

“Ele arranhou para que Brandon morresse,” Claire ofereceu. “Eu acho que Oliver é capaz de qualquer coisa. E ele adora ver Amelie ainda mais isolada.” Ela engoliu com força. “Ela me disse uma vez que Sam estava mais seguro se ele não ficasse perto dela. Eu acho que ela tem razão.”

“Não importa. Oliver manteve as mãos limpas, não importa o que. Algum humano vai queimar por isso, e você sabe,” Shane disse. “E aconteceu na frente da nossa casa, e ninguém esqueceu o que aconteceu com meu pai. Você acha que foi algo armado?”

Droga. Shane tinha razão. O fato de que Michael estava seguro era bom, mas era uma faca com dois gumes; significa que Michael não estava quando Sam foi atacado.

E Michael era o único que pode valer nada para os vampiros.

Certa o bastante, Fanton voltou e encarou os três por alguns segundos, e disse, “Vocês estão sendo levados para interrogatório. Os três. Entrem no banco de trás.”

Shane não se moveu. “Eu não vou em lugar nenhum.”

O policial suspirou e se inclinou contra o painel do carro. “Filho, você tem muita atitude, e eu respeito isso. Mas é melhor você entender isso agora, porque ou você entra no meu carro, ou eu faço você entrar no carro deles.” Ele apontou para o escuro sedan, com vampiros dentro. “E eu te prometo, isso não vai terminar tão bem. Me entendeu?”

Shane acenou, levantou, e ajudou Eve a levantar.

Claire ficou sentada. Ela ergueu a manga do braço esquerdo. O bracelete brilhou com a luz da manhã, e ela o ergueu para Fanton ver.

Os olhos dele se alargaram. “Isso é ... ?”

“Eu quero ver minha Patrona,” Claire disse. “Por favor.”

Ele foi falar no rádio, e voltou e apontou a cabeça para Shane e Eve. “No banco de trás,” ele disse. “Vocês vão para a estação. Você, garota...” ele acenou em direção ao sedan. “Eles vão te levar até Amelie.”

Claire engoliu com força, e olhou para Shane, e então Eve. Esse não era o plano dela. Ela queria que os três ficassem juntos. Como ela podia manter eles seguros se estivessem separados?

“Não,” Shane disse. “Venha com a gente.”

Na verdade, essa estava começando a parecer uma idéia melhor. Os vampiros não iam ficar felizes, e o bracelete brilhante dela não a eximia de suspeitas. Amelie ainda podia ordenar que ela fosse machucada, ou morta.

“Ok,” Claire disse. Shane parecia massivamente aliviado quando abaixou a cabeça e entrou no banco de trás do carro. Eve seguiu ele.

O policial fechou a porta atrás de Eve, antes de Claire poder entrar no carro de patrulha.

“Hey!” Shane gritou, e a bateu na janela do carro. Ele e Eve ambos tentavam sair, mas as portas não abriam.

Fenton agarrou ela pelo braço e a levou até o sedan, abriu a porta, e a colocou no banco de trás antes que ela pudesse protestar. Claire ouviu o barulho das travas, e sentou bem parada, tentando ver através da escuridão.

Um dos vampiros ligou uma luz. Oh droga. Eram dois das pessoas não favoritas dela. A mulher pálida como neve, com cabelo branco-loiro e olhos prateados. Gretchen. O parceiro dela, Hans, era um homem duro feito de ângulos, com cabelo curto, e uma expressão de pedra.

“Eu queria ter ficado com o garoto ao invés dela,” Gretchen disse, claramente desapontada. A voz dela era baixa, com um pesado sotaque. Não era bem alemão, mas também não era outra coisa. Um antigo sotaque, Claire pensou. “Ele foi tão rude conosco quando nos falamos pela ultima vez. E certamente o pai dele merece uma lição, mesmo que o garoto não mereça.”

“Amelie disse pra trazer essa,” Hans disse, e ligou o carro. Ele olhou para Claire pelo espelho retrovisor. “Cinto, por favor.”

Ela teve problemas para entender – porque ele se importava? – mas ela pos o cinto e sentou para trás. Como na volta com o carro de Sam antes, ela não podia ver nada do lado de fora pela janela a não ser um ponto cinza onde o sol estava nascendo.

“Onde você está me levando?” ela perguntou. Gretchen riu. Claire viu as presas, mas Gretchen não precisava delas para ser assustadora. De forma alguma.

“Ao Conselho dos Anciões,” ela disse. “Você lembra, Claire. Você se divertiu tanto quando esteve lá da ultima vez.”

SETE

Havia Morganville – a seca, empoeirada, e inferior cidade que era a maior parte do que as pessoas viam – e havia a Praça do Fundador, um pedacinho da Europa onde as pessoas com pulso não eram bem vindas. Claire esteve desse lado uma vez, e não era uma boa memória; não importa o quão fofo os pequenos cafés eram, ou o quão bom era o shopping, ela só podia ver o centro da praça, e nele a jaula onde Shane ficou preso.

Onde eles queriam queimar ele vivo como punimento por algo que ele não tinha feito.

De alguma forma, Claire esperava parar no mesmo lugar que da última vez – fora da praça, no ponto de checagem da policia – mas é claro isso não era possível, era? Alguns vampiros mais velhos podem ser capazes de ficar no sol, mas eles não iriam estariam dispostos a dar um passeio por ele. Morganville foi construída para a conveniência dos vampiros, não humanos, e quando a porta de Claire abriu, e Gretchen impacientemente gesticulou para ela sair, eles estavam numa garagem subterrânea. Estava cheia de carros, todos bons, com janelas escuras. Como um shopping de Beverly Hills ou algo assim.

Havia guardas armados. Um deles começou a andar em direção deles quando Gretchen tirou

Claire do carro, mas Hans mostrou o distintivo, e o outro cara – um vampiro, presumidamente – se afastou.

“Vamos,” Hans disse. “Sua Patrona está esperando.”

Gretchen riu. Não era um som feliz. Claire tropeçou nos próprios pés tentando acompanhar os dois vampiros na rápida caminhada, o aperto de ferro de Gretchen no braço dela estava machucando. Ela estava sem ar quando eles chegaram num lance de escadas, que os vampiros correram para passar. No topo das escadas havia algum tipo de porta de incêndio, com um painel com códigos. Claire não se atreveu a tentar olhar o que Hans digitou; saber da paranóia dos vampiros, não faria bem nenhum a ela. A máquina provavelmente estava calibrada para excluir qualquer um com batimento cardíaco.

O que a fez se perguntar; Myrnin estava por trás da segurança da cidade também? Tinha algo mais que ela supostamente deveria aprender? Poderia ser muito útil se ela pudesse persuadir ele a mostrar a ela...

Ela estava obsecada com técnicas para evitar se sentir apavorada, mas assim que a porta abriu ela não tinha nada para se focar a não ser no medo, e ele a lavou numa fria e travessa onda. Gretchen pareceu sentir. Ela olhou para Claire com aqueles frios e espalhados olhos cinzas, e sorriu. “Preocupada, pequenina?” ela perguntou docemente. “Preocupada consigo mesma, ou com os amigos?”

“Preocupada com Sam,” Claire disse. Gretchen perdeu o sorriso, e só por um instante, ela parecia honestamente desconcertada e surpresa. “Ele está vivo?”

“Vivo?” A armadura de Gretchen voltou para o lugar, e ela arqueou a sobrancelhas. “Ele pode ainda ser salvo, se é isso que você quis dizer. Eu suponho que seu amigo Shane vá ter que tentar de novo.”

“Shane não fez nada!”

Dessa vez, o sorriso de Gretchen foi positivamente cruel. “Talvez não,” ela disse. “Talvez ainda não. Mas seja paciente. Ele irá. É da natureza dele, tanto quanto matar é da nossa.”

Claire teve que poupar fôlego, porque eles estavam andando de novo, passos largos pelo carpete marrom. A primeira impressão de Claire sobre o prédio do Conselho dos Anciões era de uma funerária; ainda parecia isso para ela, toda calma e quieta e elegante. Havia rosas na última vez, quando os vampiros acharam que Shane estava mentindo sobre a matança. Ela não viu nenhuma flor dessa vez.

Gretchen a levou por um corredor e através de uma porta dupla, até um hall de entrada. Havia quatro vampiros armados ali, e Gretchen e Hans pararam para mostrar identidade, e entregar as armas. Claire foi revistada – rápida, e compete mãos frias que a fizeram tremer.

E então as portas foram abertas, e ela foi puxada para uma grande sala redonda com um teto alto, candelabros como gelo caindo, e turvas, caras pinturas nas paredes. Ela não tinha imaginado o cheiro de rosas. No centro da sala estava uma enorme mesa de conferencia, cercada por cadeiras, e no centro havia um vaso cheio de florescências vermelhas.

Não havia ninguém na mesa. Ao invés disso, um grupo de pelo menos 10 pessoas estava parado

do outro lado, olhando para baixo.

Alguns deles viraram para olhar, e olhar de Claire ficou fixado irresistivelmente em Oliver. Ela não o tinha visto desde que ele havia ameaçado a vida dela, tentando tirar Shane do esconderijo, e enquanto ele levantava ela teve um flash disso de novo, das mãos geladas dele na garganta dela. Do quão assustada ela estava.

Oliver resmungou, baixo saindo da garganta mas alto o bastante para ser ouvido, e os olhos dele eram como o de um lobo. Nenhum um pouco humano.

“Eu vejo que vocês trouxeram o criminoso para o punimento,” ele disse, e se moveu até eles.

Gretchen olhou para Hans, e então empurrou Claire para trás dela. “Pare,” ela disse. Oliver parou, na maior parte surpreso. “A garota pediu para vir, para ver a Patrona dela. Não temos prova de que ela é culpada.”

“Se ela vive naquela casa, então ela é culpada,” Oliver disse. “Você me surpreende, Gretchen. Quando você começou a ficar do lado dos que respiram?”

Ela riu, mas havia um brilhante e falso som nela. Ela disse algo em uma língua que Claire não reconheceu, e Oliver cuspiu algo em resposta, e Hans colocou uma mão grande no ombro de Claire.

“Ela é nossa responsabilidade,” ele disse. “E ela é propriedade de Amelie. Não tem nada a ver com você, Oliver. Sai da frente.”

Oliver, sorrindo, ergueu as mãos e se afastou. Hans moveu Claire para frente, passando por ele, e ela sentiu ele encarar a nuca dela, tão real como uma faca.

O círculo de pessoas se afastou quando Hans se aproximou. Eram na maior parte (Claire supôs) vampiros; eles não usavam etiquetas nem nada, mas a maior parte deles tinha a mesma pele pálida, a mesma rapidez em movimentos como de cobra quando se mexiam. Na verdade, os únicos dois humanos – os que respiram? – que ela viu era o prefeito Morrell, parecendo miseravelmente desconfortável parado perto da ponta do grupo, e o filho dele Richard. O uniforme de Richard estava sujo em lugares, e levou alguns segundos para Claire perceber que ele estava molhado de sangue.

O sangue de Sam.

Sam estava deitado de costas no carpete, com a cabeça no colo de Amelie. A vampira anciã estava ajoelhada, e as mãos dela acariciavam gentilmente o cabelo de cobre de Sam. Ele parecia pálido e morto, e a estaca ainda estava no peito dele.

Os protetores de Amelie estavam perto, mas abriram espaço quando Hans puxou Claire por eles. Por um longo segundo a velha vampira não pareceu reconhecer Claire, e então cuidado passou pela expressão dela, e ela olhou para Sam, os dedos dela passando na bochecha dele.

“Claire, me ajude,” ela disse, como se estivessem continuando uma conversa que Claire nem estava. “De a ela espaço, por favor.”

Hans soltou, e Claire sentiu uma vontade de correr, correr para fora dessa sala, pegar Shane e só ir embora, para qualquer lugar menos aqui. Havia algo muito grande para entender nos olhos de Amelie, algo que ela não queria saber. Ela começou a dar um passo para trás, mas a mão de Amelie levantou e agarrou-a pelo pulso e a puxou, e Claire caiu de joelhos do outro lado do corpo de Sam.

Ele parecia morto.

Realmente, realmente morto.

“Quando eu te disser, você pega a madeira e puxa,” Amelie disse, a voz dela baixa e firme. “Não até eu te dizer.”

“Mas – eu não sou muito forte –” Porque ela não pedia ao Richard? A um dos vampiros? Até ao Oliver?

“Você é forte o bastante. Quando eu te disser, Claire.” Amelie fechou os olhos de novo, e Claire esfregou as palmas úmidas nervosamente no jeans azul. A estaca de madeira no peito de Sam era redonda, madeira polida, como um espinho, e ela não sabia dizer o quão profundo estava no corpo dele. Estava no coração dele? Isso não iria matar ele, de uma vez por todas? Ela lembrou que eles falaram sobre outros vampiros que foram empalados, e eles morreram...

A expressão de Amelie de repente se contorceu em dor, e ela disse, “Agora, Claire!”

Claire nem pensou. Ela apertou as mãos ao redor da estaca e puxou, uma puxada forte, e por um aterrorizante segundo ela achou que não tinha funcionado, mas então ela sentiu deslizando para fora, passando contra os ossos enquanto saía.

O corpo todo de Sam se arqueou, como se ele tivesse levado um choque com uma daquelas máquinas pra ressuscitar, e o círculo de vampiros se afastou. Amelie o segurou, os dedos brancos dela como um osso onde ela pressionou os lados da cabeça dele. Os olhos dele abriram, e eles eram de um prata puro.

Claire se afastou, se agarrando com força na estaca. Alguém a soltou do aperto dela – Richard Morrell, parecendo cansado e desgostoso. Ele pegou um saco de plástico e o fechou.

Evidência.

Sam ficou mole de novo. A ferida no peito dele estava sangrando uma corrente firme e devagar, e Amelie tirou a jaqueta dela – seda branca – e a dobrou para pressionar contra o sangramento. Ninguém falou, nem Amelie. Claire ficou sentada ali se sentindo paralisada, observando Sam. Ele não estava se movendo, nem um pouco.

Ele ainda parecia morto.

“Samuel,” Amelie disse, e a voz dela era baixa e quente e quieta. Ela se curvou mais para perto dele. “Samuel. Volte para mim.”

Os olhos dele abriram, e eles eram só pupila. Assustadores olhos de coruja. Claire mordeu o lábio e pensou de novo em correr, mas Hans e Gretchen estavam atrás dela e ela sabia que não tinha chance de qualquer forma.

Sam piscou, e as pupilas dele começaram a diminuir devagar para um tamanho normal. Os lábios dele se moveram, mas nenhum som saiu deles.

“Respire,” Amelie disse, no mesmo tom quieto e quente. “Estou aqui, Samuel. Eu não vou te deixar.” Ela passou os dedos gentilmente na testa dele, e ele piscou de novo devagar se focando nela.

Era como se não houvesse mais ninguém no mundo, só os dois. Amelie estava errada, Claire pensou. Não era que Sam só a amasse. Ela o amava tanto quanto.

Sam olhou de Amelie para o círculo de pessoas, procurando por alguém. Quando ele não a encontrou, ele olhou para Amelie de novo. Os lábios dele formaram um nome. Michael.

“Michael está seguro,” Amelie disse. “Hans. Traga ele aqui.”

Hans acenou e saiu, andando rapidamente. Michael. Claire percebeu com um choque que ela esqueceu que ele estava aqui, esqueceu totalmente dele no choque de tudo que aconteceu. Sam estava, pelo menos, parecendo melhor a cada segundo, mas Amelie continuou a pressionar a bandagem temporária no peito dele.

A mão de Sam se arrastou no chão, atrapalhada e devagar, para cobrir a dela, e por longos segundos eles se olharam silenciosamente, e então Amelie acenou e o soltou.

Sam segurou a bandagem no lugar, e com a ajuda de Amelie, se colocou numa posição sentado. Ela o ajudou a se inclinar contra a parede.

“Você pode nos dizer o que aconteceu?” ela perguntou a ele. Sam acenou, e Claire olhou para cima e viu Richard Morrell encolhido, caneta e papel na mão prontos.

Quando a voz de Sam, finalmente veio, suave e fina, era claramente um esforço para ele falar. “Fui ver Michael,” ele disse.

“Mas Michael já estava aqui, conosco,” Amelie disse. “Nós o chamamos durante a noite.”

A mão de Sam – a que não estava ocupada segurando a jaqueta no peito – se ergue, e caiu indefesa. “Senti que ele não estava em casa, então eu sai da entrada. Alguém abriu a porta do carro – usou uma arma de choque, não consegui lutar. Me empalou enquanto eu estava no chão.”

“Quem?” Richard perguntou. Os olhos de Sam se fecharam brevemente, e então abriram.

“Não vi. Humana. Tinha batimento cardíaco.” Ele engoliu. “Sede.”

“Você deve se curar primeiro,” Amelie disse. “Só mais alguns momentos. Tem alguma coisa que você pode nos dizer sobre o humano que te atacou?”

Os olhos de Sam abriram de novo, com esforço. “Ele me chamou de Michael.”

Michael chegou em tempo de ouvir a última parte. Ele olhou para Claire, os olhos bem abertos, então se abaixou ao lado de Sam. “Quem? O que fez isso?”

Sam balançou a cabeça. “Eu não sei quem. Homem, é só o que eu sei. Ele usou o seu nome. Eu acho que ele pensou que era você.” Os lábios de Sam se curvaram num pálido e fantasmagórico sorriso. “Acho que não viu o cabelo antes de me empalar.”

O artigo no jornal. O Capitão Óbvio. Alguém tinha decidido matar o vampiro mais novo na cidade, e foi sorte ele ter pegado Sam ao invés dele. Podia ter sido Michael deitado na rua.

E pelo olhar no rosto de Michael, ele estava pensando exatamente a mesma coisa.

Amelie estava agitada. Não era realmente óbvio, mas Claire a tinha visto o bastante para saber a diferença. Ela se movia mais duramente, e havia algo menos calmo do que o normal nos olhos dela. Claire tremeu um pouco quando Amelie a chamou para outra sala. Era pequena e estava vazia, provavelmente algum tipo de sala de reunião. Amelie foi sozinha; um vampiro alto e loiro a seguiu e ficou parado com as costas para a porta, uma com uma tranca grande. Não havia como sair rapidamente, ou de forma alguma na verdade.

“O que aconteceu?” Amelie exigiu.

“Eu não sei,” Claire disse. “Eu estava dormindo. Eu acordei quando –” Quando eu ouvi as sirenes, ela estava prestes a dizer, mas de novo, não era verdade. Ela sentiu algo, uma onda de alarme que tinha saído de lugar nenhum. E Shane e Eve também havia sentido. Normalmente era necessária uma explosão nuclear para acordar Shane de manhã cedo, mas ele foi totalmente acordado. “Foi como se um tipo de alarme disparasse na casa.”

O rosto de Amelie ficou bem duro e liso. “De fato.”

“Porque? Isso é importante?”

“Talvez. O que mais?”

“Nada – descemos. As sirenes estavam do lado de foram, e quando chegamos lá tinha tudo acabado eu acho. Sam estava na rua, e a policia já estava lá.”

“Você não viu mais ninguém.”

Claire balançou a cabeça.

“E seus amigos?” Amelie perguntou. “Onde eles estavam?”

Não era uma pergunta casual. Claire sentiu o pulso acelerar, e tentou ficar calma. Se Amelie não acreditasse nela... “Dormindo,” ela disse firmemente. “Shane estava comigo, e eu vi Eve sair do quarto dela. Eles não poderiam ter feito isso.”

Amelie olhou para ela. De um jeito que não a fez se sentir segura. “Eu sei o quanto você valoriza a vida deles. Mas entenda, Claire, se você mentir por eles, não vou perdoar você.”

“Não estou mentindo. Eles estavam no quarto quando eu sai. (nota: Shane estava no sofá com Claire, não no quarto dele) O único faltando era Michael, e ele estava aqui com você.”

Amelie virou para longe dela e andou pela sala dando graciosos passos devagar. Ela parecia tão perfeita, tão... composta. Claire não conseguiu impedir, ela falou, “Você não está preocupada com Sam?”

“Estou mais preocupada com quem quer que tenha atacado ele não receba outra chance para fazer tal mal,” Amelie disse. “Sam é velho o bastante para sobreviver a isso – mas por pouco. Se a estaca tivesse permanecido no peito dele muito mais tempo, ou o sol o tivesse queimado, ele não teria sobrevivido. Se o assassino tivesse sucedido em atacar Michael, ele teria morrido quase instantaneamente. Leva décadas para construir imunidade.”

A boca de Claire se abriu, fechou, e abriu de novo quando ela encontrou as palavras. “Vocês quer dizer – vampiros não morrem com estacas no coração?”

“Eu quis dizer que é necessário bastante coisa para nós matar,” Amelie disse. “Mais a cada ano que vivemos. Você poderia colocar uma estaca no meu coração, e eu simplesmente a tiraria e ficaria muito irritada com você por arruinar minha roupa. Se eu não a remover em algumas horas, iria me machucar, talvez seriamente, mas não me destruiria do jeito que você está pensando. Você não é tão frágil, pequena Claire.” Os dentes dela brilharam como perolas por um segundo. “Você faria bem em dizer isso aos seus amigos. Especialmente Shane.”

“Mas – Brandon –“

O sorriso de Amelie sumiu. “Ele foi torturado,” ela disse. “Queimado com a luz do sol para reduzir a resistência. Quando ele foi morto ele não tinha mais força que um recém nascido. O pai de Shane nos entende bem demais, você entende.”

E agora, Claire também. O que provavelmente não era bom. “Os policiais levaram Shane e Eve para a delegacia. Eu não quero que nada aconteça com eles.”

“Tenho certeza que você não quer. Como eu não quero que nada aconteça com meu querido Samuel, que estaria disposto a morrer pelos direitos dos que respiram nessa cidade.” O tom de Amelie tinha ficado frio e negro, e fez o estomago dela revirar. “Eu me pergunto se tenho sido muito tolerante. Permiti muita liberdade.”

“Você não é nossa dona,” Claire sussurrou, e pareceu como se o bracelete no pulso dela tivesse se apertado de repente, pinicando. Ela o pegou, e recuou.

“Eu não sou?” Amelie perguntou friamente. Ela trocou um olhar com o vampiro na porta. “Deixe ela ir embora. Eu terminei com ela.”

Ele fez uma reverência e saiu do caminho. Claire resistiu a urgência de correr para saída. Ficar no mesmo lugar que Amelie, independente do guarda, era assustador e intenso, mas ela precisava pelo menos tentar. “Quanto Shane e Eve –“

“Eu não interfiro com a justiça humana,” Amelie disse. “Se eles forem inocentes, eles serão soltos. Vá agora. Eu espero que você vá até Myrnin hoje, e eu arranjei algumas aulas adicionais na universidade para você participar. Uma lista foi dada a você na sua casa essa manhã.”

Claire hesitou.

“Sam deveria me levar até Myrnin – quem vai – “

Amelie virou para ela, e havia algo selvagem e terrível nos olhos dela. “Pequena tola, não me incomode com bobagens! Vá agora!”

Claire correu.

A casa estava vazia quando ela chegou. Nada de Shane, nem Eve, e ela não tinha visto Michael de novo no prédio do Conselho Anciões antes de Hans e Gretchen a levarem embora. Claire se sentia muito sozinha, e ela trancou as portas e todas as janelas.

A casa parecia... quente, de alguma forma. Não no sentido de um ar quente, mas aconchegante. Acolhedora. Claire colocou a mão na parede da sala. “Você pode me ouvir?” ela perguntou, e então se sentiu idiota. Era só uma casa, certo? Só madeira e tijolos e concreto e canos e fios elétricos. Como poderia ouvir ela?

Mas ela não podia se livrar do sentimento de que a casa tinha a acordado essa manhã, ela, Shane e Eve. Que ela tinha tentado avisar ela. A casa tinha salvado Michael afinal de contas, quando ele foi morto por Oliver; e tinha dado a ele a vida que pode, como um fantasma. Ela queria ajudar.

“Eu queria que você pudesse falar,” ela disse.” Eu queria que você pudesse me contar quem tentou matar Sam.”

Mas ela não podia, e ela estava falando com uma parede idiota. Claire suspirou, se afastou, e viu um deslumbre de um papel se mexendo com uma brisa de vento.

Uma brisa que não estava ali antes.

O papel estava na mesa, no topo do estojo do violão de Michael. Claire a pegou e leu, mal acreditando –

No que ela estava pensando? Que a casa ia dar a ela o nome de quem deu uma de Van Hellsing para cima de Sam? Claro que não. Não era uma resposta para a pergunta dela.

Era um cronograma de aulas, escrito EMENDA em letras vermelhas grandes. O núcleo de aulas dela tinha praticamente sumido; a nota perto delas mostrava que ela tinha saído.

O que chamou atenção dela, no entanto, era o que estava programado no lugar deles. Bioquímica Avançada. Filosofia. Mecânica Quântica. Honrosos Mitos e Lendas.

Wow. Era errado ela sentir o coração dela pular um batimento ou o que? Claire olhou os horários, e então o relógio dela. Faltava uma hora até o início da nova aula dela, mas ela não podia ir ainda. Não até ela saber de Shane e Eve.

Trinta minutos mais tarde ela estava no telefone, tentando fazer alguém responder as perguntas dela na delegacia, quando ela ouviu as trancas da porta e a voz de Eve dizendo “ – idiota,” e então o nó de medo no peito de Claire começou a se soltar.” Yo, Claire! Você está aqui?”

“Aqui,” ela disse, e desligou para ir até o corredor em direção a eles.

Eve tinha o braço ao redor de Shane, meio que suportando ele. Claire piscou e se focou no rosto dele. No suor e nos machucados. “Oh, Deus,” ela disse, e correu para ao lado dele para ajudar Eve. “O que aconteceu?”

“Bem, o Homenção aqui, decidiu deixar nervoso com o oficial Fenton. Você já viu Bambi Versus Godzilla? Foi assim, só que com mais socos,” Eve disse. Ela soava falsa e alegre, como um enfeite escandaloso. “Eu tentei levar ele ao hospital para ser examinado, mas – “

“Estou bem,” Shane disse. “Já estive pior.”

Provavelmente verdade, mas Claire ainda se sentia dolorosamente inútil. Ela queria fazer algo. Qualquer coisa. Ela e Eve levaram Shane para o sofá, onde ele caiu contras as almofadas e fechou os olhos. Ele estava pálido, debaixo dos machucados. Claire passou a mão no cabelo dele ansiosa, silenciosamente perguntando a Eve o que fazer; Eve deu nos ombros e falou mudamente, só deixe ele descansar. Mas ela parecia assustada.

“Shane,” Eve disse em voz alta. “Serio, eu não quero deixar você aqui sozinho. Você precisa ir para o hospital.”

“Obrigado, mãe,” ele disse. “São machucados. Eu acho que vou viver. Vá em frente, sai daqui.” Ele pegou a mão de Claire, e os olhos escuros dele se abriram. Bem, um deles. O outro estava inchado e fechado. “O que aconteceu com você? Você está bem?”

“Nada aconteceu, estou bem. Eu falei com Amelie.” Claire respirou fundo. “Sam vai ficar bem, eu acho.”

“E Michael? Michael estava bem?” Eve perguntou.

“Yeah, ele está bem. Desculpe não poder falar com você antes. Amelie – “ Provavelmente era melhor não comentar sobre a idéia do quão não-incomodada Amelie estava pela idéia de ter Eve e Shane presos. “Ela estava ocupada com Sam.”

Eve deu nos ombros e dei a Shane outro olhar exasperado. “Provavelmente saímos daqui em 10 minutos se ele se comportar,” ela disse. “Olha, Shane, eu sei que você é durão, mas você tem que começar uma briga com cada idiota do mundo? Você não pode só escolher metade deles ou algo assim?”

“A coisa assustadora? Eu começo brigas com metade deles. Pra você ter noção de quantos eles são.” Ele gemeu e se ajustou para uma posição mais confortável no sofá. “Droga. O oficial idiota sabe bater.”

“Shane,” Claire disse, “verdade. Você está bem? Eu posso te levar para o hospital se você não estiver.”

“Eles só vão me dar gelo e me mandar pra casa, menos cem dólares que eu não tenho.” Ele botou as mãos dela nas dele. As articulações dele estavam machucadas. “E quanto a você? Nada mordido ou quebrado, certo?”

“Não,” ela disse suavemente. “Nada mordido ou quebrado. Eles estão com raiva, e estão preocupados, mas ninguém tentou me machucar.” Ela olhou o relógio, e o coração dela pulou e bateu mais rápido. “Um – eu tenho que ir. Eu tenho aula. Você tem certeza que está – “

“Se você me perguntar se eu estou bem de novo, eu vou me dar um soco no rosto só para te punir,” ele disse. “Vai lá. Eve, se certifique que ela não vá ficar andando sozinha, ok?”

Eve já estavam com a chave na mão, e as estava balançando impaciente. “Farei o melhor,” Eve disse. “Hey. Isso chegou como entrega especial para você.” Ela jogou para Claire um pacote com o nome dela bem escrito nele. A mesma letra. Claire pensou, do pacote que continha o bracelete.

Esse tinha um celular novo, completo com MP3 Player e um teclado pequeno que se abria para digitar. Ele estava ligado, e totalmente carregado.

A nota dizia, simplesmente, para segurança. A assinatura, é claro, era de Amelie. Eve viu, e ergueu as sobrancelhas. Claire rapidamente o amassou.

“Eu sequer quero saber o que é isso?” Shane perguntou.

“Provavelmente não,” Eve disse. “Claire, garotinhas que aceitam doces de estranhos em Morganville se machucam. Ou pior.”

“Ela não é uma estranha,” Claire disse. “E eu realmente preciso de um celular.”

As aulas eram nada que Claire já tinha experimentado antes. Era como se ela finalmente tivesse ido para a escola... desde o primeiro momento da primeira aula, os professores pareciam brilhantes, engajados, eles pareciam ver ela. Até melhor, eles a desafiavam. Ela passou nervosa pela aula de Bioquímica Avançada, fez anotações dos livros que ela precisava, e fez o mesmo em Filosofia. Houve muita conversa em filosofia, e ela não entendeu metade dela, mas soava muito mais interessante do que as vozes arrastadas do que das aulas núcleo que ela tinha.

Ela se sentia alegre quando a pausa para o almoço chegou... ela se sentia, na verdade, viva. Ela estava feliz enquanto buscava cópias dos livros que ela precisava, e ela até estava feliz quando descobriu que, misteriosamente, ela tinha uma conta escolar para cobrir os custos. Vinha até com cartão.

Ela comprou uma nova camiseta de manga comprida também. E uma gilete. E shampoo.

Assustadoramente, era bom ter dinheiro no bolso.

Quando as 3 da tarde chegou, ela estava se perguntando se era esperado que ela fosse para a casa de Myrnin sozinha, mas ela decidiu esperar. Ninguém disse a ela que havia tido uma mudança de planos, então ela foi para a UC. para estudar um pouco enquanto esperava. A grande sala de estudos estava cheia, e alguém estava tocando violão no canto – uma multidão quieta estava ali, batendo palma entre as músicas. Quem quer que fosse tocava bem – algo complicado e clássico, e então uma música pop logo depois. Claire estava espalhando os livros na mesa quando ela ouviu uma música que soava familiar, e subiu na cadeira para olhar melhor por cima da cabeça das pessoas amontoadas no canto.

Como ela tinha suspeitado, era Michael. Ele estava sentado para tocar, mas ela podia ver a cabeça e ombros dele. Ele olhou para cima e encontrou os olhos dela, e então voltou a se focar na música. Claire pulou, tirou as marcas de pé da cadeira, e sentou. O cérebro dela voava. Michael estava

aqui. Porque? Era só uma coincidência? Ou era outra coisa?

Ela sentou e tentou se concentrar nas propriedades das ondas de baixa frequência em plasma magnetizado, que era muito legal. A física das estrelas. Ela não podia esperar para as demonstrações no laboratório... a leitura era devagar, mas interessante. Se ligava a outra coisa sobre plasma física que tinha chamado a atenção dela: confinamento e transporte. Pode ter sido uma coincidência, mas de alguma forma ela sentia como se estivesse algo ali que ela devesse entender. Algo relacionada ao que Myrnin esteve dizendo a ela sobre Recomposição, que ela a chave elementar da alquimia. Era possível realmente haver uma ligação entre os dois?

Plasma são partículas carregadas. Pode ser controlada e influenciada por campos magnéticos. Plasma é o estado puro entre matéria e energia... entre uma forma e outra.

Reconstituição.

E atingiu ela, de repente, o que Myrnin tinha descoberto. As portas. Elas eram formas de campo magnético, segurando um pequeno, e maleável campo de plasma em um estado firme. Mas como ele as transformou em um portal? Porque era isso que ele tinha que ser, para dobrar o espaço assim... e o plasma não poderia ser um plasma normal, podia? Plasma de baixo calor? Isso era possível?

Claire estava tão absorvida que ela nem ouviu a cadeira ser arrastada na frente dela, nem viu que alguém sentou, até que uma mão agarrou o livro que estava na frente dela e o puxou.

“Hey, Claire,” disse Jason, o irmão louco de Eve. Ele parecia mal e pálido – não um pálido-gótico, mas pálido-doente. Anêmico. Havia machucados no pescoço dele, e os olhos dele estavam bem abertos e vermelhos, e ele parecia chapado. Realmente, chapado igual louco. Ele também não tomava a um banho ou lavava as roupas a alguns dias ou semanas; ele cheira sujo e podre. Ugh. “Como você está?”

Ela não conseguia pensar o que seria o certo a se fazer. Gritar? Ela fechou o livro e o segurou – ele era bem pesado, seria um objeto decente para se defender – e olhou ao redor. A U.C estava cheia de pessoas. E Michael tocando era o centro das atenções no momento, mas havia várias outras pessoas andando ao redor, conversando, estudando. Da onde ela estava sentada, Claire podia ver Eve no balcão, sorrindo e servido expresso.

Era como se Jason fosse invisível ou algo assim. Ninguém estava prestando atenção dele.

“Oi,” ela disse, “O que você quer?”

“Paz mundial,” ele disse. “Você é bonita.”

Você realmente não é. Ela não podia e nem disse. Ela só esperou. Estou perfeitamente segura aqui. Tem várias pessoas, Michael está bem ali, e Eve...

“Você me ouviu?” Jason perguntou. “Eu disse, você é bonita.”

“Obrigada.” A boca dela ficou seca. Ela queria gritar, e ela não conseguia pensar porque, realmente, a não ser pelo fato de que Eve tinha contado a ela sobre Jason. Ele parecia perigoso. Aqueles machucados na garganta dele – ele tinha sido mordido? “Eu preciso ir.”

“Eu te levo até a aula,” Jason disse. De alguma forma, ele fez isso soar imundo, como algo de um filme pornô. “Eu sempre quis carregar os livros de uma universitária gostosa.”

“Não,” ela disse. “Eu não posso. Quero dizer – eu não vou para aula. Mas eu preciso ir.” E porque ela não podia simplesmente dizer a ele para deixar ela em paz? Porque?

Jason jogou um beijo para ela. “Vá em frente. Mas não me culpe quando a próxima garota morta aparecer no lixo porque você não me fez um simples favor.”

Ela estava levantando quando ele disse isso, e ela só...parou. Parou de se mexer, e o encarou. “O que?” ela perguntou, idiotamente. O cérebro dela, que estava se movendo na velocidade da luz enquanto passava de um problema físico para outro, parecia preguiçoso agora. “O que você disse?”

“Não que eu tenha feito algo. Mas se eu tivesse, eu estaria planejando outro. A não ser que alguém me convencesse a parar, por exemplo. Ou eu fizesse um trato.”

Claire se sentiu fria. Pior, ela se sentiu sozinha. Jason não estava fazendo nada – ele só estava sentado ali, conversando. Mas ela se sentia violada, e horrivelmente exposta. Michael está bem ali. Dá para ouvir ele tocando. Ele estava bem ali. Você está segura.

“Muito bem,” ela disse, e engoliu o que ela sentiu como poeira e pregos. Ela se afundou devagar na cadeira. “Estou ouvindo.”

Jason se inclinou para frente, colocou os braços na mesa, e baixou a voz. “Vê, eu gosto disso, Claire. Eu quero que minha irmã mais velha entenda o que ela fez comigo quando ela me mandou para aquele lugar. Você sabe como é a cadeia em Morganville? É como se um país do terceiro mundo que gosta de abusar dos prisioneiros. Eve me colocou lá. E ela nem tentou me salvar.”

Os dedos de Claire estavam adormecidos, ela estava segurando o livro com muita força. Ela se forçou a relaxar. “Desculpe,” ela disse. “Isso deve ter sido ruim.”

“Ruim? Vadia, você não está ouvindo?” Ele continuou olhando para ela, e era como se ele estivesse morto ou algo assim ele nem piscava. “Eu deveria ser dele, sabe. Do Brandon. Ele ia me fazer um vampiro algum dia, mas agora ele está morto, e eu estou fudido. Agora estou só esperando alguém me colocar de volta na prisão, e adivinha o que, Claire? Eu não vou. Não sem uma diversão primeiro.”

Ele agarrou o pulso dela, e ela abriu a boca para gritar...

... e de repente ele tinha uma faca, e ele estava pressionando ela contra o pulso dela. “Fique parada,” ele disse. “Eu não terminei de falar. Se você se mexer, você sangra.”

Ela ia gritar mesmo assim, mas quando ela mexeu os lábios tudo que saiu foi um pequeno e fraco gritinho. Jason sorriu, e ele jogou um inundo lenço em cima do pulso dela e da faca, o cobrindo. “Aí,” ele disse. “Agora ninguém vai notar, não que eles se importem. Não em Morganville. Mas só em caso deles serem heróis idiotas, vamos manter isso entre nós.”

Ela estava tremendo agora. “Me solta.” De alguma forma, a foz dela ficou baixa e firme. “Eu não vou dizer nada.”

“Oh, anda. Você vai correr para os seus amigos, e então eles vão correr para polícia. Provavelmente aqueles dois retardados Hess e Lowe. Eles querem me pegar desde que eu era garoto, sabia? Filhos da puta.” Ele estava suando. Uma gota escorreu pelo lado do rosto pálido dele e caiu na jaqueta camuflada dele. “Eu ouvi que você está se dando bem com os vampiros. Isso é verdade?”

“O que?” A faca se pressionou mais forte contra o pulso dela, quente e dolorosamente, e ela pensou sobre o quão fácil seria para ele cortar as veias dela. O braço todo dela estava tremendo, mas de alguma forma, ela conseguiu ficar parada contra a enorme vontade de tentar puxar o pulso e se soltar. Só faria o trabalho por ele. “Eu – sim. Estou Protegida. Você vai se meter em problemas por isso, Jason.”

Ele tinha um assustador sorriso, um movimento emborrachado que não afeta os lindos, e estranhos olhos dele nenhum pouco. “Eu nasci com problemas,” ele disse. “Podem vir. Fale isso ao vampiro que colocou uma marca em você que eu sei algo. Algo que poderia explodir essa cidade pela metade. E eu vendo por duas coisas: direito para fazer o que eu quiser com a minha irmã, e uma passagem para fora de Morganville.”

Oh Deus, oh Deus, oh Deus. Ele quer barganhar. Pela vida de Eve.

“Eu não vou fazer nenhum trato,” ela disse, e sabia que provavelmente era uma sentença de morte. “Eu não vou deixar você machucar Eve.”

Ele piscou. Isso o fez parecer quase humano, por um segundo, e ela lembrou que ele não era muito mais velho que ela. “Como você vai me impedir, docinho? Me bater com o seu livro?”

“Se eu precisar.”

Ele sentou para trás, olhando para ela, e então ele riu. Alto. Foi uma dura e metálica risada, e ela pensou, oh Deus ele vai me matar, mas então ele ergueu o pano cobrindo o pulso dela e como um truque de mágica, a faca tinha sumido. Tinha um pouco de sangue pingando do corte superficial na pele dela, e ela estava começando a sentir ele queimar.

“Quer saber, Claire?” Jason perguntou. Ele levantou, enfiou as mãos nos bolsos, e sorriu para ela de novo. “Eu vou gostar muito de você. Você é uma das que gritam.”

Ele saiu, e Claire tentou levantar e ver onde ele estava indo, mas ela não conseguia. Os joelhos dela não cooperavam. Ele saiu de vista em segundos.

Claire olhou para o balcão. Eve estava parada ali, sem se mexer, olhando diretamente para ela com enormes olhos pretos, e mesmo sem a maquiagem gótica ela estaria tão pálida quanto a morte.

Eve falou mudamente, Você está bem?

Claire acenou.

Ela não estava na verdade, e o corte no pulso dela não parava de sangrar. Ela mexeu na mochila e encontrou um band-aid – ela sempre tinha eles, só no caso dela conseguir bolhas nos pés de tanto caminhar. Isso parecia ajudar.

Ela estava colocando ele quando ela sentiu alguém parado perto dela, e pulou, esperando o

retorno de Jason, completo com um facada maluca.

Mas era Michael. Ele tinha o violão no estojo, e ele parecia – ótimo. Relaxado, de alguma forma, de um jeito que ela nunca tinha visto ele. Tinha até um sinal de cor no rosto dele, e os olhos dele estavam brilhando.

Mas isso sumiu rapidamente, e ele franziu. “Você está sangrando,” ele disse. “O que aconteceu?”

Claire suspirou e ergueu o pulso para mostrar o band-aid para ele. “Cara, você ficaria tão embaraçado se eu dissesse que era outra coisa.” Michael pareceu não entender. “Sou uma garota, Michael, poderia ser natural, você sabe. Absorventes?”

Vampiro ou não, ele ainda era um cara, e a expressão dele era impagável – uma combinação de vergonha e náusea. “Oh, merda, eu não pensei nisso. Desculpa. Não estou realmente acostumado. Então – o que aconteceu?”

“Cortei com papel,” ela disse.

“Claire.”

Ela suspirou. “Não surte, ok? Foi o irmão de Eve, Jason. Eu acho que ele só queria me assustar.”

Os olhos de Michael se alargaram, e a cabeça dele virou rapidamente, procurando no café por Eve. Quando ele viu ela, o alívio que se espalhou no rosto dele foi doloroso – e não durou muito antes de se transformar em desgosto. “Eu não acredito que ele veio aqui. Porque eles não podem prender esse idiota?”

“Talvez alguém não queira,” ela disse. “Ele só está matando garotas humanas. Se é ele que está fazendo.” Embora ele tinha basicamente confessado, não tinha? E a faca era uma grande pista. “Falamos sobre isso mais tarde. Eu preciso ir – “ Ela lembrou, em tempo, que ela não podia falar com Michael sobre Myrnin. “Ir pra aula,” ela disse. Ela não pensou que Amelie a faria ir sozinha, e ela não tinha certeza se podia. Myrnin era fascinante, na maior parte do tempo, mas quando ele virava... não, ela não podia ir sozinha. E se algo acontecesse? Sam não estaria ali para tirar ele de cima dela.

Michael não se mexeu. “Eu sei onde você está indo,” ele disse. “Eu sou a sua carona.”

Ela piscou. “Você é – o que?”

Ele baixou a voz, embora ninguém estivesse prestando atenção. “Eu vou te levar onde você deveria ir. E vou esperar por você.”

Amelie contou a ele, Claire descobriu no caminho para o carro de Michael. Ele precisou, aparentemente; ela não confiava em nenhum vampiro além de Sam com a informação para levar até Myrnin, mas Michael tinha interesse no bem estar de Claire, e Sam estava fora de ação por alguns dias. “Mas ele está bem?” Claire perguntou.

Michael abriu a porta da garagem para ela, um automático gesto que ele provavelmente aprendeu com o avô, antigamente. Ele tinha alguns modos de Sam, e eles tinham o mesmo caminhar.

Engraçado como ela só estava começando a notar isso. “Yeah,” Michael disse. “Ele quase morreu, no entanto. Pessoas – vampiros – estão bem estranhar agora. Eles querem quem o empalou, e eles não se importam como acontece. Eu fiz Shane prometer a se manter dentro de casa, e não sair sozinho.”

“Você realmente acha que ele vai manter a palavra?”

Michael deu nos ombros e abriu a porta do sedan padrão para vampiros, exatamente o mesmo que o Sam dirigia. Um Ford, como acabou sendo. É bom saber que os vampiros estão comprando coisas americanas. “Eu tentei,” ele disse. “Shane não me ouve muito de nada que eu tenho pra dizer mais.”

Claire entrou no carro e colocou o cinto. Enquanto Michael ia para o lado do motorista, ela disse, “Não é sua culpa. Ele só não está lidando com isso muito bem. Eu não sei o que podemos fazer sobre isso.”

“Nada,” Michael disse, ele ligou o carro. “Não podemos fazer nada sobre isso.”

Foi uma viagem curta, é claro, e até onde Claire podia ver pelas ruas do lado de fora Michael tomou a mesma rota que Sam para o beco, e a caverna de Myrnin. Michael estacionou o carro na calçada. Quando ela saiu, Claire percebeu algo, e se curvou para olhar no interior do carro, e se abaixou ao lado.

“Droga,” ela disse. “Você não pode entrar, pode? Você não pode sair no sol!”

Michael balançou a cabeça. “Eu devo esperar aqui até o sol baixar, então eu vou entrar. Amelie disse que vai se certificar que você fique segura até lá.”

“Mas – “ Claire mordeu o lábio. Não era culpa de Michael. Havia horas ainda para o sol baixar, então ela ia ter que se cuidar por um tempo. “Ok. Te vejo a noite.”

Ela fechou a porta do carro. Quando ela se ajeitou ela viu Vovó Katherine Day na varanda da grande casa do Fundador dela, servindo o que parecia ser chá gelado. Claire abanou. Vovó acenou.

“Tem tomado cuidado?” ela chamou.

“Sim senhora!”

“Eu disse a Rainha, eu não gosto dela te colocando lá com aquela coisa. Eu disse a ela,” Vovó Day disse, com uma furiosa batida na mão para dar ênfase. “Venha aqui e tome um chá gelado comigo, garota. Aquela coisa lá, vai esperar. Não sabemos onde ele está na metade do tempo, mesmo.”

Claire sorriu e balançou a cabeça. “Não posso, senhora, eu devo chegar no horário. Obrigado, no entanto.” Ela virou para o beco, e então teve uma idéia. “Oh – quem é a Rainha?”

Vovó fez um impaciente acenou. “Ela, é claro. A Rainha Branca. Você é como Alice, sabe. Indo na toca do coelho com o Chapeleiro.”

Claire não pensou muito sobre isso, porque a frase mexeu com a cabeça dela! Se aproximando demais. Ela deu a Vovó Day outro sorriso e aceno educado, levantou a mochila mais acima do ombro, e foi para a Aula Noturna.

OITO

Amelie se assegurou que ela ficasse segura, muito bem. Ela o fez trancando Myrnin.

Claire derrubou a mochila na base da escada – ela sempre a colocava onde era fácil de a agarrar e correr – e viu uma nova adição ao laboratório: uma jaula. E Myrnin estava dentro dela.

“Oh meu Deus – “ Ela deu alguns passos em direção a ele, navegando ao redor das pilhas usuais de livros, e mordeu o lábio. Era, até onde ela sabia, a mesma jaula que os vampiros tinham usado para prender Shane na Praça do Fundador – barras pretas pesadas, e a coisa toda era de aço. A prova de vampiros, provavelmente. Quem o trancou Myrnin ali foi gentil o bastante para dar uma pilha de livros, e um confortável (e surrado) cobertor e travesseiros. Ele estava no canto com umas almofadas, com um bar de óculos antigos estilo Benjamin Franklin na ponta do nariz. Ele estava lendo.

“Você está atrasada,” ele disse, e virou a página. A boca de Claire abriu e fechou, mas ela não conseguia pensar em nada para dizer. “Oh, não se assuste com a jaula. É para sua segurança, é claro. Já que Samuel não está aqui, para cuidar de você.” Ele virou outra página, mas os olhos dele não se moviam para seguir o texto. Ele estava fingindo ler, e de alguma forma, isso era pior do que de quebrar o coração. “Idéia da Amelie. Eu não posso dizer que eu realmente aprovo.”

Ela finalmente foi capaz de dizer, “Desculpe.”

Myrnin deu nos ombros e fechou o livro, que ele derrubou com uma batida na pilha perto dele. “Eu já estive em jaulas antes,” ele disse. “E sem dúvidas eu serei solto quando seu guardião designado estiver aqui para acompanhar. Enquanto isso, vamos continuar nossa aula. Puxe uma cadeira para perto. Você vai me desculpar por não levantar, mas sou um pouco mais alto que –“ Ele se ergueu e bateu nas barras por cima da cabeça dele.” Amelie me disse que você foi colocada em aulas mais adiantadas.”

Claire agradecidamente pegou a oportunidade para não ter que pensar sobre o quão perturbador era, ver ele preso como um animal numa jaula, por causa dela. Ela leu o cronograma de aula, e respondeu as perguntas dele, que eram ordenadas e uma estranha mistura de conhecimento e completa ignorância. Ele entendia filosofia e bioquímica; ele não sabia nada sobre Mecânica Quântica, até ela explicar o básico, e então ele acenou.

“Mito e Lenda?” ele ecoou, desconsertado, quando ela leu o nome da matéria. “Porque Amelie acharia necessário... ah, não importa. Tenho certeza que ela tem um motivo. Sua redação?” Ele ergueu a mão. Claire pegou as folhas grampeadas da mochila e as entregou. Seis páginas, espaço único. O melhor que ela podia fazer sobre a história de um assunto que ela só estava começando a entender. “Vou ler mais tarde. E os livros que eu te dei?”

Claire foi para a mochila e os tirou, e então voltou para a cadeira. “Eu li sobre o Aureus* (*uma moeda de ouro da Roma antiga) e A Corrente de Ouro de Homer.”

“Você os entendeu?”

“Na verdade – não.”

“Isso porque a alquimia é um campo muito secreto de estudo. Como ser um Maçom – ainda existem Maçons?” Quando ela acenou, Myrnin pareceu estranhamente aliviado. “Bem, isso é bom. As conseqüências seriam terríveis, sabe, se não existissem. – Assim como a alquimia, eu posso te ensinar como traduzir os códigos que foram falados e escritos, mas estou mais preocupado com que você aprenda os mecanismos do que a filosofia. Você entendeu os métodos descritos nos textos para construir uma fornalha, sim?”

“Eu acho que sim. Porque não podemos só pedir o que precisamos? Ou comprar?”

Myrnin virou o anel prateado na mão direito na barra da cela dele, fazendo um barulho metálico. “Nada disso. Crianças modernas são tolas, escravas que tem que trabalhar para outros, dependentes em tudo. Você não. Você ira aprender como construir as ferramentas e as usar.

“Você quer que eu seja uma engenheira?”

“Não é uma coisa útil para quem estuda física entender as aplicações praticas?”

Ela olhou para ele com duvida. “Você não vai me fazer pegar uma bigorna e me fazer produzir minha própria chave de fenda, vai?”

Myrnin sorriu devagar. “Que boa idéia! Eu vou considerar ela. Agora. Eu tenho um experimento que eu gostaria de tentar. Está pronta?”

Provavelmente não. “Sim, senhor.”

“Mova aquela estante –” Ele apontou para a monstruosa prateleira que parecia pronta para cair. Está cheia de volumes, é claro. “A tire do caminho.”

Claire não tinha certeza se a coisa ia se manter firme quando ela puxasse, mas ela não disse nada. Era melhor construída do que parecia, e para surpresa dela, quando ela empurrou para o lado, ela encontrou uma pequena porta. Estava segura com um enorme cadeado em forma de coração.

“Abra,” ele disse, e pegou o livro que ele derrubou quando ela entrou, virando as páginas.

“Onde está a chave?”

“Não faço idéia.” Ele virou mais rápido, franzindo para as palavras. “Procure por aí.”

Claire olhou ao redor no laboratório completamente frustrada. “Aqui?” Onde ela deveria começar? Tinha pilhas de coisas e gavetas entre abertas, nada em nenhuma ordem que ela foi capaz de determinar até agora. “Você pode me dar uma dica, pelo menos?”

“Se eu me lembra-se, eu daria.” A voz de Myrnin era seca, mas um pouco triste também. Ela olhou para ele com o canto do olho. Ele fechou o livro e olhou para fora da jaula – não para ela, e nem para nada, na verdade. Havia um cuidadoso vazio no rosto dele. “Claire?”

“Yeah?” Ela abriu a primeira gaveta perto da porta. Estava cheia de garrafas do que parecia ser pó, nenhuma delas rotulada. Uma aranha saiu freneticamente de vista na escuridão, e ela fez uma cara e fechou a gaveta.

“Você pode me dizer porque estou nessa jaula?” Ele soava estranho agora, estranhamente calmo com algo por baixo. Claire respirou fundo e continuou olhando dentro das gavetas. Ela não olhou diretamente para ele. “Eu não gosto de jaulas. Coisas ruins acontecem comigo em jaulas.”

“Amelie disse que você tem que ficar aí um pouco,” ela disse. “Lembra? Para nos ajudar?”

“Eu não lembro.” A voz dele era quente e suave e pesarosa. “Eu gostaria de sair daqui. Você pode abrir, por favor?”

“Não,” ela disse. “Eu não tenho a –”

- chave, exceto que ela tinha. Havia um molho delas na frente dela, meio escondido por uma pila de páginas amarelas. Três chaves. Uma era grande e feita de ferro, e ela tinha quase certeza que era a chave para a fechadura em forma de coração que abria a porta atrás da estante. A outra era mais nova, ainda grande e desajeitada, e tinha que ser a chave para a jaula de Myrnin.

A terceira era uma pequena e delicada chave prateada, como aquelas que abrem diários e malas.

Claire estendeu a mão e pegou o molho trazendo ele para perto dela, tentando fazer silêncio. Ele ouviu, é claro. Ele levantou do canto da jaula e veio para frente, onde ele segurou as barras. “Ah, excelente,” ele disse. “Claire, por favor só abra a porta. Não posso te mostrar o que eu preciso se eu estiver preso aqui.”

Deus, ela não conseguia nem olhar para ele, ela só não podia. “Eu não devo fazer isso,” ela disse, e pegou a grande chave. Ela era fria e áspera nos dedos dela, e velha. Muito velha. “Você queria que eu abrisse essa porta, certo?”

“Claire. Olhe para mim.” Ele soava tão triste. Ela ouviu a suave batida dos anéis dele nas barras quando ele as agarrou de novo. “Claire, por favor.”

Ela virou para longe dele e por a chave no cadeado em força de coração.

“Claire, não abra isso!”

“Você me disse para abrir!”

“Não!” Myrnin agarrou as barras da jaula dele, e embora elas fossem de ferro solido ela ouviu elas se amassando. “Se você abrir essa porta, você vai morrer! Agora sai daí! Agora!”

Ela olhou o relógio. Não tinha sido tempo o bastante, nem de perto o bastante; ainda faltava pelo menos uma hora antes do por do sol, talvez mais. Michael ainda estava preso no carro. “Eu não posso,” ela disse. “Desculpe.”

O som que Myrnin fez então foi o bastante para fazer ela ficar feliz por estar do outro lado da sala. Ela nunca ouviu um leão rugir, mas de alguma forma ela imaginava que soaria exatamente assim, um animal selvagem com raiva. Ele quebrou a confiança dela. Ela fechou os olhos e tentou não ouvir, mas ele estava falando, ela não conseguia entender o que ele estava falando agora mas era um grito consistente e vicioso numa língua que ela não conhecia. O tom, no entanto – não dava pra não captar as correntes de mal.

Ele a mataria se ele a pegasse agora. Graças a Deus, a jaula era forte o bastante para...

Ele resmungou algo baixo e gutural, e ela ouviu algo de metal quebrar com um alto e vibrante som.

A jaula não era forte o bastante.

Myrnin estava curvando as barras para longe da fechadura.

Claire virou, a chave ainda na mão, e viu ele quebrar o ponto fraco da jaula como se fosse papel molhado. Como ele podia fazer isso? Como ele podia ser tão forte? Ele não estava se machucando?

Ele estava. Ela podia ver sangue nas mãos dele.

Atingiu ela como um choque ela se ele saísse da jaula, ele podia fazer a mesma coisa com ela.

Ela precisava sair.

Claire se moveu ao redor da mesa do laboratório, passou duas torres de livros, e tropeçou por cima de um banco de três pernas. Ela bateu no chão dolorosamente, em uma pilha de porcarias – pedaços de couro velho, alguns tijolos, algumas plantas velhas que ela achou que Myrnin estava guardando para salvação de plantas. Cara, isso doeu. Ela rolou para o lado, arfando, e levantou.

Ela ouviu um longo, e devagar craque do metal, e parou por um segundo fatal para olhar por cima do ombro.

A jaula estava aberta, e Myrnin estava solto. Ele ainda estava usando os óculos Bem Franklin, mas o que estava nos olhos dele parecia ser algo que ele desejava direto do inferno.

“Oh, droga,” ela sussurrou, e olhou desesperadamente para as escadas.

Muito longe. Longe demais, muitos obstáculos entre ela e a segurança, e ele podia se mover como uma cobra. Ele ia pegar ela primeiro.

Ela estava mais próxima da porta com a fechadura do que das escadas, e a chave ainda estava na mão dela. Ela tinha que abandonar a mochila, não tinha como pegar ela agora.

Ela não tinha tempo para pensar agora. O corte que Jason tinha feito no pulso dela ainda estava fresco, Myrin podia sentir o cheiro, e ele estava tocando o sino do jantar alto e claro.

Ela chutou a estante de livros para fora do caminho, pulou por cima da pilha de porcarias, e correu para a porta trancada com a chave esticada. As mãos dela tremiam, e ela precisou de duas tentativas para colocar a enorme chave no buraco, e então ela começou a virar e houve um terrível momento de pânico porque ela não virava...

E então ela virou, um deslize suave e metálico de alavancas e pinos, e a porta abriu.

Do outro lado estava uma sala, e Shane estava sentado no sofá de costas para ela, jogando vídeo game. Claire pausou, desconsertada. Isso não podia ser real, podia? Ela não podia estar vendo ele, bem ali, mas ela podia ouvir os barulhos computadorizados e socos e o sons de sangue do que quer que fosse que ele estivesse lutando no jogo. Ela podia sentir o cheiro da casa. Chili. Ele fez chili. Ele ainda não tinha levado algumas das caixas dele para cima. Havia uma pilha no canto.

“Shane-“ ela sussurrou, e foi para frente, através da porta. Ela podia sentir algo ali, como uma leve pressão, e o cabelo no braço dela se arrepiou.

Shane pausou o jogo, e devagar levantou. “Claire?” Ele estava olhando para o lugar errado, ele estava olhando para cima, para a escada.

Mas ele a ouviu. E isso significa que se ela só passasse para o outro lado ela estaria segura.

Ela nem teve a chance.

A mão de Myrnin parou no ombro dela, arrastou de volta, e enquanto Shane começava a virar em direção deles, Myrnin fechou a porta e virou a chave na fechadura.

Ela nem se atreveu a se mexer. Ele estava louco, ela podia ver, não havia nada nele que a reconhecia. O aviso de Amelie gritou na mente dela, e o de Sam. Ela subestimou Myrnin, e foi isso que fez todos os outros aprendizes dele serem mortos.

Myrnin estava tremendo, e as mãos quebradas dele estavam fechadas em punho. O sangue dele estava pingando em uma copia aberta de um antigo livro de química que estava aos pés dele.

“Quem é você?” ele sussurrou. O sotaque ela notou da primeira vez que ela o conheceu tinha voltado, e forte. Realmente forte. “Criança, o que te trás aqui? Você não entende que está em perigo? Quem é seu Patrono? Você foi mandada aqui como presente?”

Ela fechou os olhos por um segundo, e os abriu para olhar ele direto nos olhos e disse, “Você é Myrnin, eu sou Claire, sou sua amiga. Sou sua amiga, ok? Você deveria deixar eu te ajudar. Você se machucou.”

Ela apontou para os ferimentos nos dedos dele. Myrnin olhou para baixo, e ele pareceu surpreso, como se ele não tivesse sentido nada. O que talvez ele não tenha.

Ele deu dois passos para trás, bateu na mesa do laboratório, e derrubou uma bandeja que tinha tubos de vidro vazios. Eles caíram e se despedaçaram no sujo chão de pedra.

Myrnin se ajeitou, então afundou para sentar contra a parede, o rosto dele coberto pelas mãos ensangüentadas, e ele começou a se balançar para frente e para trás. “Está errado,” ele gemeu. “Tem algo importante, algo importante que eu preciso fazer. Eu não lembro o que é.”

Claire observou ele, ainda assustada, e então afundou num sofá na frente dele. “Myrnin,” ela disse. “A porta. A que eu abri. Pra onde vai?”

“Porta? Portas. Momentos em tempo, só momentos, nada fica, flui como sangue você sabe, igual a sangue. Eu tentei guardar mas não fica fresco. Tempo, eu quero dizer. O sangue flui, assim como o tempo. Qual seu nome?”

“Claire, senhor. Meu nome é Claire.”

Ele deixou a cabeça dele cair contra parede, e havia lágrimas de sangue escorrendo pelas bochechas dele. “Não confie em mim, Claire. Nunca confie em mim.” Ele virou a cabeça de volta para as mãos com força o bastante para fazer Claire recuar.

“Eu – não senhor. Eu não vou.”

“A quanto tempo você é minha amiga?”

“Não muito.”

“Eu não tenho amigos,” ele disse vazio. “Eu não tenho, você sabe, quando você é tão velho quanto eu sou. Você tem competidores, e você tem aliados, mas não amigos, nunca. Você é jovem demais, jovem demais para entender isso.” Ele fechou os olhos por um momento, e quando eles os abriu, ele parecia quase são. Quase.”

“Amelie quer que você aprenda comigo, sim? Você é minha estudante?”

Dessa vez, Claire só acenou. Qualquer que fosse o problema, estava deixando ele, e ele estava vazio e cansado e triste de novo. Ele tirou os olhos, os dobrou, e os colocou no bolso do casaco.

“Você não será capaz,” ele disse. “Você não pode aprender rápido o bastante. Eu quase te matei hoje, e da próxima vez não serei capaz de parar. Os outros –” ele parou, pareceu brevemente enjoado, e limpou a garganta. “Eu não – eu nem sempre fui assim, Claire. Por favor entenda. Diferente de muitos da minha espécie, eu nunca quis ser um monstro. Eu só queria aprender, e assim eu podia aprender para sempre.”

Claire mordeu o lábio. “Eu quero aprender também,” ela disse. “Eu – Amelie quer que eu te ajude, e aprenda com você. Você acha que eu sou esperta o bastante?”

“Oh, você é esperta o bastante. Poderia dominar as habilidades, com o tempo o bastante? Talvez. E você não tem escolha no assunto; ela vai fazer você continuar vindo até você aprender, ou te destruir.” Myrnin devagar ergueu a cabeça para olhar para ela. Racional de novo, e muito firme. “Eu te lembrei para não confiar em mim?”

“Sim senhor.”

“É um bom conselho, mas só dessa vez, ignore-o e me permita te ajudar.”

“Ajuda - ?”

Myrnin levantou, daquele estranho gente duro que ele parecia ter, e passou ao pelas jarras de vidro e tubos de teste até que ele encontrou algo que parecia sal vermelho. Ele pegou o contêiner – era do tamanho de um pote de tempero – e o abriu para extrair um cristal vermelho. Ele o tocou com a língua, fechou os olhos por um segundo, e sorriu.

“Sim,” ele disse. “Foi o que eu pensei.” Ele o recauchutou e o entregou para ela. “Pega.”

Ela pegou. Era surpreendentemente pesado. “O que é isso?”

“Não faço idéia de como chamar,” ele disse. “Mas vai funcionar.”

“O que ele faz?”

“Sacuda uma pequena quantidade na sua palma, assim –” ele se estendeu para pegar a mão dela. Ela se afastou, fechando os dedos, e Myrnin pareceu brevemente ferido. “Não, você tem razão. Faça você. Me desculpe.” Ele entregou para ela uma coqueteleira e fez um gesto encorajador. Ela hesitante virou a coqueteleira na palma dela. Alguns cristais vermelhos saíram. Ele queria que ela continuasse, então ela continuou, rapidamente mexendo a coqueteleira até ter talvez meio colher do negocio.

Myrnin pegou a coqueteleira de volta e o colocou onde estava, e acenou para ela. “Vá em frente,” ele disse. “Tome.”

‘Desculpe?’

Ele imitou um movimento de colocar na boca.

“Eu – um – o que é, mesmo?”

Dessa vez, Myrnin virou os olhos frustrado. “Tome, Claire! Não temos muito tempo. Meus períodos de lucidez estão mais curtos agora. Eu não posso garantir que não vou deslizar de novo. Logo. Isso vai ajudar.”

“Eu não entendo, como isso vai ajudar?”

Ele não disse a ela, ele só apelou silenciosamente para ela, a expressão dele aberta e esperando, e ela finalmente colocou a mão na boca e tentativamente provou os cristais.

Tinha gosto de sal de morango, com um sabor final um pouco amargo. Ela sentiu uma instantânea explosão de clareza, como uma luz de um estroboscópio ligado numa sala escura cheio de lindas, e brilhantes coisas.

“Sim,” Myrnin aspirou. “Agora você vai ver.”

Dessa vez, ela lambeu mais cristais. Quatro ou cinco deles. A amargura foi mais forte, quase suprimindo o gosto de morango, e a reação foi ainda mais rápida. Era como se ela tivesse estado

dormindo, e de repente ela estava acordada. Gloriosa e tontamente acordada. O mundo estava tão afiado que ela sentia que até a madeira da mesa podia cortar ela.

Myrnin pegou um livro ao acaso e o abriu. Ele o colocou na frente dela, e foi como outra explosão de luz na escuridão, brilhante e linda, oh, tão linda, o jeito que as palavras se curvavam ao redor uma das outras e cortavam o cérebro dela. Era doloroso e perfeito, e ela leu o mais rápido que conseguiu. A essência do ouro na essência do Sol, e a essência da prata na essência da Lua. Você deve trabalhar com os dois com as devidas propriedades, ouro na luz, prata na noite... e tudo fez sentido para ela. Total sentido. Alquimia não era nada mais que uma explicação poética do jeito que a matéria e a energia interagem, do jeito que diferentes superfícies vibram em diferentes velocidades, era física, nada a não ser física, e ela podia entender isso agora.

E então... então foi como se lâmpada tivesse se apagado de novo.

“Vá em frente, tome mais,” Myrnin disse. “A dose na sua mão vai durar por uma hora mais ou menos. Nesse tempo, posso te ensinar muita coisa. O bastante, talvez, para você entender o que devemos ir.”

Dessa vez, Claire não hesitou e lambeu até o ultimo cristal vermelho.

Myrnin tinha razão, os cristais duraram por um pouco mais de uma hora. Ele tomou um pouco também, um por vez, cuidadosamente medindo eles e fazendo eles durarem até que finalmente nem o cristal vermelho foi capaz de tirar a confusão crescente dos olhos dele. Ele estava ficando ansioso e confuso, no final. Claire começou a fechar os livros e os empilhar na mesa – os dois estavam sentados com as pernas cruzadas no chão, praticamente enterrados em livros. Myrnin fez ela passar de um livro para o outro, pegando um parágrafo aqui, um capítulo ali, um gráfico de física e uma pagina de algo velho que ele teve que ensinar a ela a língua antes dela poder entender ele.

Eu aprendi línguas. Eu aprendi... eu aprendi tanto. Ele mostrou para ela um diagrama, e não era só um diagrama, ele era tridimensional e tão intrincado como um floco de neve. Morganville não tinha só acontecido, ela foi planejada. Planejada por vampiros. Planejada para vampiros, feita por Myrnin e Amelie. As Casas do Fundador, eles eram parte disso – 13 ligações de poder na teia, mantendo junto um complexo padrão de energia. Podia mover as pessoas de um lugar para o outro, pelas portas, embora Claire ainda não entendesse como as controlar. Mas a teia podia fazer mais. Podia mudar memórias. Podia até manter as pessoas afastadas, se Amelie quisesse fazer isso.

Myrnin mostrou para ela os jornais também, com toda a pesquisa dele conduzida pelos ultimo 70 anos sobre a doença vampira. Era de arrepiar, o jeito que as anotações dele degeneraram de meticulosas para rabiscos no fim, e as vezes em bobagem.

Mas isso não era uma boa coisa?A pergunta continuou a bater nela. Não era uma boa coisa todos os vampiros morrerem?

E quanto a Sam? E quanto a Michael?

A influencia dos cristais era mais fraca agora, e Claire se sentia horrivelmente cansada. Havia uma dor firme nos músculos dela, uma pulsação febril que disse a ela que essa coisa não era feita

exatamente para o corpo humano. Ela podia sentir cada batida do coração batendo através da cabeça dela, e tudo parecia tão escuro. Tão... confuso.

Ela sentiu uma brisa de ar se tumultuar contra a bochecha dela, e virou em direção as escadas. Michael estava descendo, se movendo mais rápido do que ela já tinha visto, e ele parou rapidamente quando ele a viu sentada ao lado de Myrnin.

“Ele deveria –“

“Estar preso numa jaula?Yeah, eu sei.” Claire sabia que ela soava amarga. Ela não se importava. “Ele está doente, Michael. Ele não é um animal. E de qualquer forma, mesmo que você o prenda, ele vai se soltar.”

Michael parecia jovem para ela, de repente, embora ele fosse mais velho que ela. E um vampiro, além disso. “Claire, levanta e vem até mim. Por favor.”

“Porque? Ele não vai me machucar.”

“Ele não consegue evitar o que ele faz. Olha, Sam me disse quantas pessoas ele matou –“

“Ele é um vampiro, Michael. É claro que ele – “

“ – quantos ele matou nos últimos dois anos. É mais do que todos os vampiros em Morganville juntos. Você não está segura. Agora levanta e vem até aqui..”

“Ele tem razão,” Myrnin disse. Ele estava se perdendo, Claire podia ver isso, mas ele desesperadamente estava tentando ser o homem que estava com ela na ultima hora. O gentil, engraçado, e doce, cheio de excitação e paixão mostrando para ela o mundo dele. “É hora de você ir.” Ele sorriu, mostrando os dentes – não os dentes de um vampiro. Era uma expressão muito humana. “Eu vou ficar bem sozinho, Claire, ou pelo menos raramente a alguém aqui para mim machucar. Amelie vai mandar alguém para me cuidar. E eu normalmente não posso sair daqui, quando eu – esqueço as coisas. É muito difícil para mim achar as chaves, e eu não consigo lembrar como usar elas quando eu as consigo. Mas eu nunca esqueci como matar. Seu amigo tem razão. Você deveria ir, por favor. Agora. Continue seus estudos.”

Era idiota, mas ela odiava deixar ele assim, com toda a luz apagando dos olhos dele e as nuvens de medo e confusão entrando.

Ela não queria, só aconteceu.

Ela o abraçou.

Foi como abraçar uma árvore; ele estava tão surpreso, ele estava tão duro quanto um bloco de madeira. Ela não tinha certeza quanto tempo fazia, desde que alguém o tocava assim. Por um segundo ele resistiu a ela, e então os braços dele passaram ao redor dela e ela sentiu ele dar um grande suspiro. Ainda não era um abraço, não de verdade, mas era o mais perto do que eles podiam chegar.

“Vá, pequeno pássaro,” ele sussurrou. “Rápido.”

Ela se afastou. Os olhos dele estavam estranhos de novo, e ela sabia que não havia mais tempo.

Algum dia, ele não ia voltar. Ele seria só a besta.

Michael estava ao lado dela. Ela não ouviu ele cruzar a sala, mas a mão dele se fechou na dela, e havia uma compaixão real no rosto dele. Não por Myrnin, no entanto. Por ela.

“Você o ouviu,” Michael disse. “Rápido.”

Ela bateu na mesa, e a pequeno fraco com os cristais vermelhos tremeram um pouco, quase caindo. Ela os agarrou e os endireitou, e então pensou, e se ele perder? Ele perde as coisas o tempo todo.

Ela ia manter eles a salvo, só isso. Ia ajudar ele, certo? Então ela ia segurar eles para se certificar que ele não derrubasse ou jogasse fora ou algo assim.

Ela o colocou no bolso. Ela não achou que Myrnin viu, e ela sabia que Michael não tinha visto. Claire sentiu uma explosão quente de algo – vergonha? Embaraço? Excitação? Eu deveria devolver. Mas na verdade, ela nunca iria achar de novo se ele o trocasse de lugar. Myrnin não lembraria. Ele nem saberia que tinha sumido.

Ela continuou olhando para trás, por toda a escada. Quando eles estavam na metade do caminho para fora, Myrnin já tinha esquecido deles, e ele estava inquieto passando por um pilha de livros, murmurando ansiosamente para ele mesmo.

Já tinha se perdido.

Ele olhou para eles e resmungou, e ela viu o brilho das presas.

Ela correu até a porta no topo das escadas.

NOVE

Michael não estava falando com ela, e isso era ruim. Ele não estava mal-humorado, como Shane ficava de vez enquanto; ele só estava pensativo. Isso fez a viagem ser inquietantemente silenciosa. Estava escuro, não que ela conseguisse ver pela janela escura de qualquer forma.

O mundo não parecia mais real para ela, e a cabeça dela doía.

“Esse é o trato que você fez com Amelie,” Michael disse. “Trabalhar para ele.”

“Não. Eu fiz um trato com Amelie, e então ela me disse pra trabalhar com ele. Ou aprender com ele.”

“Tem uma diferença?”

Claire sorriu. “Yeah. Eu não ganho salário.”

“Plano brilhante, gênio. Alguém está pagando você?”

Na verdade, ela não tinha idéia. A idéia não tinha ocorrido a ela, pedir a Amelie dinheiro. Era normal, ser paga por coisas assim? Ela supôs que era, se ela deveria arriscar a vida dela com Myrnin regularmente. “Eu vou pedir,” ela ofereceu.

“Não,” Michael disse assustadoramente. “Eu vou pedir. Eu quero falar com Amelie sobre essa coisa toda mesmo.”

“Não dê uma de irmão mais velho comigo, Michael. Não é seguro. Você pode ser um deles, mas você não é –“

“- um deles? Yeah, eu sei disso. Mas você é jovem demais pra isso, Claire, e você não sabe o que está fazendo. Você não cresceu nessa cidade, você não entende os riscos.”

“O que, morrer? Eu já entendo esse muito bem.” Ela estava se sentindo cansada e dolorida, mas também estranhamente irritada com a proteção de Michael. “Olha, estou bem, ok? Além do mais, eu aprendi muito hoje. Ela vai ficar feliz, confie em mim.”

“O humor de Amelie não é o que me incomoda,” Michael disse. “É você. Você está mudando, Claire.”

Ela olhou diretamente para ele. “Como se você não tivesse?”

“Ataque injusto.”

“Você fez a escolha.”

“Yeah, eu fiz a escolha, e foi a única que eu pude fazer. Estou cansado de ter que passar de fininho ao redor de Shane. Não me faça fazer isso com você também.” Ah, agora Michael estava irritado também. Ótimo.

“Quer saber? Eu vou parar de me meter na sua vida se você ficar fora da minha. Você não é meu irmão, você não é meu pai – “

“Não,” ele interrompeu. “Eu sou o cara que diz se você pode ficar na casa.”

Ele não iria. Ele não iria. “Michael –“

“Você fez um trato com Amelie sem falar com ninguém, e então escondeu. Olha, a única razão para você ter contato foi porque eu vi o bracelete. Se eu não tivesse você ainda estaria mentindo para nós. Isso não faz de você exatamente uma boa companheira para se viver.” Michael pausou por um segundo. “E tem o Shane.”

“Como eu sou culpada pelo Shane.”

“Você não é. Mas eu não consigo lidar com vocês dois, não agora. Então se ajeite, Claire. Nada mais de mentiras, e nada mais de conversas arriscadas, certo? Eu vou convencer Amelie a te tirar dessas sessões com Myrnin. Você é jovem demais para estar fazendo isso, ela deveria saber disso.”

Nada mais de mentir. Nada mais de conversas de risco. Claire se mexeu e sentiu a garrafa no bolso dela, e teve um flash daquela claridade perfeita. Ela se perguntou o que Michael teria dito sobre ela ter deixado Myrnin dar a ela os cristais. Provavelmente nada. Ele estava falando sobre expulsar ela da casa, certo? Então ele provavelmente nem se importava.

O carro diminuiu a velocidade e virou, e parou na calçada. Lar.

Claire saiu antes que Michael pudesse dizer qualquer outra coisa para ela.

Shane estava na cozinha, pegando cerveja. Ele olhou para ela silenciosamente, deu um gole e acenou em direção a uma panela no fogão. “Chili,” ele disse. “Extra alho.”

Michael estava fechando a porta da cozinha, e ele suspirou. “Quando isso vai parar?”

“Quando você vai parar de chupar sangue?”

“Shane – “

“Não fique irritado. Eu fiz o seu sem alho.” Shane olhou para ela de novo, e franziu um pouco. “Você está bem?”

“Claro. Porque não estaria?”

“Só – eu não sei. Tanto faz.” Ele passou um braço pelos ombros dela e a beijou na testa. “Dia ruim, provavelmente.”

Vamos ver, ela tinha sido ameaçada pelo irmão de Eve, teve o pulso cortado, e então brincou de “mantenha distancia” com Myrnin por horas. Isso se qualificava como um dia ruim em Morganville? Provavelmente não. Não havia corpos.

Ainda não, de qualquer forma.

Michael passou por eles através da porta para a sala. Claire saiu do braço de Shane e foi para o fogão serviu uma tigela de chili. Cheirava quente e delicioso. Mas na maior parte quente. Ela provou um pouco e quase se afogou;ela normalmente tão lava derretida de tão picante? Tudo parecia cru pra ela agora. Ela supôs que esse era um efeito colateral do cristal.

“Eu achei que tinha te ouvido,” Shane disse. “A coisa mais estranha, eu ouvi sua voz hoje. No ar. Eu achei que você – eu fiquei pensando em Michael, como ele costumava ser durante o dia... “

Quando ele era um fantasma. “Você pensou que eu era - ?”

“Eu achei que talvez algo tivesse acontecido,” ele disse. “Eu liguei para o seu celular, o novo.”

Ela o deixou na mochila. Claire abriu o bolso, e olhou o celular. Três ligações, todas do Shane. Com recados na caixa postal. “Desculpe,” ela disse. “Eu não ouvi. Eu acho que tenho que tirar do silencioso.”

Ele olhou para ela muito firmemente, e ela sentiu um ponto frio no centro dela, o lugar que tinha gelado quando ela estava com Myrnin, se esquentar devagar. “Você me preocupa,” ele disse, e pôs as mãos na bochecha dela. “Você sabe disso, certo?”

Ela acenou, e o abraçou. Diferente de Myrnin, ele era quente e solido e o corpo dele só se modelou no dela, perfeito e doce. Quando ele a beijou ela sentiu o gosto de cerveja e chilli, mas só por um segundo. Depois disso, ele era o Shane puro, e ela esqueceu de Myrnin. E qualquer tipo de física a não ser fricção. Shane a empurrou contra o fogão. Ela sentiu o calor do fogo da boca do fogão nas

costas dela, mas ela estava muito ocupada para se preocupar muito sobre pegar fogo devido a fontes externas. Shane só tinha esse efeito nela.

“Eu senti sua falta,” ele sussurrou, acariciando os lábios dela com os dele. “Quer ir lá pra cima?”

“E quanto o meu chili?”

“Pronto para viagem.”

Tinha boas coisas sobre o jeito que ela se sentia hoje, ela decidiu; os nervos dela podem estar doloridos, mas isso só fez o toque dele ser muito mais doce. Ela teria se sentido constrangida, normalmente, e incerta, e assustada, mas parecia que a tarde que tinha começado com Jason e terminado com Myrnin tinha sido esquecida por ela.

“Não estou com fome,” ela disse sem fôlego. “Vem.”

Ela se sentia tão selvagem e livre quanto uma garotinha, subindo correndo os degraus com Shane em uma quente perseguição, e quando ele a pegou pela cintura e a levou para o quarto dele e chutou a porta para ela fechar, ela gritou de deleite. E se balançou para se encaixar no quente e duro corpo dele enquanto ela o beijava, ser ar e voando.

Ele a beijava como se a vida deles dependesse disso. Como se fosse uma prova das Olimpíadas e ele pretendesse ganhar a medalha. Em algum lugar no fundo da mente dela ela estava conversando consigo mesma, avisando que isso ia ir muito longe, que ela só estava piorando as coisas para os dois, mas ela não conseguia parar. Não muito depois eles estavam deitados juntos na cama de Shane, e as grandes e quentes mãos dele estavam brincando na borda da camiseta dela, acariciando a pele do estômago dela e roubando o ar dela. Ela perdeu tudo quando ele espalhou os dedos, pressionando a palma contra ela, e ela sentiu um impulso quase irresistível para sentir aquelas mãos por tudo. Em todo lugar. O coração dela estava batendo forte o bastante para deixar ela tonta, e era tudo tão...

Perfeito.

Ela foi para baixo e puxou a camiseta. Devagar, sentindo o ar frio passar pela pele.

Para cima, até a linha do sutiã dela. E então para cima.

Shane parou.

“Eu quero,” ela sussurrou contra a boca dele. “Por favor, Shane. Eu quero.” Ela sentou e pegou o fecho do sutiã, e o abriu. “Por favor.”

Ele se afastou dela e sentou, cabeça para baixo. Quando ele olhou para cima ele lambeu os lábios, e os olhos dele estavam bem abertos e escuros e ela podia cair neles, cair para sempre.

“Eu sei,” ele disse. “Eu também. Mas eu fiz promessas, e eu vou manter elas. Especialmente aquela para os seus pais, porque o seu pai disse que ia me caçar como um cachorro.” Shane deu a ela um selvagem e amargo sorriso. “É ruim ser eu.”

“Mas – “ela sentiu o sutiã dela caindo, e rapidamente o agarrou para o colocar no lugar. Ela se sentia ridícula agora, e ferida.

Ele suspirou. “Não, Claire. Não é como se eu fosse um santo ou algo assim, não sou, confie em mim, por você, um santo iria comprar uma camisinha e ir se confessar. Mas não é isso. É sobre manter minha palavra, e por aqui, minha palavra é tudo o que eu tenho.”

Ela queria ele com uma fúria vermelha que não era característica dela, mas de alguma forma, do jeito que ele disse, o jeito que ele a olhou diretamente nos olhos, ela sentiu tudo cair e a fúria virar algo puro, quente e prateado.

“Além do mais,” Shane disse, “Estou sem camisinha, e eu odeio me confessar.”

Ele pôs os braços ao redor dela e prendeu o sutiã dela de um jeito fácil o que mostrou que ele tinha pratica.

Ela jogou um travesseiro nele.

Alguém estava se mexendo do lado de fora da casa.

Claire acordou com um pulo, instantaneamente tensa, e ela ouviu o barulho do metal. Ela rolou para fora da cama e espiou pela cortina. A janela do quarto dela dava vista para trás, um glorioso e vantajoso canto, e ela tinha uma visão clara da cerca, e das latas de lixo do outro lado.

Alguém definitivamente estava lá, uma forma preta no luar. Claire podia ver ele se mexendo, mas não conseguia dizer o que ele estava fazendo. Ela pegou o celular e discou 911, e disse a operadora que ela precisava ou de Joe Hess ou de Travis Lowe. O detetive Lowe atendeu o celular, soando bem acordado mesmo as três da manhã, e Claire descreveu o que ela estava vendo em um sussurro, como se quem quer que fosse que estivesse no jardim pudesse ouvir ela.

“Provavelmente é Jason,” ela disse. Ela ouviu o barulho da caneta no papel do outro lado do telefone.

“Porque Jason? Você consegue ver o rosto dele?”

“Não,” ela admitiu, “mas Jason me disse – ele praticamente admitiu. Sobre a garota morta. Eu acho que é Jason, honestamente.”

“Ele te ameaçou, Claire?”

O corte no pulso dela ainda estava pulsando. “Eu acho que dá pra dizer que sim,” ela disse. “Eu ia te contar, mas eu – eu tinha coisas pra fazer.”

“Mais importante do que nos deixar no escuro? Esquece. O que aconteceu?”

“Eu não deveria te contar quando você chegar aqui?”

“O carro patrulha já está a caminho. Onde você o viu hoje?”

“Na universidade,” ela disse, e contou a história. Ele não interrompeu ela, só deixou ela falar, e ela podia ouvir ele ainda fazendo anotações.

Quando ela pausou para respirar, Lowe disse, “Você sabe que isso foi idiota, certo? Olha, da próxima vez que você o vir, comece a gritar assassino. E coloque eu e Hess na discagem rápida. Jason é ninguém para brincar aqui.”

“Mas – estávamos em público. Ele não teria – “

“Pergunte a Eve sobre o porque dele ter acabado na cadeia em primeiro lugar, Claire. Da próxima vez, não hesite. Isso não é sobre você ser forte, isso é sobre você sobreviver, certo? Confie em mim.”

Ela engoliu. “Eu confio.”

“Ele ainda está aí?”

“Eu não sei. Eu não consigo ver ele. Ele pode ter ido embora.”

“O carro patrulha deve estar ai em alguns segundos, eles estão se aproximando silenciosamente. Você já consegue ver eles?”

“Não, mas meu quarto fica de lado para o beco.” Algo se moveu no jardim, e ela sentiu uma onda de pura adrenalina. “Eu acho – eu acho que ele está no jardim agora. Vindo para casa. Pelos fundos.”

‘Vá acordar Michael e Shane. Se certifique que Eve está bem. Vá agora, Claire.’

Ela não estava vestida, mas ela achou que não importava; a enorme camiseta que ela estava usando chegava aos joelhos dela de qualquer forma. Ela destrancou a porta e a abriu, e gritou em choque.

Tentou, pelo menos. Ela não conseguiu falar, porque Oliver colocou a mão na boca dela, a virou, e a arrastou pela porta. Ela gritou, mas foi mal um zumbido na garganta dela. Os pés descansos dela bateram na parede quando ela tentava se equilibrar, mas ele a manteve indefesa e sem equilíbrio. Ela derrubou o telefone.

Ela podia ouvir a voz de Lowe distintivamente sussurrando o nome dela, mas foi substituída pela suave voz de Oliver no ouvido dela quando ele chegou mais perto e disse, “eu só quero conversar. Não me faça te machucar, garota. Você sabe que eu vou se você me forçar.”

Ela ficou parada, respirando com dificuldade. Era ele no jardim? Como ele subiu tão rápido? A proteção da casa não o manteve longe?

Não. Elas só funcionam contra humanos não convidados agora, porque Michael – Michael é um vampiro. Oliver podia entrar e sair. Acesso fácil. Deus.

“Boa garota. Fique quieta,” Oliver sussurrou. Ele olhou pelo corredor, moveu o quadro perto da porta, e pressionou um botão escondido. A porta secreta na frente do quarto de Eve abriu com um barulho suave, e ele a arrastou para dentro, e então a fechou. Não havia maçaneta do lado de dentro. O botão para se soltar era no degrau da escada e ele nunca deixaria ela chegar lá se ela tentasse correr. Quando ele a soltou, Claire ficou onde estava.

Ele deixou a voz dele voltar ao nível normal. Sem ter medo de ser ouvido, não aqui. “Eu achei que era hora de conversarmos. Você assinou um acordo com Amelie. Isso me machuca, Claire. Eu achei que tínhamos uma amizade especial, afinal de contas, eu ofereci primeiro.” Oliver sorriu para ela, aquele frio e estranho sorriso que a tinha enganada nas primeiras vezes que ela o viu. “Você me recusou. Então, porque, eu me perguntou, você decidiu que Amelie seria uma escolha melhor?”

Ele pode saber sobre Myrnin, mas não sobre o que Myrnin fazia. Amelie tinha sido bem específica: ele nunca poderia saber.

“Ela tem um cheiro melhor,” Claire disse. “E ela me fez biscoitos.” De alguma forma, depois do dia que ela teve, Oliver só não parecia mais muito aterrorizante.

Até ele mostrar as presas, e os olhos dele ficarem estranhos, e pretos.” Sem brincadeiras,” ele disse. “O quarto é a prova de som. Amelie costumava brincar com as vítimas dela aqui, sabe. É como uma jarra para matar, e você está dentro dela. Então talvez você devesse ser mais educada, se você pretende ver a manhã.”

Claire ergueu o pulso dela. O bracelete de ouro brilhou na luz. “Me morda, Oliver. Você não pode me tocar. Você não pode tocar ninguém nessa casa. Eu não sei como você entrou, mas – “

Ele agarrou o pulso dela e tirou o band-aid que cobria o corte que Jason tinha feito. Ele se abriu, e sangue correu pelo interior do braço dela.

Oliver lambeu.

“Ok, isso é nojento,” Claire disse fracamente. “Me solta. Me solta!”

“Você pertence a Amelie,” ele disse, e a soltou. “Eu posso sentir o gosto. Sentir o cheiro em você. Você tem razão, eu não posso te tocar, não mais. Mas os outros, você está errada sobre eles. Enquanto eles estão na casa eles estão seguros, mas não lá, não na minha cidade. Não por muito tempo.”

“Eu fiz um trato!”

“Fez? Você viu escrito que seus amigos ficariam protegidos de ataques? Porque eu duvido disso, pequena Claire. Estivemos escrevendo contratos a centenas de anos, e você só tem 16 anos. Você não tem idéia do trato que fez.” Oliver soava um pouco triste por ela, e isso era assustador. Ele dobrou os braços e se inclinou contra a porta. Ele estava no disfarce de cara legal hoje; uma camisa colorida, calça cargo, o cabelo cinza puxado para trás num rabo de cavalo. Ele provavelmente acabou de fechar a Common Grounds, ela achou. Ele cheirava a café. Ela se perguntou o que Oliver usava nos seus dias de folga, se ele não estivesse tentando intimidar ninguém. Pijamas? Pantufas? Uma coisa que ela descobriu sobre os vampiros em Morganville, eles nunca eram exatamente o que pareciam ser, até os ruins.

“Tudo bem,” ela disse, e se afastou dele até os pés dela baterem no primeiro degrau. Ela sentou. “Me diga o que eu fiz.”

“Você atrapalhou o balanço de poderes da cidade, e isso é uma coisa terrível, pequena Claire. Você vê, Amelie pretende ser rainha desse pequeno reino. Ela achou que era seguro quando ela o fez. Quando eu vim aqui um ano atrás, muitas pessoas decidiram que eles preferem me ouvir do

que ela. Não todos, é claro, e nunca a maioria. Mas ela não tem nenhum amigo de verdade durante sua longa existência, e não são apenas os humanos que estão presos aqui, sabe. Os vampiros também estão.”

Essa era uma idéia nova para ela. “Do que você está falando?”

“Não podemos partir,” ele disse. “Não sem permissão dela. Como eu disse, ela se imaginada como uma fria e branca rainha, e maioria está contente por deixar ela ser. Não todos. Eu estava trabalhando para chegar a algum tipo de – acordo com ela, para deixar alguns de nós sair de Morganville e fazer uma comunidade fora da influencia dela. As coisas tem sido as mesmas aqui por 50 anos, você vê, desde que ela fez o ultimo vampiro. Agora Amelie sente a necessidade de proteger a posição dela. Ela me bloqueia. Ela não me permitira me mexer sem a permissão dela.” Ele baixou o queixo e olhou para ela, e ela congelou por dentro. “Eu não gosto de ser controlado. Eu tendo a ficar – infeliz.”

“Porque você está falando comigo? O que eu posso fazer?”

“Você, pequena e idiota criança, é o bichinho dela. Quando você quer algo, ela te dá. Eu quero saber porque.”

Amelie não tinha exatamente dado o que ela queria da ultima vez que elas conversaram, embora o celular abandonado no quarto dela dissesse outra coisa. “Eu não sei!”

“Ela acha que você tem algo que ela precisa, ou ela não se incomodaria. Ela viu cidades morrerem sem derramar uma lagrima ou erguer um dedo. Não é altruísmo.”

Myrnin. É sobre Myrnin. Se eu não estivesse aprendendo com ele... ela não podia dizer isso, nem se atreveu a pensar sobre. Oliver era enervante, e as vezes ele parecia um pouco psíquico. “Talvez ela esteja solitária.”

Ele riu, um duro e latido som sem nenhuma diversão nele. “Ela certamente merece ser.’ Ele deu um passo para frente. “Me diga porque ela precisa de você, Claire. Me diga o que ela está escondendo, e eu faço um trato, um perfeitamente bom: eu dou a seus amigos minha Proteção direta. Ninguém vai machucar eles.”

Ela não disse nada dessa vez, ela só olhou para ele. Ela não se atreveu a não olhar para ele; mesmo quando ela estava olhando para ele ela teve um sentimento de que de alguma forma ele estava atrás dela, pronta para fazer algo horrível a ela quando ela menos esperasse.

Oliver fez um som de profunda frustração. “Sua idiota, idiota garota.” Ele passou por ela, subindo as escadas tão levemente que a madeira mal fez barulho. Depois de um segundo, o escondido botão foi apertado e a porta abriu. Claire levantou, se firmou por um segundo, e então foi para o corredor. Ninguém tinha ouvido nada, aparentemente. Estava tão quieto como um túmulo.

As mãos de Oliver se fecharam nos ombros dela, e ele tirou ela do caminho simplesmente a levantando a e a colocando no chão, como se ela não pesasse nada. Ele não a soltou quando terminou, ele parou atrás dela, se curvou, e sussurrou, “Nenhum som, Claire. Se você acordar seus amigos e eles vierem contra mim, eu vou destruir todos eles. Entendeu?”

Ela acenou.

Ela sentiu a fria pressão das mãos dele sumir, mas não a presença dele, e ela ficou surpresa quando olhou para trás e ele tinha sumido.

Como se ele nunca tivesse estado ali.

Ela pressionou o botão atrás do quadro, e a porta escondida se fechou. Então ela pegou o telefone no chão do quarto. A ligação terminou; Travis Lowe provavelmente estava a caminho, com as sirenes ligadas por todo caminho.

Ela sentou e esperou para o pânico começar.

Tinha que ter algo, no beco, dado a resposta. Não era só alguns policiais, uma fita amarela, e uma nota do jornal do Capitão Obvio; parecia, pela janela de Claire, como uma investigação estilo CSI, com pessoas em trajes brancos coletando evidências e tudo mais. Havia uma grande van com janelas tingidas que ela achou ser o abrigo dos vampiros detetives ou dos investigadores forenses ou algo assim, com o emblema da polícia de Morganville do lado, e ela achou que a maior parte das pessoas andando pelo jardim de Michael essa manhã, eram de fato, mortos vivos.

Investigadores que resolvem crimes vivos mortos. Essa era novidade.

Ela não tinha certeza do que estava sentindo mais. Cabeça leve, desconectada, zozna. A noite de ontem parecia um sonho, e passou num borrão quando ela e Shane subiram até ela ouvir as latas de lixo no beco.

Alguém estava tocando a campainha no andar de baixo. Ela não saiu da janela – não parecia ser capaz de se convencer a andar de forma alguma. Era provavelmente a polícia. Travis Lowe tinha, como ela achou, vindo para o resgate, mas para encontrar ela sem presas e ainda viva, ele chamou toda a força policial. Então aqueles provavelmente eram os detetives, Gretchen e Has, ou talvez Richard Morrel vindo para tomar o testemunho dela.

Claire olhou para si mesma. Ela provavelmente deveria ir se vestir. O pulso dela estava uma confusão, parecia estar devagar vazando sangue, e ela pressionou a camiseta contra ele antes de pensar sobre o que ela estava fazendo. Ótimo, agora ela não estava só sem roupa, ela estava com uma “camisola” ensanguentada.

Levou 10 minutos para tomar banho, se trocar, e colocar um curativo no braço, e então ela sentou no andar de baixo para encarar a música.

Os colegas de quarto dela estavam todos parados na sala, e todos olharam para ela com expressões idênticas, confusas o bastante para ela parar nos degraus.” O que?” Claire perguntou. “O que eu fiz agora?”

Michael deu um passo para o lado para que Claire pudesse ver quem estava sentado com as pernas cruzas na cadeira, virando uma edição rosa da Teen People.

Monica Morrell.

Ela estava vestida com um blusão rosa com diamantes que escreviam VACA / PRINCESA, e shots brancos que até Daisy Duke teria jogado no lixo. O bronzeado dela era profundo e escuro, e ela

estava usando um chinelo rosa com uma flor amarela no topo dos dedos com perfeita manicure.

“Hey, Claire!” ela disse, e levantou. “Eu achei que podíamos comer café da manhã.”

“Eu – o que?”

“Café.. da manhã,” Monica disse, arrastando a palavra. “A refeição mais importante do dia? Você sequer tem pais?”

Claire se sentia ridiculamente desconcertada. “Eu não entendo. Porque você está aqui?”

Shane se inclinou contra a parede, olhando para Monica. Ele tinha um sério cabelo despenteado, e Claire queria passar as mãos pelo grosso e suave cabelo dele para voltar para a confusão usual dele. “Que boa pergunta. A segunda melhor sendo a primeira, quem a deixou entrar? E vamos ter que jogar fora essa cadeira. O cheiro nunca vai sair.”

“Eu deixei ela entrar,” Michael disse quietamente, e isso fez Shane o encarar. “Solte as facas. Era melhor deixar ela entrar do que ver ela ter um ataque na varanda com os policiais ao redor. Já temos problemas o bastante.”

“O que é isso, rosto pálido? Significa que nos sentidos dos vampiros, não –“

“Cala a boca, cara.”

Claire esfregou a testa, sentindo a dor de cabeça voltar a pulsar. Ela ignorou Michael e Shane com um esforço e se focou em Monica, que tinha um sorriso malicioso nos lábios. “Você está gostando disso,” Claire disse. Monica deu nos ombros.

“É claro. Eles são idiotas comigo a maior parte do tempo, é bom ver eles brigarem um com o outro para variar. Não que eu me importe.” Monica arcou uma sobrancelha perfeita. “Então? Eu sei que você gosta de café. E vi você beber.”

Eve se meteu entre elas, e por um segundo Claire pensou que a amiga dela parecia honestamente... perigosa. “Você não vai levar Claire a lugar nenhum. E você com certeza não vai levar ela a nenhum lugar perto daquele filho da mãe,” ela disse.

“Qual filho da mãe seria, exatamente? Porque hey, ela vive aqui. Não é como se ela fosse exigente com quem ela anda.”

Eve ergueu um punho, e por um segundo Claire pensou que ela iria socar Monica bem na boca perfeita dela. Mas Eve se olhou. Mal.

“Você precisa sair da nossa casa,” Eve disse. “Agora. Antes que algo ruim aconteça que eu não vou me arrepender.”

Monica deu a ela um olhar que dizia o quão não impressionada ela estava com a ameaça. “Me desculpe, estamos conversando? Porque eu acho que passei aqui. Claire? Eu não estou aqui para falar com os mentalmente incapacitados. Eu só estou tentando ser amigável. Se você não quer ir, só diga.”

Claire sentiu uma ridícula vontade de rir, o que era tão estranho. O que estava acontecendo com

ela?

“O que você realmente quer?” ela perguntou, e os olhos adoráveis e loucos de Monica se alargaram. Só um pouco.

“Eu quero falar com você sem o Clube dos Perdedores nos meus ombros. Eu achei que podíamos tomar café, mas se você é alergia a cafeína e massa...”

“Qualquer coisa que você queira dizer para mim, você pode dizer na frente dos meus amigos,” Claire disse. Isso ergueu as duas sobrancelhas de Monica.

“OOooooo....k. Seu funeral,” ela disse, e olhou para Shane. “Então onde estava seu namorado a noite passada depois da meia noite?”

“Quem?Shane?” Que horas ela saiu do quarto dele, mesmo? Tarde. Mas... não depois da meia noite.

“Não é da sua conta onde eu estava,” Shane disse para Monica. “Eve te falou para sair. O próximo passo é eu jogar seu traseiro de vadia e ver se ele bate quando atingir a varanda. E eu não me importo com o animal de estimação de quem você é, você não vem aqui e – “

“Shane,” Monica o interrompeu com uma calma elaborada. “cala essa tua boca. Eu te vi, seu idiota.”

Claire esperou para Shane dar uma resposta vadia, mas ele só ficou ali. Olhando ela. Os olhos dele ficaram bem escuros.

“Eles não sabe, sabem?” Monica continuou, e bateu a copia enrolada da Teen People contra o quadril. “Wow. Que choque. Bad boy mantendo segredos. Isso nunca acontece.”

“Cala a boca, Monica.”

“Ou vai fazer o que? Me matar?” Ela sorriu. “Não sobraria nem DNA quando eles acabassem com você, Shane. E o resto de você também. E suas famílias.”

Do que ela está falando?” Eve perguntou. “Shane?”

“Nada.”

“Nada,” Monica zombou. “Negue tudo. Esse é um plano brilhante. Mas então, é o esperado de alguém como você.”

Michael estava franzindo para Shane agora, e Claire não conseguiu resistir também. Os olhos de Shane passaram por cada um deles, e se viraram para Claire por ultimo.

“A policia não vai encontrar nenhum corpo de beco. Eles não vão encontrar um em nenhum lugar na casa,” Monica disse, “porque Shane moveu o corpo ontem a noite, para fora da porta de trás.”

Shane ainda não disse nada. Claire cobriu a boca com a mão. “Não,” ela disse. “Você está mentindo.”

Monica cruzou os braços. “Porque exatamente eu faria isso? Tudo o que é necessário é ele negar. Pergunte a ele. Vá em frente.” Ela estava encarando Shane.

Os olhos de Shane se estreitaram, mas ele não disse nada. Por um segundo congelado ou dois, ninguém se mexeu, e então Michael disse, “Cristo, Shane, o que diabos?”

“Cala a boca!” Shane surtou. “Eu precisei! Eu pensei ter ouvido algo no porão ontem, quando fui pegar água na cozinha. Então eu fui checar. E – “Ele parou, e Claire viu o pomo de adão dele se mexer quando ele engoliu, com força. “Ela estava morta lá. Na base das escadas, como se alguém tivesse só... jogado ela. Por um segundo eu pensei que era – “Ele olhou para Eve, e então se afastou. “Eu só achei que fosse você. Eu achei que você tinha tropeçado e caído das escadas ou algo assim. Mas quando eu desci, não era você. E ela estava morta, não só inconsciente.”

Eve sentou no sofá, parecendo tão atordoada quanto Claire se sentia. “Quem? Quem era?”

“Eu não reconheci ela. Alguma colegial, eu acho, ela não parecia ser local e não estava usando bracelete.” Shane deu um suspiro audível. “Olha, passamos por problemas o bastante. Eu tive que me livrar dela. Então eu enrolei ela num daqueles cobertores das caixas e a carreguei para longe. Eu a coloquei no porta malas do seu car –“

“Você o que?” Michael surtou.

“- e dirigi até a igreja. Eu a deixei ela lá, dentro. Eu não queria só – soltar ela. Eu achei –“ Shane balançou a cabeça. “Eu achei que era a coisa certa a se fazer.”

Monica suspirou. Ela estava olhando as unhas com exagerado tédio. “Yeah, yeah, tocante. O ponto é, quando eu te vi, você estava tirando uma garota morta do carro dele. E eu só não posso esperar para contar ao meu irmão. Você conhece meu irmão, certo? O policial?”

Inacreditável. “O que você quer?” Claire praticamente gritou para ela.

“Eu te disse. Café da manha.” Monica deu a ela um enorme sorriso. “Por favor. Se você disser sim, eu posso esquecer sobre o que eu vi. Especialmente já que eu estava, você sabe, fora do toque de recolher e fazendo coisas que eu realmente não quero que meu papai saiba mesmo. Pense nisso como segurança mutua.”

Parecia um trato, mas não era, não de verdade. Monica tinha as cartas, eles não tinham nenhum. Nenhuma mesmo.

“Não há nenhum corpo no beco,” Claire disse. “A policia não vai encontrar nenhum. Tem certeza?”

“Acho que mão, mas não seria uma droga se eles encontrassem”? Monica deu nos ombros, enrugou os lábios, e mandou a Shane um beijo gozador. “Você tem coragem, Shane. Nenhum cérebro, mas muita coragem. Você o jogou fora, certo? Agora que Michael é um morto vivo, humanos não podem entrar nessa casa sem convite. Então ou você vai ter que culpar o vampiro, ou enfrentar o que matou ela. De qualquer forma, não vai ser bonito, e alguém vai cair.” Ela ergueu a mão. “Eu voto por Shane. Mais alguém?”

“Deixe ele em paz!” Claire disse afiadamente. “Você quer sair, tudo bem. Nós vamos. – Não, nem comece!” Eve nem teve a chance de abrir a boca, e ela se calou rápido. “Vocês três se resolvam. Eu

não demoro. Acredite em mim, eu provavelmente não vou ser capaz de manter nada no estômago, o que quer que seja que eu consiga comer.”

Monica acenou, como se soubesse que isso acontecer o tempo todo, e andou como se estivesse na passarela pelo corredor em direção a porta da frente. De trás, os shorts dela mal era legal.

E por mais que eles a odiassem, Shane e Michael estava vendo ela passar.

“Gente,” Claire murmurou, e pegou a mochila.

Claire não entrava na Common Grounds a um tempo, mas não tinha mudado. Era boêmio, quente, com guelras de peixe presas em fita no ventilador – tanto faz, se Claire não soubesse melhor – soubesse muito bem – ela nunca teria acredita que o gentil e sorridente hippie atrás do balcão era um vampiro.

Oliver trancou o olhar dele nela e acenou levemente. O rosto dele continuou agradável. “Bom ver que você voltou,” ele disse. “O que vai ser?”

Por mais que ela odiasse admitir, ele fazia os melhores cafés da cidade. Melhor que Eve, na verdade. “Moca branco,” ela disse. “Com chantilly.” Ela conseguiu se segurar para não adicionar mais nada, porque ela não gostava de ser gentil com ele. Deus, ele estava lambendo o sangue do pulso dela duas horas atrás! O mínimo que ela podia fazer era não dizer por favor e obrigado.

“De graça,” ele disse, e dispensou a nota de cinco dólares que ela colocou no bolso da jeans. “Presente de boas vindas de novo, Claire. Ah, Monica. O de sempre?”

“Metade café sem espuma leite duplo, açúcar rosa,” ela disse. “Em um copo de verdade, não uma coisa de isopor.”

“Um simples sim teria servido,” ele disse. Enquanto Monica começava a se afastar, ele pegou o pulso dela. Ele fez num jeito que ninguém nem Claire teria notado, mas era inconfundivelmente ameaçador. “Ela grátis. Você paga, Monica. Você pode pensar em si mesmo como uma princesa, mas confie em mim. Eu as conheci, e você não se qualifica.” Ele riu só um pouco, mas não havia humor nos olhos dele. “Bem, talvez conhecer não é a palavra certa.”

“Comeu?” Claire disse acidamente. O sorriso dele ficou mais escuro.

“Oh, o charme e a elegância da geração mais nova. Esquenta meu coração.” Oliver soltou o braço de Monica e se afastou para fazer as bebidas. Monica se afastou, parecendo corada. Ela deu um olhar sujo para Claire – yeah, como se fosse minha culpa, Claire pensou – e foi para a mesa no canto. A que o falecido vampiro Brandon costumava ficar – sem trocadilho – sozinho. Havia duas garotas colegiais sentadas ali, com livros e papeis. Monica cruzou os braços e fez uma pose beligerante.

“Vocês estão no meu lugar,” ela disse. “Fora.”

As duas garotas – mais baixa e mais gorda que Monica – olharam para ela com olhos enormes. Uma delas disse, “Qual de nós?”

“As duas,” Monica surtou. “Eu gosto do meu espaço. Sai fora.”

Elas juntaram os papéis e os livros e se afastaram com pressa, quase derrubando café em Claire quando saíram. “Precisava fazer isso?” Claire perguntou.

“Não. Mas é divertido.” Monica sentou, cruzou as pernas, e bateu na mesa. “Anda, Claire. Sente-se. Temos tanto sobre o que conversar.”

Ela não queria, mas era idiota ficar parada ali, parecendo óbvia. Então ela sentou, jogou a mochila no chão perto dos pés dela, e se concentrou na superfície de madeira da mesa. Ela podia ver os chinelos de Monica sendo digno de seu nome enquanto a garota casualmente batia o pé. Lembrou a ela ridiculamente de Myrnin. E o chinelo sujo que ele usava.

“Assim é melhor,” Monica soava muito contente consigo mesma. Nada legal.”Então. Me conte tudo.”

“Sobre o que?”

“O que Amelie está fazendo você fazer,” Monica disse. “Sua coisa super secreta. Eu quero dizer, ela te escolheu por uma razão, e não é pelo seu charme e aparência, certo? Óbvio. É pelo seu cérebro, certo? Você não tem família aqui, você não tem nada que ninguém queira além disso.”

Monica era mais esperta do que parecia. “Amelie não me pediu para fazer nada,” Claire mentiu. “Talvez ela vá mais tarde, eu não sei. Mas ela não pediu ainda.” Ela nervosamente virou o bracelete de outro que circulava o pulso dela. Estava começando a lembrar ela daquelas etiquetas que os biólogos colocavam para contas espécies.

E animais de laboratório.

Os olhos de Monica estavam meio fechados quando Claire se arriscou a olhar pra cima.” Huh,” ela disse.”Verdade. Bem, isso é desapontador. Eu realmente achei que você tinha algum uso. Então vamos falar sobre fazer um trato.”

“Um trato?” Primeiro Jason, agora Monica. Como Claire tinha entrado no lugar de negociadora?

“Eu quero negociar com Amelie para Proteção. Você pode me apresentar. E me recomendar.”

Claire quase riu. “Peça você mesma!”

“Eu iria, mas ela não me deixa me aproximar dela. Ela não gosta de mim.”

“Estou chocada,” Claire murmurou.

Monica deu a ela um longo olhar, um estranhamente sem ironia, metida, e contemplador. Quase parecia... sério. “Desde que Brandon morreu, Oliver assumiu os contratos dele. O negócio é, ele não está mantendo a maior parte deles. Ele está trocando ele por favores com os outros vampiros. Se eu não fizer um trato melhor, não há como saber o que vai acontecer comigo.” Monica apontou para o bracelete de Claire. “Melhor começar do topo.”

Claire passou as unhas na mesa, olhando para o bar enquanto Oliver parecia estar vindo para entregar as bebidas. Ocorreu a ela se perguntar se era realmente seguro beber algo preparado por

um vampiro que a ameaçou algumas horas atrás, mas honestamente, se Oliver queria ela, não era como se fosse difícil para ele.

E ela realmente queria moca branco.

“Oliver é seu Patrono agora?”

“Por enquanto. Até ele encontrar algo que ele queira mais do que ter meu contrato, de qualquer forma.”

“Ele está por trás de você perguntar porque Amelie me quis?”

“Eu pareço ser o tipo que faço a tarefa de outros?”

Claire olhou de volta para o bar. “Talvez.”

Monica ficou quieta. Não era o tipo de silêncio confortável, e Claire ficou feliz quando Oliver chamou o pedido delas. Ela levantou para pegar o dela, hesitou, e então pegou o de Monica também. Ela conseguiu fazer isso sem fazer contato visual com Oliver. Ele era só uma forma escura no canto do olho dela, e ela virou de costas assim que pode.

Monica tinha levantando, e parecia honestamente surpresa quando Claire entregou a ela a bebida. “O que?” Claire perguntou. “Se chama ser educada, eles provavelmente não te ensinam isso em casa. Não significa que eu gosto de você nem nada.”

Monica pareceu ter que pensar sobre o que dizer, e finalmente disse um simples “obrigado.” O que, Claire tinha que admitir, pode ter sido a coisa mais gentil que Monica tinha conseguido dizer para ela. Claire deu a ela um aceno e sentou de novo. Paz em nosso tempo, ela pensou cuidadosamente. E prontamente a ignorou perguntando de novo, “Oliver armou isso?”

Monica não olhou na direção dela. “Não.” Mas de alguma forma, Claire não acreditou nela.

“Você tem que fazer tudo que ele diz?” ela perguntou, como se Monica não tivesse mentido. E Monica ergueu os ombros. Nenhuma outra resposta. “Então você realmente não quer falar comigo, quer? Você só foi mandada.”

“Não exatamente.” Monica sorriu um pouco, e muito amargamente. “Olha só: você é uma estrela. Todos querem saber sobre você, vampiros e humanos. Eles estão olhando seu histórico, seu histórico familiar. Se você peidou no primário, alguém em Morganville sabe agora.”

Claire quase se afogou com a boca cheia de moca. “O que?”

“O Fundador não é o que você pode chamar de acessível. E a maior parte dos vampiros não entendem ela melhor do que a gente. Eles estão sempre procurando por pistas sobre quem ela é, o que ela está fazendo, nessa cidade. Isso não é normal sabe. O jeito que eles vivem aqui.” Monica olhou para Oliver, e então para longe. “Ele é velho o bastante para saber mais do que a maioria, mas ele ainda precisa de informação interna. E dizem, que você ser a maneira para se conseguir.”

Claire virou os olhos. “Eu sou ninguém. E se ela se importasse comigo – o que ela não se importa – ela nunca deixaria alguém saber. Quero dizer, olha como ela trata – “ Ela parou o coração batendo

rápido de repente. Ela quase tinha dito Myrnin, e isso seria ruim. “ – Sam,” ela terminou. O que também era verdade, mas Monica tinha que ter notado a parada.

O que Monica deu ênfase esperando por 10 segundos antes de continuar. “Tanto faz. O ponto é, você é meio que famosa, e ficando com você, eu sou vista pelas pessoas certas fazendo a coisa certa. Que é tudo que eu me importo de você. Você tem razão, eu não me importo se somos amigas. Não vamos trocar roupas ou fazer tatuagens combinando. Eu tenho amigos. Eu preciso de aliados.” Ela bebeu a complicada bebida, os olhos dela firmes em Claire. “Oliver quer o que você sabe, yeah. E isso – “ Ela apontou para o próprio bracelete. “ – e isso diz que eu tenho que fazer o que ele diz senão.”

“Senão o que?”

Monica olhou para baixo. “Você o conhece. Melhor caso, ele vai me machucar. Muito. Pior caso... ele me troca.”

“Isso é pior?”

“Yeah. Significa que eu vou ser entregue para vampiros de base, os que são bem inúteis para ganhar algo ou falar com as pessoas bonitas. Isso significa que sou uma perdedora.” Ela olhou para o copo de cerâmica, e franziu. “Parece superficial, talvez, mas por aqui, é sobrevivência. Se Oliver me trocar, eu não vou conseguir nada a não ser aberrações e vadias, os que são consertados do jeito difícil. Eles me matam, se eu tiver sorte. Se não, eu termino com algum viciado que gosta de morder.”

Ela disse de um jeito tão seco e com uma intensidade que Claire podia ver que ela passou muito tempo pensando sobre isso. Era uma longa queda, da brilhante filha do prefeito para algum viciado tentando agradar alguém bizarro por proteção.

“Você poderia ser neutra,” Claire disse. Ela se sentia estranhamente simpática, mesmo depois de tudo que Monica tinha feito. Ela tinha nascido aqui, afinal de contas. Não era como se ela tenha tido uma escolha real do que ela ia ser, ou fazer. “Algumas pessoas são, certo? E são deixadas em paz?”

Monica zombou, e por um segundo ou dois de humanidade Claire imaginou desapareceram do rosto bonito dela. “Eles são deixados em paz até não serem. Olha, oficialmente, eles são intocáveis porque fizeram favores, e os Patronos deles os liberaram dos contratos. Grandes favores, eu quero dizer do tipo que eles tiveram sorte por viver, entende? Não estou interessada em dar uma de herói.”

Claire deu nos ombros. “Então vá sem um contrato.”

“Yeah, certo. Isso funciona. Estou ansiosa por um futuro como segunda assistente na Dairy Queen, e me decompor em alguma vala antes de ter 30.” Monica pôs os cotovelos na mesa, o café nas mãos. “Eu pensei sobre ir embora. Na verdade eu fui ver Austin semestre passado, sabe? Mas – não é a mesma coisa.”

“Ou seja você rodou.”

Isso fez Claire ganhar um olhar sujo. “Cala a boca, vadia, só estou aqui porque preciso, e você só está aqui porque precisa. Não vamos começar a ficar muito tocadas.”

Claire engoliu a boca cheia do moca. Se estivesse envenenada, ela ia morrer feliz pelo menos. “Tudo bem por mim. Olha, eu não posso te ajudar a falar com Amelie. Eu nem sei como falar com ela sozinha. E mesmo se soubesse, eu não acho que ela pegaria seu contrato.”

“Então só cala a boca e sorria. Se eu não vou fazer mais alguma coisa nessa manhã desperdiçada, pelo menos Oliver pode ver que eu tentei.”

“Por quanto tempo tenho que fazer isso?”

Monica olhou o relógio. “10 minutos. Agüente isso, e não vou ligar para o meu irmão para contar sobre a pequena indiscrição do seu namorado.”

“Como posso ter certeza?”

Monica bateu as duas mãos na bochecha dela e parecia dramaticamente horrorizada. “Oh, não! Você não confia em mim! Estou arrasada.” Ela parou a atuação que começou de repente. “Eu não me importo se Shane abriu o próprio serviço de taxi para cadáveres, eu só me importo com o que eu posso tirar disso.”

“Talvez você queira vingança,” Claire disse.

Monica sorriu. “Se eu quisesse isso, eu já teria entregado ele. Além do mais, eu ouvi falar que ela é melhor servida fria.”

Claire pegou um livro. “Muito bem. 10 minutos. Eu preciso estudar mesmo.” Monica sentou e começou um ácido monólogo sobre as roupas das garotas no café, o que Claire tentou não achar engraçado. O que ela foi capaz, até Monica apontar para uma garota usando um shorts realmente horrível. “Em algum lugar no céu, Versace derrama uma única lagrima perfeita.”

Claire não conseguiu não rir, e se odiou por isso. Monica ergueu uma sobrancelha.

“Vê?” ela disse. “Sou tão boa que posso até encantar um caso-difícil como você. É um talento desperdiçado, mas preciso me manter afiada.” Ela terminou o café, e pegou a pequena bolsa rosa com a revista Teen People enfiada nela. “Preciso ir, perdedora. Diga ao seu namorado que até onde eu sei, estamos quites. Bem, ok, estou um pouco mais que quite, e é assim que eu gosto. Considere uma ordem de restrição: se eu o vir a 50 metros de mim, não só vou contar ao meu irmão sobre a aventura de meia noite do Shane, mas vou pagar uns jogadores de futebol para fazer uma visitinha a ele.”

Ela se afastou, quadris balançando perigosamente. Pessoas saíram do caminho dela, e a observaram sair. Medo e atração, na mesma quantidade.

Claire suspirou. Ela supôs que as pessoas sempre gostam desse tipo de garota, e sempre iriam. E secretamente? Ela invejava a confiança de Monica. Talvez só em uma pequena parte traidora dela.

DEZ

A garota morta que Shane tinha levado para a igreja era Jeanne Jackson, uma caloura que tinha sumido de uma festa de fraternidade duas noites antes. Os jornais disseram que ela foi estuprada e estrangulada, mas nada sobre suspeitos, e nenhum policial apareceu para interrogar Shane, para o alívio de Claire. Ele fez uma coisa idiota, mas ela podia entender a paranóia dele. Em Morganville, ele era o próximo na lista para ir morar na antiga cela de Jason, independentemente dele ser culpado ou não.

O Relatório Presa do Capitão Óbvio tinha um artigo muito mais detalhado sobre as mortes, ligando as outras duas que Claire sabia com essa, e especulando que ao invés de uma ameaça vampira, eles poderiam estar lidando com um humano dessa vez. Ele não parecia muito entusiasmo sobre formar grupos vigilantes por alguém com pulso, Claire notou. Não que importasse para as garotas mortas que tipo de monstro tinha matado elas.

Ela recebeu um bilhete de Amelie dando uma pausa a ela de trabalhar com Myrinn pelo resto da semana, então ela se devotou a continuar com as aulas. Elas eram mais difíceis do que ela estava acostumada, o que era um alívio. Ela adorava um bom desafio, e os professores pareciam se importar se os estudantes sabiam ou não. Mito e Lenda não foi o que ela esperava, de forma alguma; não eram deuses gregos, ou até histórias de Trapaceiros Nativo Americanos. Não, era sobre... vampiros. Comparação de vampiros, na verdade, examinando literatura e folclore dos registros mais antigos da história até a última versão vampiro-como-super-herói na cultura pop. (O que, agora que Claire parava para pensar, era meio que uma versão moderna de Mito e Lenda.) Estranhamente, para Morganville, o professor não pulou as partes sobre os métodos para matar vampiros, mas Claire achou que ela era uma das poucas na aula que sabia sobre a cidade mesmo. O resto passaria um ou dois anos aqui sem ter nem idéia do que se passa, e então se transferir para

escolas maiores, e nunca saberiam que eles bateram cotovelos com os monstros de verdade nas festas.

Ela manteve a boca fechada sobre qualquer coisa que pudesse colocar ela em problemas, porque o professor tinha um bracelete também. Ela estava tentando combinar os símbolos com os vampiros, e ela achou que ele provavelmente pertencia uma vampira chamada Susan, que parecia trabalhar nas finanças. Susan era dona de muitas propriedades, de qualquer forma, e era algum tipo de peixe grande no Banco de Morganville.

Claire começou a fazer anotações em um caderno especial sobre símbolos, vampiros, quem era dono do que. Não porque ela tinha algum plano, mas só porque era interessante, e ela podia usar algum dia. Ela supunha que se ela perguntasse a Amelie ela teria mesma teria contado, mas era muito mais desafiador descobrir sozinha – e desse jeito, Amelie não teria muita certeza do quanto Claire sabia, o que não era uma coisa ruim. Ela é gentil quando é apropriado para ela. Isso não significa que ela é gentil.

E na sexta, Eve deixou um bilhete no espelho do banheiro para Claire encontrar quando levantasse.

C.U – Não esqueça que hoje é a festa. Objetivo: ficar mais gostosa que Monica e fazer todo mundo esquecer quem está fazendo a festa em primeiro lugar. Roupa atrás da porta. Me pague de volta. – E.

A roupa era nada que Claire nunca, nunca, compraria para si mesma. Era uma saia de couro preta e era... curta. Tipo, realmente curta. Havia algum tipo de meia calça, e uma fina camiseta vermelha com grandes rosas vermelhas tecidas do tecido em algum tipo de material aveludado. E uma segunda pele preta para ir embaixo disso.

Havia outro bilhete na saia. Sapatos embaixo do gabinete. Claire olhou. Elas eram plataformas enormes, do tamanho dela, em um couro brilhante.

Ela levou de volta para o quarto o largou lá, se afastou, e encarou por uns segundos. Eu não posso usar isso. Não sou eu.

Eve totalmente gozaria dela se ela usasse jeans azul na festa. E ela passou por muitos problemas, porque todas essas coisas eram do tamanho de Claire, não de Eve. Até os sapatos.

E... ia realmente irritar Monica se Claire ficasse quente. (Ela nunca seria mais quente que Monica, isso era uma fantasia, mas ainda sim.) Imaginar a expressão no rosto de Monica, Claire devagar passou os dedos pela saia de couro. Não. Não posso.

E então ela imaginou o rosto de Shane quando a visse.

Bem. Talvez ela pudesse, afinal de contas.

Ela não tinha imaginado a expressão dele muito bem, porque a impressionada, expressão vazia no rosto de Shane quando ela começou a descer as escadas foi ainda melhor que na fantasia. A boca dele realmente se abriu. Perto dele, Michael virou, e embora ela não contasse com isso, houve uma confusão quente que fez o dourado-anjo vampiros piscar e dar a ela um rápido, e involuntário

olhar de cima-abaixo.

Claire parou nos degraus acima deles e fez uma tentativa de um giro. “Bem?” ela perguntou. A boca de Shane se fechou com um estalo, e Michael limpou a garganta.

“Bem,” Michael disse.

“Bem?” Essa foi Eve, descendo as escadas atrás de Claire. Ela passou pelo corrimão e socou Michael no braço. “Ela está incrível. Eu não sou nem metade gay e acho que ela está gostosa.”

Shane não disse nada. Claire se sentiu quente e um pouco tonta, o jeito que ele estava olhando para ela. Ela resistiu a vontade de checar para ver se a saia dela estava direito – ela já tinha feito isso umas doze vezes – e se forçou a olhar ele nos olhos e sorrir.

“Tem certeza que isso é inteligente?” Shane perguntou, o que não era o que ela esperava, de forma algo. “Você está fantástica.”

“Obrigado –“

Ele a interrompeu. “Fantástico nessa cidade aparece no menu.”

Ela ergueu a mão esquerda e apontou para o pulso. O bracelete dourado era claramente visível. “Vou ficar bem,” ela disse. “Os vampiros não vão me incomodar.”

“Nem estou falando de vampiros. Você vai atrair cada cara que estiver tentando se dar bem.”

Eve virou os olhos.”Oh,Deus, Shane, da pra não estragar o momento? Ela está ótima, e você não tem que ficar todo ciumento e super protetor por causa disso! Ela estará com a gente, vamos todos cuidar dela. E você tem que admitir, a namorada está ótima toda arrumada. Eu fiz o cabelo dela também. Atraente, certo?” O cabelo, Claire sentia, era um exagero. Era na maior parte gel e spray e tudo mais, mas tinha aquele visual que o das modelos sempre parecia ter.

Eve não estava exatamente não atraente também; ela estava usando um dramático vestido longo que deixava os pálidos braços dela nus, com uma gola que parava na China, e tinha um corte do lado que ia até o quadril dela. Ela usava meia-calça. Era incrivelmente sexy, e se Michael tinha notado a transformação de Claire, agora ele estava completamente focado em Eve.

Eve piscou para ele e deu uma voltinha para mostrar as costas. Que não havia nada. Era só a pele dela, e uma tatuagem de rosa nas costas bem embaixo.

“Cara,” Shane disse. “Isso é só – yeah.”

Não foi até que as primeiras reações deles passaram – que foram bem engraçadas – que Claire percebeu que Eve deve ter feito algo com os garotos também..porque eles estavam incrivelmente bem.Michael estava usando calça preta e um casaco de couro preto, e uma camiseta azul escura. Que o deixava tão... brilhante, como ouro branco contra veludo.

Shane parecia bom o bastante para ser arrastado de volta para o quarto dela. Eve deve ter forçado ele a prender o cabelo, o que ressaltava os ossos fortes da bochecha e o queixo. Ele também estava usando preto, com uma camiseta creme-pálido. Claire nunca o tinha visto usando jaqueta. Ela decidiu que ele precisava nunca tirar ela. Nunca.

Michael balançou a cabeça e ofereceu o braço a Eve. Ela o pegou, sorrindo com os lábios vermelhos, e piscou para Claire. Claire piscou em resposta, de repente se sentindo travessa, e deslizou o braço no de Shane.

“Não acredito que vamos fazer isso,” Shane disse.

Isso vai ser divertido.

Claire não tinha esquecido o endereço, embora ela tivesse dado o convite, e Michael conhecia Morganville como as costas de – como as costas de Eve, do jeito que ele continuava olhando para a pele exposta, especialmente a tatuagem. E além do mais, se você estava a algumas quadras da festa, você não podia se perder. Entre o brilho das luzes e o barulho da música, não havia como dormir se você vivia perto.

Michael passou pela quadra, procurando onde estacionar, e finalmente localizou uma vaga estreita. Quando ele estacionava, ele disse, “Regras. Não nos separamos. Eve e Claire, vocês duas especialmente. Não é só por causa dos vampiros, é por causa de Jason. Entenderam?”

Elas acenaram.

“Além do mais,” Shane disse, e brincou com o cabelo cheio de gel de Claire, “Eu quero ver a cara da Monica quando ela ver vocês duas. Momento Kodak.”

Eve mexeu na bolsa em forma de caixão e pegou um celular novo, com câmera. “Estou pronta.”

“Eu também,” Claire disse, e tirou o telefone chique que Amelie tinha dado a ela. Ela sentiu uma onda de vergonha quando Shane olhou para ele, mas o controlou. Ela não podia ficar com vergonha sempre, e além do mais, não era tão ruim, certo? O que ela estava fazendo? Não era pior do que ter um emprego. Só... diferente.

“Cuidado com o que vocês comem e bebem,” Michael continuou. “A festa da Monica provavelmente está cheia de drogas. Eu posso sentir o cheiro do que eles colocam nas bebidas, vocês não. E se tiverem problemas, se afastem, e me deixem lidar. Se vocês vão ter um amigo vampiro, é melhor fazer valer a pena.”

Shane não respondeu, mas Claire podia ver que havia algum comentário espartano queimando na boca dele. Ela ficou feliz por ele não falar nada. Era bom sentir como se eles fossem quatro amigos de novo, ao invés de quatro pessoas em direções diferentes.

“Mais alguma coisa, pai?” Eve perguntou. Michael a beijou, bem de leve, dispersando o batom dela.

“Yeah,” ele disse. “Você está boa o bastante para comer. Prometa que vai lembrar disso.”

Claire foi pega entre um sorriso e um calafrio, e viu que Eve também.

A casa dos Morrell parecia com a de Tara em E o vento Levou, pos Marcha de Sharman. Claire a viu, piscou, quando uma máfia de garotos da fraternidade bêbados caminhando pela calçada, falando algo que ela não conseguia entender, e carregando um sofá.

Que eles colocaram numa gigante fonte estilo europeu na frente da casa. Aparentemente eles estavam recolocando a maior parte dos moveis da sala ali. Alguns convidados já estavam sentados nas cadeiras, as inundando com a água da fonte, e agora três ou quatro deles riam com o sofá sendo molhado.

“Agora isso,” Shane disse com respeito, “é fora dos limites. Eu gosto.”

Era totalmente fora do controle. Os quatro ficaram juntos perto do carro brilhante de vampiro de Michael, observando com admiração. A casa brilhava com as luzes, haviam tochas acesas no gramado, e convidados em toda parte. Ficando embaixo das arvores, foram das luzes. Tomando doses perto das colunas brancas da frente. Uma garota correu vestida com metade de um biquíni. A parte de cima.

“Nossa,” Michael disse. “Monica sabe fazer uma festa.”

Não brinca. Claire observou uma caminhonete passar por um grupo de pessoas em direção a parte de trás da casa. Tinha o logo BEBIDAS ÓTIMAS DO BOB. Aparentemente, Monica já tinha chamado um reforço para as bebidas, e a noite era uma criança.

“Bem?” Eve disse. “Vamos ficar aqui a noite toda? Porque estou pronta para matar alguém.”

Os quatro andaram pela calçada, mantendo um olho nos garotos da fraternidade e nos moveis molhados. Eles subiram os degraus como um grupo, onde um grupo de 10 pessoas estava jogando um complicado jogo que envolvia beber doses, latas de spray com tinta fluorescente, e rir histericamente. Mesmo o mais bêbado deles virou para olhar para os quatro e então assobiou.

Os garotos da fraternidade, os bêbados na fonte e até os bêbados na varando todos estavam usando roupas casuais, na maior parte shorts e camisetas.”Um,” Claire disse,” Talvez devêssemos ter vindo um pouco menos formal.”

“De jeito nenhum,” Eve respondeu. “Se vamos, vamos grande.”

“Me lembre de jogar poker com você mais tarde,” Michael disse. “Eu adoro uma garota que aposta grande.”

Ela deu uma batida com o quadril dela no dele. “É isso que você quer fazer mais tarde? Cara. Respeite o vestido, pelo menos.”

Michael passou os dedos pálidos dele pelas costas dela, seguindo a espinha, até a rosa vermelha. Eve tremeu, e os olhos dela estavam meio fechados. O que quer que fosse que Michael estava sussurrando no ouvido dela, Claire pensou que provavelmente era pessoal demais para ela ouvir.

Não que ela pudesse ter ouvido, porque bem na hora a porta da frente abriu com um barulho que fez uma onda. Dando batidas de musica Techno e de conversas gritadas. Duas pessoas tropeçaram para foram, braços uma na outra. Claire piscou e reconheceu dois dos nerds a quem ela tinha dado o convite da festa de Monica naquela tarde no campus.

“Festa muito incrível!” Um deles gritou, e caiu de cara.

“Aparentemente.” Eve passou por ele e entrou na festa, com Michael logo atrás dela. Claire começou a seguir, mas o aperto de Shane no braço dela se apertou, e ele a estava segurando.

“O que?” ela perguntou, e virou para olhar para ele. Deus, ele estava incrível. Ela precisava deixar Eve vestir ele assim o tempo todo.

“Antes da gente entrar,” ele disse, e se curvou para beijar ela. Claire ouviu os assovios e barulhos de gatos distantes dos bêbados – distantes, porque o beijo foi doce e quente e selvagem, e tinha algo louco nele que fez ela só tremer por dentro.

Ele se afastou cedo demais. “Fique comigo,” ele disse, com os lábios perto do ouvido dela, e ela acenou. Como se eu fosse tirar você de vista.

E então eles seguiram Michael e Eve para a festa do século.

Era a segunda maior festa da vida de Claire – sem contar festas de aniversários e coisas onde haviam muitas crianças. A primeira, a Dança das Garotas Mortas feita pela fraternidade EEK, não tinha exatamente saído bem, com o pai de Shane invadindo para procurar vampiros para empalar. Essa parecia, se possível, ainda mais louca.

Ela estava agradecida por estar com os amigos dela. Se ela tivesse entrado sozinha, ela não conseguia imaginar o quão assustador seria. O corredor principal era alto, e estava cheio de pessoas conversando, dançando, se beijando, se apalpando – era como o club mais quente com todas as luzes ligadas. Claire se apertou contra um casal que estava – o que eles estavam fazendo? Ela desviou o olhar antes de ter certeza, mas a mão do cara estava num lugar que ela não conseguia imaginar uma atriz pornô permitir em público.

Michael e Eve passaram pela multidão para o próximo aposento, e Claire e Shane seguiram, ficando perto. Havia algumas pessoas na grande sala que estavam vestidas de forma chique, mas a maior parte estava usando roupas normais, e de alguma forma, Claire teve uma impressão distinta que o pessoal que veio com roupas casuais não tinha sido convidado.

Monica estava parada no topo das escadas, braços cruzados, olhando diretamente para eles.

“Ooooh, esse é o momento Kodak,” Eve disse, e levantou o celular para tirar uma foto da cara de Monica. “Yep. Estamos bem.”

Ela e Shane bateram as mãos, o que parecia ser o esperado. Monica tirou a surpresa do rosto com um esforço, e começou a descer. Ela estava vestida de rosa, com um vestido de seda com enormes flores no tecido, e os sapatos dela combinavam perfeitamente com o rosa. Muito chique.

“Claire, você trouxe penetras,” Monica disse. “Que bom.” E então ela parecia estranhamente arrependida. “Michael, não me referi a você. Você sempre é bem vindo.”

Ele ergueu uma sobrancelha pálida. “Eu sou?”

“É claro.”

Claire deu uma cotovelada nele. "Porque você é VIP. Vampiro Importante Pessoa."

Mais dois dos nerds que Claire tinha dado o convite vieram tropeçando; um agarrou o braço de Claire e deu um beijo na bochecha dela., "Nós passamos copias," ele disse, e riu. "Espero que esteja tudo bem. Ótima festa!"

Shane suspirou e o afastou com uma mão no ombro dele. "Yeah, yeah, tanto faz. Garota Pelada está no próximo lugar. Melhor correr."

O nerd olhou rápido, e se afastou. Os lábios perfeitos de Monica estavam abertos, olhos bem abertos.

"Você?" ela disse. "Você fez isso? Esses idiotas fizeram panfletos! Eles penduraram no campus todo! Deveria ser só as melhores pessoas!"

"Não se preocupe," Eve disse queridamente. "Estamos aqui." Ela sorriu, o que com aquele batom vermelho fez ela parecer a Travessa-Bruxa-do-Oeste. "Beijo no ar!" Ela soprou o ar perto da bochecha de Monica. "Ótima festa. Uma pena pelos moveis. Ta!" Ela deu uma voltinha, Michael no braço dela, como se ela fosse a Rainha de Tudo, esquece Morganville. Claire foi pegar a câmera para tirar uma foto da fúria no rosto de Monica enquanto ela observava ela se afastar.

"Sua traidora vadia!" Monica disse.

Claire baixou o telefone e encontrou os olhos dela por um longo segundo. Ela não estava assustada, não mais. "Você chamou seus amigos e disse que eu queria pesado. Tudo o que eu fiz foi reciclar seus convite. Vamos considerar que estamos quietes."

"Não vamos não!"

Shane se inclinou para frente, baixou a voz para que Monica tivesse que se esforçar para ouvir, e disse, "Se acalme. Você fica com rugas quando fica com raiva. E se você chamar minha namorada de vadia mais uma vez, eu não vou ser tão gentil."

Os olhos de Monica estava furiosos e ardentes, mas ela não se mexeu, e depois de um segundo ela virou e correu para o segundo andar, onde os amigos formalmente vestidos estavam juntos como um castelo de Sobreviventes: Ilha Abercrombie*(*roupas chiques).

"Primeiro ponto para os garotinhos," Shane disse. Ele olhou para vários caras usando camisetas de futebol, carregando a cama. Claire piscou. Sim, era uma cama. "Ok, eu não acho que quero saber. Então. Bebidas?"

Na cozinha, um grupo estava fazendo ponche na lata de lixo. Claire esperava que aquela fosse uma lata de lixo nova, mas quando ela olhou para os caras que estavam servindo as coisas, ela não tinha muita certeza.

"Eu evitaria aquilo," Shane disse, a boca perto do ouvido dela. "Vê alguém que você conhece?"

Ela não tinha certeza. Mal havia espaço para ela se mover, com pessoas amontoadas nos cantos, e passando com copos de plástico vermelho nas mãos...

Um choque passou pela espinha dela. "Yeah," ela disse. "Eu vejo alguém."

Como diabos o irmão de Eve entrou na festa? Ele estava no canto, desengonçado e desprezado. Cabelo liso nos ombros, e ele usava a mesma roupa inunda que ele estava usando quando ele ameaçou Claire na UC. Ele tinha uma bebida, mas não estava bêbado; havia muita contemplação quente nos olhos dele enquanto ele olhava a multidão. Olhos malucos. Oh Deus, era como eles pareciam, aqueles caras que atiram em lugares cheio de pessoas.

Os olhos dele se trancaram nos de Claire, e ele deu a ela um sorriso. Claire ansiosamente olhou para Eve, mas ela estava de costas para o irmão e ela estava falando com Michael, ela claramente não viu o potencial para problemas.

“O que?” Shane perguntou.

Claire virou e apontou.

Jason tinha sumido.

Shane balançou a cabeça quando ela disse a ele, e foi falar com Michael. Michael acenou, então entregou Eve para Shane. Claire viu os olhos dele se mexerem. Verem ela.

E então Michael passou pela multidão.

E lá se foi o plano de ficarmos juntos.

Shane passou o braço pelos ombros das duas e disse, “Agora isso é vida. Querem pegar um quarto, garotas?”

Eve virou os altamente maquiados olhos. “Como se você soubesse o que fazer com uma de nós, muito menos duas. Onde ele está indo?”

“Banheiro,” Shane disse suavemente. “Até vampiros tem que fazer xixi.”

O que, até onde Claire sabia, podia ser verdade, mas ela tinha certeza que não era por isso que Michael tinha saído. Shane as colocou num canto e pegou uma garrafa de água para Claire e duas cervejas fechadas, que ele mesmo abriu. Não era para arriscar, Claire pensou, e abriu a tampa da garrafa para dar vários goles da fria e doce água. Ela não percebeu o quão calor estava até ali, mas ela podia sentir o suor grudando a camiseta dela na pele exposta.

Alguém agarrou o traseiro dela. Claire gritou e pulou, virou e viu um garoto bêbado-além-da-conta de uma fraternidade inclinado perto dela. “Oh, baby, gosta de mim!” ele gritou no ouvido dela. “Você, eu, lá fora, ok?” ele fez uma imitação do que ele achava que eles iam fazer lá fora, e ela sentiu uma onda de embaraço e vergonha.

“Se manda,” ela disse, e o empurrou. Os amigos dele o empurraram para perto dela de novo, e dessa vez, ele bateu nela desequilibrado e a empurrou contra o bar. Ele tomou vantagem, as mãos por cima dela, quadris se esfregando nela no balcão.

Shane agarrou ele pega camisa da TPU, o virou, e o socou no rosto.

Ótimo, Claire pensou em um nojo abatido. Essa sempre era a resposta por aqui. Socar alguém. E então de novo, ela não achava que um discurso razoável fosse funcionar hoje.

E é claro, os amigos do cara se juntaram. Eve agarrou Claire pela mão e a tirou do caminho. Um círculo se formou ao redor do combate, com pessoas aplaudindo e encorajando. “Temos que parar ele!” Claire gritou. Eve deu um tapinha no ombro dela.

“Essa é a idéia de Shane de diversão,” ela disse. “Confie em mim. Você não quer tentar parar ele agora. Deixe ele fazer o negocio dele. Ele vai ficar bem.”

Claire odiava isso. Ela odiava ver Shane ser socado, e ela não gostava do jeito que os olhos dele se acendiam quando ele estava no conflito também. Era idiota ficar chateada por isso, ela achou, considerando que isso era parte do porque ela se sentia tão atraída por Shane em primeiro lugar – o jeito que ele se jogava nas coisas sem pensar, especialmente quando se tratava de proteger outros.

Eve estava praticamente lendo a mente dele. “Deixe ele ser quem é,” ela disse. “Eu sei que é difícil, porque no geral, caras são sem noção e você quer consertar isso, mas só – deixe ele ser. Você não quer ele tentando mudar, certo?”

Certo. Ela não queria, embora ele estivesse mudando ela, ele sabendo ou não. Não de uma maneira ruim, ela pensou. Só... mudando. Um ano atrás ela ficaria paralisada de terror com a idéia de vir a uma festa assim, e ainda mais aterrorizada ao imaginar se apalpada por um estranho como aquele.

Agora, ela só estava irritada, e ela sentia a necessidade de tomar um banho.

Eve virou. “Hey! Eu sei que meu traseiro é bom mas olhe, não toque!” Uma erupção de risadas de bêbados. Ela pegou a mão de Claire. “Precisamos de uma parede atrás de nós. Menos chances de ser apalpada.”

“Mas –“ ela desistiu quando mais alguém apalpou ele. “Yeah. Ok.”

Isso as colocou a metade do caminho de distancia de Shane, que agora estava no centro de talvez 10 caras, todos se surrando (na maior parte sem muito sucesso, eles estavam bêbados demais para fazer algum dano de verdade). Claire se inclinou agradecida contra a parede e bebeu mais água. De alguma forma, ela acabou segurando a cerveja de Shane, e com um rápido olhar lateral para Eve, ela tomou um gole. Ugh. Nojento.

“Adquira o gosto,” Eve disse, rindo da expressão dela. “Shane compra como um garoto da faculdade. Se é barata e a propaganda é uma garota de biquíni, então deve ser boa.”

“Isso é nojento,” Claire disse, e tomou outro longo gole de água para tirar o gosto da boca. Até a água tinha gosto amargo depois disso.

“Bem, para ser justa, cerveja é só pelo barato, e não pelo gosto,” Eve disse. “Você quer provar o barato e ter o gosto tome rum e coca, ou Vodka.” Ela pareceu lembrar, de repente, a idade de Claire. “Não que eu vá te deixar provar isso, por sinal. Prometemos a seus pais.” Ela conseguiu parecer quase certa quando ela falou isso, e ela pegou a cerveja de Shane da mão de Claire. “Eu fico com isso.” Eve ergueu a normalmente suave voz para o grupo. “Yo, Shane! Pare de brincar ou vou beber isso!”

Uma risada pelo aposento. A luta estava quase acabando mesmo, e Shane empurrou o ultimo garoto de fraternidade que tentou acertar ele, tirou sangue da boca com as costas da mão, e deixou o campo de batalha. Ele parecia amarrotado e corado e um pouco selvagem, e Claire sentiu algo crescer nela em resposta.

Ela olhou para ele, com olhos bem surpresos. Não estou pronta para isso.

Parte dela claramente estava.

“Tome uma bebida, Galahad,” Eve disse, e entregou a garrafa para ele. Eles fizeram um brinde. “Nosso herói. Aqui. Arrume seu cabelo.” Ela passou a mão com as unhas pintadas de preto, mexeu um pouco, até ele ter um visual cuidadosamente de garoto-glamuroso de novo. “Deus, você é gostoso. “Já foi apalpado?”

“Algumas vezes,” ele disse, e sorriu para Claire.” Não machuque elas. Elas só não conseguem se segurar.”

Eve fez uma careta e olhou ao redor. “Onde está Michael?”

“Provavelmente na fila para o banheiro,” Shane deu nos ombros, o que provavelmente era verdade, mas Claire não achou que essa era a razão. Shane fez aquela coisa quando ele olhava para Eve por tempo demais, e não piscava. Ela achou que sabia dizer quando ele estava mentindo, e esse provavelmente era um sinal em neon.” Senhoras? Vamos perambular por ai.”

Não era tanto perambular mas sim se contorcer, como salmão subindo uma corrente de água. O que Claire podia ver da casa era incrível – ótimos quadros nas paredes, lindos moveis antigos (na maior parte tento bebidas derramadas e empurrados contra a parede para poder abrir espaço para dançar), grande, e caros tapetes turcos (Claire esperava que eles pudessem ser lavados a seco), e uma enorme TV de plasma que estava num canal de musica, a um volume de estourar os tímpanos. Nine Inch Nails- Closer estava tocando agora, e apesar das melhores intenções Claire se encontrou se mexendo de acordo com o ritmo. Eve também estava dançando, e então todos estavam dançando juntos, o que deveria ser estranho, mas não foi. Shane formou a terceira ponta do triangulo, mas Claire podia ver que ele não estava cedendo a atmosfera festiva; ele estava olhando a multidão, procurando problemas. Ou Michael.

Alguem tentou passar algo para ela – um copo com algo nele. Ela negou e devolveu. Não que ela não estivesse tentada, mas depois do que quase tinha acontecido com ela na ultima festa, ela não ia ser idiota.

Bem, não mais idiota do que ela já era ao vir aqui em primeiro lugar.

As bebidas e drogas estavam aparecendo. Liquido E, Popper, doses, até algo que ela tinha quase certeza que era um cachimbo para crack. Morganville gostava de drogas, mas ela achava que fazia sentido. Tinha muita coisa para se escapar por aqui.

Ela continuou dançando. Shane e Eve não tomaram nada também – não que Claire tenha visto, pelo menos. Shane estava menos em clima festivo e mais preocupado a cada segundo.

Michael não voltou. Duas musicas depois – duas longas musicas – Eve finalmente fez Shane olhar para ele, e os três passaram pelo primeiro andar, olhando pelos aposentos (e pacotes) e não

encontraram Michael em lugar nenhum. No corredor para o banheiro havia uma fila de pessoas esperando para usar o banheiro, mas nenhum sinal de um alto, e loiro vampiro.

Quando eles foram para os grandes degraus para o segundo andar, Claire não conseguiu evitar de pensar sobre Rhett Butler carregando Scarlett. A mãe dela adorava esse filme. Ela sempre achou chato, mas a cena ficou com ela, e ela quase podia ver ela nessa casa. Mas ao invés de Scarlett, Monica Morrell, estava no topo da escada, cercada por seus protetor círculo de amigas. Gina e Jennifer estavam atrás, cada uma usando um vestido que era mais sem graça do que o de Monica estava usando, mas em cores complementares. O grupo particular de apoio. Havia algumas outras garotas na multidão, mas na maioria eram caras – bonitos, e educados. Os populares de Morganville, e cada um deles usava bracelete.

“Bem,” Monica disse. “Olha quem esta vindo para o mundo.” A multidão riu. Os olhos de Monica eram maldosos. Se ela tinha sido um pouco humana quando elas estava sozinhas no café, ela superou. “Penetras ficam no andar de baixo. Vamos ter que reconstruir o lugar mesmo, depois disso.”

“Yeah, aposto que o papai vai ficar furioso quando chegar em casa,” Eve disse. “Eu queria perguntar, esse vestido é vintage? Porque eu posso jurar que eu vi minha mãe usando ele uma vez.” Ela olhou ao redor, indo diretamente para um dos fortes jogadores de futebol que estavam com Monica; ele parecia confuso, e ansioso e saiu do caminho dela. Shane e Claire seguiram. Monica ficou perigosamente quieta, provavelmente percebendo que qualquer resposta que ela tentasse soaria idiota.

“Vamos ter problemas para sair daqui,” Shane disse. Estava mais quito ali embora o glamour do andar de baixo continuasse nas paredes e no chão. O corredor estava deserto, e todas as portas estavam fechadas. Estava alinhado com caros retratos e fotos da família Morrell. Não surpreendente, Monica parecia incrível na foto. Claire nunca tinha visto a Sra. Morrell, mas ali estava ela nas fotos de família – uma franzida, e meio delicada mulher sempre olhando para outro lugar ao invés da família. Infeliz, de alguma forma. Richard Morrell parecia crescido e adaptado a essa cidade, e é claro o prefeito também; Monica pode não ser estável, mas ela definitivamente é material para Morganville.

A mãe dela, nem tanto.

“Onde será que os pais delas estão?” Claire disse em voz alta.

“Fora da cidade,” Eve disse. “Foi o que eu ouvi. Mas eles vão adorar encontrar a casa reformada por um Extreme Home Makeover, Edição Quebradura.” Ela tentou abrir a maçaneta do primeiro quarto a esquerda. Trancado. Shane tentou a da direita, abriu, e colocou a cabeça para dentro. Ele saiu, sobancelhas arqueadas.

“Bem, essa é novidade,” ele disse. Claire tentou passar para ele para olhar. Ele pos a grande mão dele nos olhos dela. “Confie em mim, você não tem idade o bastante. Eu não tenho idade o bastante.” Ele cuidadosamente fechou a porta. “Continuando.”

Claire abriu a próxima porta, e por um segundo ela não conseguiu entender o que estava vendo. Quando entendeu, ela não conseguiu falar. Ela se afastou e tocou Shane sem falar nada no ombro dele e apontou.

Haviam 3 caras no quarto, e uma garota na cama, e ela estava desmaiada. Eles estavam tirando a

meia calça dela.

“Merda,” Shane disse, e afastou Claire. “Eve, chame a policia. Agora. Hora de acabar com essa merda antes que alguém se machuque.”

Eve pegou o celular e discou, e Shane entrou no quarto e fechou a porta. Ele voltou depois de um minuto com a garota inconsciente nos braços. “Alguém sabe quem é ela?”

Claire negou. “E quanto aqueles caras?”

“Eles sentem muito,” Shane disse. “Eve? Você a reconhece?”

“Um... talvez. Eu acho que eu a vi na U.C – não saberia dizer o nome ou algo assim. Mas ela definitivamente não cresceu na cidade. Não tem bracelete.”

“Yeah, foi o que pensei.” Shane arrumou ela num ângulo mais confortável nos braços dele. A garota – uma morena, pequena, bonita – aninhou-se nos braços dele com um adormecido gemido. “Droga. Não posso deixar ela aqui.”

“E quanto ao Michael? Precisamos encontrar ele!”

“Yeah, eu sei. Olha, eu vou carregar ela. Chequem os outros quartos.”

Claire estava tendo problemas em controlar a respiração. Ela quase foi essa garota, não muito tempo atrás. Só que ela estava um pouco mais alerta, um pouco mais capaz de cuidar de si mesma...

Se recomponha, ela disse a si mesma, e abriu a próxima porta. Ela arfou e cobriu a boca com as duas mãos, porque havia um vampiro no quarto, e ele estava curvado sobre uma garota deitada mole no chão.

Ele olhou para cima, e ela viu o deslumbre das presas antes do rosto dele entrar em foco, e se tornar chocantemente familiar.

Michael.

Havia dois buracos no pescoço da garota, e os olhos abertos e secos dela tinham ficado cinzas. A pele dela era como papel velho colorido, mas azul do que branco.

“Oh,” Claire sussurrou, e tropeçou para fora do quarto. “Oh não, não, não –”

Michael levantou. “Claire, espera! Eu não –”

Eve estava na porta agora, e Shane. Eve olhou para a garota morta, e então pra Michael, e virou e correu. Shane só ficou parado ali, encarando ele, e então disse quietamente, “Claire. Vá atrás dela. Agora. As duas, fiquem juntas. Eu encontro vocês.”

Michael deu um passo em direção a ele. “Shane, eu sei que você está procurando por razões para me odiar, mas você sabe que eu não iria –”

Shane se afastou rápido, mantendo distancia entre eles. Os olhos dele ficaram muito escuros, o rosto corado e enraivecido. “Claire,” ele disse de novo. “Sai de perto dele. Agora.”

“Merda!” Michael parecia furioso, mas ele também parecia assustado e magoado. “Você me conhece, Shane. Você sabe que eu não faria isso. Pense!”

“Se você chegar perto de mim ou das garotas, eu mato você,” Shane disse chatamente, e então virou e gritou para Claire a todo volume. “Vá!”

Ela se afastou e correu atrás de Eve. A pesada plataforma dela parecia estranha, e a roupa legal era nada a não ser uma fantasia barata. Ela não era legal. Ela não era sexy. Ela era um idiota estúpida por estar aqui, e agora Michael... Deus, ele não podia, podia? Mas havia uma cor na pele dele, como se ele tivesse se alimentado...

Eve estava descendo as escadas. Claire pegou um deslumbre do longo vestido preto dela. Ela o seguiu o mais rápido que se atreveu, com aqueles perigosos sapatos. Enquanto ela descia, o volume da musica aumentou.

Quando ela chegou no fim da escada, não havia sinal de Eve em lugar nenhum. Era um mar em movimento, corpos oscilando, uma orgia de bêbados dançando (e talvez, nos cantos, só uma orgia), mas ela não viu ninguém com roupa formal.

“Eve!” ela gritou, mas nem ela conseguiu ouvir. Ela olhou para as escadas, e não viu Shane também.

Ela estava sozinha.

Quando ela virou o pescoço, ela viu um deslumbre de um veludo preto saindo pela porta, e se jogou na multidão para o seguir. Se bêbados apalparam ela no caminho ela mal notou; ela queria sair daqui, muito, e ela não podia deixar nada acontecer com Eve. A dignidade dela era a ultima das preocupações dela.

Uma mão passou por debaixo da camiseta dela. Ela virou, instantaneamente furiosa, e bateu no cara, com força. Nem registrou o rosto dele, nem nada sobre ele. Ele ergueu a mão se rendendo, e ela virou e continuou andado.

A próximo aposento estava quase vazio por alguma razão que Claire não entendia, até que ela viu (e sentiu o cheiro) de um cara vomitando no canto. Ela correu mais rápido. Era Eve que ela estava seguindo? Ela não tinha certeza. Parecia ela, mas os deslumbres eram muito curtos, os ângulos errados. Claire tinha que andar mais rápido.

Ela não tinha certeza de como aconteceu, mas ela acabou numa vasta e brilhante cozinha. Um bando de caras estavam carregando caixas com bebida. Claire passou por dois caras da fraternidade que estavam batendo as mãos. “Removedor liquido de calcinhas aqui!” Um deles gritou, e ouve uma torcida no outro aposento.

Claire conseguiu sair e foi engolfada pelo frio e limpo ar da noite. Ela estava tremendo, suando, e ela se sentia inunda, de dentro para fora. Isso era diversão? Yeah, ela supôs que sim se ela estivesse bebendo e não se importasse, seria diverido, mas de novo, aqui era Morgantville. Diversão assim, podia fazer você ficar desmaiada na cama com estranhos... ou em um necrotério.

Eve estava inclinada contra uma árvore embaixo da luz, tentando respirar. Ela parecia glamorosa, como alguma estrela de Hollywood dos dias do preto e branco, a não ser pelo batom vermelho.

“Oh Deus,” ela gemeu, e enquanto Claire ia até ela, ela percebeu que estava chorando. “Oh Deus, ele fez aqui, ele realmente fez – “

“Não sabemos disso,” Claire se ouviu dizer. “Talvez ele só tenha encontrado ela. Estivesse tentando ajudar ela.”

Eve olhou para ela. “Ele é um vampiro! Tem uma garota morta lá com buracos no pescoço! Eu não sou idiota!”

“Eu não acredito que ele fez isso,” Claire disse. “Anda, Eve, você acredita? Verdade? Você conhece ele. Ele é um assassino? Especialmente quando ele não tem que ser?”

Eve balançou a cabeça, mas isso não foi uma resposta de verdade. Ela estava ignorando a pergunta.

Shane passou pela porta da cozinha com a morena ainda nos braços. “Vamos.”

“Viemos no carro de Michael,” Eve disse atordoada. “Ele tem a chave. Eu posso – “

“Não. Ninguém vai entrar lá, e vocês fiquem longe de Michael até sabermos o que está acontecendo.” Shane pensou por um segundo, então suspirou. “Vamos andar.”

“Anda!” Claire e Eve falaram. Eve melhorou gritando. “Você perdeu a cabeça?”

“Claire tem Proteção, e estou no humor para quebrar a cara do primeiro vampiro que olhar para mim atravessado, e é mais seguro do que pegos os três – “ ele olhou para a garota sem nome nos braços dele. “- nos quatro no carro de Michael agora. Eu quero espaço para correr se precisar. E lutar.”

“Shane-“

“Vamos andar,” ele interrompeu. “Universidade primeiro, podemos levar essa para a polícia do campus.”

Claire limpou a garganta. “Não podemos esperar pela polícia aqui?”

“Confie em mim, não,” Eve disse. “Eles vão pegar todos que não tem bracelete, e isso inclui eu e Shane. E quando eles encontrarem a garota drenada, será livre pra pegar todos. Não podemos nos arriscar. Precisamos ir. Agora.”

Claire estava meio que esperando que Michael aparecesse, mas ele não veio atrás deles. Ela se perguntou porque. Ela se perguntou onde ele estava, enquanto eles procuravam na casa por ele.

Shane começou a andar em direção a rua, com a garota drogada murmurando e rindo nos braços dele. Ele salvou uma vítima, mas perdeu outra. E ele estava tomando essa segunda parte de forma muito pessoal.

Claire olhou para Eve, colocou o braço ao redor dela, e andou com pressa atrás de Shane.

Foi uma volta quieta até o campus da universidade. Eles não viram ninguém. Os poucos carros que passaram, não pararam, e embora eles tenham ouvido sirenes indo para a festa, nenhum carro policial passou por eles.

A noite estava fria o bastante para ser agradável, e o ar estava seco. Nenhuma nuvem. Seria bonito e romântico, a não ser pela bizarrice de tudo. Eve tinha parado de chorar, mas isso foi quase pior; ela estava tão feliz antes, e agora ela estava numa tristeza tão profunda que ela parecia como uma verdadeira gótica.

Claire se sentia magoada. Ela ficou feliz quando eles viraram a esquina e viram o grande e bem iluminado campus atrás de uma cerca de ferro. Eles tinham que ir para uma das quatro entradas para passar. Ela nunca tinha pensado nisso, mas esse lugar não parecia natural, como um parque de vida selvagem.

Ou um zoológico.

Shane estava cansando, e colocou a garota no primeiro banco que eles acharam quando entraram no campus, enquanto Eve chamava um carro policial que estava passando. O Q&A foi muito bem, mas os policiais do campus não são especialmente inteligentes. Levou meia hora, e então a garota estava sendo levada para a clínica para ser examinada, e os três se olharam enquanto o brilho dos faróis do carro policial se afastava.

“Certo,” Shane disse. “Melhor começar a andar.”

Eve pegou o celular.

“O que você está fazendo?” ele perguntou.

‘Chamando um taxi.’

Ele fez uma careta. “Em Morganville? A noite? Certo. Eddie nem gosta de pegar pessoas durante o dia. De jeito nenhum ele vai se arriscar por nós a noite. Ele provavelmente tirou o telefone do gancho. Ele odeia festas de fraternidade.”

“E quanto ao detetive Hess?” Claire ofereceu. “Tenho certeza que ele nos daria uma carona.”

“Vai em frente.”

Claire tentou. O telefone chamou, mas ninguém atendeu. O mesmo com Travis Lowe. Ela olhou para Shane com um sentimento se afundando, e deu nos ombros. Eve levantou, tremeu, e cruzou os braços para se aquecer. Shane tirou o casaco e colocou nos ombros dela.

“Parece que vamos a pé,” ele disse, e pegou a mão de Claire, e então de Eve. “Não diminuam a velocidade, e não parem por nada. Se eu falar para correr, vocês correm. Entenderam?”

Ele não deu chance para discutir. Eles andaram até a saída da universidade. Lá fora, as luzes da rua eram poucas e longe uma das outras, e Claire podia sentir olhos nela nas sombras. Fosse isso

real ou não, ela não sabia, mas fez ela tremer de medo. Anda, Claire, se recomponha. Tem três de nós, e Shane pode dar surra o bastante por todos nós.

Claire se sentiu ainda mais desconfortável com a idéia de que Oliver ia ver eles passando, em toda a glória não muito inteligente. Eles já tiveram uma noite o ruim o bastante sem isso.

Embora, era animador que Monica quase certamente tivesse tendo uma noite pior, tentando explicar a polícia sobre o porque havia mais drogas na casa dela do que na farmácia, sem mencionar as orgias de bêbados menores de idade e a garota morta no quarto.

Por contraste, andar para casa do escuro em Vampiro EUA, parecia um pouco moderado.

Pelo menos até Eve sussurrar, “Alguém está nos seguindo.”

Claire quase desmaiou, mas continuou andando quando a mão de Shane se apertou na dela. “Quem?” ele perguntou. Eve não virou a cabeça.

“Não sei, eu só peguei um deslumbre. Alguém com roupa escura.”

Já que só Amelie parece gostar de roupas claras, Claire pensou que isso não diminuía as opções. Ela andou mais rápido, tropeçou na calçada e quase caiu, se não fosse pelo aperto firme de Shane. Mas isso os atrasou, e eles não tinham tempo para perder.

“Droga,” Shane sussurrou. Eles ainda estavam a pelo menos uma quadra do próximo poste de luz, e agora Claire podia ouvir passos devagar e firmes atrás deles. A frente, uma única loja aberta dava luz na rua. Common Grounds. Território neutro; pelo menos teoricamente. “Certo. Não vamos conseguir chegar em casa. Vamos na Common Grounds, e – “

“De jeito nenhum, eu não vou entrar lá!” Eve disse. “Não posso!”

“Sim você pode, você precisa. Território neutro. Ninguém vai machucar você ali. Podemos fazer algum tipo de trato com Oliver se precisarmos, proteção temporária ou algo assim. Me prometa – “

Shane não teve tempo para dizer mais nada, porque começou uma confusão. Os passos atrás dele de repente se aceleraram, e Shane virou e empurrou as duas garotas para trás dele, e houve um flash de movimento que Claire não conseguiu ver. Algo atingiu Shane na cabeça. Com força. Ele tropeçou a e caiu de joelhos.

Claire gritou e foi para frente, mas Eve agarrou ela e a arrastou com força em direção da Common Grounds.

“Levanta!”

Claire se soltou do aperto de Eve e correu para ver que o berro tinha vindo do idiota na festa, o que tinha caído por cima dela e então apanho de Shane. Ele os seguiu, e ele tinha um taco de baseball. Ele bateu na cabeça de Shane com o taco e estava pronto para fazer de novo.

“Não!” Claire chorou, e se jogou em direção deles, mas Eve agarrou o pulso dela e a puxou em direção ao café de novo.

“Entre!” Ela gritou.

“Me sol –“

Elas pararam de brigar quando uma sombra saiu do beco em na frente delas, bloqueando o caminho.

Uma longa linha prateada brilhou na noite. Uma faca.

Era o irmão de Eve Jason, parecendo todo engordurado e faminto e agitado tanto quanto ele estava na festa.

“Hey, mana,” ele disse, e a faca virou, e virou, e virou. “Eu sabia que você viria por aqui. Assim que ouvi que você saiu da festa sem o seu guarda costas sugador de sangue, eu sabia que era a hora certa.”

“Jason – “Eve soltou Claire e se meteu no meio deles. “Isso não é problema dela. Deixe ela ir.”

Claire estava dividida – ver Jason, que era aterrorizante, ou prestar atenção no que estava acontecendo atrás dela, porque Shane estava brigando agora, brigando pela vida dele, e ele já estava machucado. Ela arriscou olhar para trás e viu Shane agarrar o taco do agressor dele, e atingir ele no ombro do cara, e o mandar direto para uma parede de tijolos. O cara caiu, gritando, mas Shane claramente não estava bem – ele recuou para o lado, sem equilíbrio, e caiu de quatro. O taco rolou para longe.

“Oh deus,” Claire sussurrou. Tinha sangue escorrendo pelo rosto dele, pingando no pavimento. “Shane!”

Shane balançou a cabeça, e o sangue voou para se espalhar no concreto ao redor dele. Ele olhou para cima, viu ela, e piscou.

Então ele viu Eve, e atrás dela, com a faca, Jason.

Shane procurou o taco, o encontrou, e levantou. Ele tropeçou para frente, agarrou Claire e a puxou para trás dele, então tirou Eve do caminho de Jason também. Ele abriu bem os pés e tomou posição para bater.

Ele parecia pálido e abatido e meio morot, mas Claire sabia que ele não ia se afastar.

“Deixe elas em paz,” ele disse. Não um grito, não uma ameaça, só uma voz baixa e silenciosa com absoluto controle. “Se afaste, Jason.”

Jason perdeu o sorriso dele. Ele pos a faca no bolso e ergueu as mãos. “Claro. Desculpe, cara. Não de uma de Sammy Sosa em mim.” Ele baixou as mãos de novo e as colocou no bolso, parecendo casual, mas havia um brilho ávido nos olhos dele, e uma virada cruel nos lábios finos dele. “Eu ouvi que você encontrou um presente no porão. Algo em forma de garota.”

Eve gemeu, e Claire foi para frente para firmar ela quando ela vacilou. “Jason,” Eve sussurrou, e ela parecia horrível, como se ela fosse vomitar. “Oh Deus, porque?”

Shane deu um passo para frente, ergueu o taco e estava pronto, e Jason se afastou de novo. “O que eu fiz, foi só diversão,” ele disse. “Mas não é sobre as garotas. É para eu ser notado.”

“Notado?” Claire repetiu fracamente.

“Yeah, para eles verem que sou capaz. Pronto para ser um deles.”

“Oh, Deus, Jase, é isso que você está fazendo? Você é só um patético cara querendo ser vampiro?” Eve soava tão apavorada que fez o estomago dela revirar. “Você está tentando impressionar eles? Matando?”

“Claro,” Jason deu nos ombros. Ele parecia magro e alto, quase perdido dentro da jaqueta preta de couro. “De que outra forma eu vou chamar atenção por aqui? E vou chamar muita atenção. Começando com você, Claire.”

Shane gritou – não eram nem palavras, só um grito de pura fúria – e jogou o taco nele.

Houve um forte e alto som, e o cheiro de algo queimando, e Claire ficou idiotamente olhando para a fumaça saindo do bolso do casaco de Jason.

Havia um buraco no couro.

Não foi até o taco bater no chão com um barulho alto, e Shane cair de joelhos, que ela percebeu que havia uma arma, e Jason atirou.

E Shane tinha levado um tiro.

Shane pareceu não entender também. Ele estava ofegando, tentando dizer algo, mas ele não conseguia falar. Os olhos dele estavam grandes e confusos.

Jason virou e se afastou, mãos ainda no bolso. Pessoas estavam saindo do Common Grounds, parecendo estarrecidas e alarmadas, e na frente estava Oliver. A cabeça de Oliver virou rapidamente, e ele se focou neles.

Claire caiu de joelhos perto de Shane. Ele olhou desesperadamente para o rosto dela, e caiu devagar de lado.

As mãos dele estavam no estomago, e havia tanto sangue...

Eve não tinha se mexido. Ela só estava – parada ali, no lindo vestido preto, encarando cegamente onde o irmão dela tinha ido.

Oliver pegou ela e a chacoalhou. O cabelo preto dela voou, e quando ele soltou, ela tropeçou contra a parede de tijolos do prédio. Oliver balançou a cabeça impacientemente e virou para Claire, e Shane.

Claire olhou para cima, muda e miserável, e viu Oliver olhando para eles.

Por um segundo, ela pensou ter visto algo nele. Talvez um deslumbre de empatia.

“Alguem está chamando uma ambulância,” ele disse. “Você deveria colocar pressão na ferida. Ele

está perdendo muito sangue. É um desperdício.” O sangue, ele se referiu. E não Shane.

“Me ajude,” Claire disse. Oliver balançou a cabeça. “Me ajude!”

“Você vai descobrir que vampiros não são muito bons com esse tipo de ferimento,” ele disse. “Estou te fazendo um favor ficando longe. E não me de ordens, garotinha. Esse bracelete de ouro seu significa quase nada para mim a não ser que eu não devo deixar testemunhas.”

Shane tossiu, molhado e com força, e sangue saiu da boca dele. Ele parecia tão pálido quanto Michael. Pálido como um vampiro.

Claire colocou ele nos braços dela. Oliver olhou para Eve, franziu, e se afastou. Pessoas estavam se aproximando, murmurando, fazendo perguntas, mas Claire não conseguia ver sentido nenhum nelas. Ela pressionou o ferimento na camisa de Shane, sentiu ele ficar tenso e tentar se afastar, e não o soltou. Pressão no ferimento. Pareceu levar uma eternidade até ela ouvir o distante som das sirenes se aproximando.

Shane ainda estava respirando quando eles o colocaram na ambulância, mas ele não estava se movendo, e não estava falando.

Claire foi até Eve, fez ela levantar, e colocou um braço ao redor dos ombros dela. “Anda,” ela disse. “Precisamos ir com Shane.”

Oliver estava olhando para a molhada a escura mancha de sangue no concreto, e Claire ajudou Eve a subir na ambulância, ele olhou para um dos empregados do café e acenou para a sujeira.

“Limpe,” ele disse. “Use alvejante. Eu não quero sentir o cheiro a noite toda.”

ONZE

Shane sobreviveu a viagem, e eles o levaram direto para cirurgia. Eve sentou silenciosa com o vestido preto, parecendo mais gótica do que nunca, e deslocada na neutra área de espera. Claire ficava levantando e levando as mãos, porque ela continuava achando mais do sangue de Shane nas roupas e pele dela.

Eve estava chorando quieta, quase sem esperança. Por alguma razão Claire não conseguia chorar. Nem um pouco. Ela não tinha certeza do porque. Isso a deixava enjoada? Problemática? Ela não tinha certeza a quem perguntar. Ela não conseguia achar nada certo agora a não ser um vago senso de medo.

Richard Morrell veio tomar o testemunho delas. Foi simples o bastante, e Claire não hesitou em entregar James pelo tiro. “E ele confessou,” Claire acrescentou. “Em ter matado aquelas garotas.”

“Confessou como?” Richard perguntou. Ele sentou na cadeira na frente dela na área de espera, e Claire achou que ele parecia cansado. Mais velho também. Ela achou que não era fácil ser o semi-são da família. “O que ele disse exatamente?”

“Que ele deixou uma para nós,” ela disse, e olhou para Eve, que não tinha dito uma palavra. Não tinha, até onde Claire tinha visto, nem piscado. “Ele chamou elas de presentes.”

“Ele mencionou alguma delas pelo nome?”

“Não,” ela sussurrou. Ela se sentia muito, muito cansada de repente, como se pudesse dormir por uma semana. Frio, também. Ela estava tremendo. Richard notou, levantou, e voltou com um grande cobertor cinza que ele colocou ao redor dela. Ele trouxe outro para Eve, que ainda estava enrolada no casaco de Shane.

“É possível que Jason disse isso porque ele sabia sobre os corpos sendo encontrados na sua casa?” Richard perguntou. “Ele falou sobre algo mais específico que não estava nos jornais?”

Claire quase disse sim para isso, mas parou em tempo. A polícia não sabia sobre a garota no porão deles. Eles achavam que ela tinha sido levada para a igreja e morta.

Ela não teve escolha. Ela só negou.

“É possível que Jason esteja só falando, então,” Richard disse. “Vamos ficar de olho nele. Não vimos nada para provar que ele tem algum envolvimento com as garotas mortas.” Ele hesitou, e então disse, muito gentilmente, “Olha, eu não quero fazer isso sobre Shane, mas ele tinha um taco, certo?”

Eve ergueu a cabeça, bem devagar. “O que?”

“Shane tinha um taco.”

“Ele tirou do outro cara,” Claire disse, quase atropelando as palavras na pressa de falar. “Um cara da festa da Monica. Shane foi atacado, ele estava só se defendendo! E ele estava fazendo Jason se afastar -”

“Temos testemunhas que dizem que Shane jogou o taco em Jason depois que ele guardou a faca.”

Claire não conseguia encontrar as palavras. Ela só ficou sentada ali, boca aberta, olhando para os duros e pesados olhos de Richard.

“Então é isso,” Eve disse. A voz dela começou suave, mas se endureceu rapidamente. “Vai tudo ser culpa de Shane, porque é o Shane. Esquece que um idiota tentou arrancar a cabeça dele, ou que Jason atirou nele. Ainda é culpa do Shane!” Ela levantou, tirou o cobertor, e o jogou para ele. Richard pegou antes de dar no rosto dele, mas por pouco. “Aqui, você precisa disso para cobrir tudo!” Ela se afastou, dura e pálida como uma rosa em todo aquele preto.

“Eve —” Richard suspirou. “Droga. Olha, Claire, eu tenho que encarar os fatos, ok? E os fatos são que durante o confronto, Jason guardou a faca, Shane tinha um taco, e Shane ameaçou ele. Então Jason atirou. É isso?”

Ela não respondeu. Ela ficou sentada ali por alguns segundos, só olhando para ele, e então levantou, tirou o cobertor, e entregou para ele.

“Você vai precisar de muito cobertor,” ela disse. “Veja se tem um circo na cidade. Talvez você possa pegar a tenda emprestada.”

Ela andou pelo corredor para ver se Shane tinha saído da cirurgia.

Ele não tinha.

Eve estava andando pelo corredor, cheia de raiva, as mãos em punho mal visíveis pelas longas mangas do casaco. “Aqueles filhos da puta,” ela disse. “Aqueles bastardos! Eles vão derrubar o Shane, eu posso sentir.”

“Derrubar?” Claire repetiu. “Como assim, derrubar? Como um cachorro?”

Eve olhou para ela. Os olhos dela estavam vermelho, cheios de lagrima. “Eu quero dizer que se ele sobreviver a cirurgia, eles não vão deixar ela sair dessa. Richard praticamente nos disse, você não entende? É a armação perfeita. Shane atacou, Jason disparou para se defender, e ninguém sequer vai olhar para Jason por aqueles assassinatos. Eles só vão enterrar isso, como eles enterram os corpos.”

Ela parou de falar, e os olhos dela se focar acima dos ombros de Claire. Claire virou.

Michael estava vindo na direção delas, curvo e poderoso e alto, e ele foi direto até Eve. Sem hesitar, como se nada tivesse acontecido. Como se eles não tivessem visto ele curvado em cima de uma garota morta na festa.

Ele parou a centímetros de distancia de Eve, e ergueu as mãos.

“Eu fui procurar por vocês. Finalmente te rastreei até a Common Grounds. Como ele está?” ele perguntou. A voz dele era rouca.

“Não muito bem,” Eve sussurrou, e foi para os braços dele como água numa represa. “Oh Deus. Oh Deus, Michael, deu tudo errado, está tudo errado –”

Ele suspirou e envolveu os braços ao redor dela, e descansou a cabeça dourada dele perto da escura dela. “Eu deveria ter vindo com você. Eu devia ter feito você entrar na porcaria do carro. Eu ia, mas – coisas aconteceram, eu tive que cuidar da festa. Eu nunca pensei que vocês iam tentar andar para casa.” Ele pausou, e quando finalmente continuou, a voz dele tinha um traço de dor. “É minha culpa.”

“Não é culpa de ninguém,” Claire disse. “Você sabe que não pode obrigar Shane a fazer algo que ele não queira. Ou Eve, por sinal. Ou eu.” Ela pos a mão hesitando no braço de Michael. “Você não matou aquela garota, matou?”

“Não,” ele disse. “Eu encontrei ela quando estava procurando Jason. Eu estava tentando encontrar ele e o tirar da festa. Ele provavelmente já tinha ido embora.”

“Então quem –”

Michael olhou para cima, e os olhos azuis dele ficaram furiosamente brilhantes. “Era disso que eu tinha que cuidar. Havia vampiros lá, caçando. Eu tinha que impedir.”

Uma das enfermeiras passou devagar, observando Michael e Eve. Os olhos dela se estreitaram, e ela parou para encarar. Ela murmurou algo, e saiu.

Michael virou para enfermeira, que já estava na metade do corredor. “Desculpe,” ele disse. “O que você disse?”

A enfermeira parou e virou para olhar para ele. “Eu não disse nada. Senhor.” Essa ultima palavra soou afiada o bastante para cortar.”

“Eu acho que você falou,” Michael disse. “Você chamou ela de transa-presas.”

A enfermeira sorriu friamente. “Se eu murmurei algo baixo, senhor, isso não deveria ser da sua conta. Você e sua – namorada – deveriam estar na sala de espera. Ou no banco de sangue.”

As mãos de Michael se fecharam em punhos, e o rosto dele ficou duro de raiva. “Não é assim.”

A enfermeira – a etiqueta com o nome dizia que ela era Christine Fenton, R.N. – Fez uma cara de desprezo para ele. “Yeah, nunca é. É sempre diferente, certo? Você só é compreendido de forma errada. Você quer me machucar, vá em frente, tente. Não tenho medo de você. Nenhum de vocês.”

“Bom,” Michael disse. “Você não deveria ter medo de mim porque sou um vampiro. Você deveria ter medo porque você falou da minha namorada na cara dela.”

A enfermeira Fenton virou e continuou andando.

“Wow,” Eve disse. Ela quase soou como ela mesma de novo, como se ter alguém desrespeitando ela tivesse ajudado, como um tapa no rosto. “E as pessoas me tratavam mal quando eu namorava Bobby Fee. Bem, pelo menos ele estava respirando. Respirando pela boca, yeah, mas – “

Michael por o braço ao redor dela, ainda olhando a enfermeira. Ele tinha um franzido no rosto, mas ele se forçou a sorrir para Eve e deu um beijo na testa dela.

“Você precisa descansar. Vamos voltar para a área de espera,” ele disse. “Eu prometo não te embarçar mais.” Ele guiou ela para a direção, e olhou para trás. “Claire? Você vem?”

Ela acenou distraidamente, mas a mente dela estava em outro lugar, tentando ligar os dados. Fenton. Ela viu esse nome antes, não viu? Não a enfermeira, ela nunca tinha encontrado ela antes e agora ela não estava ansiosa para ver ela de novo.

Claire percebeu que ela estava parada no corredor sozinha, e tremeu. Embora esse fosse um prédio moderno, e nem de perto tão nojento quanto o antigo hospital que estava caindo aos pedaços, onde ela e Shane tinham sido perseguidos, ainda era arrepiante. Ela olhou uma ultima vez para as portas de vidro que diziam ÁREA CIRURGICA – SOMENTE PESSOAL AUTORIZADO. E ela não conseguiu ver nada além do vago movimento de sombras.

Ela seguiu Michael de volta a área de espera. Richard Morrell tinha ido embora, o que era bom, e Claire sentou em silencio, esfregando as mãos, ainda sentindo o enjôo fantasma do sangue de Shane na pele dela.

“Hey,” Michael disse. Ela não sabia quanto tempo tinha passado, só que ela estava dura e dolorida e tensa. Ela olhou para cima para os olhos cristalino-azul, e viu força e bondade, mas só um pouco de um brilho que não parecia...natural. “Descanse. Eu posso quase ouvir as engrenagens trabalhando na sua cabeça.” Eve estava dormindo no colo dele, curvada como um gato. Ele estava acariciando o cabelo escuro dela. “Aqui,” ele disse. “Chega mais perto.” E ele pos os braços ao redor de Claire, e ela se inclinou nele, e apesar de tudo que tinha acontecido ela se sentiu quente e segura.

Tudo caiu nela então, todo o medo e a dor e o fato de que Shane tinha levado um tiro, na frente dela, e ela não sabia como lidar com isso, não sabia como se sentir ou o que dizer ou fazer, era tudo só..

Ela virou o rosto na camisa azul de Michael e chorou, silenciosa e pesadamente que saiu dela em dolorosos sacudidas. Michael colocou a mão na cabeça dela, e deixou ela chorar.

Ela sentiu ele pressionando os frios lábios na têmpora dela quando ela finalmente relaxou contra ele, e então ela só deslizou para longe, para o escuro.

Claire lutou pelo caminho, apavorada, para fora do pesadelo, e então para outro. Hospital. Shane.

Cirurgia.

Eve estava balançando ela com as duas mãos nos ombros dela, falando com ela, e ela não conseguiu seguir as palavras, mas as palavras não importaram a princípio.

Eve estava sorrindo.

“Ele está bem,” Claire disse em um sussurro, e então mais alto. “Ele está bem!”

“Yeah,” Eve disse, as palavras sendo atropeladas em um fluxo confuso, rápido demais. “Ele saiu da cirurgia, foi difícil, ele tinha uma séria hemorragia interna, ele vai ficar na UTI por alguns dias antes de ir para casa, mas ele tem um bracelete temporário, sabe, de plástico?”

Claire tentou literalmente balançar a nevoa de sono da cabeça dela. “Plástico – espera, você não ganha sempre um desses no hospital? Como uma etiqueta de identificação?”

“É mesmo? Verdade? Que estranho. Oh. Bem, em Morganville você fica com ele quando sai do hospital, e te protege por um mês depois da cirurgia. Como um ordem de restrição contra vampiros temporária.” Eve pulou para cima e para baixa. “Ele vai ficar bem, oh meu Deus, ele vai ficar bem!”

Claire se levantou, agarrou os braços de Eve, e as duas pularam juntas, e então se abraçaram e gritaram.

“Eu só – vou deixar vocês fazerem isso,” Michael disse. Ele estava na cadeira observando, mas ele estava sorrindo. Ele parecia cansado.

“Que horas são?” Claire perguntou.

“Tarde. Cedo.” Eve checou o relógio em forma de crânio. “Seis da manhã. Michael, você deveria ir para casa, ainda é bem cedo. Eu fico aqui com a Claire.”

“Todos deveríamos ir para casa,” Michael disse. “Ele não vai acordar só daqui algumas horas. Você podia mudar de roupa.”

Claire olhou para si mesma, e fez uma careta cansada. “Yeah, eu poderia,” ela admitiu. O sangue de Shane tinha ensopado as coxas dela, e ela achou que Michael provavelmente podia sentir o cheiro. Até ela podia sentir o cheiro, um odor mofado, e apodrecido que fez ela sentir ânsia de vômito. “Eve? Você quer vir também?”

Eve acenou. Os três saíram da sala de espera e pelo longo e vazio corredor em direção aos elevadores. Eles passaram pela recepção, onde a enfermeira Fenton olhou para eles. Quando Claire olhou para trás, enquanto esperavam pelo elevador, a enfermeira estava discando o telefone.

“Porque eu conheço esse nome?” ela perguntou, e então percebeu, duh, ela estava com dois nativos de Morganville. “Fenton? Vocês sabem algo sobre ela?”

O elevador chegou. Eve entrou e apertou o botão para o lobby, e ela e Michael se olharam por um segundo.

“A família está aqui a gerações,” Michael disse. “A enfermeira Encantadora ali chegou recentemente. Ela foi para a TPU para a escola, e casou.”

“Você conheceu o marido dela,” Eve disse. “Oficial Fenton, Brad Fenton. É ele que – “

“O que apareceu quando Sam foi atacado,” Claire disse. “É claro! Eu esqueci o nome dele.” Porque isso ainda deixava ela vagamente inquieta? Ela não conseguia lembrar nada que o oficial Fenton tinha feito para fazer ela pensar que ele era anti-vampiro; ele agiu rapidamente quando Sam estava com problemas. Não como a esposa dele, que claramente não tinha a mente aberta.”

Ela se preocupou por um tempo, mas não conseguiu ver nenhuma conexão, e tem outras coisas para se pensar. Afinal de contas, Shane estava ok, e isso era tudo que importava.

Um banho ajudou, mas não baniu a entorpecente dor entre os olhos de Claire, ou estranho tom cinza que o mundo tinha tomado. Exaustão, ela achou, e estresse. Nada parecia muito certo. Ela trocou de roupas, pegou a mochila, e voltou para o hospital – dessa vez, pegando o taxi, apesar de ser dia – para esperar para o horário de visita na UTI. Nenhum sinal de Jason, mas então, ela não esperava que ele fosse obvio. Ou tão idiota. Ele conseguiu se safar por muito tempo.

Mas de novo – Ele realmente não tinha atingido tanto ela. Mais ele era o tipo de cara quer-pegue-tenha. Então o que isso significa? Eve tinha razão? Isso era uma gigante cobertura policial, e Jason recebeu passe livre para passar pela cidade estuprando e matando e atirando de acordo com o humor? Ela tremeu em pensar.

A enfermeira Fenton estava, misericordialmente fora quando Claire chegou. Ela chegou com a moça mais nova e legal da recepção, cujo nome é Helen Porter, e foi procurar a ultima cadeira desconfortável para sentar. O prédio não era completamente idiota; havia conexão para laptop nas mesas, e ela sentou ali. A internet sem fio era uma droga, mas havia conexão Lan, que funcionava bem.

É claro, havia restrições de onde ela podia navegar, e ela rapidamente ficou mais frustrada quando tentava descobrir o que estava acontecendo no mundo fora de Morganville... mais do mesmo, ela achou. Guerra, crimes, morte, atrocidades. As vezes mal parecia que os vampiros eram os caras maus, dado as coisas que as pessoas fazem umas com as outros sem a desculpa de precisar O negativo para sobreviver.

Ela se perguntou se os vampiros tinham feito alguma descoberta sobre quem tinha empalado Sam. Certamente eles iam descobrir algo. Mas de novo, eles não tiveram muita sorte em encontrar o pai de Shane também...

A conexão do laptop dela parou de funcionar, bem no meio de um email para os pais dela. Ela esteve evitando telefonar, porque havia essa perigosa tentação de começar a falar a magoa e medo e procurar por conforto – afinal de contas, não era para isso que os pais dela serviam? – mas se ela fizesse, eles viriam correndo para a cidade, o que seria ruim, ou eles tentaria tirar ela da escola de novo, o que definitivamente seria pior. Pior em todos os sentidos.

Ainda sim, ela sabia que estava atrasada para falar com a mãe, e quanto mais ela adiava, mas estressante seria falar com os dois.

Claire saiu do laptop, guardou, e abriu o novo celular legal dela. Brilhou com uma luz azul pálida quando ela discou o número, e ela ouviu um fraco clique. Isso provavelmente significa que a ligação estava sendo gravada, ou pelo menos monitorada. Mais razão para tomar cuidado com o que ela dizia...

A dela mãe respondeu no terceiro toque. “Olá?”

“Oi!” Claire gritou num tom alegre artificial. Porque ela não podia soar natural? “Mãe, é a Claire.”

“Claire! Querida, estive preocupada. Você deveria ter ligado dias atrás.”

“Eu sei, mãe, desculpa. Eu fiquei ocupada. Eu fui transferida para algumas aulas avançadas, elas são ótimas e tem muito dever de casa e leituras. Eu esqueci.”

“Bem,” a mãe dela disse. “Fico feliz em ouvir que aqueles professores estão reconhecendo que você precisa de atenção especial. Eu estava um pouco preocupada que as aulas eram tão fáceis. Você gosta de desafios, eu sei disso.” Oh, estou num desafio agora, Claire pensou. Entre as aulas e Myrnin, ser perseguida por Jason, e ficar com medo por Shane... “Yeah, eu gosto,” ela disse. “Então eu acho que está tudo bem.”

“O que mais? Como vão seus amigos? O gentil Michael, e ele ainda toca violão?” Mamãe perguntou como se fosse um hobby bobo que ele fosse desistir eventualmente.

“Sim, mãe, ele é músico. Ele ainda toca. Na verdade, ele estava tocando no Centro da Universidade no outro dia. Ele reuniu uma bela multidão.”

“Bem, ok. Eu espero que ele não toque em um daqueles clubes. Isso é perigoso.”

Tinha mais disso, dessa conversa de perigo, e Claire se perguntou que a mãe dela estivesse, se não lembrando exatamente, pelo menos lembrando algo. Porque ela estava tão fixada em coisas perigosas?

“Mãe, você está exagerando,” Claire finalmente disse. “Honestamente, está tudo bem aqui.”

“Bem, você começou esse semestre no hospital, Claire, você não pode me culpar por me preocupar. Você é muito jovem para estar por conta própria, e nem está no dormitório...”

“Eu te disse sobre os problemas no dormitório,” Claire disse.

“Sim, eu sei, as garotas não estavam sendo legais – “

“Não estavam sendo legais? Mãe! Elas me jogaram escada abaixo!”

“Tenho certeza que foi um acidente.”

Não tinha sido, mas havia algo sobre a mãe dela que não ia aceitar isso, não de verdade. Por toda a preocupação e agito, ela não queria acreditar que algo poderia estar muito errado.

“Yeah,” Claire suspirou. “Provavelmente. De qualquer forma a casa é ótima. Eu realmente gosto de lá.”

“E Michael tem nosso número? Em casa de haver algum problema?”

“Sim, mãe, todo mundo tem o numero. Oh, falando nisso, aqui está meu celular novo – “Ela ditou o numero, duas vezes, e fez a mãe dela repetir. “Tem uma recepção melhor que o antigo, então você vai conseguir falar comigo bem mais fácil, ok?”

“Claire,” a mãe dela disse. “Tem certeza que tudo está bem?”

“Sim. Tudo bem.”

“Eu não quero me intrometer, mas aquele garoto, o da casa – não o Michael, mas – “

“Shane.”

“Sim, Shane. Eu acho que você deve manter distancia dele, querida. Ele é velho para você, e ele parece bem seguro de si.”

Ela não queria entrar no assunto Shane. Ela quase se atrapalhou ao dizer o nome dele, doía tanto. Ela queria falar com a mãe dela como ela costumava falar. Elas falavam sobre tudo, antigamente, mas não tinha como ela falar realmente sobre Morganville com a família dela.

E isso significa, que ela não podia falar sobre nada.

“Vou tomar cuidado,” ela conseguiu dizer, e a atenção dela foi tomada pela jovem enfermeira parada na porta da área de espera, acenando para chamar atenção. “Oh – mãe, tenho que ir. Desculpe. Alguem está esperando por mim.”

“Tudo bem, querida. Amamos você.”

“Também te amo.” Ela desligou, botou o telefone no bolso, e pegou a mochila.

A enfermeira a levou para outro par de portas de vidro até a área da UTI. “Ele está acordado,” ela disse. “Você não pode ficar muito tempo, queremos que ele descanse o máximo possível, e eu já sei que ele vai ser um paciente difícil.” Ela sorriu para Claire, e piscou. “Veja se consegue amaciar ele um pouco para mim. Facilitar minha vida.”

Claire acenou. Ela se sentia nervosa e um pouco enjoada com a força da necessidade dela de ver ele, tocar ele...e ao mesmo tempo, ela temia isso. Ela odiava a idéia de ver ele assim, e ela não sabia o que ia dizer. O que as pessoas dizem, quando estão com tanto medo de perder alguém?

Ele parecia pior do que ela tinha imaginado, e ela deve ter demonstrado. Shane gemeu e fechou os olhos por alguns segundos. “Yeah, bem, não estou morto, isso é alguma coisa. Um desse na casa é o bastante.” Ele parecia horrível – tão pálido quanto, bem, Michael. A batida do taco o tinha deixado com um machucado de vários tons, e ele parecia frágil de um jeito que Claire nunca tinha pensado. Tinha tantos tubos e coisas. Ela sentou na cadeira perto dele e se aproximou para tocar a machucada mão dele.

Ele a virou para entrelaçar os dedos deles juntos. “Você está bem?”

“Yeah,’ ela disse. “Jason fugiu, depois.” Andou, na verdade, mas ela não ia dizer isso. “Eve está bem também. Ela estava aqui enquanto você estava na cirurgia, ela foi para casa trocar de roupa. Mas ela vai voltar.”

“Yeah, eu acho que o vestido de diva pode ser um pouco demais por aqui.’ Ele abriu os olhos e olhou diretamente para ela.” Claire. Verdade. Você está bem?”

“Estou bem,” ela disse. “Só que estou com medo por você.”

“Estou legal.”

“A não ser pelo ferimento de bala e a hemorragia interna? Yeah, claro, seu durão.” Ela ouviu a voz dela tremer, e sabia que estava prestes a chorar. Ela não queria. Ele queria rir disso, queria ser forte, e ela tinha que deixar, certo?

Ele tentou dar nos ombros, mas deve ter doido, pelo espasmo que cruzou o rosto dele. Uma máquina perto de Claire bipou, e ele suspirou. “Assim é melhor. Cara, eles te dão coisas boas na UTI. Me lembre de sempre ficar seriamente machucado de agora em diante. Os ferimentos menores não são tão divertidos.”

Estava cansando ele falar. Claire levantou e se inclinou para passar os dedos de leve nos lábios dele. “Shhhh,” ela disse. “Descanse, ok? Poupe isso para alguém que não seja eu. Está tudo bem ficar assustado. Está tudo bem em se machucar, Shane. Comigo, está tudo bem.”

Por um segundo os olhos dele brilharam com lágrimas, e então as lágrimas foram derramadas, deixando rastros molhados. “Droga,” ele sussurrou. “Desculpe. Eu só – eu senti tudo sumindo, eu senti você sumindo, eu tentei – eu achei que ele ia machucar você e não havia nada que eu podia fazer – “

“Eu sei.” Ela se inclinou para frente e beijou ele bem de leve, tomando cuidado com os machucados.” Eu sei.”

Ele chorou um pouco, e ela ficou onde estava, o escudo dele contra o mundo, até acabar. Finalmente, ele adormeceu, e ela sentiu uma batida no ombro. A enfermeira pediu para ela sair, e Claire cuidadosamente se sentou da mão de Shane e a seguiu.

“Desculpe,” Helen disse. “Eu gostaria que ele dormisse um pouco antes de começarmos a cutucar ele. Volte essa tarde, ok?”

“Claro. Que horas?”

Quatro da tarde. Isso deixava um dia todo para matar, e ela não fazia idéia sobre o que ela ia fazer. Ela não precisava ver Myrnn; Amelie não deu a ela nenhuma outra instrução para seguir. Era sábado, então ela não tinha aula, e ela não queria voltar para a Glass House e só... se preocupar.

Claire ainda estava tentando decidir o que fazer quando ela viu uma familiar e adulta figura, parado do lado de fora do hospital.

O que Jennifer, uma amiga regular de Monica, estaria fazendo aqui?

Esperando por Claire, aparentemente, porque ela correu para alcançar Claire, que estava

esperando um taxi. “Hey,” ela disse, e colocou o cabelo atrás da orelha. “Então. Como Shane está?”

“Como você se importasse,” Claire disse.

“Bem, yeah. Eu não me importo. Mas Monica quer saber.”

“Ele está vivo.” Não havia mais nada que Monica pudesse saber sem ajuda dela, então não importava, e Claire não gostava de ter Jennifer por perto. Monica era assustadora, mas pelo menos ela era a Assustadora Alfa. Tinha algo patético e extra- estranho sobre as duas amiguinhas dela.

Jennifer continuou com ela. Claire virou para olhar para ela. Elas estavam na calçada, no brilho total do sol, o que pelo menos significa que nenhum vampiro ia tentar pegar ela enquanto Jennifer a distraia. “Olha,” Claire disse. “Eu não quero nada a ver com você, ou Monica, ok? Eu não quero ser amiga. Eu não quero você puxando meu saco só porque eu sou – alguém, ou algo assim.”

Jennifer não parecia estar querendo puxar saco também. Ela parecia tão amarga e ressentida, quanto uma garota riquinha poderia parecer, na verdade – era bastante. “Vai sonhando, perdedora. Eu não ligo para quem é seu Patrono, você nunca vai ser nada além de lixo com ilusões. Amigas? Eu não seria sua amiga nem que você fosse a ultima pessoa respirando nessa cidade.”

“A não ser que Monica mandasse,” Claire disse maldosamente. “Tudo bem, você não quer trocar anéis de amizade. Então porque você está me incomodando?”

Jennifer olhou para ela por alguns segundos, teimosa e com raiva, e então desviou o olhar. “Você é inteligente, certo? Tipo, muito inteligente?”

“O que isso tem a ver?”

“Você foi tirada das duas aulas que tínhamos juntas. Você deve ter gabaritado as provas.”

Claire quase riu alto. “Você quer ajuda?”

“Não, idiota. Eu quero respostas dos testes. Olha, eu não posso levar para casa outro C-, essa é a regra, o meu Patrono corta a minha faculdade. E eu quero meus quatro anos inteiros, mesmo que eu não faça nada nessa droga de cidade.” Um músculo saltou na mandíbula de Jennifer. “Eu não entendo essa droga de economia. É tudo matemática, Adam Smith, blá blá blá. Pra que eu vou usar, afinal de contas?”

Ela estava pedindo ajuda. Não em tantas palavras, talvez, mas era isso que era, e Claire perdeu a postura por algum tempo. Primeiro Monica, agora Jennifer? O que vem a seguir, uma buque de biscoitos do Oliver?

“Eu não posso te dar respostas da prova,” ela disse. “Eu não daria nem se pudesse.” Claire respirou fundo. “Olha, vou me arrepender disso, mas se você realmente quer ajuda, eu vou repassar a materia com você. Uma vez. E você me paga. 50 dolares.” O que era passar dos limites, mas ela não se importava se Jennifer dissesse não.

O que Jennifer claramente pensou em fazer, muito, antes de dar um único e brusco aceno.

“Common Grounds,” ela disse. “Amanha, duas horas.” O que era basicamente a hora mais segura para estar na rua, desde que elas não ficassem muito tempo. Claire não estava ansiosa em visitar a loja de Oliver de novo, mas ela não achou que haveriam muitos lugares na cidade em que Jennifer concordasse em ir. Além do mais, não era longe da casa de Claire.

“Duas horas,” Claire repetiu, e se perguntou se elas deviam apertar mãos ou algo assim. Não, obviamente, porque Jennifer virou o cabelo e se afastou, claramente feliz por ter terminado com isso. Ela entrou no conversível preto e se afastou arranhando os pneus.

Deixando Claire contemplando a tarde de sol e as chances de andar para casa em uma Monganville onde Jason estava solto.

Ela pegou o telefone e chamou o taxi da cidade, que disse a ela que ele não estava trabalhando, e desligou.

Então ela ligou para Travis Lowe.

O detetive Lowe não ficou muito feliz por dar uma de taxista para Claire. Ela percebeu porque ele não foi o de sempre, nem um pouco – ele sempre foi gentil com ela, e um pouco engraçado, mas não tinha nada disso no jeito que ele parou o Ford azul e disse, “Entra.” Ela entrou, e ele estava acelerando de uma maneira que ela nunca tinha visto antes. “Você sabe que eu tenho um trabalho, certo?”

“Desculpe, senhor,” ela disse. O senhor vinha automaticamente, um habito que ela não conseguia quebrar não importa o quanto ela tentasse. “Eu só não achei que deveria andar para casa, com Jason – “

“Ideia certa, hora errada,” ele disse, e o tom dele se suavizou. Ele parecia cansado e pálido, e havia olheiras nos olhos que o faziam parecer que ele não dormia a dias. Ele precisava se barbear e tomar um banho. Provavelmente mais tomar um banho do que se barbear. “Como está Shane?”

“Melhor,” ela disse.” A enfermeira me disse que ele vai ficar bem, só vai levar algum tempo.”

“Boas noticias. Poderia ter sido ao contrario. Porque você tentou andar para casa daquele jeito?”

Ela se remexeu no assentou. Em contraste com o carro de vampiros, com as janelas escuros, o brilho dentro do carro de Lowe parecia exagerado. “Bem, tentamos conseguir uma carona,” ela disse. Em retrospecto, nenhuma das explicações parecia muito boa na verdade. Ela não mencionou que tentou o telefone de Lowe, e o de Joe Hess. Não tinha porque fazer ele se sentir culpado. Mais culpado. “Achamos que com nós três juntos...”

“Yeah, bom plano, se fosse outras pessoas. Vocês, vocês são apenas problema triplamente. Eu não sou gênio da matemática, mas aposto que isso é muito.” Os olhos dele estavam frios e distantes, e ela teve o pressentimento que ele nem estava pensando nela. “Olha, eu tenho que parar. Já estou atrasado. Você fica no carro, ok? Só fique no carro. Não saia.”

Ela acenou. Ele virou em algumas esquinas, e entrou numa área residencial de Morganville que ela não reconheceu. Era gasta, com cercas caídas que eram marcadas com sinais de gangue. As casas não eram muito melhores. A maior parte delas tinha lençóis na janela ao invés de cortinas de

verdade.

Ele estacionou na frente de uma, saiu, e disse, “Janela fechada. Tranque as portas.”

Ela seguiu as ordens dele e o observou ir para a estreita e quebrada calçada até a porta da frente. Ela abriu na segunda batida, mas ela não conseguia ver quem estava lá dentro, e Lowe fechou a porta atrás dele.

Claire franziu e esperou, se perguntando sobre o que ele estava fazendo – coisas da polícia, ela achou, mas em Morganville isso podia ser qualquer coisa, desde fazer tarefas para vampiros até capturas.

Ele não voltou. Ela checou o relógio e viu que mais de 10 minutos já tinham passado. Ele mandou ela ficar ali, mas por quanto tempo? Ela poderia já estar em casa se tivesse conseguido pegar o taxi, ou se ela tivesse andado.

E estava ficando quente no carro.

Mais 10 minutos, e ela começou a se sentir ansiosa. A vizinhança parecia deserta – ninguém na rua, mesmo com o sol brilhando. Mesmo para Morganville, isso não parecia... normal. Ela não conhecia essa área, não passou aqui antes, e ela se perguntou o que se passava por aqui.

Antes dela poder decidir fazer algo realmente idiota, como investigar sozinha, o detetive Lowe saiu da casa e voltou para o carro, depois de bater na janela para ela destrancar o carro. Ele parecia, se possível, ainda mais cansado. Quase deprimido.

“Qual problema?” ela perguntou. Os lençóis se mexeram na janela da casa, como se alguém tivesse espiado para fora. “Senhor?”

“Pare de me chamar de senhor,” Lowe surtou, e ligou o carro. “E não é da sua conta. Fique fora disso.”

Havia sangue na mão dele. Os dados estavam machucados. Claire respirou rápido, os olhos dela se alargando quando ela notou, e ele estreitou os olhos enquanto o carro acelerava para longe da rua deserta. “Você estava numa briga?” ela perguntou.

“O que eu acabei de dizer a você?” O detetive Lowe já esteve irritado antes, não com ela, mas ela percebeu que ele estava sendo muito exigido. Ela acenou e olhou para frente, tentando se manter parada. Não era fácil. Ela queria fazer perguntas, uma dúzia delas. Ela queria perguntar onde tinha ido o detetive Hess. Ela queria descobrir quem vivia naquela casa, e porque Lowe tinha ido lá. Em quem ele bateu, para machucar as mãos daquele jeito.

E porque ele estava tão depressivamente irritado para surtar com ela.

Lowe não falou para ela sobre nada disso. Ele parou o carro bruscamente, e Claire percebeu que estava em casa. “Se precisar de outra carona, chame um taxi,” Lowe disse. “Estarei tratando de assuntos policiais pelo resto do dia.”

Ela saiu e tentou agradecer a ele, mas ele não estava ouvindo. Ele já estava abrindo o celular e discando com uma mão enquanto dirigia com a outra. Ela mal fechou a porta antes dele se afastar.

“Tchau,” ela disse suavemente, para o ar vazio, e então deu nos ombros e entrou.

Michael estava sentado na sala, tocando violão. Ele olhou para cima e acenou para ela quando ela entrou. “Eve foi para o hospital,” ele disse. “Ela deve ter sentido sua falta.”

Claire suspirou e sentou no sofá. “Eles não vão deixar ela entrar. O horário de visita acabou.” Ela bocejou e se ajeitou, colocando os pés debaixo dela. Ela estava toda dolorida, e tudo parecia muito brilhante, e não muito certo.” Michael?”

“Yeah?” Ele estava trabalhando no progresso de um acorde, focado na musica; a resposta dele não significava que ele estava ouvido.

“Você não deveria estar dormindo? Quero dizer, vampiros não - ?”

Ele estava ouvindo afinal de contas. “Dormem durante o dia? Yeah, na maior parte. Mas eu – não consegui. Eu fico pensando...” O acorde foi para uma nota menor, e então errada, e ele fez uma carreta. “Eu fico pensando que eu já deveria ter consertado essa droga com Shane. Eu não sei se ele vai superar, não de verdade. Não de uma forma que conte. E eu odeio isso. Eu não consigo parar de pensar – eu não quero ele fazendo essas coisas. Não sem eu cuidado da retaguarda dele.”

Claire inclinou a cabeça contra as almofadas no sofá. Tinha cheiro de coca derramada, um pouco, mas na maior parte tinha o cheiro de Shane, e ela alegremente virou para respirar fundo. Fez parecer como se ele estivesse ali, pelo menos por um segundo.

“Ele não te odiaria tanto se ele não te amasse, pelo menos um pouco,” ela disse. “Ele vai ficar bem. Vamos ficar juntos, certo? Nós quatro?”

Michael olhou para cima, e por um segundo ela não tinha certeza do que ele ia dizer, mas então ele sorriu um pouco e disse, “Yeah. Vamos ficar juntos. Não importa o que.”

Parecia uma mentira, e ela queria que ele não tivesse dito.

Ela adormeceu, ouvindo ele compor uma nova musica, e sonhou sobre coisas vibrantes e portas que levavam a lugar nenhum, e a qualquer lugar. Alguem estava observando ela, ela podia sentir, e não era Michael, não era quente e gentil, não era seguro, ela não estava segura, e tinha algo errado, errado, errado...

Ela quase caiu do sofá, ela pulou tão forte. Michael não estava ali, e o violão dele estava no estojo na mesa. Claire olhou o relógio. Eram quase duas horas, e ela dormiu no almoço, mas não foi a fome que a acordou. Ela ouviu algo.

Veio de novo, uma batida na porta da frente. Ela bocejou e tirou o cobertor que Michael tinha colocado por cima dela, e foi até a porta ainda tentando tirar a sonolência dos olhos.

Ela esteve que ficar na ponta dos pés para espiar para fora. Um cara, ninguém que ela reconheceu imediatamente – não era Jason, pelo menos. Isso era bom. Claire olhou por cima do ombro, mas não havia sinal de Michael em lugar nenhum. Ela não fazia idéia de onde ele tinha ido.

Ela abriu a porta. O cara parado do lado de fora olhou para cima e entregou um pacote com adesivos nele; ela pegou e leu o próprio nome. “Oh,” ela disse, preocupada. “Obrigado.”

“Sem problemas, Claire,” ele disse. “Bom ver você.”

Tinha um jeito familiar demais sobre o jeito que ele disse isso. Ela ergueu a cabeça, olhou para ele, mas ela ainda não conhecia ele. Ele era só... normal. Altura normal, peso normal, tudo normal. Havia um bracelete de prata no pulso dele, então ele era humano, não um vampiro.

“Eu conheço você?” ela perguntou. Ele mexeu a cabeça um pouco, mas não respondeu. Ele só virou e foi para a calçada, em direção a rua. “Hey, espere! Quem é você?”

Ele acenou e continuou andando. Ela deu alguns passos para fora no calor da tarde, franzindo, mas ela deixou os sapatos do lado de dentro e o concreto estava pelando. De jeito nenhum ela podia correr atrás dele com os pés descalços, ela ia fritar igual bacon.

Ela voltou para frescura da casa, e suspirou aliviada com o sentimento da madeira fria debaixo dos pés dela. Ela olhou pro envelope na mão e de repente queria derrubar ele e dar um passo para trás. Ela não sabia quem esse cara era, e era estranho que ele não pudesse responder a ela. E estranho, em Morganville, raramente era uma boa coisa.

Ela fechou e trancou a porta, respirou fundo, e abriu o envelope. Não tinha cheiro de sangue ou de nojentas coisas apodrecidas, o que ela bom. Ela cuidadosamente abriu um lado, e não viu nada dentro a não ser um bilhete. Ela o colocou na mão, e reconheceu o papel imediatamente – pesado, papel caro, cor creme, com o mesmo logo que havia no bracelete de ouro dela.

Era um bilhete de Amelie. O que significa que o cara que o entregou era alguém que ela confiava, pelo menos para isso.

“Está tudo bem?” A voz de Michael veio do corredor. Claire arfou, colocou o papel de volta no envelope, e virou para olhar para ele.

“Clairo,” ela disse. “Só correspondência.”

“Coisas boas?”

“Não sei ainda, não li. Provavelmente porcaria.”

“Aproveite o fato de que você não tem eletricidade, água, net, internet e lixo para pagar,” ele disse. “Olha, vou subir. Grite se precisar de algo. Tem coisas na geladeira se você tiver fome.” Uma breve pausa. “Não abra o jarro no fundo da ultima prateleira.”

“Michael, me diga que você não está colocando sangue na geladeira.”

“Eu disse para não abrir. Então você não sabe.”

“Você é uma droga!” É claro que ele colocou, ele é um vampiro.” Eu quero dizer, não em um bom jeito, também!”

“Coma alguma coisa! Estou indo dormir.” E ela ouviu a porta dele se fechar, então ela estava efetivamente sozinha.

Claire pegou a carta e abriu. Um cheiro fraco de rosas veio do papel, como se ele tivesse ficado

com rosas secas. Ela se perguntou o quão antigo o papel era. Era um bilhete curto e simples, mas fez o corpo todo dela gelar.

Dizia, estou descontente com seu progresso nos seus estudos avançados. Sugiro que você passe tempo extra aprendendo o que puder. O tempo está ficando curto. Não me importo como você vai conseguir isso, mas será esperado que você demonstre pelo menos um experiente entendimento do que você está aprendendo nos próximos dois dias. Você não pode envolver Michael. Ele não pode ser arriscado.

Mais nada. Claire encarou a letra perfeita por alguns segundos, então dobrou o bilhete e o colocou no envelope. Ela ainda se sentia cansada e com fome, mas mais do que qualquer coisa, ela se sentia assustada.

Amelie não estava feliz.

Isso não é bom.

Dois dias. E Michael só podia ir com ela nas manhas...

Ela não podia esperar.

Claire checkou a mochila. Os cristais vermelhos estavam dentro, seguramente presos no bolso.

Se ela pegasse o carro de Michael – não, ela não podia. Ela nunca seria capaz de ver pela janela escura, mesmo que se sentisse confiante sobre dirigir. E o detetive Lowe não ia dar uma carona. Ela podia tentar o detetive Hess, mas a atitude de Lowe fez ela ficar tímida.

Ainda sim, ela não podia ir sozinha.

Com um suspiro, ela ligou para Eddie, o motorista de taxi.

“O que?” ele surtou. “Eu não tenho um dia de folga? Qual o seu problema?”

“Eddie, desculpe, realmente desculpe. Eu preciso de um favor.” Claire hesitantemente checkou a carteira. “Um, é uma viagem curta, eu pago o dobro, ok? Por favor?”

“Dobro? Eu não aceito cheque.”

“Eu sei disso. Dinheiro.”

“Eu não espero. Eu pego, levo, e saiu.”

“Eddie! Dobro! Quer ou não?”

“Fique esperando. Qual endereço?”

“A casa de Michael Glass.”

Eddie suspirou tão pesadamente que soava como um furacão temporário. “Você ganhou. Ok, eu vou. Mas eu juro, ultima vez. Nada mais nos sábados, sim?”

“Sim! Sim ok. Só dessa vez.”

Eddie desligou. Claire mordeu o lábio, colocou o bilhete de Amelie na mochila, e esperou que Michael estivesse falando serio sobre ir para cama. Porque se ele a ouviu, mesmo que por acidente, ela ia ter muita explicações para fazer.

Levou 5 minutos pra Eddie chegar. Ela esperou na calçada, e pulou na traseira do antigo taxi – mal amarelo, depois de tanta exposição ao sol – e entrou ao Eddie o dinheiro que ela tinha. Ele contou. Duas vezes.

Então ele roncou e lixou o taxímetro.”Endereço?”

“Casa de Katherine Day.” Uma coisa que Claire tinha aprendido sobre andar com Eddie – você não precisa de números, só nomes. Ele conhece todo mundo, e ele sabe onde todo mundo vive. Todos os nativos pelo menos. Os estudantes, ele só largava no campus e esquecia.

Eddie jogou um braço no banco e franziu para ela. Ele era um cara grande, com muito cabelo escuro, incluindo a barba. Ela mal podia ver os olhos dele quando ele franzia, o que era quase sempre. “A casa Day. Tem certeza.”

“Tenho certeza.”

“Te disse que não vou ficar, certo?”

“Eddie, por favor!”

“Seu funeral,” ele disse, e pisou no acelerador com força o bastante para pressionar as costas dela no banco.

DOZE

A cabana de Myrnin foi fácil de entrar – o truque, afinal de contas, não era entrar. Era sair. Luz saía das faixas de escuridão onde as tabuas não se encaixavam direito, mas não era exatamente fácil de ver, e ela não gostava muito de entrar na toca de Myrnin no escuro. Ou mesmo no semi-escuro. Ela encontrou uma lanterna na prateleira perto da porta e a ligou; um puro círculo branco de luz passou contra o sujo chão, e mostrou a ela os estreitos degraus que levavam para baixo.

Ela foi muito devagar. Com muito cuidado. “Myrnin?” Ela perguntou quietamente, porque ele a ouviu; ele disse a ela que as orelhas dele eram sensíveis por causa do silêncio, e a falta de companhia.

Ele não respondeu.

“Myrnin?” Claire podia ver a luz na base das escadas. Ele deixou tudo ligado, parecia que – a luz tinha uma cor estranha, uma mistura de luz fluorescente com lâmpadas a óleo, velas e incenso. “Myrnin, é Claire. Onde você está?”

Ela quase não viu ele, porque ele estava tão duro. Myrnin normalmente estava fazendo alguma coisa – se movendo rápido, como um beija-flor, indo de uma coisa brilhante para outra. Mas o que estava parado no centro da sala parecia Myrnin – só que completamente parado. Vampiros respiram, um pouco; o sangue que eles tomam dos humanos precisa de oxigênio. Claire descobriu isso, embora bem menos que uma pessoa normal. Mas o peito dele estava parado, os olhos dele estavam abertos e fixos, e ele não estava se movendo nem um pouco. Nem olhou para ela. A atenção dele estava focada em algum lugar do lado.

“Myrnin?” Ela colocou a mochila no chão devagar. “É Claire. Você consegue me ouvir?”

O peito dele se ergueu só um pouco, e ele sussurrou, “Fora. Vá.”

E lágrimas deslizaram dos enormes e fixos olhos, escorrendo pelas pálidas bochechas dele.

“O que foi? Qual o problema?” Ela esqueceu de tomar cuidado, e se moveu em direção a ele. “Myrnin, por favor me diga qual o problema!”

“Você,” ele disse. “Isso é errado.”

E então ele só – caiu. Caiu como se os joelhos dele tivessem cedidos, e o resto dele seguiu. Não foi uma graciosa queda, e teria machucado um humano normal, talvez seriamente. A cabeça de Myrnin bateu no chão com uma batida sólida, e Claire se abaixou perto dele e pos a mão no peito dele – sem ter certeza do que estava fazendo, o que ela deveria estar sentindo. Não havia pulso, vampiros não tem pulso, pelo menos não um que humanos possam detectar. Ela sabia disso porque aprendeu com Michael.

“Eu não posso fazer isso,” Myrnin disse. As mãos frias dele se ergueram e seguraram o braço dela, com força o bastante para machucar. “Porque você está aqui? Você não deveria vir!”

“Do que você está falando?” Claire tentou se soltar, mas ela podia muito bem estar tentando se soltar de um cabo de aço. Myrnin podia quebrar os ossos dela, se ele quisesse. Ou mesmo se ele fosse descuidado. “Myrnin, você está me machucando. Por favor – “

“Porque?” Ele chacoalhou ela, e ela podia ver pânico nos olhos dele. Isso fez ela respirar fundo e esquecer da dor onde ele estava segurando ela. “Você não deveria voltar!”

“Amelie me mandou um bilhete. Ela disse que eu só tenho dois dias para aprender –“

Myrnin gemeu e a soltou. Ele cobriu os olhos com as mãos, esfregou o rosto, e disse, “Me ajude a levantar.” Claire pos a mãos no braço dele e conseguiu ajeitar ele, se inclinando contra um gabinete solido que parecia estar preso no chão. “Me deixe ver o bilhete.”

Ela voltou para as escadas, pegou a mochila, e o bilhete. Myrnin o abriu com as mãos tremulas e olhou para ele intensamente.

“O que? É falso?”

“Não,” ele disse devagar. “Ela te mandou para mim.” Ele derrubou o bilhete no colo, como se de repente ele tivesse ficado insuportavelmente cansado, e descansou a cabeça contra a dura superfície do armário do laboratório. “Ela perdeu esperança, então. Ela está agindo por medo e pânico. Isso não é típico dela.”

“Eu não entendo!”

“Esse é exatamente o problema,” Myrnin disse. “Você não entende. Você não entenderá, criança. Eu expliquei isso a ela antes – mesmo o humano mais brilhante não pode fazer o que preciso que seja feito, não completamente. E você é muito jovem.” Ele soava muito cansado e triste. “Agora chegamos no final disso, Claire. Pense nisso: Amelie te mandou para mim, sabendo que eu não acredito que você é a solução para meus problemas. Porque ela faria isso? Você sabe o que eu sou, o que eu faço, o que eu desejo. Porque ela te colocaria na minha frente se ela não quisesse que eu – eu – “Ele parecia estar implorando para ela entender, mas ele não estava fazendo nenhum sentido. “Você não sabe do que ela é capaz de fazer, criança. Você não sabe!”

Tinha tanto medo na voz dele, e no rosto, que ela sentiu um senso real de ameaça. “Se ela não quer que você me ensine, porque ela me mandou?”

“A pergunta é, porque – depois de tomar tanto cuidado para te fornecer escolta – ela te mandaria para mim sozinha?”

“Eu – “ Ela parou, lembrando. “Sam disse para te perguntar sobre os outros. Os outros aprendizes. Ele disse que eu não era a primeira – “

“Samuel é inteligente,” Myrnin disse, e apertou os olhos fechados. “Você brilha, você brilha como uma ótima lâmpada, tanta possibilidade em você. Sim, houve outros que Amelie mandou para aprender. Vampiros e humanos. Eu matei o primeiro quase por acidente, você deve entender, mas o efeito – você vê, a mente mais inteligente, mais minha lucidez dura, ou foi o que pensamos. O

primeiro me trouxe quase um ano sem ataque. O segundo...meros meses, e assim por diante, e esteve diminuindo enquanto minha doença piora.”

“Ela me mandou aqui para morrer,” Claire disse. “Ela quer que você me mate.”

“Sim,” Myrnin disse. “Inteligente, não é? Ela entende meu desespero tão bem. E você brilha tão claramente, Claire. A tentação é quase – “ Ele balançou a cabeça violentamente, como se estivesse tentando tirar algo da cabeça.” Me escute. Ela procura evitar o inevitável, mas não posso aceitar essa troca. Sua vida é tão frágil, só começando, eu não a posso roubar por metade de um dia, ou uma hora. Não tem uso algum.”

“Mas – eu achei que você tinha dito que eu podia aprender – “

Ele suspirou.”Eu quero acreditar, mas não é possível. Sim, eu poderia te ensinar – mas você não será nada mais do que uma talentosa mímica, mecânica, não uma engenheira. Tem coisas que você não pode fazer, Claire. Desculpe.”

Myrnin estava dizendo que ela era idiota, e Claire sentiu uma quente e estranha faísca de raiva. “Me solta!” ela surtou, e ele ficou surpreso o bastante que um pouco do vazio dos escuros olhos dele sumiu, substituído por preocupação. Ele devagar relaxou os dedos. “Explique para mim. Você não é um sabe-tudo, talvez você tenha esquecido algo.”

Myrnin sorriu, mas era uma sombra do sorriso maníaco usual.”Eu te asseguro, eu provavelmente esqueci,” ele concordou. “Mas Claire, entenda: meus músculos já me desobedecem. Logo eu não serei capaz de andar, e então minha voz fica trancada na minha garganta. E então cegueira, e loucura, e vou terminar meus dias trancado num escuro lugar gritando silenciosamente enquanto morro de fome. Se há alguma sombra de esperança para poder evitar esse destino, você não acha que eu já teria visto?”

Ele disse tão... calmamente. Como se já tivesse acontecido. “Não,” Claire disse. Ela não conseguiu se impedir. “Não, isso não vai acontecer.”

Myrnin sorriu mas pareceu âmagô. “Eu vi acontecer com outros. É sempre o mesmo. Amelie ira me trancar porque ela não terá escolha, e vai levar muito tempo para mim morrer, porque eu sou muito velho.” Ele balançou a cabeça. “Não importa. Não agora. Tudo o que importa é que você vá pra casa, criança, e nunca mais volte. Eu não consigo imaginar eu ter a força ou vontade para recusar tamanho presente adorável duas vezes.”

Era idiota. Ela não gostava de Myrnin, ela não podia. Ele era assustador e estranho e ele tentou matar não apenas uma vez, mas pelo menos duas.

Então porque ela sentia vontade de chorar?

“E se usarmos os cristais?” ela disse. Os olhos de Myrnin se estreitaram. “Eu aprendi, quando você me fez tomar eles. E se usarmos eles agora? Nós dois? Isso ajudaria?”

Ele já estava balançando a cabeça. “Claire, é uma pergunta tola. O que eu ensinaria a você? A maquina que controla o sistema? Ou iríamos continuar a buscar uma cura? Não há tempo o bastante – “

“A cura para a sua doença!” Ela sentiu uma repentina esperança enquanto mexia na mochila para

e pegou a coqueteleira com os cristais. “Não é o que você tem feito até agora?”

“É. Inteligente você descobrir isso. Mas o ponto é, levou anos para o desenvolver, e é uma medida apenas temporária. Mesmo uma dose alta terá seu efeito diminuído em algumas horas para nós dois, e as consequências para você...”

“Mas se conseguirmos uma cura, uma cura real?”

“É ingenuidade pensar que poderíamos fazer algo perfeito em algumas horas. Não, eu acho que é melhor você ir. Eu fui bem nobre hoje. Você realmente deveria me deixar aproveitar enquanto posso.” Ele olhou para a coqueteleira na mão dela, e por um segundo ela achou ter visto aquela faísca de interesse que tinha guiado ele tanto nos primeiros encontros. “Talvez – se eu te mostrar a pesquisa, você possa continuar uma parte dela sozinha. Pelos outros.”

“Sam disse que todos estão muito doentes. Até Amelie.”

Myrnin acenou. “Como eu, todos eles ficarão assim. Cada vampiro que vive irá sofrer com isso nos próximos dez anos, a não ser que seja impedido.”

“Amelie nos trouxe para Morganville para nos dar tempo, para encontrar um jeito de assegurar nossa sobrevivência. Ela acreditava – ela acreditava que humanos poderiam ter a chave para essa praga, e ela também acreditava que não poderíamos mais continuar vivendo como antes, pela noite ou nos escondendo. Ela achou que humanos e vampiros poderiam viver em cooperação, e encontrar a solução para nossa doença juntos. A maioria achou que ela havia enlouquecido, mas ela é a única de nós que ainda pode criar jovens, então ela é, por falta de escolha, a quem eles devem obedecer.”

“Então – Morganville é tipo um laboratório. Ela está tentando encontrar a cura, e proteger todos vocês ao mesmo tempo.”

“Exatamente.” Myrnin esfregou a mão no rosto de novo. “Estou ficando cansado, Claire. É melhor me dar os cristais.”

Ela derramou alguns na mão dele. Ele olhou nos olhos dela. “Mais,” ele disse. “A doença avançou. Vou precisar de uma dose grande para ficar com você, mesmo que só por um tempo.”

Ela serviu uma colher de chá. Myrnin abriu a boca, fez uma cara devido a amargura, e engoliu. Um tremor passou por ele, e ela viu a inquietude e confusão sumir. “Excelente. Essa foi realmente uma descoberta incrível. Uma pena pelo doutor, verdade, ele era muito inteligente. Oh Deus. Myrnin estava virando um maluco agora, graças a droga. Isso era perigoso. “Você é muito inteligente. Talvez você pudesse ler as anotações.”

“Eu – eu só comecei agora bioquímica avançada – “

“Bobagem, sua habilidade nativa é clara.” Ele apontou para os cristais na mão dela. “Tome.”

“Não. É o seu remédio, não meu.”

“E vai te ajudar a me acompanhar, porque temos muito pouco tempo, Claire, muito pouco.” Os olhos dele estavam brilhantes e claros, como pássaros, e com tanta afeição quanto. “Tem dois jeitos que você pode me ajudar. Você pode tomar os cristais, ou você pode me ajudar a estender meu período de lucidez de outra forma.”

Ela sentou para trás. “Você disse que não iria.”

“De fato. Mas você vê, a doença me deixa um tolo sentimental. Se vou encontrar um herdeiro para o meu conhecimento, e encontrar uma cura para meu povo, eu não posso ser incomodado com tamanha consideração.” O olhar dele passou por ela, abstrato e faminto.

“Você brilha tão claramente, sabe.”

“Yeah,” ela murmurou. “Se você diz.” Ela odiava isso. Ela odiava que Myrnin pudesse mudar assim, ir de amigo a inimigo em questão de minuto. Qual era real? Ou algum deles era?

Claire colocou metade de uma colher de chá na mão.

“Mais,” Myrnin disse. Ela acrescentou um pouco mais, e ele estendeu a mão, pegou a coqueteleira, e colocou um monte na mão dela. “Você tem muito a aprender, e você está operando com muita desvantagem. Melhor prevenir do que remediar.”

Ela não queria tomar – bem, ela queria, um pouco, porque o cheiro de morango dos cristais trouxe flashes do jeito que o mundo parecia: claro como diamante, descomplicado, simples.

Difícil não querer isso.

Myrnin disse, “Tome, ou vou ter que tomar você, Claire. Não temos mais movimentos no tabuleiro de xadrez.”

Ela derramou os cristais na língua e quase se engasgou com a amargura. O sabor de morango era demais, e o gosto no final era amargo e frio na língua dela, e ela pensou por um segundo que ela fosse vomitar...

...e então tudo ficou quente, afiado, e perfeitamente em foco.

Myrnin não parecia mais estranho e patético, ele era um pilar de energia mal contida na pele. Ela podia ver que ele estava doente, de alguma forma; havia escuridão nele, como algo podre no coração de uma árvore. A sala ficou mais brilhante. Neurotransmissores, ela pensou. O cérebro dela estava andando a milhares de quilometro por hora, fazendo ela rir e ficar sem ar. Minha reação dessa vez foi dez vezes mais rápida.

Myrnin levantou, agarrou a mão dela, e a arrastou para as prateleiras, onde ele começou a tirar livros freneticamente. Livros, anotações, pergaminhos escrito a mão. Dois livros pretos, o mesmo que Claire usava na aula de laboratório. E até uns livros azuis baratos que ela usou para gabaritar as provas. Tudo estava cheio de anotações.

“Leia,” ele disse. “Rápido.”

Tudo o que ela tinha que fazer era virar as páginas. Os olhos dela capturavam as coisas, como câmeras, e o cérebro dela era tão rápido e eficiente que ela traduzia e compreendia o texto quase instantaneamente. Quase duzentas páginas, e ela passou por ele o mais rápido que os dedos dela

podiam se mexer.

“Bem,” Myrnin exigiu.

“Isso está errado,” ela disse, e voltou para o primeiro terço do livro. “Bem aqui. Vê? A formula está errada. A variável não combina com a versão anterior, e o erro fica complicado indo para frente – “

Myrnin deu um poderoso e afiado choro, como um falcão caçando, e tirou o livro dela. “Sim! Sim, eu vejo! Aquele tolo. Não é de se admirar que ela só tenha me sustentado por alguns dias. Mas você, Claire, oh, você é diferente.”

Ela sabia que ela deveria ter medo do sorriso devagar e predatório que ele deu a ela, mas ela não conseguiu se impedir.

Ela sorriu em resposta.

“Me de o próximo,” ela disse.” E vamos começar a fazer cristais.”

Quando o efeito passou, atingiu Myrnin primeiro. Ele tomou mais, mas ela podia ver que não estava funcionando dessa vez. Efeito diminuído. É por isso que ele só tomou alguns cristais da ultima vez, para prolongar o efeito para que a mudança não fosse tão dramática.

Essa queda foi como bater num parede de tijolos e 180 por hora.

Começou quando ele perdeu o equilíbrio, se segurou, e derrubou uma bandeja da mesa; ele tentou pegar ela no ar, algo que ele seria mais do que capaz de fazer uma hora antes, mas ele não conseguiu. Ele olhou para as mãos em frustração, e viciosamente chutou a bandeja. Ela passou pela sala e atingiu a parede mais distante com uma batida espetacular.

Claire se ajeitou na bandeja com os cristais. Ela também podia sentir os efeitos – o cérebro dela estava diminuindo a velocidade, o corpo dela doendo. Tinha que ser pior para Myrnin, por causa da doença. Era errado fazer isso, ela pensou. Errado, porque a fase maníaca dele levava a demência, e ele queria tanto ser ele mesmo de novo.

Mas os cristais na bandeja podiam mudar isso, pelo menos, ela esperava que eles mudasse. Não era que Myrnin estava errado, só que o ultimo assistente dele cometeu erros, deliberados ou não Claire não sabia dizer. Mas os cristais na bandeja seriam mais eficientes, e durariam mais.

Myrnin conseguiu se estabilizar de novo.

“Não é a cura,” Myrnin disse, como se tivesse lido os pensamentos dela.

“Não, mas vai nos dar tempo,” Claire disse. “Olha, eu posso vir amanhã. Prometa que vai deixar eles bem aqui, ok? Não tente tomar eles ainda, eles não estão prontos. E eles são mais fortes, então você vai ter que começar com uma dose menor e então aumentar.”

“Não me diga o que fazer!” Myrnin latiu. “Quem é o mestre aqui? Quem é o estudante?”

Isso era familiar e perigoso. Ela baixou a cabeça. “Você é o mestre,” ela disse.” Eu preciso ir agora. Desculpe. Volto amanhã, ok?”

Ele não respondeu. Os olhos escuros dele estavam fixos nela, e ela não sabia dizer o que ele estava pensando. Ou se ele sequer estava pensando. Ele estava na beira do colapso.

Claire pegou os cristais menos efetivos e os guardou na mochila – não tinha muito sobrando, mas era o bastante para mais um dose para os dois, e se ele fizesse algo com os cristais durante a fase maníaca, eles poderia precisar. Ela precisava pedir a Amelie algum tipo de cofre onde ela podia guardar as coisas...

“Porque” Myrnin perguntou. Ela olhou para ele, e franziu.”Porque você está nos ajudando? Não é melhor para os humanos se todos nós morrermos? Me ajudando, você ajuda todos os vampiros.”

Claire sabia o que Shane teria feito. Ele teria se afastando, considerado uma vitória. Eve podia fazer a mesma coisa, exceto por Michael.

E ela.. ela estava ajudando. Ajudando. Ela não conseguia explicar porque, a não ser que parecia errado das as costas. Eles não eram todos ruins, e ela não podia sacrificar Michael pelo bem maior. Se esse era o bem maior.

“Eu sei,” Claire disse. “Acredite em mim, não estou muito feliz sobre isso.”

“Você faz porque tem medo,” ele disse.

“Não. Eu faço porque eu preciso.”

Ele só olhou para ela, como se ele não conseguisse entender o que ela estava dizendo. Hora de ir. Ela tremeu, colocou a mochila nos ombros, e correu para as escadas. Ela continuou olhando para trás, mas nunca viu Myrnin se mexer... mesmo assim, ele estava num lugar diferente, mais perto, toda vez que ela olhava. Era como um jogo de criança, só que seriamente mortal. Ele não se movia enquanto ela olhava para ele.

Claire virou e andou de costas, olhando para ele. Myrnin riu, e o som ecoou pelo lugar como batida de asas.

Quando os pés dela bateram o degrau, ela virou e correu.

Ele podia ter pego ela, mas ele não pegou. Ela passou pela porta e saiu no beco, respirando com dificuldade, suando, tremendo.

Ele não seguiu. Ela não achou que ele fosse, depois dos degraus. Ela não tinha certeza do porque – talvez do mesmo jeito que Morganville mantinha as pessoas na cidade, ou apagava a memória deles, Myrnin continuasse confinado nessa garrafa.

Ela sentiu o cabelo na nuca se arrepiar, e ela ouviu uma voz. Sussurrando e indistinta. Shane? O que Shane estava fazendo aqui?

Ele estava lá dentro. Ele estava lá dentro e ele estava com problemas, ela tinha que ir até ele....

Claire se encontrou indo para a porta da cabana antes de perceber o que estava fazendo.

“Myrnin, pare!” ela disse e se afastou. Ela virou e correu pelo beco em direção a relativa segurança da rua.

Foi só então que ela viu que já tinha anoitecido.

Eddie não viria a noite, e ela tinha uma longa viagem para casa. Muito longe para andar.

Claire pensou sobre ligar para Michael em casa quando ela viu um carro policial diminuindo a velocidade. Não havia um vampiro no carro – esse tinha janelas escuras só na frente, embora atrás estivesse escuro. Claire piscou contra a luz e acenou. O efeito dos cristais estavam baixando rápido, e se sentia desajeitada, estranha, e exausta. Tudo o que ela queria fazer era dormir. Ela teria pegado uma carona com Satã na grande e vermelha bolsa de mão se ele ajudasse ela a descansar um pouco.

O carro policial parou, e a janela do passageiro se abriu. Claire se abaixou para olhar para dentro.

Oficial Fenton. “Você não deveria sair sozinha,” ele disse. “Você sabe disso. Todo mundo está te procurando. Seus amigos falaram que você havia desaparecido.”

“Oh,” ela disse. Isso não tinha ocorrido a ela. Ela não tinha percebido quanto tempo ela esteve fora. “Eu só – pode me dar uma carona para casa? Por favor?”

Ele deu nos ombros. “Sobe aí.” Ela subiu, agradecida, e por o cinto. Tudo doía agora – a cabeça, os olhos, cada músculo do corpo dela. E ela tinha o pressentimento que ia ficar pior antes de melhorar. “Falando em seus amigos, como ele está? Fiquei sabendo sobre o Shane. Uma pena.”

“Ele vai ficar bem,” ela disse.

“E o outro? Michael?”

“Yeah, ele está bem,” ela disse. “Porque?”

“Só checando. Provavelmente seja bom manter um olho nele, já que ele era o alvo do ataque em primeiro lugar,” Fenton disse. Ele virou o carro patrulha devagar, dando uma volta, para longe do beco. “Já que o cara está procurando por ele, especificamente.”

A cabeça de Claire doía demais para conversar. “É acho que sim,” ela concordou fracamente. E então um ultimo flash de clareza cognitiva se juntou, e ela sentiu o coração dela pular e bater mais forte. “Como você sabe disso?”

“O que?”

“Eu quero dizer, sobre Sam não ser o alvo verdadeiro? Ele estava inconsciente quando você o encontrou. Ele não pode ter dito nada.”

“Inconsciente, droga. Ele estava morto.”

“Mas mesmo assim, ele não pode ter dito –” As coisas se encaixaram no lugar, e o não o negócio estava ruim. Muito ruim. “Você esteve lá antes das sirenes.”

“Do que você está falando?”

“Quando olhamos para fora, vimos você estacionado atrás do carro de Sam e achamos que você tinha encontrado ele lá. Mas você não encontrou ele deitado na rua – “

Oficial Fenton apertou o acelerador, e o carro foi para frente em alta velocidade. Ele ligou as luzes. Ela ouviu o som que elas fizeram, e a noite foi inundada com os flashes em azul e vermelho.

“Onde você está me levando?”

“Cala a boca.”

Claire pos a mão na maçaneta, mas eles estavam indo tão rápido que ela sabia que não podia pular. Ela ficaria seriamente machucada, no mínimo. “Se você me machucar, a Fundadora –“

“É nisso que estamos contando,” Fenton zombou. “Cala a boca.”

Shane totalmente teria saído dessa sociedade-matadora-de-vampiros. Claire só queria ir para casa. Muito.

Em adição ao oficial Fenton, o grupo que se juntou no galpão atrás da loja que revela fotos incluía a esposa de Fenton, a desagradável enfermeira, que tratou Claire como se ela estivesse carregando algum tipo de doença horrível. Ela até usou luvas de borracha para amarrar Claire na cadeira.

Claire mal reconheceu os outros. Um era um funcionário de manutenção da universidade, ela o viu algumas vezes. Um trabalhava no banco. Um era um cara com um rosto suave, que entregou o bilhete de Amelie essa tarde.

E foi ele que invadiu o espaço dela, as mãos nos braços da cadeira, e disse, “Não gostamos muito de colaboradores. Mesmo os menores de idade.”

A boca de Claire estava seca e suja, e ela estava tremendo agora devido aos efeitos colaterais dos cristais. Myrnin tinha razão: as consequências não eram agradáveis. “Capitão Obvio, eu presumo,” ela disse.

Ele riu. Ele tinha ótimos dentes brancos, sem sinal de presas de vampiro.” E não é que você é inteligente. Fazendo valer sua reputação, eu vejo.” Ele bateu um dedo no bracelete de ouro dela. “Não existem muitos vivos que viram a Fundadora, muito menos se tornaram o bichinho dela. Sam Glass foi o último, antes de você. Sabia disso? Esse bracelete que você está usando era dele. Provavelmente diminuiu um pouco de tamanho, no entanto.”

Ela se contorceu um pouco, mas as cordas estavam muito apertadas. “O que você quer comigo?”

“Um trunfo,” disse o oficial Fenton. “Vampiros parecem gostar de você.”

“Nem todos eles,” Claire disse. Se eles pedissem a Oliver para vir correndo salvar ela, não muito provável que ele sequer bocejasse. “Se você acha que Amelie vai se sacrificar por mim, você está

louco.” Amelie já tinha vendido ela, mandando ela para ver Myrnin com a clara expectativa que Myrnin fosse... comer ela. O fato dele não ter foi apenas sorte de Clairel. “Na verdade, eu não acho que nenhum deles ergueria um dedo – “

“Michael Glass iria,” disse o Capitão Obvio. “E é ele que queremos.” Ele abriu o telefone e pressionou a discagem rápida.” Diga a ele onde você está.”

Claire olhou para ele. “Não.” Ela fechou a boca e ouviu o olá distante de Michael do outro lado. Não vou falar, não vou fazer nenhum som...

A porta de trás se abriu, e alguém entrou. Magro, sujo, vestido com uma jaqueta de couro preta com um buraco no bolso. Olhos malucos. Marca de presas no pescoço

Jason.

Ele pegou o telefone do Capitão Obvio. “Hey, Michael, é o Jason. Cale a boca e escute. Eu tenho a Claire, e estou pensando em todas as coisas que posso fazer com ela até você chegar aqui. Melhor correr.”

“Não!” Claire gritou, e percebeu que era um erro. Ela tinha acabado de confirmar que estava ali, e agora Michael não teria escolha, teria?” Michael, não!”

Ela podia ouvir o som da voz de Michael, mas não o que ele estava dizendo. Jason pos o telefone de volta na orelha e escutou. “Yeah, isso mesmo. Você tem meia hora para aparecer, ou vou levar ela para casa em pedaços. Oh, e não é uma armadilha, é uma proposta de negócios. Você entra sozinho, e vocês dois saem vivos.”

Ele fechou o telefone, o jogou no ar, e o pegou, sorrindo. Os olhos dele nunca deixaram Claire.

Michael não faria. Ele não seria tão idiota, certo? Mas Shane estava no hospital. Ele não podia pedir ajuda a mais ninguém a não ser outros vampiros, e eles não ergueriam um dedo para salvar Claire. Ela não tinha certeza se Amelie iria se incomodar, a não ser que ela estivesse sendo poupada para ser o lanchinho da meia noite de Myrnin.

A porta da cabana abriu de novo, e tanto o Capitão Obvio quanto Jason viraram para olhar.

O detetive Travis Lowe entrou e fechou a porta, e por um segundo Claire sentiu uma onda de alívio e satisfação, mas ela sumiu rapidamente. Lowe olhou para Jason e para o Capitão Obvio como se esperasse encontrar eles ali, e quando o olhar dele foi para Claire, ele não reagiu.

Oh Deus. Ele era um deles. Quem quer que eles fossem.

“Você podia fazer mais besteira?” ele perguntou, baixo e viciosamente. “Eu te disse, Glass não é importante. Não precisamos fazer isso.”

“Ele é o mais novo. Ele é um símbolo, cara,” disse o Capitão Obvio.”E ele era um de nós. Ele é um traidor.”

Um de nós? Ele quis dizer – não, ele não pode ter querido dizer isso. Ele não pode ter querido dizer que Michael conhecia essa gente, que ele tinha sido parte dessa conspiraçãozinha...

A enfermeira Fenton destruiu essa esperança dizendo, “Já passamos por isso. Michael sabe demais. Se ele decidir falar, estamos mortos. Não podemos nos arriscar. Não mais.” Ela deu um olhar negro ao marido. “Se você não tivesse feito besteira – “

“Não me culpe! Carro de vampiro estacionando na casa, como eu ia saber que não era ele?”

É claro. Não era de se admirar que ela sempre tenha estado incomodada – a casa acordou eles não por causa da ameaça ao Sam, mas por causa da ameaça a Michael, o dono. Embora ele não estivesse lá, ela estava agindo por intenção.

Oficial Fenton não foi o primeiro no local, foi ele que empalou Sam e o deixou para morrer, e então fingiu ter visto algo. Se Richard Morrell não tivesse aparecido para levar ele, ele teria sido sucedido.

Claire engoliu com força e se focou no detetive Lowe. “Eu achei que você fosse o mocinho.”

Algo cuidadoso e doloroso passou no rosto dele. “Claire – “ele balançou a cabeça. “Não é tão simples. Não em Morganville. Você não pode ser uma coisa só por aqui.”

“Não é culpa dele,” Jason disse, e riu como um lobo. “Se ele quer o parceiro dele de volta, ele não vai fazer nada idiota.”

Detetive Hess. Eles pegaram ele. Não era de se admirar que ela não o visse a dias – e não era de se admirar que Lowe estivesse estranho. Ela olhou mais de perto para o oficial Fenton, e viu que ele tinha um machucado escuro na bochecha esquerda que combinava com os machucados na mão do detetive Lowe. Ele esteve na casa, talvez com o detetive Hess, e Lowe deu um soco nele.

Os olhos de Lowe estavam escuros e cheios de miséria, e ele desviou o olhar pra longe de Claire. “A garota não tem nada a ver com isso,” ele disse.

“A garota anda com vampiros poderosos,” A enfermeira Fenton disse. “Quantos humanos você conhece com acesso a Fundadora? Ela nem deixa a própria raça se aproximar! É claro que ela tem algo a ver com isso. Provavelmente muito mais do que você sabe.”

Era mais verdade do que a enfermeira Fenton sabia. Claire pensou sobre o que ela aprendeu com Myrnin – a doença dos vampiros, as portas da cidade, a rede das Casas do Fundador – e percebeu que ela sabia o bastante para destruir Morganville.

Só que destruir para salvar não parecia ser a idéia certa.

Ela fez o melhor para parecer assustada e inocente. A primeira parte, pelo menos, não deu muito problema.

Quando Jason passou e pos a mão no ombro de Claire, ela recuou. Ele cheira como uma lata de lixo no verão, e ela viu o pólvora no casaco dele. Ele atirou em Shane. E ele sorriu por ter feito isso.

“Tire suas mãos de mim,” ela disse, e virou para encarar ele. “Eu não tenho medo de você.”

Lowe agarrou o braço de Jason, o virou, e bateu ele no rosto até a parede de madeira do galpão. “Eu também não,” ele rugiu. “E eu não estou amarrado numa cadeira. Deixe ela em paz.”

“Grande herói,” a enfermeira Fenton disse amargamente. “Você e Hess, são patéticos.”

“Eu sou?” Lowe virou o braço de Jason dolorosamente. “Não sou eu que estou estuprando e matando garotas por diversão.”

“Jason também não está fazendo isso,” Fenton disse. “Ele só gosta de falar sobre isso.”

Claire disse, “Então como ele sabia sobre a que estava no porão?”

Todos olharam para ela. “Eu nunca vi no relatório sobre algum corpo na sua casa,” Lowe disse. “Só a do beco.”

Jason riu, um som seco e quebrado. “Eles o moveram. Hey, Claire, você já pensou que talvez não fosse eu, talvez fosse um dos seus dois namorados dentro da casa? Shane, ele não é muito estável, sabe. E vai saber sobre Michael?”

Ela queria gritar com ele, mas ela poupou as forças. Ela tinha um pulso pequeno, o Capitão Obvio não tinha feito um bom trabalho amarrando ela; ela podia sentir as cordas cedendo um pouco, e ela não ia precisar de muito frouxo para soltar pelo menos um braço. A superfície espessa da corda machucou a pele dela, mas ela continuou puxando, tentando não deixar obvio, e ela sentiu uma repentina dor aguda no pulso onde Jason havia feito um corte e o sentiu se abrir de novo, mandando um traço devagar de sangue pelo pulso dela.

Ele ajudou, junto com o suor passando pelos braços dela. Ela tossiu, e ao mesmo tempo puxou, e a mão direita dela se soltou das cordas. Ela manteve atrás das costas e começou a afrouxar o nó na mão direita.

“Então o que são vocês?” ela perguntou, para preencher o silêncio e impedir que eles notassem o que ela estava fazendo. “Caçadores de vampiros?”

“Lutadores da liberdade,” oficial Fenton disse. “Muitas pessoas nessa cidade querem, ou querem os vampiros foram, eles só precisam de pessoas agindo por eles. É o que fazemos.”

“Não que eu tenha notada,” Claire fungou. “O pai de Shane veio para a cidade matou os vampiros até onde eu sei. O que vocês fizeram?”

“Cala a boca,” a enfermeira Fenton disse. “Você está aqui a meses, se tanto. Você não faz idéia de como é viver nessa cidade. Quando estivermos prontos, vamos agir. Frank Collins tinha a idéia certa, mas ele não planejava muito bem.”

“Então vocês estão planejando uma revolução,” Claire disse. “Não só ataques aleatórios.”

“Dá pra parar de dizer a prisioneira nossos planos?” Disse o Capitão Obvio. “Jesus, vocês não assistem filmes? Só calem a boca!”

“Ela não vai contar a ninguém,” oficial Fanton disse, em um jeito tão improvisado que fez o coração de Claire afundar.

Eles não pretendiam manter nenhuma promessa com Michael. De jeito nenhum eles iam deixar Michael, ou ela, sair dessa vivos.

Não faça, Micahel. Não venha por mim.

Mas 15 minutos depois, as portas se abriram, e um vampiro entrou, enrolado num pesado cobertor. O cheiro de carne cozinhando encheu o galpão, e então o vampiro chutou a porta e caiu contra ela, ofegando. Fumaça saiu dele em uma nuvem grossa. Em alguns lugares, Claire podia ver a pele queimada.

“Já era hora,” Fenton rugiu, e pegou uma vara que estava perto dele, e a colocou no peito do vampiro. Por um segundo Claire pensou que era uma estaca, mas ela viu faíscas, e o vampiro caiu em uma confusão de fumaça e cobertor. Ele tinha levado um choque.

O Capitão Obvio pegou uma estaca de madeira e virou o vampiro. Claire gritou. De alguma forma ela esteve evitando em pensar nele como Michael, mas o flash de cabelo dourado e o pálido formato do rosto dele era inconfundível.

Os olhos azuis dele estavam abertos, mas ele não podia se mover. Havia marcas de queimadura nos braços e mãos, mas ele estava vivo...

O Capitão Obvio posicionou a estaca.

Claire se levantou e virou para direita. A mão esquerda dela ainda estava amarrada na cadeira, mas ela a usou como arma, balançando ela com uma força bastante para quebrar ossos direto nas costas do Capitão Obvio. Ele bateu contra a parede. Claire agarrou a cadeira com as duas mãos e a usou como escudo para a arma de choque do oficial Fenton, a derrubando, e conseguindo bater nele no estômago com pelo menos uma das pernas da cadeira. Ele tropeçou para trás.

Travis Lowe xingou e algemou os pulsos de Jason. “Fique sentado,” ele ordenou, e puxou a arma. Ele parecia drenando e desgostoso, mas determinado. “Se afaste, Fenton. Você também, Christine. Todos virados pra parede.”

“Você não pode fazer isso,” o oficial Fenton disse. “Trav, se você nos trair –”

“Eu sei. Você vai me pegar. Eu vou tentar não me mijar em terror.” Lowe acenou para Claire, que estava soltando o último nó que ainda a prendia na cadeira. “Coloque as algemas neles. Eu te cubro.” Ele jogou dois pares, e ela se atrapalhou com o peso desconhecido nos dedos dormentes dela. Quando ela se curvou para pegar elas, o Capitão Obvio – caído, não inconsciente – passou pelo corpo duro de Michael, agarrou o pé dela, e o puxou. Claire gritou e caiu, e o Capitão Obvio arrastou para trás.

Lowe virou, mirando a arma, mas era tarde demais. O Capitão Obvio tinha uma faca, grande, e travessa, e ela a colocou na garganta de Claire, logo abaixo do queixo. Era fria, e então quente quando pressionada contra a macia pele dela. “Solte, Jeff,” Lowe disse. Ele deu um passo ameaçador para frente. “Eu falei sério, abaixe a arma.”

Ele levou um choque nas costas. Claire viu ele ter uma convulsão e cair, e sentiu pânico. Eles vão nos matar agora. Nós três. Quatro, contando Joe Hess, que estava preso em algum lugar.

Ela ouviu um afiado e alto crack, e uma mão pálida e forte explodiu pelas tabuas ao lado da cabeça do Capitão Obvio, agarrou ele, e puxou. A sessão inteira das tabuas quebrou, e o Capitão

Obvio foi empurrado para trás. Claire sentiu a faca deslizar no pescoço dela, mas não havia nenhum força atrás dela – ele a derrubou, perdeu o equilíbrio, e então ele estava do lado de fora, no brilho da sol, e houve um som seco de algo quebrando.

Oliver entrou no galpão, vestido com um casaco de couro preto, um chapéu com abas grandes, e luvas pretas.

E deu a todos um sorriso de vampiro.

“Bem, isso é refrescante,” ele disse. Ele abaixou e colocou Michael sentado perto de Claire, então foi para frente deles.

“Podia ter chego mais cedo,” Michael sussurrou. Ele estava tremendo agora, mas estava saindo da paralisia. Claire o abraçou. Ele tateou no bolso, pegou um lenço, e o pressionou no pescoço de Claire. Ela nem tinha percebido que estava sangrando.

Oliver os ignorou, e foi até os Fentons, que tentaram ir para a porta. Ele passou por eles com a rápida velocidade de cobra que os vampiros podiam mostrar quando quisessem, e Claire tremeu com o olhar nos rostos dele.

Eles sabiam o que ia acontecer com eles.

“Não se preocupem,” Oliver disse. “Haverá um julgamento justo. Já que Samuel não morreu, e vocês não tiveram sucesso hoje, vocês não vão queimar pelo que fizeram.” Ele pegou o pulso de Christine Fenton, rasgou a manga, e expos o bracelete prateado. Ele se encaixava apertado no pulso dela, mas ele deslizou um dedo debaixo do metal e cortou uma longa e invisível costura. Ele pos o bracelete no bolso, e fez o mesmo com o oficial Fenton.

Os lugares onde os braceletes estavam colocados estavam pálidos, e Christine ficava esfregando o dela, como se o ar batendo na pele fosse doloroso.

“Parabéns,” Oliver disse. “Eu libero vocês de seus contratos.”

E então ele agarrou Christine. Claire teve um deslumbre das presas dele, brilhantes e afiadas, e então ele jogou a mulher contra a parede e a mordeu.

Claire escondeu o rosto contra o peito de Michael. Ele pos as mãos no cabelo dele e manteve ali, virada contra a morte de Christine Fenton.

Ela ouviu o corpo da mulher cair no chão e então Oliver, a voz dele grossa e negra, disse, “Sua vez agora.”

Um afiado, som de algo quebrando, e então outro corpo caindo no chão.

Quando Michael a soltou, Claire não olhou para os corpos. Ela não podia.

Ela olhou para Oliver, que estava encarando Travis Lowe. O detetive estava apenas começando a se mexer. “E quanto a este?” ele perguntou. “Amigo ou tolo?”

Ela tinha o poder de matar ele, só por dizer a verdade – que ele esteve trabalhando com os Fentons e o Capitão Obvio, mesmo que sob ameaça.

Ao invés disso, ela disse, “Amigo,” e ela viu os olhos de Lowe se fecharem em alívio. “O parceiro dele está desaparecido. Eu acho que eles o prenderam em algum lugar.”

Oliver acenou, claramente não interessado, e deu um giro devagar. “Havia outro,” ele disse. “Onde ele está?” Ele respirou fundo, e deu um tosse enjoada. “Jason.”

Em algum momento enquanto Oliver estava ocupado matando os Fentons, Jason tinha fugido pela porta, e Michael não tinha impedido ele. Talvez ele estivesse fraco demais, talvez só estivesse preocupado com Claire. Mas de qualquer forma, Jason já havia desaparecido.

“Eu vou encontrar ele,” Oliver disse. “Eu fui tolerante, desde que ele não ameaçasse nossos interesses, mas já chega.” Ele olhou para Michael e Claire. “Vão para casa.” Ele começou a andar, indo para o sol, sem nem olhar para trás. Três corpos, e ele nem parou.

Travis Lowe conseguiu se sentar, gemendo, e colocou a cabeça nas mãos. “Eu odeio armas de choque.” Ele olhou para cima e fixou seu olhar em Claire. “Você está bem? Me deixe ver sua garganta.”

Ela tirou o lenço. Só havia um fino rasgo. O pulso dela estava pior; ela amarrou o lenço ao redor dele para fazer uma bandagem e pensou, vou ter que comprar para o Michael um lenço novo. Porque ela pensou nisso agora, ela não fazia idéia. Talvez ela só quisesse imaginar uma vida normal.

Porque isso definitivamente não era.

Michael levantou, e ajudou Claire a levantar, e depois Lowe. Ele tirou a chave do bolso e jogou para Lowe. “Coloque o carro na entrada,” ele disse. “Abra e buzine quando você estiver pronto.”

Lowe acenou e saiu, no sol. Michael colocou as duas mãos nos ombros de Claire e olhou para ela, e então deu uma batidinha nas bochechas dela com as palmas.

“Não faça isso de novo,” ele disse.

“Eu não fiz nada. Eu peguei uma carona com um policial, foi só – “

“Não isso,” ele disse. “Myrnin. Não faça de novo. Você não pode voltar. Ele vai te matar da próxima vez.”

Ele sabia onde ela tinha estado. Bem, ela supôs que não tinha sido difícil descobrir.

“Você não deveria ter vindo,” ela disse. “Você sabia que era uma armadilha, o que você é, louco?”

“Eu chamei o Oliver,” Michael disse.

“O que você é, louco?”

“Funcionou, não foi?”

Ela olhou ao redor para as pessoas mortas no galpão. “Yeah.”

Ele parecia doente por um segundo, e começou a dizer algo, mas então a buzina tocou, e ele mudou para, “a carona está aqui.”

Ela acenou, e saiu no brilho do sol. Algo passou por ela, se movimentando rápido, e então a porta do sedan se fechou antes dela dar mais do que dois passos.

Claire entrou no lado do passageiro, exausta e dolorida e se sentindo idiota e precisando chorar, e não disse nada durante todo o caminho para casa.

TREZE

Joe Hess estava correndo para casa pela Rua Spring, apertado, imundo, com um braço e duas costelas quebradas - Lowe ligou com a notícia do seu resgate duas horas mais tarde. Claire tentou ficar feliz, mas o acidente tinha começado para ela antes que ela deixasse Myrnin manter ela no chão. Ela sentiu doente e débil e oca, e ela não tinha sequer energia para ir ao hospital para ver Shane. Michael disse a Eve que ela estava doente, o que não era muito de uma mentira; Claire permaneceu na cama, tremendo, envolta em camadas de cobertores, embora o quarto estivesse quente. Tudo mantido deslocando em sua cabeça, um nevoeiro brilhante de gelada clareza, e ela não sabia quanto tempo tinha sido a última. Ela desenvolveu uma cefaléia durante a noite, e quando ela finalmente dormiu, era quase de manhã.

Seu telefone celular tocou as duas horas no domingo. Ela chegou até a visitar o banheiro e pegar uma garrafa de água, mas não comida, e todo seu corpo sentia fraco e abusado. "Onde está você?" a voz do outro gritou. Claire olhou no relógio e ajeitando o cabelo com sua mão, cabelo oleoso.

"Quem é?"

Um suspiro de raiva do outro lado. "É a Jennifer, idiota. Estou esperando no Common Grounds. Você vai vir ou o quê?"

"Não", disse ela, e em seguida tentou novamente. "Estou doente."

"Olha, não me importo se você morrer, eu tenho um teste amanhã que vale metade da minha nota! Mexa a sua bunda daí agora!"

Jennifer desligou. Claire jogou o telefone para a mesa de cabeceira com raiva e sentou - ou caiu - na cama. Eu não posso. Eu só quero dormir, só isso.

Alguém bateu suavemente sobre a porta, e então ela abriu. Eve estava lá, fazendo barulho, com uma bandeja de plástico em suas mãos. Nela tinha um glacial copo de Coca, ainda gelando, um sanduíche, e um biscoito.

E uma rosa vermelha.

"Coma", disse ela, e deslizado para a mesa de Claire. "Cara, isso é um inferno de ressaca."

"Ressaca"? Claire olhou para ela estranhamente, e bebeu a Coca. Ela desceu doce e fresca, e ajudou. "Não estou de ressaca."

Eve só balançou a cabeça dela. "Lembra-se, CU (Claire Ursa). Confie em mim. Coma, chuveiro, você vai se sentir melhor."

Claire concordou. Ela sentiu uma faísca de fome, mas era pouca, e conseguiu tomar duas mordidas no sanduíche antes do cansaço ultrapassar novamente. Ela tentou comer o biscoito nesse meio tempo.

O chuveiro era como o céu, e Eve estava certo sobre isso, também; quando ela finalmente estava vestida e terminado metade do sanduíche que ela sentia quase viva novamente.

Seu telefone celular tocou novamente. Jennifer. Claire, não deixou que ela sequer começar gritar e ameaçar. "Dez minuto", disse ela, e desligou. Ela não queria ir, mas ficar na cama, não parecia estar fazendo muito bem para ela. Ela levou a bandeja para baixo, lavou-a e agarrou sua mochila na saída.

"Onde diabos você pensa que está indo?"

Michael. Ele estava de pé no corredor, bloqueando a porta, olhando como se fosse o guardião das portas do céu. Suas mãos pareciam cruas e rosa – ainda com a cicatrização da queimadura. Ela pensou sobre isso, como era importante as mãos para ele, por causa da música, e sentiu uma forte punhalada de culpa.

"Estou indo encontrar Jennifer no Common Grounds", disse ela. "Ensinando. Por dinheiro".

"Bem, você não pode ir caminhando, e eu não posso levá-la até que esteja escuro."

"Eu posso", Eve se ofereceu. Entrando no hall com Claire. "Eu preciso ir ao trabalho, de qualquer forma. Kim não pode ir novamente, me chamaram há alguns minutos atrás. Hey, horas extras. Eu amo isso. Talvez possamos ter tacos."

Michael olhou exasperado, mas não era como se fosse um monte de opções. Ele concordou e saiu do caminho. Eve se esticou na pinta dos pés para beijá-lo, e passou um tempo antes de Claire apurar a garganta, verificando o seu relógio, e se apressou para o carro.

Foi um curto passeio até a Common Grounds, mas não exatamente confortável, porque a primeira coisa que Eve disse foi: "É verdade? Oliver matou Fentons e o Capitão Óbvio?"

Claire não queria falar sobre isso, mas ela concordou.

"E Michael? Michael estava lá?"

Novamente, concordou. Claire olhou para fora da janela.

"Ele se machucou. Vi as queimaduras." Dessa vez ela nem sequer tentou responder. Eve ficou em silêncio por alguns segundos, então disse, "Não se culpe, Claire. Nós quatro, somos tudo que nós temos."

Só que o que Claire tinha não podia ser compartilhado. Nem com Michael, não com Eve, e certamente não com Shane.

Ela estava sozinha, carregando um peso feio de conhecimento que ela não queria e não podia usar. E cada vez que ela pensava no sorriso gelado de Oliver, sobre como ele rasgava a garganta de Christine Fenton, se sentia doente. Eu vou ajudá-lo, se eu continuar trabalhando para Myrnin e Amelie. Mas ela também ia ajudar Michael. Sam. Myrnin.

Eve parecia ter senso de não era hora de discutir; ela parou em frente ao café e disse: "Fique dentro até estar escuro, em seguida, Michael vai vir buscá-la."

"Eu estou indo ver Shane", disse Claire. "Mas eu vou andando para casa."

"Claire, caramba -" Eve suspirou. "Eu não posso pará-la. Mas se você esperar, você e Michael podem voltar juntos. Vejo vocês esta noite. Tacos para o jantar, certo?"

Nada soava muito excitante para ela agora, mas Claire concordou. Ela saiu e caminhou para o Common Grounds, que era um mar de ruído e conversação - embalado, como sempre, com os estudantes e alguns locais. Ela estava se acostumando ao brilho das pulseiras de identificação.

Jennifer estava sentada na mesma mesa que Monica usava, bebendo uma bebida que Claire apostava que era a mesma coisa que Monica bebia, vestindo uma roupa que era provavelmente uma que Monica usou, ou pelo menos copiado dos mesmos criadores. Ela parecia irritada, e irritada para Claire enquanto ela descia a mochila das costas e mergulhou em sua cadeira. "Você parece péssima", disse Jennifer. "Doente doente, ou ressaca?"

"Isso importa?"

"Ressaca", disse Jennifer, e continuou. "E aqui eu pensando que você era toda cheia-de-não-me-toque." O cheiro do café estava fazendo ela se sentir enjoada, mas Claire foi ao balcão e pediu um Moca de qualquer maneira. Oliver não estava em serviço, e ela não conhecia os dois que trabalhavam como baristas.

Quando ela voltou, alguém estava sentado na mesa com Jennifer na terceira cadeira previamente vazia.

Monica.

Merda. Eu não posso lidar com ela. Não agora. Ela se sentia horrível e, a última coisa que ela queria fazer era jogar com a bruxa-rainha.

Monica deu-lhe o exame de raios-x, Jennifer olhou e fez um bater de mãos na testa. "Eu pensei que o estilo sem-teto tivesse morrido nos anos 90?"

"Cale a boca." Claire deslizou para sua cadeira, com o moca na mão. "Estou ensinando a Jennifer, não você."

"Putá, eu não iria deixá-la me ensinar. Você provavelmente iria me dar todas as respostas erradas."

O que era totalmente uma boa idéia, Claire e viu o medo num flash olhar de Jennifer. Ela suspirou. "Eu não", disse ela.

"Porque não?"

"Porque - porque é matéria. Escola". As duas olharam para Claire como se ela fosse uma lunática. "Nunca menti. Eu não iria. Você quer minha ajuda ou não?"

Jennifer concordou. Claire pegou seu caderno e virou para as notas que tinha tomado em Economia, e começou explicando. Jennifer estava tentando, pelo menos; Monica se mantinha suspirando e remexendo, mas Jennifer olhava para ela. Ela já estava acertando algumas fórmulas, quando Claire lhe aplicou um pequeno quis para ela. Demorou cerca de uma hora para levá-la ao nível de um sólido B, mas era bom o suficiente. Jennifer não estava interessada num A, e Monica não poderia querer menos.

O moca de Claire estava lhe dando náuseas. Ela jogou o copo que estava pela metade fora e foi ao banheiro. Ela estava na metade do caminho quando pegou sua mochila e levou com ela; deixando em expectativa Monica/ Jennifer ou o que elas iriam dizer ou dariam um olhar de misericórdia.

Ela estava olhando no espelho o seu rosto pálido com a sua contusão nos olhos e os lábios pálidos quando um segundo de clareza bateu de novo, uma cintilação imperdoável de beleza em um mundo que apenas parecia cinza.

Só um pouco. Só para passar o dia. Verificou-se que não resta muito mesmo.

Ela não mudaria o que ela pensa. Sua cabeça estava batendo, boca seca, seus músculos doendo, e ela precisava se sentir melhor. Só... melhor. Porque agora, ela não sabia se ela poderia fazer isso ao longo do dia.

Ela pegou cerca de dez cristais em sua palma. O sabor morango chegou nela, e ela verificava os cristais, vendo a luz brilhar sobre as elas. Parecia doce.

É uma droga. Ela estava finalmente admitindo-a para si mesma. Não é mesmo para você. É para Myrnin. O que você está fazendo? Está fazendo mal.

Mas seria também faria ela bem.

Ela estava em processo de colocar os cristais em sua boca quando Monica abriu a porta do banheiro.

Claire engoliu e escondeu e rapidamente limpou a mão sobre sua calça. Ela sabia que ela tinha olhar culpado. Monica, que tinha sido preparada para tudo isso, parou e olhou para ela.

"O que foi isso?" Monica perguntou.

"O que foi o que?" Resposta errada, Claire sabia que logo que ela disse isso. Porque não, a aspirina para minha ressaca? Ou, balas de menta? Ela era uma péssima mentirosa.

Ela não podia ajudar mas arrastou um suspiro chocado quando os cristais enviaram sua mensagem química através das terminações nervosas dela, gelando cada sentido, e todo o mundo estava acentuado e brilhante, e - para o momento - indolor.

E Monica era muito astuta. Ela olhou para a mão de Claire que instantaneamente começou a esfregar contra o jeans e, em seguida, deu-lhe o olhar de raio-x novamente, devagar e sorriu. "Cara, isso deve ser muito bom. Suas pupilas estão dilatadas como um louco." Monica foi até ela para ajeitar a maquiagem. "Onde você conseguiu isso?"

Claire não disse nada. Ela chegou até onde estava a caixinha, que estava na borda da pia, mas Monica chegou primeiro. Ela olhou-a e apertou um cristal em sua mão. "Legal. O que é?"

"Nada. Não é para você."

Monica tirou a caixinha da vista quando Claire chegou perto. "Ah, eu acho que é. Especialmente se você quer tanto."

Claire não pensou, ela só atuou. Seu cérebro trabalhava tão rápido que ela se mexeu como um borrão, bateu Monica contra a parede, em seguida tirou a caixinha de sua mão. Monica que nem sequer teve tempo para gritar. Monica ajeitava sua roupa, jogou para trás o cabelo. Houve uma louca luz nos olhos dela, e um brilho em suas bochechas. Ela gostou deste.

"Oh, estúpida vadia", Monica respirava. "Essa foi uma má idéia. Então, você está mais rápido. E eu posso apostar é algo dos vampiros. Isso torna meu."

"Não", disse Claire. Ela estava nervosa, ela sabia disso, falando só vai tornar a situação pior. Ela colocou a caixinha em sua mochila e fechou, colocando elas nas costas, e virou-se para ir embora.

Sua mão estava na maçaneta quando Monica disse, "Shane continua na UTI." Houve alguma coisa sobre o jeito que ela disse isso... Claire lentamente virou a cara para ela. "Isso significa que ele não saiu da cama ainda. Engraçado, as pessoas podem ter todo o tipo de contratemplos. Talvez ele receba a medicação errada ou algo assim. Isso pode matar você. Eles fizeram uma história sobre isso no noticiário." O sorriso de Monica foi vicioso. "Eu odeio ver isso acontecer."

Claire se sentiu selvagem, um frio impulso estava vindo até ela - ela queria dar um soco em Monica, bater a cabeça na parede, rasgar ela ao meio. Ela pode visualizá-lo. Isso foi aterrador, e ela se puxou de volta para sua sanidade.

"O que você quer?" disse ela. A voz dela não era muito estável.

Monica apenas observava suas unhas manicuradas, levantou uma sobrancelha, e esperou.

Claire derrubar sua mochila, puxou a caixinha, e entregou-a. "Quando isso acabar, eu não terei mais nenhuma", disse ela. "Eu espero que você se engasgue."

Monica derramou alguns dos cristais vermelhos em sua palma. "Quanto? E não seja estúpida. Você terá de explicar, e este é o seu pescoço, não meu."

"Não mais de que metade," disse Claire. Monica raspou metade dos cristais de cima da palma dela, jogando o resto na caixinha. Ela olhou sobre os ombros. Claire concordou.

Monica despejou em sua boca, lambendo o resíduo de sua palma, e Claire podia dizer exatamente o segundo que os produtos químicos bateram ela - os olhos dela eram grande, e suas pupilas começaram a crescer. E crescer. Era estranho, e Claire se sentiu arrepiar quando Monica começou a tremer. Isso é o que parece. Parecia horrível.

"Você é bonita." Monica pareceu surpreso. "É tudo verdade -"

E então os olhos dela perderam o foco, e ela caiu e começou a convulsionar.

Claire gritou por socorro, colocando sua mochila perto da cabeça de Monica para mantê-la e evitar que ela batesse a cabeça no chão, e tentou segurá-la. Jennifer corria e gritava, também, então veio para Claire

oscilante. Claire se mexeu para fora do caminho no meio de um soco - pareceu lento para ela - e Jennifer saiu do caminho. "Eu não fiz isso!" ela gritou. "Ela tomou alguma coisa!"

Jennifer ligou para 911.

Isto não era como se Claire tivesse intenção de acabar no hospital. Pior, pelo tempo eles ficaram lá, Monica tinha parado de respirar, e os paramédicos tinham de colocar um tubo em sua garganta. Eles a tinham colocado em máquinas agora, e o prefeito foi chamado, e metade da polícia da cidade estava nisso.

"Preciso saber o que ela teve", o médico dizia. Claire tentou olhar sobre seus ombros, ela viu Richard Morrell próximo através das portas do estacionamento. O médico estalou os dedos na frente de seu rosto para obter a sua atenção. "Suas pupilas estão dilatadas. Você teve alguma coisa também. O que é isso?"

Claire silenciosamente entregou a caixinha. O médico olhou para os cristais vermelhos, cara amarrada, e disse, "Onde você conseguiu isto?" Ele estava usando uma pulseira, de prata, com um símbolo que ela não reconheceu. "Olha, eu não estou brincando. Esta menina está prestes a morrer, e eu preciso saber -"

"Não posso dizer", disse ela. "Pergunte Amelie." Ela mostrou a pulseira. Ela sentia entorpecida. Mesmo que ela desejasse matar Monica ela nunca teve a intenção de realmente matá-la. Porque tinha acontecido? Foi a mesma dose que Claire tinha tomado, e ela sabia que os cristais não foram contaminados...

O médico deu-lhe um olhar de desprezo frio, e entregou-a para um ordenado. "Laboratório", disse ele. "Preciso de saber o que é isto, agora. Diga-lhes que é uma prioridade."

O ordenado correu.

"Eu quero você no laboratório também," o doutor disse, e seguiu uma enfermeira que passava. Ele estava falando de testes, falando mais rápido do que o cérebro acrescido de Claire poderia processar, embora o enfermeiro apenas concordasse. Exames de sangue, ela pensou. Claire correu sem queixa. Era melhor do que espera por Richard Morrell ouvir que ela desejava envenenar sua irmã.

Enquanto a enfermeira terminava de tirar o sangue dela, Claire foi a UTI. Shane estava acordado, lendo um livro. Ele parecia melhor, e seu sorriso era quente e aliviado. "Eve disse que estava doente", disse ele. "Eu achei que talvez fosse apenas um motivo para vir me ver."

Claire queria chorar. Ela queria rastejar para a cama com ele e ser condicionada em seus braços e não ter toda essa culpa e horror que ostentam, no seu ombro, apenas por um minuto.

"O que há de errado?" ele perguntou. "Seus olhos -"

"Eu cometi um erro", ela murmurou. "Cometi um erro terrível e eu não sei como corrigi-lo, ela está morrendo e eu não sei como -"

"Morrer?" Shane lutou para sentar. "Quem? Deus, não Eve -"

"Monica. Eu dei-lhe uma coisa, e ela tomou e está morrendo." Havia lágrimas deslizando frio em sua bochechas, e ela podia sentir cada picada de agulha gelada. "Tenho de fazer alguma coisa. Mas eu não sei o que posso fazer."

Os olhos de Shane se estreitaram. "Claire, você está falando sobre drogas? Você deu a droga? Cristo, o que está pensando?" Ele agarrou a mão dela. "Você tomou algo também?"

Ela concordou lastimosamente. "Ela não me machuca, mas quase matou ela."

"Você têm que dizer a eles. Diga o que você tomou. Faça isso agora".

"Eu não posso - é -" Ela sabia o que isso significaria, dizendo isto. Ela já sabia que ia mudar as coisas entre eles. "Não posso dizer, porque isso é algo a ver com Amelie não posso, Shane".

Sua mão se apertou, e depois relaxou. Ele olhou e depois mudou o foco. "Você está para deixar um humano morrer porque Amelie disse para não dizer nada. Nem mesmo Monica merece isso. Se você não fizer alguma coisa -" Ele pausou e tomou uma longa e lenta respiração. Sua voz não era muito estável quando voltou. "Se você não fizer alguma coisa, isso significa que você colocou os vampiros em primeiro, e eu não posso lidar com isso, Claire. Desculpa, mas eu não posso."

Ela sabia disso. Lágrimas continuavam a queimar os olhos dela, mas ela não tentou falar sobre isso com ele. Ele estava certo, ela estava errada, e teve de encontrar uma saída para isso, ela tinha que fazer. Muitas pessoas morriam em Morganville, e alguns deles tinham morrido por causa dela.

As notas. As notas que deixei com Myrnin. Estas poderiam dizer exatamente o que ao médico o que os cristais eram, e como neutralizá-los. Ela poderia começar reconstruindo-os agora, uma vez que seu cérebro ainda estava a trabalhar em alta velocidade, mas ela já poderia sentir coisas começam a diminuir de ritmo.

"Shane", disse ela. Ele não olhou para ela. "Eu te amo." Ela não ia dizer isso, mas ela sabia que ela não podia mais voltar. Nunca. E como se ele soubesse disso, ele agarrou a sua mão e apertou-a, e quando ele finalmente olhou para ela, ela disse, "eu não posso lhe dizer nada, mas acho que posso ajudá-la. E eu vou fazer."

Seus olhos castanhos estavam cansados e ansiosos e entendida muito. "Você vai fazer alguma coisa louca".

"Bem", disse ela, "não tão louco quanto o que você deseja fazer, mas... yeah." Ela beijou ele, e ele sentiu terrivelmente bom, a forma perfeita do encaixe de ambos os lábios, a forma como tempo parecia parar quando eles se tocavam. "Eu te vejo", ela sussurrou, e passou os dedos no rosto dele.

E então ela fugiu antes que ele pudesse tentar convencê-la do contrário.

"Espere!" ele chamou dela. Ela não parou.

Claire deixou o hospital em uma louca corrida, se deslocando mais rápido do que alguém poderia reagir a ela, e indo para o último lugar da terra que ela queria ir.

Era um silêncio mortal dentro do laboratório de Myrnin. Claire desceu as escadas muito devagar, com muito cuidado, atenta para qualquer sinal de sua presença. Todas as luzes estavam

queimando, lâmpadas de óleo cintilando, e um par de Bunsen queimava formando bolhas. O lugar todo cheirava morango e podre, e estava estranhamente frio.

Se eu soubesse... Myrnin tinha um quarto lugar aqui embaixo, certo? Talvez ele estivesse dormindo. Ou lendo. Ou fazendo uma coisa normal.

E talvez ele não estivesse.

Claire andou por toda a sala, movendo muito devagar e com cuidado para não tombar qualquer dos livros, ou pisar sobre qualquer vidro quebrado. Na parte de trás do laboratório ela viu que o tabuleiro onde colocou para secar os cristais vermelhos estava vazio. Não havia nenhum sinal dos cristais, mas as notas foram empilhadas ordenadamente em um canto.

Enquanto ela os pegava, a voz de Myrnin veio de trás de seu ombro direito. Ela sentiu seu hálito fresco na parte de trás do pescoço dela. "Isso não pertence a você."

Ela se assustou, colocou tudo de volta, e anulou uma pilha de livros que estava em outra, como pilhas de dominos* (jogo) falhando.

"Agora olhe o que você fez," Myrnin disse. Ele parecia muito calmo, mas havia algo de errado nos olhos dele.

Muito errado.

Claire se voltou, olhos atrás dela para ter certeza de que o caminho era evidente, nesse instante, Myrnin estava com ela. Ela meteu as notas entre eles e suas garras rasgou-os, retalhando. "Não! Myrnin, não!"

Ela se esquivou dele, principalmente porque seus joelhos bateu nos livros caídos e praguejou, arfando. De alguma maneira, ela se lembrou das notas destruídas. Myrnin se ajeitou e tentou seguir, mas a bagunça feita por seus pés, e seu salto correu mal. Ele caiu em uma estante de livros, e que derrubou mais sobre ele, chovendo volumes.

Claire tentou ir para as escadas, mas ela não sabia se estava indo na direção certa. Ele já estava quase alcançando-a, raivosamente para cortar-lhe fora qualquer esperança de resgate ou fuga.

Ela ia morrer, e Monica morreria também. E assim desejaria Myrnin, porque ele era muito louco agora. Ela não tinha visto nenhum reconhecimento, nem sequer por um instante.

Ela se voltou, e seus ombros bateram no muro de pedras duras. Ela deslizou, tentando colocar-se em um canto, mas havia uma estante de forma inclinada. Quando ela caiu contra ela, deslizado lateralmente, revelando a porta que Myrnin tinha mostrado a ela antes.

O coração estava pendurado em forma de cadeado aberto.

Destrancada.

Claire suspirou e agarrou-a, ajeitando a chave, colocando e abriu a porta.

Ela sentiu as garras de Myrnin capturar seu cabelo, mas ela se livrou e seguiu em frente...

... no escuro.

Não, não, isto mostrou a minha casa, isso levava à sala de estar...

Não agora. Myrnin tinha mudado o destino, e este não foi reconhecido por ela. Era escuro, úmido e cheirava a uma combinação de esgoto e de lixo despejado. Ela piscou, e seus olhos se ajustaram muito mais rapidamente para as trevas do que eles deveriam - os cristais, continuavam fazendo seu trabalho. Ela teve uma sensação em suas extremidades agora, trabalhando nisso. Uma vez que atingisse seu núcleo, ela seria retirada novamente.

Ela não tinha idéia de como seria ruim, mas ela não podia se dar ao luxo de esperar.

Claire procurou, e a porta ainda estava lá, certo onde ela tinha estado.

Myrnin estava enquadrado na mesma, olhando para ela.

Ela não podia ir por ali. Ela teve de encontrar um outro caminho.

Claire correu para a escuridão. Havia apenas o suficiente, em função da luz filtrada, janelas muito altas que os olhos dela se ajustavam, ela percebeu que ela estava dentro de uma prisão. Uma imunda, horrível prisão, com muito pouca luz.

E todas as celas estavam cheias.

Demorou um tempo para ela perceber isso, porque todos eram muito tranquilos. Pálido, coisas calmas, uma das celas, possuía barras como fantasmas que ela tinha fugiu no passado. Isso mudou, o que havia mais longe. Um som subiu - um sussurrar, em primeiro lugar, subindo para um uivo. Ela ouviu um barulho de metal.

Eles estavam tentando escapar.

Claire estava engasgando, e estava ficando cansada, e Myrnin estava atrás dela.

Isto é onde ela os mantém. Os que não podem ser corrigidos.

Era onde todos os vampiros iriam acabar, um após o outro. Deixado para morrer no escuro, sozinho, encurralado e com fome.

Amelie deixava que isso acontecesse.

Ficou quieto, de repente, e era grande e barulhento. Claire olhou sobre seu ombro e viu que era Myrnin abrاندando, então parou. Houve apenas o som dos seus pés que atingiam a pedra do piso, até que ela decidiu dar uma parada, também.

"Claire", sussurrou Myrnin. "O que você está fazendo aqui?" Ele parecia confuso, mas pelo menos ele sabia que era ela. Ele procurou no seu bolso, encontrando algum tipo de pequena caixa de prata, e abriu-a. Derramando cristais vermelhos em sua palma, e ele forçou-os em sua boca, engasgou e voltou.

Os efeitos nele eram surpreendentes. Ele se abraçou com um ombro contra a parede do corredor e murmurou. Parecia magoado. Muito.

"Não tenho muito tempo", disse ele. Sua voz era fraca há, mas no frio silêncio, ela ouviu todas as palavras. "As notas. Você precisa delas?"

"Eu - Eu cometi um erro. Alguém tomou os cristais. Eu preciso dar-lhes para os médicos."

"Alguém tomou os cristais?"

"Sim".

"A maioria morre", disse ele, como se não tivesse importância. "Talvez você possa encontrar uma maneira em cima do que você escreveu, eu não sei. Eu nunca tentei."

Isso significava que ele tinha dado a ela o que cristais pela primeira vez, ele não tinha noção se aquilo mataria ela.

Deus. E ela achava que ele realmente se importava.

Ele parecia muito cansado agora. "Você sabe como usar as portas, agora?"

"Não."

"Tudo que você tem a fazer é encontrar uma porta e, em seguida, concentrar-se no seu destino. Imagine, é raro o que a mente humana consegue fazer uma vez que se imagine, nunca pensei em uma base regular - e as portas têm uma sutil 'para onde ir' para alguém que não seja convidado para utilizá-las - não importa. Você pode ir a qualquer Casa do Fundador, ou para outros setes portais na cidade, mas você deve ter uma imagem mental de onde você está indo primeiro. Se você falhar

a fazê-lo, você acabará -" Ele levantou a mão com efeito, sinalizando febrilmente. "- aqui. Onde ela mantém os monstros". Myrnin sorriu ligeiramente, mas que parecia quebrado. "Depois de tudo, acabei por aqui, não?"

Claire ainda lutou com seu batimento cardíaco. "Como posso voltar? Voltar para o seu laboratório?"

"Esse caminho." Myrnin olhou para suas mãos, como se parecesse estranho para ele. Ele virou-a de uma forma e, examinando-a, e apontou. "Mantenha a direita, você vai encontrá-lo. Não fique perto das barras. Se eles pegarem você, você não deve deixá-los chegar perto o suficiente para que te mordam. E Claire -"

Ela segurou as notas apertadas contra seu peito enquanto ele encontrou os olhos dela. Ele ainda parecia racional, mas mesmo que doses maciças de cristais não tinham sumido com a besta completamente por trás.

"Preciso que me faça dois serviços", disse ele. "Em primeiro lugar - me prometa que vai continuar a trabalhar para encontrar a cura. Eu não sou mais capaz de seguir em frente."

Ela engoliu duro, e concordou. Ela já estava tentando de qualquer maneira. "Eu não posso fazer isso sozinha", disse ela. "Eu vou precisar de ajuda. Médicos. Vou dar-lhes as notas e ver se podemos encontrar qualquer coisa."

Myrnin concordou. Ele olhou ao redor. No outro lado tinha uma cela vazia, com sua porta aberta. Havia um beliche decadente, mas nada mais.

Ele ledeuvou uma respiração, deixou tudo de lado, e caminhou para a cela. Então ele virou-se e firmemente fechou a porta atrás dele. Claire ouviu o trinco envolver com uma espesse de estrépito metálico.

"Segunda coisa," Myrnin disse, "traga-me alguns livros, quando você vier visitar. E talvez mais cristais, se você for capaz de produzir mais. É tão agradável pensar claramente novamente, mesmo que por alguns instantes."

Ela sentiu como se ele batesse em seu peito e arrancasse seu coração. Ela se sentiu oca, brilhante, e vazia.

E muito, muito triste.

"Eu vou", disse ela. "Eu vou voltar".

Quando ela olhou para trás, Myrnin estava sentado no beliche, olhando para o chão.

Ele não olhou para cima quando ela disse, "Eu vou voltar. Eu prometo."

Ela hesitou, e pensou ter ouvido algo sussurrando para ela. Uma voz.

A voz da mãe dela.

"Você deve ir", Myrnin afirmou. "Antes de ambos termos motivos para lamentar."

Ela fugiu.

Nada a impediu de chegar à porta, embora um grande número de vampiros doentes chegava perto dela, ou gritava; ela cobria as orelhas e corria, o coração batendo, sentindo-se doente e mais aterrorizada todo tempo. O alívio de ver a porta aberta à frente era como um cobertor quente após o frio. O portal era preto, só preto; ela não podia ver o laboratório de Myrnin do outro lado. Não podia ver nada.

Pense! Myrnin tinha dito que ela tinha de se concentrar, visualizar onde ela queria ir. Claro, ele também disse que ela provavelmente não seria capaz de fazê-lo. Não, não pense sobre isso. Se você quiser sair daqui, você tem de se focar. Forte!

Nada. Nada contudo.

Ela fechou os olhos dela, apesar de ter sido horrível fazer isso aqui, neste lugar, e abrandou a sua respiração. Ela pensou no laboratório, sobre a confusão e desordem, os livros, as garrafas, os novos e os antigos. Ela sentia o cheiro, como um sopro de casa, e quando ela abriu os olhos dela que ela podia vê-lo do outro lado da porta.

Claire deu um suspiro profundo, intensificado por um ligeiro puxão de resistência, e virou-se para fechar a porta enquanto ela atravessava.

Quando ela voltou, Amelie estava esperando.

Ela estava no centro da sala, com as mãos dobradas. Sua antiguidade, face serena sem qualquer tipo de expressão, mas havia algo amargo nos olhos dela.

"Ele foi embora", disse Amelie. "Onde ele está?"

"Eu - a prisão."

"Você levou-o para baixo." Amelie cara amarrada ligeiramente. "Você levou-o para baixo."

"Eu acho que ele quis ir para lá. Ele – se colocou numa cela." Claire lutava para manter sua voz firme. "Como - Como você pode deixá-los assim?"

"Eu não tenho escolha." Nunca iria ocorrer a Amelie explicar, é claro, e seria onde provavelmente Claire teria de procurá-lo. "Se ele está realmente perdido, então ele está acabado. O experimento está terminado, e não há cura. Sem chance de salvar o meu povo." Ela se sentou em uma das poltronas surradas, empurrando os livros fora enquanto ela se sentava. Foi a primeira coisa deselegante que Claire já tinha visto ela fazer. "Eu pensei - Nunca pensei que seria um fracasso."

Claire deu um passo ou dois mais próximos. "Tenho as notas", disse ela. "E - Myrnin deve ter deixado mais coisas aqui que eu seja capaz de ler. Você ainda não falhou.

Amelie balançou sua cabeça, e um tufo de cabelo saiu da grinalda. Isso deixou ela com a aparência jovem e muito frágil. "Devo ter alguém de confiança para manter as máquinas, ou tudo vai falhar. E só Myrnin poderia fazer isso. Eu esperava que você - mas ele me disse apenas que um vampiro poderia. E não há outro."

"Sam"?

"Não é velho o suficiente, e nem de longe tem poder suficiente. Teria que ser alguém próximo de minha própria idade, e isso significa -" Amelie olhou para ela drasticamente. "Eu não posso dar esse poder ao meu inimigo."

Claire não gostou do pensamento. "O que mais você pode fazer?"

"Terminar." A voz de Amelie era tão suave que Claire mal entendia as palavras. "Deixar todos eles. Destruí-los."

"Você quer dizer - deixar todo mundo ir?"

O olhar de Amelie travou com a dela, e se manteve. "Não", disse ela. "Isso não é o que eu quero

dizer contudo."

Claire se assustou. "Então - por que não deixa Oliver saber? Você esteve lutando arduamente para mantê-lo fora. Porque não tenta primeiro? O que você realmente tem a perder?"

As pálidas sobrancelhas de Amelie subiram lentamente. "Nada. E tudo, claro. Mas você deve entender que teria sucesso, Claire. Porque se tivermos, se a corrida dos vampiros não está condenada a morrer, o que isso nos deixa? Uma questão interessante, para outro dia, talvez." Ela olhou para as notas nas mãos de Claire. "Se você pretende salvar a menina Morrell, você deve se apressar", disse ela. "Use o portal. Vou enviar-lhe diretamente ao hospital."

Havia um portal para o hospital? Claire piscou e olhou para trás para porta fechada e trancada. "Um - Tem certeza que não irá abrir em -"

"Na prisão?" Amelie balançou a cabeça dela. "Não tenho nenhuma intenção. Se você não fizer, então ela vai fazer como nós dissemos. Myrnin era o púnico que sabia como o portal funcionava, ele não vai mais voltar. Portanto, só você e eu temos essa habilidade, por agora."

Claire pensou em algo, com um certo nojo. "Tem certeza?"

"O que você quer dizer?" Amelie olhou para cima, lentamente, seus olhos ferozes e brilhantes.

Uma corrida de imagens flutuava na mente de Claire: Oliver, agarrando-a em sua própria casa. A menina morta na lixeira. Jason aparecendo e desaparecendo da festa de Monica, e reaparecendo perto do Common Grounds.

Ah, não.

"Pode dizer?" Claire perguntou. "Se alguém está usando o portal?"

"Myrnin podia, suspeito, mas não posso. Porque?" Amelie se levantou e, desta vez a carranca foi definida.

"O que você sabe?"

"Eu acho que você tem um traidor", disse Claire. "Alguém mostrou a Oliver, e Oliver mostrou a Jason. E Capitão Óbvio e seus amigos sabiam provavelmente, também. Jason deve ter-lhes mostrado -"

"Impossível", Amelie interrompeu com um flash de impaciência. "Meu povo está além de qualquer suspeita."

"Então como é que Jason conseguiu trazer uma menina morta para dentro da casa de Michael sem permissão? Porque você disse que ele tinha de ser convidado para entrar. E ele não foi."

Amelie congelou, e seus olhos se tornaram frios e planos. "Eu vejo", disse ela, e em seguida tomou a direção da pequena porta que ficava no canto estreito, na entulhada biblioteca, e a porta que Claire tinha usado uma vez para entrar vinda da universidade. "Alguém está vindo. Vá, pegue a porta. Rápido."

Claire se mexeu no emaranhado caótico de lixo sobre a mesa do laboratório, e ouviu o tilintar metálico de teclas. Ela chegou perto de uma das grades de ferro que bloqueavam e transformou-a, assim como as portas abertas na sala, perto de Amelie.

Claire arrancou o cadeado e abriu a porta. Além dela, ar corria, e mostrava... sua sala de estar. Uma estranha casa. Um quarto calmo com janelas de vidro.

"Agora!" Amelie disse acentuadamente. "Esse é o hospital."

Claire correu para dentro. Quando ela olhou para trás, viu Oliver vindo caminhando do laboratório de Myrnin, olhou ao redor, e viu Amelie. Jason estava logo atrás dele, sorrindo, claramente ele era o novo animal de estimação de Oliver. Ou talvez, animal de estimação.

"Interessante", disse Oliver, e então virou a cabeça para olhar para a porta aberta, e Claire. "E inesperado."

Ela bateu a porta entre eles, o coração batendo, e ela desapareceu do seu lado. Isso não significa que não pode reaparecer, mas pelo menos ela estava segura no momento. Ela não achava que Amelie iria deixar Oliver segui-la.

Ela esperava.

Ela verificou cair as notas. Myrnin tinha estragado, mas apenas a última, e apenas um pouco. O resto estava intacto.

Ela deixou a sala branca e descobriu que ela estava de pé na capela do hospital - mais um quarto de meditação do que qualquer outra coisa. Ela estava vazia, com exceção de uma pessoa perto da janela.

Jennifer. Ela mexeu os pés dela quando ela viu Claire e bufou, "O que você está fazendo aqui?" Os olhos dela estavam vermelhos, e ela fungava e mexia ferozmente em seus olhos, o rímel manchado e estragando o que tinha restado da sua maquiagem. Ela tinha sardas. Claire nunca saberia.

"Salvando sua amiga", disse Claire. "Espero".

Levou três dias para o laboratório para a elaboração de uma solução, mas uma vez que eles fizeram, Monica ficou com isso ventilando sem eu corpo por horas. Ou assim Claire ouviu de Richard Morrell, que estava na quarta-feira à noite, como os quatro deles - Shane estava definitivamente liberado do hospital - se sentava para jantar.

"Estou feliz que ela vai ficar bem", disse Claire. "Richard – Me desculpe. Se eu soubesse -"

"Você teve sorte de que essa coisa não fritou você também", disse ele, mas sem real calor. "Olha, a minha irmã não é a melhor pessoa que eu já conheci, mas eu amo. Obrigado pela ajuda."

Claire concordou. Michael estava perto, parecendo ser apenas ouvinte, mas, ela sabia, que estava preparado para revidar o que Richard dissesse. Não que Richard falaria. Até agora, ele era o melhor Morrell que havia conhecido.

"Não chegou até o hospital", Richard continuou. "Estou tentando convencer ela a não te matar. Se você aparecer, eu acho que não posso ser capaz de manter as coisas assim. Como é -" Ele se deslocou desconfortavelmente e olhou distante. "Basta observar suas costas, Claire."

"Ela não precisa", disse Eve, e colocou o braço em torno dos ombros de Claire. "Diga a sua irmã, se ela mexe com Claire, ela mexe com todos nós."

A expressão de Richard estava deliberadamente branda. "Tenho certeza que isso vai aterrorizar ela", disse ele. "Noite, Claire. Eve". Ele acenou para Michael. Shane não estava bem para ficar na mesa, em parte porque hey, estava baleado, mas também ele não queria ficar em qualquer cômodo com um Morrell, mesmo Richard. Claire tinha a impressão de Richard estava feliz embora não estivesse bonito.

Claire viu Richard saindo pela porta, e voltou para brigar pelo último taco. Que, naturalmente, tinha sido pego por Shane. "Ferido!" era seu novo retorno, e eles não queriam realmente discutir com ele, pelo menos por algumas semanas. Ele alegremente carregou até o seu prato, e Claire sentou e sentiu, pela primeira vez no dia, um pouco da tensão relaxar. Shane estava mesmo sendo civilizado com Michael novamente, principalmente depois que ela tinha explicado a ele como Michael tinha corrido para salvar ela. Isso importava para Shane, de uma forma que não importava para os outros.

Quando bateram na porta, os quatro congelaram, e Michael suspirou. "Certo. Minha vez de ser porteiro, eu acho."

Claire tentou pegar alguns pedaços de carne do prato de Shane. Ele fingiu esfaquear a mão dela, e acabou lambendo os dedos dela, um de cada vez.

"Ok, isso é tanto grosseiro ou quente, mas estou pensando em grosseiro, então parem", disse Eve. "Se você quer ser lambida por outros, arranje um quarto."

"Boa idéia," Shane sussurrou.

"Ferido!" Claire sussurrou de volta. "E mesmo assim, eu pensei que você queria ficar seguro".

"Cara, eu moro em Morganville. Qual é exatamente o que jogar seguro?"

Michael voltou do fundo do corredor com uma expressão muito estranha. "Claire", disse ele. "Eu acho que você deveria vir."

Ela saiu da mesa e foi atrás dele. Ele abriu a porta e parou reservado.

Seus pais estavam de pé sobre o degrau.

"Mãe! Pai!" Claire se atirou nos braços deles. Foi estúpido que para eles era como um sinal, mas por um segundo ela se beneficiava de ser estúpido.

E então ela voltou e disse, "O que vocês estão fazendo aqui?"

Sua mãe - vestida num jeans azul apertado e uma camisa azul de trabalho e um casaco Coldwater Creek, mesmo no calor do verão – olhou surpreendida. "A gente queria fazer uma surpresa", disse

ela. "Está tudo bem? Claire, você está apenas dezesseis -"

"Quase dezessete", Claire suspirou, sob o seu hálito.

"- E na verdade, deveríamos ser capazes de vir vê-la quando quisermos, para ter certeza que você está segura e feliz." A mãe de Claire deu a Michael um distraído, sorriso nervoso. "Tudo bem, então, eu vou te dizer a verdade. Estávamos muito preocupado com você, querida. Primeiro que você teve problemas no dormitório, então foi atacada e acabou no hospital - e alguém nos disse sobre essa parte. Um onde Shane foi baleado."

"O quê?" Ela deu um olhar para Michael, mas ele parecia tão surpreso quanto ela sentia. "Quem te disse?"

"Eu não sei. Um e-mail. Você sabe que eu nunca pensei nessas coisas, afinal, era de algum amigo seu."

"Oh," Claire suspirou, "Eu realmente não acho que foi isso. Mãe, olha, isso era -"

"Não nos diga que não foi nada, querida", o pai dela cortou. "Leio tudo. bebidas, Medicamentos, Lutas, destruição de propriedade. Crianças fazendo sexo. E você estava presente na festa, não?"

"Eu - não, pai, não era isso -" Ela não podia mentir sobre isto. "Eu estava lá. Estávamos todos lá. Mas Shane não foi baleado na festa, foi depois, no caminho de casa."

"Não importa", disse o pai dela. Ele parecia tão mesquinho agora. "Nós decidimos que tínhamos de fazer uma mudança".

"Uma mudança?" Claire gritou.

"Nós estamos nos mudando", disse ele. "Compramos uma bela casa do outro lado da cidade. Parece como esta, talvez um pouco menor. Tem o mesmo layout, eu acho."

"Você está -" Ela não poderia ter ouvido direito. "Se mudando para cá? Para esta cidade? Vocês não podem! Vocês não podem vir para cá."

"Oh, Claire, eu estava esperando que você ficasse feliz", disse a mãe dela, em um tom que Claire temia. O tom eu-estou-tão-desapontada. "Já vendi a nossa antiga casa. O caminhão com os móveis deve chegar aqui amanhã. Oh -" Ela virou-se para o pai de Claire. "Estamos os lembrando de -"

"Oh, pelo amor de Deus - Sim," ele murmurou. "Seja o que for, sim, estamos lembrados."

"Bem, você não tem que ser -"

"Mãe!" Claire interrompe desesperadamente. "Você não podem se mudar para cá!"

Michael colocou a mão sobre seu ombro. "Um segundo," ele disse a seus pais, e puxou Claire um pouco para trás. "Claire, não. Já é tarde. Se o Conselho não queria eles aqui, eles não estariam aqui, e eles não teriam uma casa. Especialmente não uma Casa do Fundador. Se ela se parece com esta casa e tem o mesmo esquema, que é o que ela é, uma Casa do Fundador. Isso significa que Amelie quer que aconteça. Provavelmente fez com que isso aconteça. "

Isso não fez ela se sentir exatamente melhor. Ela estava tremendo agora com toda a reação. "Mas eles são meus pais!" ela sussurrou ferozmente. "Não é possível você fazer alguma coisa?"

Ele olhou sinistro, e ele balançou a cabeça. "Eu não sei. Vou tentar. Mas por agora só vamos fazer bonito, ok?"

Ela não queria. Ela queria arrastar os pais dela para o carro e fazê-los ir.

Como Amelie pôde fazer isso com ela? Não, era evidente: isso era fácil. Seus pais aqui era apenas uma outra forma de Claire a ser forçada a fazer o que os vampiros queriam.

"Olá?" A mãe de Claire chamou. "Podemos entrar?"

Michael manteve a sua expressão em branco e amigável. "Claro. Todo mundo dentro." Porque ele estava ficando escuro. A mãe e o pai de Claire passaram pelo batente. Enquanto Michael começou a fechar a porta, uma terceira pessoa parou de fechar a porta com uma mão aberta e segurou-a. Claire não tinha idéia de quem ele era. Ela nunca o viu antes, e ela tinha certeza que teria lembrado. Ele tinha cabelo espesso cinza, um grande bigode cinza, e enormes olhos verdes por trás dos óculos estilo anos 50.

Michael congelou, e Claire instantaneamente sabia que algo estava muito, muito errado.

"Ah", disse a mãe de Claire. "Este é o Sr. Bishop. Nos conhecemos em nosso caminho para a cidade, o seu carro estava quebrado."

O Sr. Bishop sorriu e tirou um invisível chapéu. "Obrigado pelo amável convite para entrar em sua casa", ele disse, e sua voz era incrivelmente profunda e suave, com uma inflexão que soava como russo. "Embora eu realmente não precisasse de uma".

Porque ele era um vampiro.

Claire se voltou lentamente. Michael parecia que não podia se mover enquanto Bishop caminhava para casa.

"Não quero perturbar a sua simpática família", disse Bishop, focando em Claire, "mas se Amelie não está aqui para falar comigo, em meia hora, eu vou matar todos os que respiram nesta casa."

"Não", disse Michael. "Você não vai. Essa é a minha casa. Saia agora, ou eu vou ter que te machucar."

Bishop olhou ele de cima a baixo. "Bom latido, cachorro, mas você não tem os dentes. Chame Amelie."

"Quem é você?" Claire sussurrou. Havia ameaça de ebulição deste velho homem como um nevoeiro. Ela podia quase ver.

"Diga a ela que seu pai chegou para visitar", disse ele, e sorriu. "Reuniões de família não são agradáveis?"

Traduzido por:

Andyinha <http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=15348099849030902504>

Rafa <http://www.orkut.com.br/Main#Profile.aspx?uid=8671253721547740965>

Comunidades:

Tradução e Digitalização

<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

The Morganville Vampire Series

<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=80134761>